

Um Deus que caminha com os homens

1º BLOCO

(do início da catequese até ao Natal)

Ao longo deste ano vamos percorrer a história da salvação e deter-nos em alguns momentos fundamentais dessa história de amor que Deus quis escrever e viver connosco.

Nesta primeira fase – desde o início da catequese até ao Natal – vamos apresentar às crianças o Deus criador, origem do mundo e da vida, que tem um plano de salvação para oferecer aos homens e mulheres que criou; e vamos sublinhar o empenho de Deus em vir ao encontro dos homens, em revelar-lhes o seu rosto, em apontar-lhes caminhos de Vida. Esse encontro entre Deus e os homens começa com a revelação a Abraão, mas atinge o seu ponto culminante com o nascimento de Jesus Cristo, o Filho que veio revelar-nos o rosto do Pai.

Este bloco:

Começa por pôr em destaque a ação de Deus na criação do mundo – essa “casa” bela e cheia de harmonia onde a humanidade vai habitar; sublinha o lugar do homem e da mulher – criados à “imagem e semelhança de Deus” – no plano divino; procura mostrar que, desde o início, o projeto de Deus é fazer com que todos os seus filhos e filhas tenham Vida em abundância.

Garante que o mal que desfeia o mundo e que traz dor e sofrimento à humanidade não é uma criação de Deus, mas o resultado das escolhas erradas do homem (contra as propostas e as indicações de Deus).

Mostra que o plano salvador de Deus se concretiza sempre num cenário e num enquadramento comunitário: Deus escolheu e chamou uma família – a de Abraão – para com ela começar uma história de comunhão e de encontro e para, através dela, se revelar à humanidade inteira.

Apresenta algumas figuras de homens e de mulheres que, pela sua fé, pela sua confiança em Deus, pela sua doação e entrega aos outros, pela forma como aceitaram o projeto de Deus, poderão tornar-se referências e modelos de vida para todo o Povo de Deus.

Em contexto de "advento", destaca a figura de Maria, a mulher que, com o seu "sim" a Deus e ao seu projeto, tornou possível o encontro de Deus com a humanidade;

Finalmente, já em ambiente de Natal, propõe a história do nascimento de Jesus: o Filho de Deus veio ao encontro dos homens para lhes revelar o rosto e o ser de Deus, e para lhes mostrar, com palavras e com gestos, o caminho que conduz à vida e à felicidade.

A catequese deste bloco deve levar a criança a:

- Descobrir que Deus tem um projeto de Vida e de Salvação para todos os homens e mulheres e que toda a história humana é, desde o início, a concretização desse projeto;
- Perceber a presença e o amor de Deus em todas as coisas criadas;
- Compreender que os homens e as mulheres têm, no plano salvador de Deus, um papel especial e que o seu estatuto de "imagem e semelhança de Deus" lhes confere uma suprema dignidade no contexto de todos os seres criados;
- Reconhecer que todos os seres humanos são chamados a colaborar com Deus na criação;
- Constatar que o mal não é uma criação de Deus, mas o resultado das escolhas erradas (contra Deus) que o homem e a mulher fazem;
- Verificar que o "não" a Deus e às suas propostas tem como resultado a infelicidade dos homens.
- Escutar o chamamento de Deus, a querer caminhar com Deus e a querer integrar a comunidade do Povo de Deus;
- Descobrir, como referências e modelos, algumas pessoas que abriram o coração a Deus e acolheram o seu projeto;
- Aprender, com Maria de Nazaré, a dizer um "sim" incondicional a esse Deus que nos chama e nos convida a acolhê-lo na nossa vida e na nossa história;
- Celebrar, no Natal, esse Deus que veio ao encontro da humanidade, que se fez criança e nasceu no meio de nós para nos mostrar, com palavras e com gestos, o caminho que nos conduz à Vida.

Deus tem um projeto para a humanidade

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Deus caminha connosco

Quem somos? Para onde caminhamos? Qual o sentido da nossa vida? Temos um rumo, um objetivo, uma meta? Somos apenas insignificantes grãos de areia flutuando ao acaso no meio de uma imensidão de galáxias? Caminhamos sozinhos e sem rumo, abandonados à nossa sorte, procurando inutilmente uma felicidade e uma realização que sempre nos escapam? Ou há alguém que preside à nossa história, que quer o nosso bem e a nossa realização, que nos indica caminhos, que cuida de nós e que nos ajuda a dar sentido ao nosso caminhar?

Desde sempre a humanidade colocou a si própria estas perguntas ou outras semelhantes... E, ao longo dos séculos, muitos homens e mulheres, de todas as raças e culturas, a partir da contemplação da história e da sua própria experiência pessoal, têm chegado a esta conclusão fundamental: há alguém – um Deus – que está na origem daquilo que somos, que faz caminho connosco pela história, que nos aponta a direção a seguir, que cuida de nós, que quer ver-nos felizes e plenamente realizados, e que espera por nós no final do caminho que percorremos nesta terra para nos oferecer a Vida verdadeira e eterna.

Para aqueles que acreditam em Deus, a história da humanidade não é um suceder-se de acasos mais ou menos fortuitos, um avançar sem rumo nem rede para uma queda inevitável, um caminho feito entre abismos e riscos em direção ao nada; mas é um caminho com um rumo definido, um caminho onde Deus está presente e onde Ele continuamente vem ao encontro da humanidade para estabelecer com os seres humanos uma história de relação, de diálogo,

de amizade, de amor, de "aliança". Nesse "caminho", esse Deus que esteve na origem do Universo, do mundo, do homem e de todos os outros seres da criação, continua a cada passo a recriar o mundo e a vida; revela-se como salvador e libertador, ajudando a humanidade a encontrar as armas adequadas para vencer o egoísmo e o mal que desfeiam o mundo; estende a mão aos seres humanos, mostra-lhes o seu amor, liberta-os das cadeias que os escravizam, oferece-lhes em cada dia a possibilidade de caminharem, livres e felizes, ao encontro da Vida verdadeira e da sua plena realização.

2. Deus tem um projeto para a humanidade

A esta "história" onde Deus "está", a este caminho que a humanidade percorre de mãos dadas com o Deus salvador e libertador, os teólogos chamam "história da salvação". Por detrás deste conceito está a certeza de que Deus tem um projeto para a humanidade e que esse projeto passa pela "salvação" do homem. Dizer que Deus quer a "salvação" do homem, é dizer que Ele quer a nossa felicidade, quer que crescamos até sermos pessoas plenamente realizadas. Ele acompanha a par e passo a história dos seres humanos – desde que a vida apareceu na terra, até ao último suspiro da história da humanidade – e nunca desiste de nos apontar os caminhos que nos conduzem à felicidade verdadeira e plena.

Os cristãos têm um livro – a Bíblia – onde a ação de Deus ao longo da "história da salvação" é apresentada. Ao longo dos escritos que o compõem, os autores sagrados vão mostrando a ação salvadora e libertadora de Deus nas várias fases da história dos homens.

De acordo com os catequistas bíblicos, a ação de Deus concretizou-se, numa primeira fase, na história e na vida de um Povo – o Povo de Israel. Nos acontecimentos históricos vividos por esse Povo, nas descobertas e experiências feitas pelos membros do Povo de Deus, nas palavras e nos gestos de pessoas pertencentes a esse Povo mas que Deus escolheu e chamou para serem sinais e testemunhas do seu amor e da sua bondade, foi aparecendo e foi-se revelando o plano de salvação que Deus tinha para a humanidade inteira.

3. Jesus Cristo revela plenamente o projeto de Deus

É, contudo, numa outra fase que a "história da salvação" atinge o seu ponto mais alto... Na altura prevista no Seu plano de salvação, Deus quis dar mais um passo e enviou ao mundo o Seu filho, Jesus. Jesus é o Deus que veio ao nosso encontro, que se fez uma pessoa como nós, que nos olhou nos olhos,

que falou a nossa linguagem e nos disse palavras concretas, que realizou gestos de bondade e de misericórdia que mostraram o amor de Deus por todos os homens e mulheres, particularmente pelos pobres, pelos pequenos, pelos mais humildes e marginalizados. Com Jesus – com a Sua ação, com as Suas palavras, com os Seus gestos de bondade e de amor – ficou claro que Deus quer oferecer a Vida plena, a vida verdadeira a todos os homens e mulheres, de todas as raças e culturas, de todos os tempos e lugares, sem exceção.

Jesus, terminado o Seu caminho nesta terra, voltou para junto de Deus, Seu Pai. Contudo, esse projeto de salvação que Ele nos desvelou completamente não ficou suspenso... Ele continua a acontecer e a cumprir-se, na história dos homens, através da ação dos discípulos de Jesus, através da comunidade de Jesus. A Igreja – a comunidade dos discípulos reunidos à volta do Senhor Jesus, animada pelo Espírito de Jesus – é chamada a continuar a tarefa do próprio Jesus e a ser no mundo e no meio dos homens o rosto da bondade e do amor de Deus. É através dos discípulos de Jesus que Deus continua a oferecer a salvação aos homens e mulheres do nosso tempo.

É nesta maravilhosa “gesta”, é nesta incrível história de amor (de amor incomensurável de Deus pelos Seus filhos e filhas) que iremos “mergulhar” ao longo deste ano de catequese. Não tanto para ficarmos a saber mais coisas sobre Deus... Mas, sobretudo, para percebermos que somos convidados a integrar essa ou esta família dos filhos de Deus, essa ou esta comunidade de homens e mulheres a quem Deus oferece a salvação e a Vida plena. Esta será, também, a proposta que os catequistas vão apresentar às crianças, testemunhando perante elas a sua própria experiência de filhos e filhas de Deus, como um convite: **somos chamados a viver o projeto de Deus.**

OBJETIVOS

- Descobrir que Deus tem um projeto para todos os homens e mulheres e que esse/este projeto consiste em oferecer-nos a possibilidade de sermos felizes, de nos realizarmos totalmente, de termos Vida plena e eterna... A esse/este desígnio de Deus nós chamamos “salvação”.
- Descobrir que a vida tem um sentido e que podemos avançar pela vida com a certeza de que Deus vai connosco, nos ama e cuida de nós.
- Ficar feliz por fazer parte do projeto de Deus e sentir vontade de escutar esse/este Deus que nos indica caminhos de felicidade e de Vida.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** Este primeiro encontro de catequese é de grande importância, devendo-se ter uma especial atenção para o facto de algumas das crianças se estarem a reencontrar depois do longo período de férias. Assim, durante o acolhimento dos pais e/ou acompanhantes, os catequistas devem estar atentos a tudo o que se passou durante este período de descanso e interrupção da catequese, proporcionando a partilha entre todos. Esta partilha deve ter como ponto de partida o uso que as crianças e os catequistas fizeram da **Agenda** "A Palavra de Deus pela minha vida fora".
- 2.** Caso haja novas crianças no grupo, os catequistas devem procurar a sua integração, ajudando-as a participar nas atividades durante o encontro, em especial no trabalho de grupos para a descoberta do que é um projeto.
- 3.** A apresentação da **Barra Cronológica**, porque o elemento condutor de todo o percurso catequético do ano, deve ser feita de forma cuidada e clara. Assim, as crianças podem perceber a sua importância e tê-la-ão sempre presente nos encontros de catequese.

MATERIAIS

- Catecismos e Barras Cronológicas;
- Cópias dos documentos para entregar às crianças de acordo com a alternativa da experiência humana escolhida;
- Papel de cenário para escrever as conclusões das alternativas da experiência humana;
- Marcadores grossos, para escrever no papel de cenário;
- Autocolantes em duas cores diferentes, perfazendo o total dos grupos a formar;
- Duas velas e estante para colocar a Bíblia;
- Bíblia grande para ficar em exposição;
- Canetas ou lápis para as crianças escreverem na Barra Cronológica;
- Dísticos "Projeto", "de Deus", "Ez 34, 11 - 16", " Ex 2,23-25; 3, 7-8a", "Ex 15,1-3", "2 Sam 22,1-4", "Is 12,1-6";
- Cartão-marcador com a Oração, um para cada criança e o catequista.

MÚSICAS

- "É bom estarmos juntos" (cancioneiro dos catecismos 2 e 4);
- "Confiarei nessa voz que não se impõe!".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- Colocar na parede ou sobre o **placar** uma folha de papel de cenário ou de papel de projeto.
- Sobre a **mesa** está: ao centro, a Bíblia, fechada, ladeada por duas velas, uma decorada com um número 4 (catecismo 4) e outra com o número 5 (catecismo 5). A agenda do catequista está também sobre a mesa, assim como os novos catecismos das crianças e as respectivas Barras Cronológicas, preparados para serem entregues (caso o catequista opte por usar as BC já preparadas).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1.** *É muito importante que o catequista prepare previamente o **acolhimento** às crianças e aos pais e/ou acompanhantes. No caso de não existir um acolhimento global preparado para todos os grupos de catequese, deverá, pelo menos, ser feito este acolhimento personalizado num tempo antes deste primeiro encontro de catequese, se possível numa sala diferente daquela em que vai decorrer o encontro com as crianças, de modo a que elas sejam levadas a perceber a importância da sua sala de catequese. Esta vai ser um local de encontro muito especial, pelo que devem entrar nela sempre de forma ordeira e em silêncio (ao longo dos encontros, o catequista deve ajudar as crianças a garantir que assim é).*

O catequista aproveita a presença das famílias para referir a Agenda e o trabalho de leitura da Bíblia que, através das indicações desta, foi feita ao longo das férias, aproveitando para convidar as famílias a juntar-se às crianças na descoberta da Bíblia que, este ano, vai continuar a ter lugar na catequese, explicando que esta abordagem da Palavra continuará a ser feita numa perspectiva de encontro com Jesus e de aprendizagem do discipulado, isto é, aprender a viver como um discípulo, um verdadeiro seguidor do Cristo. Depois, crianças e catequistas deslocam-se para a sala de catequese, cantando (cântico n.3 do cancionero do catecismo 4):

“É bom estarmos juntos”

2. Já na sua sala de catequese, o catequista, a partir da letra do cântico, sublinha a alegria do reencontro mas tendo sempre em atenção o facto de haver crianças que não se conhecem umas às outras ou que ele mesmo não conhece: parte do grupo ou todo o grupo. Neste caso, deve fazer-se uma breve apresentação, começando o catequista por dizer o seu nome, profissão, lugar onde mora, motivo porque é catequista e deixando um tempo seguinte para que as crianças refiram o nome, onde moram, onde estudam, por exemplo.

Depois, se todas as crianças tiverem trazido as suas Agendas, a catequese começa com a apreciação das mesmas e um diálogo sobre como a catequese, afinal, esteve presente nas suas férias. Caso as crianças não as tenham trazido, o catequista pede-as para o próximo encontro e este começa com a recuperação da experiência da Agenda «A Palavra de Deus pela minha vida fora». Esta introdução pode concluir-se com o cântico:

“É bom estarmos juntos”

De seguida, o catequista entrega às crianças os catecismos e as respetivas Barras Cronológicas, para que todos possam acompanhar devidamente o desenrolar da catequese. Explica brevemente o que é uma Barra Cronológica: A Barra Cronológica é um instrumento que usam os historiadores para nos explicarem como determinados acontecimentos importantes para a História tiveram lugar ao longo de um período de tempo, indicando a sua ordem e também o intervalo de tempo que houve entre eles. Nós este ano vamos usar a nossa Barra Cronológica para compreender melhor a História da Salvação ou, podemos dizer de outra maneira, a História do Povo de Deus, mas também para ir registando a história que nós, aqui na catequese, vamos “escrevendo”, vamos vivendo semana após semana, e por isso a nossa Barra Cronológica tem 30 partes, 30 folhas, uma por cada catequese: é a nossa história da Salvação.

3. O catequista segue com o encontro, referindo: **Provavelmente já ouvistes falar de “projetos”. Sabes o que é um “projeto”?** (Pede a uma criança para afixar no placar o dístico “**projeto**” e continua:.) Pode ser “um desígnio”, uma “intenção decidida de realizar um determinado ato”. Assim, eu posso dizer, por exemplo, que “tenho o projeto” de este ano estudar muito e passar de ano ou de nunca faltar à catequese e de me empenhar a fundo nas atividades. Mas um “projeto” também pode ser um “esquema”, um “plano”,

um “programa” onde estão já desenhados ou explicados os passos a dar para chegar a determinado objetivo.

4. São capazes de pensar nalgum projeto? Lembram-se de terem feito algum projeto? Onde e com quem? (deixar as crianças exprimir-se: é provável que falem, pelo menos, de alguns dos seus projetos escolares) Para percebermos melhor o que é um projeto, vamos fazer da seguinte forma:

1ª

Alternativa

1. *O catequista dá a cada criança um exemplar do documento 1 e uma caneta e, em função do tamanho do grupo, divide-o, em, pelo menos, dois grupos mais pequenos de 3 ou 4 crianças. Escolhe uma criança para ser o secretário do grupo, isto é, quem vai relatar e registar na folha de papel de cenário as conclusões do pequeno grupo, no plenário de partilha (pode colocar um auto-colante na roupa dessas crianças, para as identificar; os auto-colantes devem ser preparados em duas cores diferentes, conforme as duas tarefas a realizar pelos grupos). Apresenta, então, as ideias relativas àquilo que se pretende partilhar nos pequenos grupos, explicando previamente que devem guardar o documento até terem ouvido a explicação:*

Antes de começar a construir uma casa, por exemplo, um arquiteto faz um “projeto” – isto é, um desenho onde são definidas as linhas dessa casa, as suas medidas, a sua forma, o lugar onde ficarão as diversas divisões da casa, os materiais que irão ser usados na sua construção... Assim, mesmo antes de a casa estar construída, nós olhamos para o “projeto” e sabemos imediatamente qual vai ser o resultado final. Percebemos as várias fases por que a construção vai ter de passar e sabemos que passos dar e que trabalhos fazer para que o objetivo final – aquela casa segura, bem feita, bonita – possa concretizar-se.

Assim, vamos no(s) nosso(s) grupo(s) procurar preparar a construção de uma casa. No(s) grupo(s) (*designar os grupos por uma cor ou pelo nome das crianças*) vamos ter de elaborar uma lista dos materiais que teremos de adquirir. No(s) grupo(s) (*Nome*) vai(vão) pensar nas pessoas que vão ter de se juntar para que no final a casa fique como a projetámos.

Após algum tempo de trabalho nos pequenos grupos, cerca de 10 minutos, o catequista chama as crianças para a realização de um breve plenário, colocando-as em redor do papel de cenário.

Com o resultado das vossas respostas vamos agora escrever neste papel de cenário as conclusões a que chegámos. Quem ficou designado para vir escrevê-las? **Qual a lista de materiais que conseguimos? E qual a lista de profissões que vão estar a trabalhar neste nosso projeto de casa?** *(dá oportunidade a que todos os grupos registem as suas conclusões e ainda pergunta:)* **Alguém se lembra de mais algum material? Ou de um profissional que ainda seja preciso ter para que o projeto de casa chegue até ao fim?**

2ª
Alternativa

2. Proponho-vos começar a preparar um projeto. Sabem como se vai chamar? “Um dia de passeio pelo campo”. Vamos dar esse nome ao nosso projeto porque é mesmo isso que queremos preparar: um passeio no campo. Este é o nosso objetivo.

O catequista, em função do tamanho do grupo, divide-o em grupos de 3 ou 4 crianças e dá a cada uma um exemplar do documento 2.

Ora, para pudermos realizar este nosso projeto, o que temos de preparar? Há um conjunto de perguntas que precisam de respostas ou arriscamo-nos a começar este projeto sem saber para onde ir, o que fazer, o que levar...Para isso, cada um(a), no seu pequeno grupo, deve procurar encontrar estas respostas. A mais importante é decidirem em conjunto o local que querem explorar neste passeio. Não se esqueçam de que todos têm de participar. **Como vão fazer para conseguir isso?**

O catequista pode sugerir que cada criança fique com uma pergunta ou que cada um responda a todas e depois haja um secretário no grupo que vai compilando as respostas para chegarem a uma única proposta por grupo. Após algum tempo de trabalho no pequeno grupo, até 10 minutos, o catequista prepara um plenário com todos os grupos, procurando chegar à determinação de um local e dia para a realização do passeio. Proceda do seguinte modo:

Vamos, então, começar por escrever todos os locais que pensaram como destino do passeio a realizar. Vamos começar com este grupo ... e agora vamos ouvir este ... (*escutar todas as crianças ou os secretários e prosseguir*) Temos, agora, de decidir qual o sítio que nos parece mais interessante e possível de efetuar o nosso passeio. (*Depois de chegarem a um consenso sobre o local, devem explicar como lá chegarão ... assim, vão passando para outros pontos a ter em conta para o projeto do passeio*). **E quando nos vamos encontrar? Onde? O que levar? Será que conseguimos realizar este nosso projeto?** Temos de ver se o concretizamos e não nos esquecemos de nada para que corra tudo bem.

Para as duas alternativas:

- 3. Conseguimos começar a delinear um projeto aqui no grupo, a traçar um objetivo que, de alguma forma, esperamos vir a realizar um dia. Mas já ouvistes alguma vez dizer que Deus também tem um "projeto" para a humanidade?** (*apontar para o respetivo dístico e deixar que as crianças se exprimam*). Se Deus tem um "projeto" para nós, isso significa que Ele tem um "desígnio", uma "intenção", um "propósito", um "sonho" para nós, homens e mulheres... Mas significa, também, que Ele tem um "esquema" já desenhado, um "programa" bem definido para nos fazer chegar a determinado objetivo, isto é, Ele já terá preparado (*escolher em função da alternativa 1 ou 2, anteriormente usada*) o desenho "da casa" (ou) o "local de passeio". Aqui, parece que nós somos a casa a construir (ou) o local onde passeamos, não é?... Nós somos quem vai ter um projeto... oferecido por Deus. Mas é muito melhor porque o "desígnio" de Deus para nós, o "sonho" de Deus, não está apenas no papel (*apontar a folha de cenário*), nem é apenas um desenho feito a lápis e que depois é arrumado num canto e nunca chega a ser uma casa; o "projeto" de Deus há muito tempo que está a realizar-se, que está a acontecer, que está a construir-se, que está a tornar-se realidade na história de todos os dias, na vida dos homens e das mulheres, das pessoas como nós. Nós este ano, na catequese, vamos descobrir muitas coisas importantes e interessantes sobre esse projeto de Deus para nós: vai ser o nosso trabalho deste ano, aqui na catequese.
- 4. Sabem como se realiza este projeto de Deus?** (*deixar as crianças exprimirem*) Deus não se limitou a fazer um desenho muito bonito no papel; Deus tem vindo a concretizar aquilo que Ele sonhou para nós, aquilo que Ele planeou

para nós. E Ele está muito, muito interessado em que esse projeto se cumpra... E o mais maravilhoso é que nós somos chamados a responder e a esse projeto. Deus não o quer fazer sem nós. **Nós temos um papel no projeto de Deus!** (afixar sob o dístico "Projeto" o dístico "de Deus") Acham que devemos ficar "parados" neste projeto ou agir, atuar? (*deixar as crianças exprimir-se, ajudando-as a perceber a importância de responder ao Projeto de Deus*). Se não atuarmos, se não agirmos, acabamos por perder a chamada de Deus, não ouvimos a voz de Deus e não encontramos o nosso caminho, ficamos perdidos. É isso que, agora, vamos descobrir, escutando a Palavra de Deus.

II. PALAVRA

1. Sabem quando é que começou este projeto de Deus? (*apontar o dístico*)

Desde o início da humanidade! Só que as pessoas só foram percebendo que Deus tinha um projeto, para todas elas, a pouco e pouco. Por exemplo, há mais de dois mil e trezentos anos, um crente, uma pessoa de fé, que já se tinha apercebido de que Deus tinha um projeto para a humanidade, dizia:

*«O plano do Senhor permanece para sempre,
e os desígnios do seu coração por todas as idades» (Sl 33,11).*

Este é um texto do Salmo 33, versículo 11, e vocês já conhecem o Livro dos Salmos: aprenderam sobre esse belo livro no ano passado, nas Catequeses 14 e 15. Depois, logo, em casa, podem ir lê-lo na vossa Bíblia (*o catequista pode pedir às crianças para registarem esta leitura no espaço da Barra Cronológica da catequese 1*).

2. Mas, afinal, qual é o plano de Deus? Qual é esse "desígnio" que Deus procura realizar em todos os tempos, em "todas as idades"? Que é que Deus quer fazer connosco? O que é que Ele tem para nos oferecer?

Há quase 2.600 anos, um profeta chamado Ezequiel usava uma imagem muito bonita para mostrar o que é que Deus queria oferecer-nos, qual era o seu plano: ele comparava Deus a um pastor muito bom, cuja grande preocupação era cuidar do seu "rebanho" (o seu Povo), ajudando-o a encontrar sempre Vida e felicidade sem fim. Também já aprenderam sobre isso, não é? A catequese 8 do vosso Catecismo 4 tem esse título, diz-nos "Eis o Cordeiro de Deus". E vocês viram uma bela pintura de Jesus como Cordeiro de Deus (p.39 do Catecismo 4).

- 3.** Estão lembrados do que são os profetas? (*deixar as crianças exprimir-se*)
Muito bem: O profeta Ezequiel era um sacerdote de Israel que acompanhou o seu povo durante o exílio da Babilónia e que descobriu que no meio da provação Deus está sempre presente e guia o seu povo, o seu "rebanho".
- 4.** Por isso, vamos ler alguns versículos do livro deste profeta. Já temos a mesa preparada para que a Bíblia fique em lugar de destaque enquanto a Palavra de Deus é proclamada.

*O catequista abre a Bíblia em **Ez 34, 11-16** e acende as duas velas, explicando que uma delas representa o caminho que fizeram com o catecismo 4 e a outra o caminho que vão fazer com o catecismo 5: Com a Bíblia aqui em lugar de destaque, cada um vai abrir a sua e procurar o livro de Ezequiel, capítulo 34, versículos 11 a 16 (o catequista pode afixar no placar o dístico "Ez 34, 11 - 16").*

O catequista convida uma criança a fazer a leitura de pé, voltada para o grupo, de modo que todos possam acompanhar nas suas Bíblias.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro de Ezequiel.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

Assim fala o Senhor Deus:

«Eis que eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e me interessarei por elas.

Como o pastor se preocupa com o seu rebanho quando se encontra entre as ovelhas dispersas, assim me preocuparei Eu com o meu.

Reconduzi-lo-ei de todas as partes por onde tenha sido disperso, num dia de nuvens e de trevas.

Arrancá-los-ei de entre os povos e os reunirei dos vários países, a fim de os reconduzir à sua própria terra

**e os apascentar nos montes de Israel,
nos vales e todos os lugares habitados da região.
Eu os apascentarei em boas pastagens;
o seu pasto será nas montanhas elevadas de Israel;
estarão tranquilos em bons pastos;
comerão em férteis prados, nos montes de Israel.
Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas,
sou Eu que as fará descansar – oráculo do Senhor.
Procurarei aquela que se tinha perdido,
reconduzirei a que se tinha tresmalhado;
cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente.
Vigiarei sobre a que está gorda e forte.
A todas apascentarei com justiça».**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

- 5. Catequista, depois de uns momentos de silêncio:** Sim, na verdade é este “projeto” que Deus tem vindo a pôr em prática desde o início do mundo, desde o aparecimento dos primeiros homens e das primeiras mulheres.
- 6. Afinal que projeto é esse?** Levar a humanidade a encontrar Vida em abundância. Se olharem para o livro que nos conta a história da relação entre Deus e a humanidade – a Bíblia – veem continuamente em ação este **Deus que olha para o seu Povo com amor; que cuida dele; que o ajuda a vencer a escravidão, a opressão, a injustiça, o egoísmo, as divisões** (as “nuvens” e as “trevas” de que falava o texto do profeta Ezequiel); que **lhe ensina os caminhos que conduzem à liberdade;** que pega no seu Povo ao colo quando ele já não tem forças para caminhar pelo deserto, que **o alimenta e lhe dá forças;** que convida este Povo para uma “aliança” e estabelece com ele laços familiares: lembram-se de termos aprendido sobre isso no ano passado? (*Catequese 20 do Catecismo 4*) Aprendemos que uma “aliança” é uma promessa de fidelidade e de amor, aquela que Deus, ao longo da história, fez com o seu Povo, **oferecendo-lhe continuamente a possibilidade de encontrar a felicidade** e de descobrir Vida em abundância.

7. Então, qual é o “sonho” de Deus? O plano de Deus, o projeto de Deus para nós, para o seu Povo, é que nós sejamos felizes e tenhamos Vida verdadeira, Vida para sempre, Vida sem fim. E o que será uma vida sem fim? É uma Vida, a nossa Vida, de amor a Deus e ao próximo, de procura do bem, de esforço constante para sermos bons e, se algumas vezes não formos capazes, de conseguirmos arrepender-nos dos nossos pecados e pedirmos perdão a Deus e a quem nós ofendemos, nós magoámos. E Deus não desiste – nunca desistiu, nem nunca desistirá – de ir ao nosso lado, na nossa vida e nesses caminhos que a humanidade vai percorrendo todos os dias, a fim de nos dizer para onde é que nós devemos ir e o que devemos fazer para encontrar essa felicidade que Ele nos quer oferecer.

8. Ao longo deste ano de catequese, como vamos descobrir este projeto de Deus? Vamos olhar para a história da humanidade, das pessoas, que anda à procura de Deus, como nós, e vamos ver na Bíblia – o livro que nos conta essa história – como é que Deus se tem relacionado connosco. Vamos olhar para factos, para histórias, para pessoas –algumas que viveram há muitos séculos – e vamos descobrir que Deus tem estado sempre ao nosso lado, que Ele tem sido um “Bom Pastor” que cuida de todos nós e nos aponta os caminhos onde nós podemos encontrar a felicidade, onde nós podemos descobrir a salvação, onde nós podemos achar a Vida verdadeira e eterna. Podem ver em casa, durante esta semana, outros textos bíblicos onde Deus não se esquece de nós.

O catequista deve afixar no placar as referências bíblicas que pretende que leiam ou entregar-lhes uma folhinha com estas. Depois, pede às crianças que recordem um pouco o conteúdo dos livros, conforme o que aprenderam anteriormente. Se tiverem dificuldades em contar, o catequista explica cada livro das referências apresentadas.

Ex 2,23-25; 3, 7-8a

O catequista refere que o livro do Êxodo faz parte do Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia e que formam um conjunto a que os judeus denominam de Torá. O livro do Êxodo relata a vida do Povo de Israel submetido à escravidão no Egito e a sua libertação pela intervenção de Deus. Nestes versículos Deus ouve o clamor do seu povo e vem em seu auxílio (Catequese 12 do Catecismo 4).

Ex 15,1-3

O povo de Israel saboreia a libertação da escravidão e canta de alegria a Deus que é a sua força.

2 Sam 22,1-4

O povo de Israel viveu por volta de 1010 A.C. um período de monarquia em que um dos reis foi David. Recebeu a unção de Deus e, apesar das suas fraquezas, foi sempre recordado como um rei muito crente. Segundo a tradição compôs vários salmos e cânticos, um deles o que aqui é lembrado (Catequese 15 do Catecismo 4).

Is 12,1-6

O povo de Deus que tinha prometido deixar-se guiar sempre por Ele, por vezes afasta-se e esquece-se da Aliança que fez. Assim, é muito importante a ação dos profetas, os arautos de Deus, os que despertam as consciências e apontam o caminho para Deus. Entre os grandes profetas Isaías tem uma participação muito ativa na vida de Israel, chamando todos continuamente à fidelidade a Deus, Todo-poderoso (Catequese 14 do Catecismo 4).

9. Como podem ver a história do Povo de Deus ao longo da história foi cheia de acontecimentos. Vamos aprofundar e conhecer alguns desses acontecimentos ao longo deste ano de catequese, como já vos referi. E, por causa disso, vamos precisar de um material especial para nos ajudar a compreender bem como é essa história maravilhosa! Trata-se de uma barra cronológica. Quem sabe o que é? (*deixar as crianças exprimir-se*) A nossa vai ter esta forma de caderno (*mostrar*) que vamos construindo e que vai ser como que uma linha do tempo, onde iremos assinalar os momentos desta história do Povo de Deus que, de uma forma mais marcada, iremos refletir.

O catequista pede a cada criança para pegar na sua Barra Cronológica e para escrever nela o seu nome, no espaço dedicado à Catequese 1.

10. Como veem começamos por nos identificar, pois cada um terá o seu caderno. Escrevam o vosso nome na primeira página. O caminho de cada barra cronológica é um percurso que se propõe seguir cada um. **Certamente queremos compromete-nos e percorrê-lo ao longo deste ano de catequese! Estamos aqui na catequese porque aceitamos o desafio que Deus nos faz, tal como fez ao Seu Povo!** É que Deus vai-nos conduzir

no caminho em direção a Ele, porque quer para nós a verdadeira felicidade, aquela que nos enche completamente: ser fiel a Deus e amar como Ele nos ensinou.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1. Estamos interessados em ser felizes, em ter uma Vida que valha a pena ser vivida, não estamos?** As pequenas e grandes decisões da nossa vida, as coisas que nós decidimos fazer, devem orientar-se nesse sentido – a felicidade. Deus pede-nos para escolher o bem, para amar, para sermos bons e justos. Deus sabe disso, pois conhece-nos como ninguém. Por isto mesmo, a união de Deus com o homem é tão perfeita!
- 2. E nós fazemos, todos, parte do “projeto” de Deus!** Sim, a ação de Deus, que é um “Bom Pastor”, realiza-se em nós, em nosso favor. Também de nós Ele cuida, também a nós ele ama, também a nós Ele aponta os caminhos que nós devemos percorrer para ter Vida. Também a nós Ele quer ensinar o que devemos fazer e como devemos viver para sermos pessoas boas, felizes, realizadas, também a nós Ele quer “salvar”.
- 3. O que é que nós achamos que devemos fazer para que Deus possa chegar até nós e oferecer-nos essa Vida verdadeira, Vida a sério, Vida plena, que Ele quer dar a todos os seus filhos e filhas?** Talvez precisemos de alguma ajuda Sua para responder. Para isso, vamos fazer um momento de silêncio, ... estar em silêncio ... abrir o nosso coração para que Deus chegue até cada um de nós.

O catequista, com calma e paciência, deve levar as crianças a viver um breve momento de verdadeiro silêncio. Procurará criar condições para que cada criança interiorize as descobertas que fez neste encontro de catequese. Depois, canta-se o cântico proposto e reza-se a oração indicada, primeiro em silêncio – a oração deve ser entregue, num pequeno cartão-marcador, a cada criança - e depois em coro. A. No futuro o marcador servirá para auxiliar as crianças na procura das leituras da Bíblia que vão sendo indicadas.

Depois desse momento de silêncio o catequista indica: Agora, vamos cantar a nossa alegria por Deus ter um projeto de vida e de felicidade para nós!

Vamos colocar-nos de pé e cantar (*com a ajuda da gravação ou após um pequeno ensaio*):

“Confiarei nessa voz”.

Após o cântico, o catequista entrega o marcador com a oração às crianças e prossegue: Vamos começar por ler a nossa Oração em silêncio... para descobrir as palavras... para sermos capazes de as entender muito bem... (após a leitura individual e silenciosa, o catequista coloca-se entre as crianças e indica que as que ficam à sua esquerda serão o grupo 1 e as que estão à sua direita, o grupo dois; depois explica brevemente:) O grupo 1 vai ler a primeira frase da oração, o grupo 2 vai ler a segunda frase e eu lerei a terceira frase. No final, todos juntos, damos as mãos e dizemos «Amen».

Grupo de crianças 1:

Ó Senhor Deus,

**Eu sei que Tu tens um projeto de felicidade
para todos os homens e mulheres.**

Grupo de crianças 2:

**E sei, também, que Tu és um Pai muito bom, que se preocupa comigo,
que gosta de mim e que tem um projeto de felicidade para mim.**

Catequista:

**Ajuda-me a ouvir, em cada momento da minha vida,
aquilo que Tu me queres dizer;
ajuda-me a aceitar percorrer os caminhos que Tu me indicas;
ajuda-me a perceber as indicações que Tu me dás;
ajuda-me a fazer, não aquilo que me apetece, ou que eu gosto,
mas aquilo que eu devo fazer para ser verdadeiramente feliz,
para ser uma pessoa plenamente realizada,
para viver uma vida que valha a pena ser vivida.**

Todos:

Amen.

4. Compromisso: Ao longo desta semana rezemos esta oração todos os dias para não esquecermos como Deus nos ama, como Ele é para nós o “Bom Pastor” que nos guia e que quer que nós sejamos verdadeiramente felizes.

Cantemos, de novo, com alegria:

“Confiarei nessa voz”.

Antes de saírem, o catequista recorda às crianças que devem sempre trazer para a catequese a Bíblia e a Barra Cronológica; esta última, irá sendo completada ao longo do ano, registrando o percurso que se vai percorrer catequese a catequese.

Os catequistas que tiverem escolhido a 2ª alternativa da Experiência Humana podem organizar-se de modo a realizarem o projeto de passeio que planejaram em conjunto.

Para guardar na memória e no coração

Deus tem um projeto para cada um de nós. Esse projeto é que nós sejamos felizes e tenhamos Vida verdadeira, Vida para sempre, Vida sem fim.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Para a 1ª alternativa da experiência humana: indicações para a tarefa de grupo

Vamos construir uma casa:

(Desenhar uma casa, a planta da casa, etc.)

Quem vamos precisar de chamar e contratar para nos ajudar a construir a casa? *(ex. Serão precisos pedreiros, canalizadores, eletricitas...)*

- _____
- _____
- _____
- _____

Que materiais vamos ter de comprar para conseguir construir a casa? *(ex. Vamos precisar de tijolos, cimento, areia, gesso...)*

- _____
- _____
- _____
- _____

DOCUMENTO 2

Para a 2ª alternativa da experiência humana: indicações para a tarefa de grupo:

Vamos organizar um passeio:

(Desenhar o local do passeio; roteiro do passeio; mapa)

- Este passeio vai ser aonde? _____
- Onde nos vamos encontrar? _____
- A que horas? _____
- O que temos de levar? _____
- Quem pode ir? _____
- Quem não pode ir? Porquê? _____
- O que temos de fazer para que mais possam ir? _____

DOCUMENTO 3

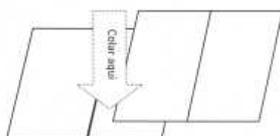
Construção da Barra Cronológica

Esta barra pode ser constituída por um conjunto de 10 folhas A4 dobradas ao meio no sentido do comprimento formando duas folhas A5 e que serão coladas umas às outras de modo a fazer uma tira de papel. Neste caso, pode optar por construir com as crianças a toda a Barra ou ir colando cada nova folha conforme as necessidades, por exemplo, no início da catequese.

Esta Barra Cronológica também pode ser adquirida tal como editada pelo SNEC. Nesse caso, a BC já contém diversos elementos pedagógicos que facilitam o registo das atividades e a aprendizagem das crianças.

Nesta faixa serão registados - ao longo do ano - os momentos mais marcantes das catequese e o catequizando será convidado a colocar na página correspondente uma frase chave, um desenho, uma colagem que recorde esse encontro, ajudando-o a elaborar um percurso no decorrer do ano catequético.

Colar aqui



Folhas A4 dobradas

DEUS CRIOU PARA NÓS UM MUNDO BOM E BONITO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Qual a origem do Universo?

De que mãos saiu esse cosmos impressionante, cujos espaços e fronteiras ainda não conseguimos vislumbrar completamente? Quem pintou o céu com as suas cores deslumbrantes e distribuiu pela terra os oceanos? Quem criou essa ordem admirável que podemos perceber na criação? Quem modelou, com cuidados de artista, esta terra tão bela onde a humanidade caminha e cumpre a sua história?

Desde os tempos mais recuados, homens e mulheres de todas as culturas – egípcia, suméria, assíria, babilónica – ligaram a origem do universo e da vida a Deus. Recorrendo à linguagem dos “mitos” (uma linguagem extremamente sugestiva para falar de realidades que ultrapassam a simples lógica humana), todos disseram – de forma mais clara ou mais velada, mais erudita ou mais vulgar – a sua convicção profunda de que Deus era o responsável pela criação do universo e da vida.

O Povo bíblico também chegou à mesma conclusão. Os “catequistas” de Israel, em épocas diferentes e até em lugares diferentes, desenvolveram reflexões muito belas onde expressaram a sua fé no Deus criador do universo, do mundo e da vida. Por vezes, tomaram imagens e expressões retirados dos “mitos” de origem de outros povos – por exemplo, de certos poemas mesopotâmios ou babilónicos que descreviam, utilizando a linguagem mitológica própria da época, a intervenção dos deuses no processo da criação; mas souberam adaptar essas imagens e expressões para que elas explicitassem a própria fé de Israel num Deus único, criador e salvador, que fez este mundo

bom e bonito por amor e que o ofereceu aos seres humanos para que eles pudessem realizar-se e ser felizes.

No primeiro livro da Bíblia – o Génesis – temos duas catequeses sobre a criação. A mais antiga apareceu, muito provavelmente, no séc. X a.C., e é conhecida como o “relato jahwista sobre as origens”. Podemos encontrar esse texto em Gn 2,4b-25.

Este relato apresenta-se num estilo exuberante, colorido, pitoresco e é, muito provavelmente, obra de um catequista popular que ensina recorrendo a imagens muito sugestivas e fortes. Fundamentalmente, ensina que Deus criou um mundo bom e bonito para o oferecer ao homem a fim de que o homem pudesse ser feliz. O homem e a mulher são iguais, feitos da mesma “carne”. Eles são o centro de toda a criação e é à volta deles que tudo se articula e ordena – as árvores “agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer”, os rios que asseguram a vida e a fertilidade, “os animais dos campos e todas as aves do céu”.

A outra catequese (cf. Gn 1,1-2,4a) é bem mais recente. É conhecida como “relato sacerdotal das origens”. Composta, muito provavelmente, na Babilónia, quando os habitantes de Judá estiveram exilados nessa terra estrangeira e lidavam, todos os dias, com as liturgias babilónicas que celebravam e exaltavam a ação dos deuses locais no processo criador, pretende afirmar a fé de Israel, contrapondo aos mitos de origem dos babilónios a fé num Deus único, autor do mundo e da vida. Recorrendo à linguagem poética, os “catequistas da “escola sacerdotal” ensinam que foi Deus quem fez aparecer o céu, a lua, as estrelas, os mares, a terra firme, as plantas, os animais e, por fim, o homem e a mulher, como corolário de toda a criação. Toda a criação de Deus é “muito boa”: além de bela e útil, nela não existiam tensões nem conflitos a quebrar a harmonia do plano de Deus. A criação foi confiada por Deus à responsabilidade do homem e da mulher para que eles pudessem, pelo tempo fora, continuar o processo criador, como “cúmplices” de Deus na obra criadora. É claro que este poema não é um tratado científico ou uma reportagem jornalística sobre a forma como o mundo apareceu; mas é um magnífico hino onde um crente de há muitos séculos, recorrendo à linguagem da época e a expressões literárias próprias da sua cultura, plasma o seu louvor a esse Deus que, de acordo com a catequese de Israel, está na origem do universo, do mundo e da vida. Provavelmente, era um hino usado nas liturgias em que, no sétimo dia da semana – o sábado –, os crentes israelitas reunidos em assembleia louvavam o Deus criador.

2. Do amor de Deus nasce um mundo bom e bonito, dado a todos nós.

A criação do universo e deste mundo magnífico, que é a casa de todos os seres humanos, é o primeiro passo de Deus na concretização desse projeto de salvação que Ele tem para nós. A incrível beleza das coisas criadas, a espantosa harmonia das leis que regem o cosmos, as infinitas possibilidades que este mundo tão bonito nos oferece, falam-nos do imenso amor de Deus por todos os seres humanos – a quem toda a criação foi confiada – e da sua aposta incondicional em proporcionar-nos uma vida feliz e plenamente realizada. É impossível contemplar a criação “com olhos de ver” sem nos sentirmos submersos pela grandeza do amor de Deus, que preparou para nós coisas tão belas e as colocou gratuitamente nas nossas mãos. É impossível contemplar a criação sem que da nossa boca brote, espontaneamente, o louvor a esse Deus que nos preparou uma casa tão aprazível. A grandeza, a beleza e a magnificência do universo criado constituem, sem dúvida, a primeira indicação da preocupação de Deus em proporcionar aos seus filhos e filhas uma vida feliz, uma vida cheia e plena.

3. É claro que esta constatação nos coloca diante de algumas responsabilidades:

A primeira é, talvez, a de respondermos com a gratidão e o louvor a essa iniciativa do Deus criador. A iniciativa de Deus é fruto do Seu imenso amor pelos Seus filhos e filhas e tem de encontrar no coração de cada homem e de cada mulher uma resposta de louvor e de ação de graças que seja expressão do nosso reconhecimento.

A segunda responsabilidade é a de cuidarmos bem dessa “casa” que Deus construiu e nos ofereceu. Tudo o que signifique explorar egoisticamente os recursos que Deus ofereceu a todos, é um crime contra a criação; a busca desenfreada das riquezas da terra, sem respeito pelas leis e equilíbrios que gerem a criação, introduz desarmonias que alteram o plano de Deus e destroem a vida; a poluição, a destruição das florestas e o envenenamento dos mares, a acumulação incontrolada dos lixos e excedentes da civilização, são atentados contra o projeto do Deus criador e têm, como resultado final, a destruição da qualidade de vida dos próprios seres humanos. Ora, nós devíamos colaborar com Deus na contínua recriação do mundo, não na sua destruição.

A criação não terminou há alguns milhões de anos atrás... Pelos séculos fora, Deus tem continuado a recriar o mundo, de acordo com o seu plano original. Compete-nos a nós, hoje, colaborar com Deus e fazer o que estiver ao nosso

alcance para que o plano de Deus para o mundo se realize. A tarefa dos homens não é destruir o mundo "bom" do "sonho" de Deus, mas completar a atividade criadora de Deus. Nessa atividade criadora colabora, de modo tão especial, cada catequista.

OBJETIVOS

- Compreender que Deus é a fonte e a origem de todas as coisas criadas pois a criação é fruto do imenso amor de Deus, que quis proporcionar aos seus filhos e filhas a possibilidade de habitarem uma "casa" onde tenham todas as condições para encontrarem vida e para serem felizes;
- Desenvolver um sentimento de gratidão para com Deus pela sua obra maravilhosa em nosso favor e sentir a responsabilidade de O louvar por isso;
- Aprender a respeitar a obra de Deus evitando tudo aquilo que possa destruir a harmonia e a beleza desse "mundo bom" que Deus preparou para nós.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O catequista deverá, de forma muito breve, recordar o quanto é importante para nós, seres humanos, Deus ter um plano, um projeto para a nossa vida. Deve sublinhar que cada um de nós faz parte deste projeto divino, isto é, que temos responsabilidades relativamente aquilo que é a nossa própria vida.
2. Do ponto de vista do processo de conversão das crianças, é importante que estas compreendam que todo o Projeto de uma vida boa e plena nasce do Amor de Deus e que este Amor é condição essencial da nossa realização e felicidade.
3. Chama-se a atenção do catequista para estar preparado para a possibilidade de algumas crianças se sentirem mais animadas para o debate "vivo" das questões que envolvem a problemática do tema "criação" e da "origem do mundo". Naturalmente, as crianças, nesta faixa etária, têm já algumas ideias sobre estes assuntos, já as questionaram, já procuraram as respostas junto dos pais, amigos, livros, internet, etc. Ajudá-las a estruturarem as suas questões e respostas, compreendendo que há um domínio de reflexão científica e outro de reflexão no domínio da fé, deverá ser um dos contributos desta sessão de catequese. Dever-se-á ter uma especial cautela no sentido de não rejeitar de forma depreciativa as opiniões que as crianças apresentarem, certamente ainda pouco estruturadas e compreendidas mas que estas consideram válidas. Sugere-se que o catequista oriente as intervenções, positivamente, para o sentido da descoberta e do percurso que poderão,

todos juntos, fazer, mas ter presente que a catequese não é uma aula de ciências ou de filosofia. Na catequese o que importa é o sentido teológico e propriamente religioso das várias realidades com que a criança se confronta habitualmente ou com que o catequista a confrontará no sentido do seu crescimento na fé.

4. Por outro lado, o catequista também deve evitar dar respostas não refletidas às crianças. Se ocasionalmente as crianças colocarem questões para as quais não se sente preparado, sugere-se que o catequista registre essas questões e consulte alguém com maior conhecimento teológico que o ajude a responder-lhes de forma equilibrada. Uma possibilidade será a de consultar algum dos sacerdotes da paróquia que pode, mesmo, deslocar-se ao grupo para lhes responder, no próximo encontro. Mas, sobretudo, o importante é que o catequista tenha presente os **objetivos desta catequese**: compreender Deus como Criador de todas as coisas, louvá-lo por isso e colaborar na obra da criança dentro das suas possibilidades, respeitando a natureza não só pelo que esta significa para a vida das pessoas – sobrevivência, conforto, beleza, alegria, bem-estar, ... - mas como verdadeira obra de Deus criador, tal como confessamos no Credo. A propósito da catequese sobre a criação refere o Catecismo da Igreja Católica: «...*não se trata de saber quando e como surgiu materialmente o cosmos, nem de quando apareceu o homem; mas, sobretudo, de descobrir qual o sentido de tal origem: se foi determinado pelo acaso, pelo destino cego ou uma fatalidade anónima, ou, antes, por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus*» (CIC, 284).
5. Pretende-se, pois, nesta sessão de catequese, que a criança consiga entender a obra da criação do ponto de vista da fé:
 - em sete dias, sinal de obra projetada, cuidada e amada por Deus;
 - como uma obra “Boa e Bonita”;
 - com um destinatário especial: todos os seres humanos;
 - como uma responsabilidade de cada um de nós: agradecermos a Deus, sermos felizes com Ele, cuidando e amando desta oferta que nos deu.
6. O catequista deverá, ainda, ajudar a criança a entender o quanto ela é participante, única e imprescindível, nesta obra de Deus, com os seus dons, com a sua ação, com o seu empenho em amar, estimar e ajudar no desenvolvimento desta obra da criação. Por esse motivo se sugerem dinâmicas que procurem suscitar nas crianças a sua imensa capacidade de maravilhamento

perante a natureza e a beleza das coisas, conduzindo-as, depois, a compreender que é de Deus que provém essa maravilha e a nossa capacidade de a sentir e apreciar.

MATERIAIS

1. Para a sala no seu geral:

- Gravador;
- CD ou cassete com música clássica adequada ao tema;
- Folhas com cópias do poema bíblico (só a primeira leitura será feita a partir da Bíblia) e da oração final, uma para cada criança.

2. Para a alternativa 1:

- Cartolina, de cor azul ou verde, em formato redondo;
- Cola;
- Folha transparente enrolada, da mesma dimensão da cartolina redonda, onde está escrito o nome "DEUS";
- Tira de cartolina, dividida em 7 colunas, registando em cada coluna os sete Dias: 1º Dia, 2º Dia, ... Dimensões sugeridas: 1,30 cm (comprimento) x 25 cm (largura) – uma tira para cada criança;
- Marcadores ou lápis de cor ou de cera em número suficiente para serem usados por todas as crianças;
- Elementos figurativos da narração do poema bíblico, recortados ou desenhados pelo catequista, em número suficiente para as crianças do grupo, em papel:
 - 1) pequeno papel amachucado, de cor castanho escuro;
 - 2) papel amarelo claro (luz) e papel preto (trevas);
 - 4) céu;
 - 5) mar e terra;
 - 6) ervas, sementes, árvores;
 - 7) sol, lua, estrelas;
 - 8) aves, animais marítimos;
 - 9) animais domésticos e selvagens;
 - 10) homem e mulher;
 - 11) dístico "Universo".

3. Para alternativa 2:

- Fio para divisão da sala em 7 espaços;
- Dísticos: "Luz"; "Trevas"; "Mar"; "Terra"; "Dia"; "Noite"; "Universo"; "1º Dia"; "2º Dia"; "3º Dia"; "4º Dia"; "5º Dia"; "6º Dia"; "7º Dia"

- Novelos de lã castanha escura, cinza e preta;
- Mãos do catequista;
- Vela grande e fósforos ou isqueiro
- Novelo lã preta;
- 1 tira de pano azul celeste;
- Tiras de pano azul e verde;
- Tira de pano branco;
- Tiras de pano em tons de castanho;
- Plantas, sementes, árvores de fruto;
- Sol, desenhada e recortada em cartolina;
- Lua, desenhada e recortada em cartolina;
- Estrelas, desenhadas e recortadas em cartolina;
- Vários animais que vivem nas águas (peixes, baleias, tubarões, algas, etc.) e aves, desenhados e recortados em cartolina ou recortados de revistas;
- Vários animais, terrestres, marítimos, domésticos, selvagens..., desenhados e recortados em cartolina ou recortados de revistas;
- No caso de não serem as crianças a rerepresentarem o Homem e Mulher: uma figura de Homem e outra de Mulher desenhados ou, em alternativa, recortes de revistas com seres humanos de várias raças e culturas.

Nota: o material proposto em lã poderá ser substituído por tiras de pano ou papel crepe.

4. Para a expressão de fé

- Marcador de livro, em branco.

MÚSICA

- "Louvado sejas"

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- **Sobre a estante ou mesa** está: a Bíblia aberta no livro do Génesis: *Gen 1, 1-2, 4a*.
- Colocar o gravador com o CD/cassete perto da cadeira do catequista e os marcadores perto do gravador, assim como as cópias do poema bíblico e da oração final;

- Se o catequista optar pela **alternativa 1**, deve ter em atenção a necessidade de ter, sobre mesas ou no chão, espaço suficiente para as crianças trabalharem na tira da Semana da Criação;
- Se o catequista optar pela **alternativa 2**, deverá dividir o chão da sala, com linha, em 7 espaços e ter preparados, por ordem e junto de si os materiais sugeridos para a atividade.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1.** *Depois de as crianças estarem sentadas em círculo, diante da mesa ou estante onde está a Bíblia e após o devido acolhimento:*

Certamente já ouviste falar, na escola, na televisão, na beleza e complexidade do universo, cheio de estrelas e de planetas, alguns tão distantes e tão longínquos que não poderíamos atingi-los se viajássemos toda a nossa vida a velocidades astronómicas...

Decerto, já alguma vez ficaste espantado, no final de uma tarde de verão, com a perfeição de um pôr do sol sobre o mar... *(deixar as crianças exprimir-se)* Provavelmente, já ficaste algum tempo a olhar para uma flor, fascinado com as suas cores e com os "materiais" delicados que a compõem... E nunca te sentiste intimidado pela grandeza e pela força de um leão, impressionado pela majestade de uma girafa ou pela graça de uma gazela, espantado pela diligência de uma abelha ou pelo trabalho de uma formiga? *(deixar as crianças exprimir-se)* Nunca ficaste de boca aberta ao olhar um céu cheio de estrelas numa noite escura, ou maravilhado diante da beleza da lua cheia? Nunca aconteceu ficares esquecido e maravilhado a contemplar as formas que as nuvens desenham no céu azul?

O que vos impressiona mais no nosso universo ou no meio que vos rodeia? *(deixar as crianças exprimir-se e prosseguir:)*

- 2.** Vamos todos partilhar alguns destes elementos naturais que mais nos fascinam, nos espantam e nos deixam com vontade de ficar a contemplá-los...

Decerto que cada um de vós é capaz de identificar pelo menos dois elementos da natureza de que gosta muito...

O catequista tem à sua frente uma cartolina, de cor azul, verde ou branca, em formato redondo, onde convida cada criança a escrever os nomes de dois elementos da natureza que lhe despertam sentimentos de alegria, espanto... Depois de concluída a tarefa, afixa a cartolina no placar.

3. É verdade ...Estamos rodeada de coisas bonitas, perfeitas, que nos espantam, que nos fascinam, que nos cativam.

4. **De onde vem tudo isso?** *(em cada questão, deixar as crianças exprimir-se)* **Quem foi o artista que pintou certas paisagens que nos deixam sem respiração? De onde vem este quadro maravilhoso que é o universo e o mundo onde nós vivemos? Quem fez essa "casa" tão bela que é a habitação dos seres humanos?** *(o catequista aceitará duas a três respostas, não gastando muito tempo com a atividade).*

O catequista coloca sobre a cartolina, onde as crianças acabaram de escrever os nomes dos elementos da natureza que mais as fascinam, uma folha transparente enrolada, da mesma dimensão da cartolina, onde está escrito o nome "DEUS".

5. Desde o início do mundo, muitos homens e mulheres como nós, confrontados com estas questões, têm encontrado a mesma resposta: todas estas coisas maravilhosas foram **criadas por Deus**, toda a beleza e harmonia que nós observamos na natureza têm origem em Deus, toda a vida – das plantas, dos animais, dos seres humanos – vem de Deus.

O catequista desenrola a folha transparente, sobre a cartolina, ao mesmo tempo que vai afirmando que Deus é o autor de toda a criação.

Deus é o autor de tudo aquilo que vemos quando olhamos à nossa volta, de todas essas obras maravilhosas que nos espantam, que nos ultrapassam e que nos parecem tão bonitas, tão boas e tão necessárias. Necessárias, sim, porque toda esta beleza é ainda mais bela porque é dela que as pessoas tiram o seu sustento, o seu alimento.

6. Agora, queria que me ouvissem bem e pensassem um pouco em cada uma das questões que vos vou colocar mas que guardassem a resposta por um bocadinho *(o catequista pode afixar as questões no placar, sob o dístico "Deus", pois deverá voltar a elas após a leitura da Palavra):*

- **Porque é que Deus criou tudo isto?**
- **O que é que o levou a preparar e a executar um projeto tão belo e grandioso?**
- **Qual a intenção, a vontade, de Deus neste processo?**

II. PALAVRA

1. Após ter dado às crianças tempo para pensar e, em caso disso, registrar as suas respostas, o catequista coloca no placar o dístico "**Gen 1, 1-2, 4a** e depois pega na sua Bíblia, aberta sobre a estante ou mesa e pede-lhes que, sempre em silêncio, também se prepararem para abrir as suas Bíblias. Depois, refere: Há cerca de 2.560 anos, um homem, cujo nome nem conhecemos, escreveu um poema muito bonito para nos ensinar que o Universo, o mundo, a natureza, os seres vivos, têm origem em Deus. Este poema, encontramos-lo no primeiro Livro da Bíblia, em Génesis 1 (Gn 1, 1-2,4a). É um texto muito bonito, mas longo, pelo que vão acompanhar na vossa Bíblia a sua leitura esforçando-se para estar com muita atenção. Podem ficar sentados.

O catequista procurará fazer uma leitura pausada, que ajude as crianças a perceber e sentir o texto. Faz-se um intervalo de silêncio entre cada episódio.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

**“No princípio, quando Deus criou os céus e a terra,
a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo
e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.**

Deus disse: «Faça-se a luz». E a luz foi feita.

Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas.

Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite.

Assim surgiu a tarde e, em seguida a manhã: foi o primeiro dia.

**Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas,
para as manter separadas umas das outras». E assim aconteceu.**

Deus fez o firmamento

e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento.

Deus chamou céus ao firmamento.

Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.

Deus disse:

«Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca». E assim aconteceu.

Deus chamou terra à parte sólida, e mar ao conjunto das águas.

E Deus viu que isto era bom.

Deus disse:

«Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que deem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente».

E assim aconteceu.

A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respetiva semente.

Deus viu que isto era bom.

Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia.

Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a terra».

E assim aconteceu.

Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas.

Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a terra, para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas.

E Deus viu que isto era bom.

Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quarto dia.

Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus».

Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos

**e todos os seres vivos que se movem nas águas,
e todas as aves com asas, segundo as suas espécies.**

E Deus viu que isto era bom.

Deus abençoou-os, dizendo:

**«Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar
e multipliquem-se as aves sobre a terra».**

Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia.

Deus disse:

**«Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies,
animais domésticos, répteis e animais ferozes,
segundo as suas espécies».**

E assim aconteceu.

**Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies,
os animais domésticos, segundo as suas espécies,
e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies.**

E Deus viu que isto era bom.

Depois, Deus disse:

**«Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança,
para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu,
sobre os animais domésticos
e sobre todos os répteis que rastejam pela terra».**

**Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus;
Ele os criou homem e mulher.**

Abençoando-os, Deus disse-lhes:

**«Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.
Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu
e sobre todos os animais que se movem na terra».**

Deus disse:

**«Também vos dou todas as ervas
com sementes que existem à superfície da terra,
assim como todas as árvores de fruto com semente,
para que vos sirvam de alimento.**

**E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu
e a todos os seres vivos que se movem sobre a terra,
igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir».**

E assim aconteceu.

Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.

Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.

Foram assim terminados o céu e a terra e todo o seu conjunto.

Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito,

Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado.

Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação.

Esta é a origem da criação dos céus e da terra”.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Fazendo sinal às crianças para que se mantenham atentas e concentradas, o catequista diz: Convido-vos, hoje, a participarem nesta narração da criação, como se fizéssemos, com Deus, a recriação da Sua Obra de Amor.

O catequista começa por ensaiar o cântico "Louvado sejas, ó meu Senhor", que será cantado no final de qualquer das duas dinâmicas propostas em alternativa;

1ª

Alternativa

A Semana da Criação

No caso de o catequista estar perante um grupo pequeno de crianças ou no caso de preferir uma dinâmica mais simples procede assim:

- *Depois, o catequista oferece a cada criança a tira de cartolina branca "Semana da Criação", dividida em 7 espaços brancos, tal como explicado anteriormente;*
- *Cada criança preencherá, o espaço branco, correspondente a cada dia da semana, com os elementos correspondentes à narração do poema bíblico;*

- *O preenchimento do cartaz da Semana da Criação decorre ao ritmo da leitura do texto, feito pelo narrador, que neste caso continuará a ser o catequista.*
- *No final, cada criança deverá contemplar a sua faixa, totalmente preenchida. O catequista poderá expor estas faixas, elaboradas pelas crianças, no placar ou no chão, reunindo o grupo todo à volta desta exposição;*
- *No final, o catequista refere: Não estão lindas as vossas **Semanas da Criação**? Pois estão! Hoje vão levá-las para casa e mostrá-las a todos quantos habitam convosco e aos vossos amigos, explicando-lhes como devemos estar agradecidos a Deus por todas as maravilhas que criou para nós. E, como quando Alguém é assim tão bom para nós, devemos aprender a ter um coração agradecido, que reconhece esse bem que nos é dado, vamos já aprender a agradecer a Deus, cantando em seu louvor:*

“Louvado sejas, ó meu Senhor”

2ª

Alternativa

Encenação da Obra da Criação

No caso de o catequista estar perante um grupo grande (mais de 7 crianças) ou no caso de preferir uma dinâmica mais cénica, mais teatral e pedagogicamente mais completa:

- *O **catequista** marca sete espaços, no chão, com um fio ou giz, sinalizando os sete dias da semana;*
- *Uma das crianças será o **narrador** do poema bíblico, que todos acabaram de ouvir, ou na falta de crianças, o narrador será o próprio catequista; ao narrador é entregue o texto do poema, com as necessárias divisões, segundo cada passo da encenação;*
- *Há 12 papéis para as demais crianças;*
- *Para cada **papel**, relativos aos **vários elementos da criação**, será escolhida uma criança (no caso de não chegarem a ser doze, cada criança pode fazer dois papéis) à qual serão entregues os **matérias simbólicos**, necessários para realizar a encenação, conforme o explicado em III – Documentos – 2ª Alternativa, **Esquema da encenação da Obra da Criação (Gn 1,1-2,4a)**.*

- Cada criança dirigir-se-à para o seu espaço no chão, conforme os ritmos da narração do poema bíblico, e tal como o catequista lhes for indicando discretamente;
- O catequista decidirá, em função da maturidade e capacidade de concentração das crianças, se é necessário proceder a um rápido ensaio dos movimentos, sem que, desta vez, seja necessário proceder à leitura do texto;
- Com a devida calma e recolhimento, dá-se início à encenação, que pode ser acompanhada por uma peça de música clássica que se adapte bem ao sentido do texto, como seja a «primavera» das «Quatro Estações» de Vivaldi.

No final, todas as crianças, juntamente com o catequista, se reunirão em volta da obra de arte que foi construída no chão da sala de catequese. Desta forma, estarão posicionados para o momento de "Expressão de fé".

Para as duas alternativas:

2. O mundo foi criado exatamente em seis dias, como diz este poema?

Que vos parece? (Deixar, por breves momentos, que todos digam a sua opinião, de forma muito breve)

3. Claro que não. Sabeis que os poetas usam por vezes, uma linguagem especial, que não é exatamente a linguagem que nós usamos todos os dias. A poesia utiliza imagens e comparações que nos "tocam", que nos impressionam, mas que não devem ser interpretadas "à letra", isto é, quando um poeta fala, com a sua maneira própria de dizer as coisas, nós devemos "interpretar" o que ele diz, isto é, devemos tentar perceber o que está por detrás daquelas palavras, qual é a mensagem que ele quer, realmente, transmitir-nos... Ele usa, com as palavras, "imagens" que nós precisamos de explorar para interpretar. **Olhem, é como quando nós escrevemos mensagens no telemóvel, não é?** Usamos uns sinais para dizer coisas mais longas, ou mais complicadas, ou mais bonitas: por exemplo, pomos dois pontos e um sinal de parêntesis para significar um sorriso... (o catequista afixa o dístico ":)") ou estrelinhas para significar que mandamos beijos... e mesmo esse sorriso que pomos na mensagem, quer dizer «Agora estou a mandar-te um sorriso» ou quer mostrar, significar um sentimento? Que sentimento será? Como é que vocês fazem? (Deixar as crianças exprimirem-se) ... pois é: gosto de ti,

fazes-me sorrir porque és meu amigo... tudo isso nós dizemos apenas com dois sinais de escrita, colocados de uma maneira especial... Mas, quem não sabe o que quer dizer (*aponta para ":"*) não percebe que alguém lhe manda um sorriso ... (*aponta para ":"*) é uma imagem, uma linguagem simbólica, como se diz ... Também é isso que os poetas fazem, escrevem usando imagens... é muito bonito e explica coisas complicadas e profundas com beleza.

4. Neste texto que nós estivemos a trabalhar, também é isso que se passa. O poeta que escreveu este texto queria dizer-nos, antes de mais, que Deus é o autor de tudo o que existe – o sol, a lua, as estrelas, a terra, os mares, as montanhas, os rios, as árvores e as plantas, os animais, o homem e a mulher. Queria dizer-nos, também, que Deus criou para nós, que nos ofereceu, um mundo bom e bonito, onde nós, seres humanos, temos todas as possibilidades de nos realizarmos e de sermos felizes. Queria dizer-nos, ainda, que o homem e a mulher foram encarregados por Deus de cuidar da natureza e dos outros seres criados, foram incumbidos de continuar a desenvolver a obra boa de Deus no respeito por todas as coisas e por todos os seres. Queria, finalmente, convidar-nos a adorar esse Deus bom que nos ofereceu tantas coisas bonitas, e que nos pediu para reservarmos pelo menos um dia da semana para O louvamos e para Lhe agradecermos todas as coisas boas que Ele colocou à nossa disposição. Por isso mesmo, proponho que, agora mesmo, O louvemos cantando:

"Louvado sejas."

5. **Agora, será que já percebeis melhor porque é que Deus se deu ao trabalho de criar todas essas coisas para nós? Lembra-se das nossas perguntas?**

- **Porque é que Deus criou tudo isto?**
- **O que é que O levou a preparar e a executar um projeto tão belo e grandioso?**
- **Qual a intenção, a vontade, de Deus neste processo?**

6. *Deixar as crianças exprimirem-se com alguma calma; o catequista ajudas a encaminhar a sua reflexão no sentido de descobrirem que: Deus amamos muito – como modelo perfeito que é um bom pai ou uma boa mãe, que ama o seu filho ou a sua filha – e, por isso, Ele preparou-nos essa "casa" tão bonita que é o universo, em toda a sua beleza, com todas as suas cores,*

com todo o seu esplendor, em toda a sua harmonia, tal como vós haveis descoberto naquilo que vos parece tão bonito.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Quando olhamos para esse mundo tão bonito que nos rodeia e para todas essas coisas boas que Deus criou para nós e que nos ofereceu (gratuitamente, sem nos exigir nada em troca), percebemos logo que Ele nos ama muito... Diante de dons tão grandes, percebemos logo que a grande preocupação de Deus é que nós sejamos felizes, que tenhamos tudo o que é necessário para que a nossa vida seja bem vivida, seja completa e faça sentido... Ao recebermos de Deus tais "presentes", percebemos logo que Ele tem um plano de "salvação" para nós e que o Seu grande interesse é a nossa felicidade. **E quando alguém nos oferece um presente, o que devemos fazer? O que é que nos apetece logo fazer?** *(Conduzir a resposta para a dimensão da gratidão genuína, do "Obrigado" que é dito com sentido, para além da, necessária, boa educação.)*

2. Então, a nossa resposta ao amor de Deus passa por agradecendo-lhe tudo o que Ele nos oferece, agradecendo-lhe a sua solicitude, dizendo-lhe "**obrigado**" por tudo o que Ele nos dá... Podemos dizer-lhe a nossa alegria por O termos ao nosso lado a cuidar de nós e a oferecer-nos, todos os dias, prendas tão belas e tão necessárias.

*O catequista entrega a cada uma das crianças a folha com a cópia da Oração e explica: Há muitos séculos, um crente que percebeu a grandeza do amor de Deus por todos os seus filhos e filhas rezava esta oração, que está registada no vosso catecismo e que ficou guardada no Livro dos Salmos (**Sl 136,1-9**). Nós vamos agora lê-la, pensando muito bem naquilo que estamos a dizer e agradecendo a Deus, com o nosso coração e a nossa inteligência, todas as oportunidades de felicidade que Ele preparou para nós *(a oração é feita pelas crianças, em que cada uma delas lê um verso)*.*

**"Louvai o Senhor porque Ele é bom,
porque o seu amor é eterno!**

**Louvai o Deus dos deuses,
porque o seu amor é eterno!**

**Louvai o Senhor dos senhores,
porque o seu amor é eterno!**

**Só ele faz grandes maravilhas,
Porque o seu amor é eterno!**

**Fez os céus com sabedoria,
Porque o seu amor é eterno!**

**Estendeu a terra sobre as águas,
Porque o seu amor é eterno!**

**Criou os grandes luzeiros,
Porque o seu amor é eterno!**

**O sol para presidir ao dia,
Porque o seu amor é eterno!**

**A lua e as estrelas para presidirem à noite,
Porque o seu amor é eterno!"**

3. Compromisso: Sabem, nós podemos continuar este "salmo", este hino de louvor e de agradecimento a Deus que nos ama e nos dá tantas coisas... Vamos então, no nosso coração e na nossa vida, continuar a escrever esta "lista" de coisas pelas quais achas que devemos agradecer a Deus! Vamos continuar este "salmo", acrescentando os motivos pelos quais achas que devemos dizer a Deus "obrigado".

O catequista pode fazer diversas sugestões ao grupo de crianças: Durante esta semana, vamos, pois, fazer assim:

a) Enviar por SMS, correio ou e-mail uma frase (ou mais), construída por nós, com algo que seja uma bonita continuação do salmo "..., **porque é grande o seu amor**" para uma pessoa de quem nós gostamos muito;
E ainda:

b) *(O catequista entrega a cada criança um marcador de livro, em branco, mas divididos em sete espaços, conforme o modelo em anexo;).* Em cada dia da semana, vamos registar aqui uma frase de continuação do

salmo. Vamos pensar nalgo de bom e de belo que vimos ou vivemos, e transformá-lo numa oração! Depois, colam a vossa oração no espaço da Catequese 2 da vossa **Barra Cronológica**.

Como alternativa, a b), um compromisso mais profundo:

- c) Mas, antes de sair, quero dizer-vos que há uma outra coisa que não deveis esquecer, nunca... Se a criação é um dom de Deus para todos os homens e mulheres, de todos os tempos, nenhum de nós tem o direito de destruir esta "casa", de estragar a criação de Deus, de tornar o mundo mais feio e mais sujo... Por exemplo, não gostam de encontrar a nossa sala de catequese suja nem desarrumada, pois não? Aquilo que está estragado faz-nos sentir mal, tristes e infelizes; por isso, temos de respeitar a natureza, toda a criação, todos os seres vivos, e continuar a construir esse mundo bom e bonito que Deus sonhou e preparou para nós. Assim, esta semana, também vão tentar contribuir para a criação e ajudar o mundo a ser belo e bonito. Cada dia, vão ajudar alguém a limpar e a arrumar: na escola, em casa, ... *(se houver condições para isso, o catequista pode organizar o passeio enunciado na Catequese 1 e dirigi-lo para a limpeza de um espaço público, como um campo ou jardim; também pode convocar as crianças para umas horas de trabalho de limpeza no espaço paroquial, interior e/ou exterior)*. Depois, desenham na folha 2 da vossa **Barra Cronológica** como foi essa experiência, e decoram-na com a frase "OBRIGADO, BOM DEUS!" (os rapazes), "OBRIGADA, BOM DEUS!" (as raparigas).

Para guardar na memória e no coração

Toda a criação é um dom Deus, um dom dado a todos os homens e mulheres, de todos os tempos, fruto do grande amor que Deus tem por nós. Por isso devemos amá-la, contribuir para ela, cuidando-a, e bendizer o nosso Criador.

III – DOCUMENTOS

1. Modelo do marcador para o Compromisso:

<i>Louvai o Senhor porque Ele é bom, porque o seu amor é eterno! Louvai o Senhor porque...</i>
1º dia
2º dia
3º dia
4º dia
5º dia
6º dia
7º dia
<i>Só ele faz grandes maravilhas, Porque o seu amor é eterno! Eu _____ Agradeço ao Senhor tudo o que Ele me ofereceu!</i>

2. Para a 1ª alternativa da Experiência Humana:

Desenhar o número de tiras correspondente a cada criança. Para uma leitura final mais clara, propõe-se as seguintes dimensões: 1,30 cm (comprimento) x 25 cm (altura)

1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia
--------	--------	--------	--------	--------	--------	--------

3. Para a 2ª alternativa da Experiência Humana:

Esquema da encenação da Obra da Criação (Gn 1,1-2,4a):

Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<i>No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.</i>	Narrador	Coloca um novelo de lã escura, misturada, no chão, em forma de monte (sem forma). Coloca as mãos sobre o volume de lã (simboliza o "Espírito de Deus").	Novelos de lã castanha escura, cinza e preta Mãos do catequista
1º Dia			
<i>Deus disse: «Faça-se a luz». E a luz foi feita.</i>	Narrador Criança Luz	Leva uma vela acesa (simboliza a Luz) e coloca-a no chão, no espaço do 1º dia.	Um novelo de lã preta, desenhado e <i>anotado:</i> Fósforos ou isqueiro Dísticos: "Luz" "Trevas" "1º Dia" Vela
<i>Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite.</i>	Criança Trevas	Coloca o monte de lã preta, (simboliza as Trevas), no chão, no espaço do 1º dia.	
<i>Assim surgiu a tarde e, em seguida a manhã: foi o primeiro dia.</i>	Narrador	Coloca o dístico "1º Dia" no chão, no chão, no espaço do 1º dia .	

2º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<i>Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras». E assim aconteceu. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento. Deus chamou céus ao firmamento.</i>	Narrador Criança Firmamento	Coloca no chão uma tira de pano azul (simboliza o Firmamento), no espaço do 2º dia.	Dísticos: "Céus" "2º Dia" Tira de pano azul celeste
<i>Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.</i>	Narrador	Coloca o dístico "2º Dia", no chão, no espaço do 2º dia .	

3º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca». E assim aconteceu.</p> <p>Deus chamou terra à parte sólida, e mar ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom.</p> <p>Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente». E assim aconteceu.</p> <p>A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respectiva semente. Deus viu que isto era bom.</p> <p>Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia.</p>	<p>Narrador</p> <p>Criança Mar</p> <p>Criança Terra</p> <p>Criança Flora</p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca panos azul ou esverdeado e branco (simboliza o mar), no chão, no espaço do 3º dia.</p> <p>Coloca panos em tons castanhos, (simboliza a terra), no chão, no espaço do 3º dia.</p> <p>Coloca plantas, sementes, árvores de fruto no chão (simboliza a Flora), no espaço do 3º dia.</p> <p>Coloca o dístico "3º Dia", no chão, no espaço do 3º dia.</p>	<p>Tiras de pano azul e/ou esverdeado:</p> <p>Dísticos: "Mar" "Terra" "3º Dia"</p>

4º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a terra». E assim aconteceu.</p> <p>Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia,</p> <p>e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas.</p> <p>Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a terra, para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quarto dia.</p>	<p>Criança Sol</p> <p>Criança Lua e Estrelas</p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca no chão o Sol, no espaço do 4º dia.</p> <p>Coloca no chão a Lua e as Estrelas, no espaço do 4º dia.</p> <p>Coloca o dístico "4º Dia", no chão, no espaço do 4º dia.</p>	<p>Sol, em cartolina; Lua, em cartolina; Estrelas, em cartolina</p> <p>Dísticos: "Dia" "Noite" "4º Dia"</p>

5º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus». Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves com asas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.</p> <p>PAUSA</p> <p>Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra». Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia.</p>	<p>Criança Fauna Selvagem</p> <p>Narrador</p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca várias imagens de animais selvagens, aquáticos e aves, no chão, no espaço do 5º dia.</p> <p>Depois de estarem espalhados no chão os animais todos, continua.</p> <p>Coloca o dístico "5º Dia", no chão, no espaço do 5º dia.</p>	<p>Vários Imagens de animais que vivem nas águas (peixes, baleias, tubarões, etc.) e aves, em cartolina, recortados de revistas ou, ainda, desenhados.</p> <p>Dístico: "5º Dia"</p>

6º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies». E assim aconteceu. Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom. Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra». Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.</p> <p>PAUSA</p> <p>Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra». Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os seres vivos que se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir». E assim aconteceu. Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.</p>	<p>Criança Animais Domésticos e Répteis</p> <p>Criança Homem Criança Mulher</p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca várias imagens de animais domésticos e de répteis, no chão, no espaço do 6º dia.</p> <p>Colocam-se no espaço do 6º dia e permanecem de pé.</p> <p>Retoma a leitura.</p> <p>Coloca o dístico "6º Dia", no chão, no espaço do 6º dia.</p>	<p>Vários imagens de animais domésticos e répteis, em cartolina, recortados de revistas ou, ainda, desenhados.</p> <p>Dístico: "6º Dia"</p> <p>No caso de não serem as crianças a representarem o Homem e Mulher: figura de Homem e outra de Mulher desenhados ou, em alternativa, recortes de seres humanos de várias raças e culturas</p>

7º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Foram assim terminados o céu e a terra e todo o seu conjunto.</p> <p>Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado.</p> <p>Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação. Esta é a origem da criação dos céus e da terra".</p>	<p>Narrador</p>	<p>Com música de fundo, leitura da parte final do texto.</p> <p>Coloca os dísticos "UNIVERSO" e "7º Dia" no chão.</p> <p>Coloca as mãos sobre dísticos, simbolizando a bênção e santificação do 7º Dia.</p>	<p>CD/cassete com música instrumental calma, de fundo;</p> <p>Gravador: CD com música de fundo.</p> <p>Dísticos: "7º Dia" "Universo" Cântico</p>
<p>Em redor da montagem, todo o grupo faz dois 2 minutos de silêncio;</p> <p>Contemplam a imagem de toda a criação e cantam LOUVADO SEJAS, Ó MEU SENHOR. LOUVADO SEJAS, Ó MEU SENHOR. (BIS)</p>			

«Homem e mulher os criou» Cf. Gn 1, 28

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O destino do ser humano

Algumas das perguntas mais fascinantes, mais inquietantes, mais desafiadoras e também mais dramáticas que têm sido inventadas dizem respeito ao próprio ser humano, à sua vida, ao seu destino... Quem são, de onde vêm e para onde vão os seres humanos que caminham pela terra? Qual o sentido da sua vida e da sua peregrinação? Como se articula a relação do homem com Deus? Qual a relação entre o homem e os outros seres criados? Que têm os seres humanos de tão essencial, de tão original que os faz diferentes de todas as outras criaturas que Deus colocou sobre a terra?

O homem é uma realidade paradoxal, feita de luz e de sombra... A sua complexidade desconcerta-nos e assusta-nos; mas, em compensação, o seu mistério encanta-nos e não cessa de nos espantar.

Os seres humanos são capazes das mais extraordinárias realizações... É o homem, com a sua inteligência, que é o grande responsável pelas extraordinárias conquistas da ciência e da técnica que têm revolucionado o mundo, que nos têm proporcionado um substancial aumento da duração e da qualidade de vida, que têm permitido vencer muitas das doenças e dores que desfiguram a humanidade, que nos têm ensinado a organizar em moldes mais racionais as sociedades; é a tenacidade e o empenho do espírito humano que nos têm permitido superar as crises e as fases de sombra de uma história humana nem sempre linear, nem sempre coerente, nem sempre racional, nem sempre feita à medida do homem e da sua plena realização; é o entusiasmo e a coragem de tantos homens e mulheres comprometidos com as causas da justiça, da paz, do desenvolvimento, do respeito pelos direitos, pela dignidade

e pela igualdade fundamental de todos os seres humanos que têm criado no coração de tantos homens e mulheres dinamismos novos de esperança; é a capacidade de amar, de se doar, de servir de tantos homens e mulheres, muitas vezes anónimos, que têm dado ao nosso mundo um pouco mais de calor, de amor, de humanidade...

A este lado luminoso dos seres humanos contrapõe-se, frequentemente, um lado sombrio... Muitas vezes os homens investem as suas melhores capacidades na criação de mecanismos de exploração, de injustiça, de violência, de destruição, que geram sofrimentos inenarráveis em milhões de homens e mulheres; muitas vezes os seres humanos optam por trilhar caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência, que destroem a criação "boa" de Deus e põem em causa o plano de Deus para o mundo e para a humanidade.

2. O que é o homem no plano de Deus?

Ao criar os seres humanos, o que é que Deus quis fazer? Na perspetiva do **projeto de Deus**, qual é o lugar e o papel que os seres humanos são chamados a viver e a desempenhar sobre a terra?

Os catequistas de Israel preocuparam-se em responder a estas questões... Há 3.000 anos, no "relato jahwista sobre as origens" (Gen 2,4b-25), eles diziam que o homem era um ser "modelado" por Deus do barro da terra, mas que tinha também uma dimensão divina, um "espírito de vida" de Deus que o tornava diferente de todas as outras criaturas. Para esses catequistas, o homem era o centro da criação e tudo – árvores, rios, animais – tinha sido colocado por Deus sob a autoridade do homem. O fim de todos os outros seres criados era ajudarem o homem a ser feliz e a realizar-se plenamente. Os seres humanos – diziam, ainda, os catequistas de Israel – foram criados para o amor, para a comunhão, para a relação, e só dessa forma se realizam plenamente; por isso, Deus fê-los homem e mulher, da mesma "carne", da mesma substância, e "deu-os" um ao outro para se completarem e amarem.

Outros catequistas de Israel – os tais que nos deixaram o "relato sacerdotal sobre as origens" (Gen 1,1-2,4a) – apresentavam o homem e mulher criados "à imagem e semelhança de Deus", como o ponto mais alto do projeto criador de Deus. Na perspetiva desses catequistas, Deus quis que os seres humanos crescessem e se multiplicassem, enchessem e dominassem a terra (cf. Gen 1,28-30). Naturalmente, falar neste contexto no "domínio da terra" não significa a exploração egoísta da natureza, como se o homem tivesse ficado com direitos absolutos sobre a criação; mas é uma forma de sublinhar que Deus colocou toda a criação nas mãos dos seres humanos para que eles,

sempre de olhos postos no plano de Deus, pudessem continuar essa tarefa colossal de continuar, pelos séculos fora, a construir o mundo.

Os dois relatos, embora diferentes quanto à linguagem e quanto às imagens, estão de acordo quanto ao essencial... Antes de mais, quanto à afirmação da dignidade do ser humano, que se distingue de todos os outros seres criados pois nele brilha uma centelha divina: é animado pelo sopro de vida do próprio Deus. No projeto de Deus, o homem e a mulher são seres dotados de uma suprema dignidade, contra a qual ninguém pode atentar; e, qualquer crime que ponha em causa a vida, os direitos ou a dignidade de um ser humano, é um crime contra o projeto de Deus.

3. O ser humano como o centro de todo o universo que Deus fez aparecer

A reflexão dos catequistas bíblicos está de acordo, também, nesta questão: tudo é criado para o homem e para a mulher, e tudo lhes é entregue por Deus. Subjacente à perspectiva dos autores bíblicos, está a ideia de que Deus tem em vista o bem e a felicidade do homem quando pensa e concretiza essa extraordinária obra que é a criação. Tal não significa, contudo, que o homem se apresente como um dominador egoísta, que utiliza a seu bel-prazer a criação, alterando a harmonia e o equilíbrio que Deus quis imprimir na sua obra... Se os seres humanos se relacionarem com o resto da criação de uma forma agressiva e prepotente, irão alterar a ordem "boa" que Deus introduziu no seu projeto e a própria criação revoltar-se-á, destruindo a felicidade do homem.

Os catequistas de Israel estão, ainda, de acordo em definir o ser humano como um ser com uma vocação relacional, um ser-para-os outros, que só se realiza plenamente através do amor.. Por isso, dizem os catequistas bíblicos, ninguém se realiza sozinho, ninguém é autossuficiente, ninguém se basta a si próprio ("não é bom que o homem esteja só"). De acordo com o plano de Deus, os seres humanos são criados para viver o amor, para partilhar a vida, para embarcar em dinamismos de comunhão. Por isso, Deus fez os seres humanos homem e mulher, dois seres diferentes mas da mesma proveniência e com a mesma dignidade, que se completam através do amor. É dessa forma que os seres humanos encontram a alegria, a felicidade, a plena realização, o sentido pleno para as suas vidas.

Finalmente, os autores bíblicos ensinam que os seres humanos foram eleitos por Deus para colaborarem com Ele na obra da criação. O homem e a mulher são, diante dos outros seres criados, os mandatários do Deus-criador; e, pela história fora, eles têm como missão continuar a recriar o mundo de

acordo com o projeto original de Deus. Trata-se, para os seres humanos, de uma extraordinária responsabilidade mas, também, de um imenso desafio: fazer com que o "sonho" de Deus se concretize, sem extravios nem adulterações. É preciso, ainda, dizer que a revelação plena do projeto de Deus para o ser humano aparece incarnada em Jesus – o Deus que se fez uma pessoa como nós, que assumiu o risco da fragilidade inerente à nossa condição humana, que veio ao nosso encontro e construiu a sua casa no meio de nós para nos apresentar, na sua pessoa, aquilo que nós devemos ser, a nossa vocação fundamental, a realidade para a qual nós devemos tender.. Cristo é o Homem na sua máxima perfeição, a meta para onde devemos caminhar. É esta Pessoa e o modo de nós sermos pessoa que nos ensinou que o catequista deve comunicar, como alguém que, a partir da sua experiência de Cristo, convoca e educa discípulos de Jesus.

OBJETIVOS

- Descobrir que Deus criou os seres humanos "à sua imagem e semelhança" e que neles palpita a vida do próprio Deus, o que os faz diferentes de todos os outros seres criados;
- Entender que o homem e a mulher têm, por isso, uma suprema dignidade, contra a qual ninguém poderá atentar sem pôr em causa o projeto de Deus;
- Perceber que os seres humanos foram criados para a relação, para a comunhão e que a sua vocação é o amor: por isso, Deus criou-os homem e mulher e entregou-os um ao outro para desenvolverem essa vocação à comunhão e ao amor.
- Reconhecer que os seres humanos têm como missão colaborar com Deus na contínua recriação do mundo, fazendo com que o "sonho" de Deus para o mundo se realize.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** A criança, nesta idade, está disponível para alargar os seus conhecimentos em relação a si mesma, ao Mundo, ao Universo e à intervenção do Homem e da Mulher no Mundo. Esta catequese apresenta-lhe a Pessoa Humana como chamada por Deus a dominar todos os outros seres criados por Ele. Contribui, também, para a sua formação na responsabilidade e dignidade.
- 2.** A expressão "*Criado à Sua imagem e semelhança*", para uma criança de 10 ou 11 anos não será muito clara. Devemos, portanto, apresentá-la recorrendo a diversas possibilidades de similitude, para além das físicas, que são aquelas

que mais facilmente as crianças invocam. A sua introdução – mais complexa e analítica – ajudará a criança a uma crescente interiorização do que é o projeto de Deus para a humanidade, já inserido na catequese anterior.

MATERIAIS

- Gravador / leitor de CD;
- CD ou cassete com música instrumental calma;
- Fotos de várias paisagens da terra: campo, deserto, montanha, mar, rio;
- Fotos de paisagens do espaço;
- Fotos de animais domésticos e selvagens;
- Fotos de plantas;
- Fotos com pessoas a trabalhar, pensar, rezar, manifestar amizade, pais e filhos em interação;
- Marcador e folha de papel, cartolina ou pedaço de papel de cenário com um tamanho adequado para registrar no placar as ideias das crianças sobre o ser humano;
- Poster composto por uma montagem de fotos de pessoas em atividades artísticas e exemplos de obras de arte, algumas das quais possam ser facilmente reconhecidas pelas crianças;
- Fotos de pessoas a rezar;
- Alguns ou algum objeto que invoque a natureza: vaso com planta verde ou flores, aquário com um peixe, gaiola com um pássaro;
- Dísticos "Gn 2, 4b-24"; "Gn 1, 26-29"; " todos os seres vêm de Deus".

MÚSICA

- "Cada um de nós é imagem de Deus".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- **No placar:** fotografias que nos recordem as maravilhas criadas por Deus (como referidas nas catequese anteriores): fotos de paisagens do espaço; fotos de animais domésticos e selvagens; fotos de plantas; e, ainda, fotos/ gravuras com pessoas - a trabalhar, pensar, rezar, manifestar amizade; com pais e filhos em interação - mas tapadas com papel crepe nas cores usadas na catequese anterior: azuis, verdes, castanhos;

- **Sobre a mesa**, a Bíblia em **Gn 2, 4b-24** e rodeada, de forma cuidada e harmoniosa, das fotos e gravuras de seres vivos (animais e plantas) a apresentar; as fotos com pessoas a trabalhar, pensar, rezar, manifestar amizade, pais e filhos em interação) podem ser montadas sobre a mesa em torno de alguns elementos naturais: uma planta verde ou ramo de flores envasados, um pequeno aquário com um peixe, uma gaiola com um pássaro ou outro pequeno animal de estimação¹.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista convida as crianças a observarem e admirarem as fotos/ gravuras que já estão colocadas no placar, com diversos elementos naturais, tal como referidos no Poema da Criação, das catequeses anteriores, por ex. imagens da terra, imagens do espaço, o mar, os rios, o deserto ... e comenta:)*
2. Alguns destes elementos da natureza já são vossos conhecidos de anteriores catequeses. As gravuras mostram-nos muitos aspetos da natureza. Mostram-nos o quê? *(deixar as crianças exprimir-se)* Mostram-nos belas imagens de seres vivos.
3. **Já alguma vez pensaram na quantidade e variedade de seres vivos que existem?** *(é natural que as crianças refiram algumas aprendizagens feitas na escola, numa etapa da vida em que aprendem e mostram grande interesse sobre a natureza)* **Algum de vós sabe mais ou menos, o número de diferentes espécies que habitam no nosso UNIVERSO?**
O catequista aceita quatro ou cinco respostas e de seguida esclarece: Acalmem a vossa curiosidade! Já vamos saber... (O catequista fala um pouco da Maravilha que é o mundo que DEUS nos confiou:)

Alguns especialistas estimam que existam entre cinco e trinta milhões de espécies de seres vivos na Terra; contudo, apenas cerca de um milhão e quatrocentas mil espécies são conhecidas neste início de século XXI. Trata-se, em qualquer caso, de uma grande variedade de espécies, cada uma delas com as suas características próprias.

¹ Como as crianças apreciam muito os animais, o catequista deve prever que se gastará algum tempo a apreciar o animal que for apresentado e ter presente as necessárias regras de higiene e segurança.

4. (N...) que espécies de animais, de plantas conheces? E (N...), que nos podes contar sobre isso? *(deixar as crianças exprimir-se durante alguns breves minutos sobretudo para que se apercebam da riqueza, variedade e beleza da natureza criada por Deus)* Veem como conhecem tantas espécies de seres vivos? Agora, vamos pensar um pouco:

Quando contemplamos tudo isto, vemos tanta beleza, tanta perfeição... em que é que nos faz pensar? *(deixar as crianças exprimirem-se)* Pois é, pensamos como foi possível fazer existir tudo isto?.. E de onde virá tanta beleza... De onde vem a vida de todos estes seres vivos?

*Quando as crianças, ajudadas ou não, chegarem à resposta – **criado por Deus** - o catequista conclui:*

Exato, todas estas maravilhas foram criadas por Deus.

5. O catequista mostra as fotos do placar que estavam tapadas: E já reparastes que nós podemos encontrar, também, neste imenso universo de seres vivos? ... Muito bem! Os seres humanos! Os seres humanos que são ... que somos ... uma espécie absolutamente especial... Temos características que nos distinguem, que os tornam especiais, no meio de todos os outros seres criados por Deus. Nós, os seres humanos, somos, por isso, um caso à parte no projeto de Deus.

Vamos voltar novamente a observar o nosso placar: *(o catequista mostra as fotos/gravuras com pessoas a trabalhar, pensar, rezar...e coloca sobre estas fotos – deixando à vista apenas as fotos de seres humanos – uma folha de papel suficientemente grande para registar as ideias das crianças).*

Conseguem descobrir algumas características que nos mostram que os seres humanos são seres especiais?

O catequista proporciona um momento de diálogo, procurando, se possível, que todas as crianças se pronunciem e ajudando-as a retirar conclusões a partir das próprias fotos e das suas ideias pessoais. Vai registando no placar as características que mais se adequam ao tema: as pessoas retratadas estão a falar, a rezar, a pensar, a mostrar carinho e amor...

Vejamos, então, as suas capacidades de inteligência, de comunicação, de organização, de trabalho, de compromisso, fazem com que a espécie humana

tenha um papel único na construção do mundo... De algum modo, os animais também trabalham e comunicam e mostram afeto, mas de uma forma muito mais limitada do que o ser humano.

Ora vejamos:

São os seres humanos que cultivam os campos para produzir muitos tipos diferentes de alimentos; que trabalham nas fábricas onde são produzidos bens essenciais à nossa civilização, como as roupas, os transportes, os eletrodomésticos e muitas outras máquinas; que criam escolas e universidades para, através do ensino, transmitirem uns aos outros os conhecimentos adquiridos; que fazem descobertas destinadas a tornar mais fácil a nossa vida e a dar qualidade à nossa existência, como os medicamentos, os produtos de higiene; que inventam novas formas de comunicar com os outros homens e mulheres do mundo inteiro, como os jornais, as televisões, os telemóveis; e, como se não bastasse criar todas as coisas que nos vão fazendo falta e que nos tornam a vida mais fácil, o ser humano ainda tem a capacidade de que criar obras de arte (*o catequista coloca no placar o poster composto por uma montagem de fotos de pessoas em atividades artísticas e exemplos de obras de arte, algumas das quais devem ser facilmente reconhecidas pelas crianças, conforme se refere a seguir*) – como a música, a pintura e a escultura, a dança, o cinema, a literatura... apreciadas por muitas gerações, que escrevem em livros os sonhos e as esperanças da humanidade... E, especialmente, são os seres humanos que reconhecem a existência de um Deus que os criou, que lhe rezam, que o adoram, que nele confiam e esperam, que o amam (*sobre as outras fotos, o catequista coloca a imagem das pessoas a rezar e prossegue:*)

6. Mas, quando nós observamos todas estas capacidades dos seres humanos, e nos maravilhamos com elas, acabamos por nos interrogar sobre a origem dos seres humanos e a sua finalidade aqui na terra. Eu explico-vos de um modo mais simples: De onde vimos nós, os seres humanos? Para onde vamos? Provavelmente já alguma vez pensaram nisso... eu penso!
- E sabem onde vamos poder encontrar algumas respostas para estas perguntas? (*o catequista aponta a Bíblia*) Na **Bíblia!** Logo ao princípio, no Livro do Génesis. Capítulo 1, encontramos escrito, de forma muito bela (*o catequista afixa o dístico e lê:*) “ **todos os seres vêm de Deus**”.
- E ainda há mais! Na Palavra que nós lemos e interiorizámos na catequese passada, havia uma frase que se repetia depois de cada coisa ser criada.

Qual era? ... Muito bem! :**“E Deus viu que isto era bom”**, que tudo era bom!
...E, de todas essas obras, boas e belas, qual é a obra mais importante?
(*deixar as crianças pronunciar-se e sublinhar:*) **O homem e a mulher ... os seres humanos.**

O que é que nós temos de tão especial que nos torna diferentes de todas as outras espécies, de todos os outros seres criados? Somos a mais importante obra de Deus!

Será que isso não nos exige alguma coisa em troca? Qual será o nosso papel? Qual será a nossa missão na vida?

II. PALAVRA

1. Vamos ver se encontramos as respostas necessárias para estas nossas perguntas e, para isso, nada melhor do que ir procurá-las na Bíblia, num livro que já conheceis e que faz parte do Pentateuco: o Livro do Génesis, que já lemos na catequese anterior, e que continua a falar-nos da Criação.

Mas, antes de abriremos a Bíblia, vamos recordar o que já ouviste falar nas catequese anteriores. **Quem se recorda do que falámos sobre criação nas duas anteriores catequese?**

O catequista conduz o diálogo e completa a comunicação se disso houver necessidade:

Lembram-se que os textos bíblicos estão escritos com linguagem própria, com expressões típicas da sua época e da sua cultura... Recorreram, muitas vezes, a imagens – muito bonitas, muito expressivas, dentro da sua cultura própria – que hoje são para nós, pessoas de outra cultura e de outra época, um pouco difíceis de entender. Contudo, vale a pena fazermos um esforço por entrar dentro da linguagem que eles usaram e tentar perceber o que eles nos quiseram dizer...

Refletimos sobre estas questões e encontramos respostas que nos foram transmitidas pelos catequistas bíblicos que nos ensinaram que os seres humanos foram criados por Deus e eleitos para colaborarem com Ele na sua Obra.

O catequista chama novamente a atenção para as gravuras de pessoas e das suas obras, que se devem manter no placar, e que ajudam a reflexão.

Seguidamente, o catequista convida as crianças a abrirem as suas bíblias sobre as mesas.

- 2.** *O catequista mostra o **dístico "Gen 2, 4b-24"** e pede às crianças para abrirem na página correta. Acompanhando o trabalho das crianças, prossegue: Este texto foi escrito por um catequista de Israel, há cerca de 3.000 anos. Parece-vos estranho, não é? Pois, mas desde sempre que as pessoas sentiam necessidade de se encontrar, de descobrir Deus. No Povo de Deus, ao longo da história, muitas pessoas se dedicaram a ensinar e a ajudar as outras a fazerem essa descoberta, tal como eu faço convosco. Bom, para hoje podermos aprender melhor, primeiro, cada um lê para si os versículos indicados no dístico.*

O Catequista pode colocar uma música instrumental de fundo enquanto as crianças leem para si.

Depois de todas as crianças terem feito a leitura silenciosa, o catequista convida três crianças a fazerem a leitura para o grupo, tendo o cuidado de lhes marcar no texto, com um post-it, o início e o fim dos versículos que cada uma deve ler na sua Bíblia. A leitura será concluída pelo catequista de modo a que a necessária ênfase seja dada aos últimos versículos.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança 1:

**Quando o Senhor Deus fez a terra e os céus,
e ainda não havia arbusto algum pelos campos,
nem sequer uma planta germinara ainda
porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra,
e não havia homem para a cultivar,
e da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície,**

**então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra
e insuflou-lhe pelas narinas o sopro de vida,
e o homem transformou-se num ser vivo.
Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente,
e nele colocou o homem que tinha formado.**

Criança 2:

**O Senhor Deus fez brotar da terra
toda a espécie de árvores agradáveis à vista
e de saborosos frutos para comer,
a árvore das vida estava no meio do jardim,
assim como a árvore do conhecimento do bem e do mal.
Um rio nascia no Éden para regar o jardim,
dividindo-se a seguir, em quatro braços.
O nome do primeiro é Pichon, rio que rodeia toda a região de Havilá,
onde se encontra ouro, ouro puro, sem misturas,
e também se encontra lá bdélio e ónix.
O nome do segundo rio é Guion, o qual rodeia toda a terra de Cush.
O nome do terceiro é Tigre, e corre ao oriente da Assíria.
O quarto rio é o Eufrates.**

Criança 3:

**O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden,
para o cultivar e, também, para o guardar.
E o Senhor Deus deu esta ordem ao homem:
«Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim,
mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal,
porque no dia em que o comeres, certamente morrerás».
O Senhor Deus disse:
«Não é conveniente que o homem esteja só;
vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele».**

Criança 3:

**Então, o Senhor Deus,
após ter formado da terra todos os animais dos campos
e todas as aves dos céus,
conduziu-os até junto do homem,
a fim de verificar como ele os chamaria,**

para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse.

O homem designou com nomes todos os animais domésticos, Todas as aves do céu e todos os animais ferozes; Contudo não encontrou auxiliar semelhante a ele.

Catequista:

Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; E, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne.

Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem.

Então, o homem exclamou:

«Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne.

Chamar-se-á mulher, visto ter sido retirada do homem!».

Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

*Procurando que as crianças se mantenham sossegadas, o catequista garante uns momentos de silêncio. E prossegue: Vamos, agora, com muita atenção, refletir em conjunto sobre este texto, um bocadinho longo e difícil. Vamos continuar com a nossa Bíblia aberta, para podermos reler o texto, se precisarmos. Olhem, uma coisa muito interessante que o texto nos conta é como Deus foi generoso para com o ser humano, que no texto está escrito com a palavra «Homem», com maiúsculas, para significar toda a humanidade: o catequista que escreveu este texto queria explicar alguma coisa em especial aos seus ouvintes, ora oiçam: Deus fizera nascer **«toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer.»** Não eram apenas árvores nascidas para dar alimento, mas árvores bonitas! Não se tratava apenas de vegetais saudáveis ou de fruta com muitas vitaminas, mas de **«saborosos frutos»!** Quanta generosidade de Deus! E podemos*

continuar a verificar qual a intenção de Deus, que nos é explicada no texto, quando o autor fala de muitos rios... rios que regavam jardins. Ou seja, água, que é imprescindível à vida, para bebermos, para regarmos as plantas de que nos alimentamos e darmos de beber aos animais, mas também água que é bela – não é bela uma paisagem com um rio? – que produz um som bonito ao correr, que rega jardins, talvez das obras mais bonitas que o ser humano é capaz de produzir em conjunto com a natureza. E, para finalizar, o texto ainda diz, sobre os animais, que tanta falta nos fazem e de quem nós gostamos tanto, que Deus **«conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria»**. Olhem, não sei se algum de vós já recebeu um animalzinho de presente... mas quando isso acontece, a primeira coisa que nós gostamos de fazer é saber o nome dele ou, de preferência, dar-lhe um nome... Pois foi isso que Deus fez: quando ele espera que o Homem dê um nome aos animais, Ele espera que os faça seus, eles são um presente de Deus para o ser humano... Porque a inteligência e os sentimentos do Homem lhe permitem tomar conta da natureza, dos animais, e retirar deles um bom uso, que garanta aos animais umas condições de vida adequadas e enquanto dão um contributo importante à felicidade da pessoa humana. Deste modo, este texto também mostra como os seres humanos, criados por Deus, são diferentes de todos os outros seres criados, pois têm umas qualidades e umas capacidades mais importantes do que os outros seres da criação.

- 3.** Colocando o **dístico "Gen 1, 26-29"** no seguimento do anterior, o catequista explica, indicando às crianças para acompanharem na Bíblia: Vou ler-vos um outro texto que mais tarde, há cerca de 2.600 anos, um outro catequista de Israel escrevia assim sobre a mesma mensagem, mas explicando o papel especial do ser humano na criação de um outro modo. Ora escutem com atenção:

Catequista:

Deus disse:

«Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra».

Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.

Abençoando-os, Deus disse-lhes:

«Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra».

Deus disse:

«Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento».

De acordo com aquilo que nós estávamos a tentar perceber sobre a ideia de Deus acerca dos seres humanos, podemos ver como este catequista antigo o explica dizendo que **Deus fez o ser humano à sua imagem e semelhança, para dominar, governar, toda a natureza**. E, para tal ser possível, disse ao Homem para crescer em número, para constituir muitas famílias, afim de se poder trabalhar a natureza.

Agora, temos de ter em atenção, quando lemos estes textos, belos mas muito antigos, que os catequistas de há muitos séculos não estão a dizer-nos exatamente, “como” é que as coisas aconteceram; mas estão a usar imagens poéticas, de beleza e profundidade, para nos transmitir uma mensagem especial. É como se eu, para vos dizer que gostei muito das minhas férias, desenhasse uma praia com muitos meninos e meninas a brincar: não interessa se realmente estive, ou não, na praia, mas uso a mensagem da praia, que é um sítio agradável, que é bonito, onde se brinca e descansa, para vos dizer, com um desenho, uma imagem, que foram umas férias muito boas, muito felizes. Quando lemos estes textos, o que nos interessa verdadeiramente é tentar perceber a mensagem que eles estão a tentar transmitir-nos, como um jogo de imagens que o autor fez para nós.

4. Sendo assim, o que é que os catequistas de Israel estão a procurar dizer-nos com estas imagens?

a) Antes de mais, estão a dizer-nos que os seres humanos foram criados por Deus e são diferentes de todos os outros seres criados.

Quando o autor de um desses textos diz, por exemplo, que Deus **“insuflou nas narinas do homem um sopro de vida” (Gen 2,7)**, está a usar uma imagem para fazer-nos perceber que os seres humanos são animados pela vida (a respiração) do próprio Deus. Eles têm em si a vida do próprio Deus, têm em si algo de Deus. Por isso, são seres muito importantes, muito

dignos, muito nobres, muito belos, que devem ser respeitados, estimados e honrados, mais do que todos os outros seres criados.

- b) Ninguém deve desprezar, humilhar, magoar, destruir um ser humano, pois ele tem em si algo de Deus. Um dos catequistas de Israel até diz que os homens e as mulheres foram feitos **“à imagem e semelhança de Deus” (Gen 1,26)** – isto é, que eles são parecidos com Deus e que quem os contempla é como se contemplasse o próprio Deus.
- c) Estão a dizer-nos, também, que Deus criou o homem e a mulher para serem felizes sobre a terra e que lhes deu todas as condições para que eles se sentissem bem nessa **“casa”** que Deus construiu para eles. Um dos textos sugere isto, lembram-se, dizendo que Deus colocou o homem num **“jardim”** muito bonito, cheio de água, de árvores com frutos saborosos, e até de pedras preciosas (cf. **Gen 2,8-14**) ... Num sítio assim bonito, sentimo-nos bem; num lugar onde temos tudo o que precisamos, podemos ser felizes... É verdade: Deus criou um mundo onde **“tudo era bom”** e bonito, a fim de que o homem e a mulher pudessem realizar-se plenamente, ser felizes. Deus não criou os seres humanos para que eles sofram e chorem, mas para que vivam uma vida de grande felicidade.

Se alguma criança perguntar «então, porque que é que as pessoas sofrem e choram?» - que é a questão do sofrimento e do mal, que tantas vezes abala a fé, mesmo dos adultos – o catequista pode explicar que o sofrimento vem, muitas vezes, do mal que as pessoas fazem, ao serem egoístas, vem do pecado, porque Deus criou as pessoas livres de escolher o seu caminho, o bem ou o mal, mas as pessoas cometem erros e fazem coisas erradas. Não necessita adiantar-se mais, mas explicará que esse problema vai ser desenvolvido na próxima catequese.

- d) Estão a dizer-nos, ainda, que Deus quis que o homem e a mulher experimentassem o amor, se comprometessem com o amor e vivessem um para o outro, completando-se um ao outro, ajudando-se um ao outro, amando-se um ao outro. Os dois são iguais (por isso o nosso autor diz que eles são feitos **“da mesma carne” – cf. Gen 2,21-24**) e devem, por isso respeitar-se um ao outro. O homem não é feliz sozinho, se não tiver o seu amor para com ele partilhar a sua vida; a mulher não é feliz sozinha, se não tiver o seu amor para partilhar com ele a sua vida... Nós, seres humanos, fomos criados por Deus para nos relacionarmos, para nos amarmos, para nos darmos. O amor que completa o homem e a mulher faz parte do plano

de Deus... Só quando amamos e encontramos alguém que nos completa, alguém a quem nos damos totalmente, alguém com quem partilhamos tudo, somos verdadeiramente felizes. Pode não ser um marido ou uma esposa, mas um amigo, um companheiro que trabalha connosco numa tarefa importante...

- e) Estão a dizer-nos, finalmente, que **Deus entregou toda a criação** – os animais, as plantas, todas as coisas criadas – **nas mãos do homem e da mulher, tornando-os responsáveis pela criação** (cf. **Gen 1,26-29; 2,19-20**). A missão dos seres humanos é “guardar” esse “jardim” que Deus criou (e que é o mundo), cuidando dele, cuidando dos outros seres vivos que o enchem. Compete-nos velar para que essa “casa” que Deus deu aos seres humanos, aos animais e às plantas seja preservada e cuidada para que todos possam continuar a viver felizes na terra, de acordo com o plano de Deus; compete-nos conservar bem bonita, bem cuidada, bem limpa e bem tratada essa “prenda” que Deus deu a todos os seres criados – o universo inteiro; compete-nos continuar, com o nosso trabalho, com a nossa inteligência, com o nosso esforço – a construir todos os dias esse mundo “bom” que Deus um dia sonhou, preparou e entregou aos seres humanos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Há muitos séculos, depois de se interrogar sobre a importância e a dignidade dos seres humanos, sobre o seu lugar no plano de Deus, sobre as diferenças entre os seres humanos e os outros seres criados por Deus, um homem crente rezava ao Deus criador (**Sal 8,5-10**) de um modo muito bonito, que nós podemos fazer nosso.

O catequista explica como se vai rezar, dividindo o grupo em quatro pequenos coros e pede às crianças para abrirem as suas Bíblias no Sal 8, 5-10. Depois, ensaiam o cântico que será cantado acompanhando a leitura do Salmo:

“Cada um de nós é imagem de Deus”.

Para a oração procede-se intercalando a leitura dos versículos, tal como a seguir se indica, com o cântico (total ou por estrofes).

Então, colocamo-nos de pé, perante estas imagens (do placar) que mostram com que amor Deus nos quis e nos criou, rezamos com amor, colocando o nosso coração naquilo que vamos ler e cantar:

*"Que é o homem para te lembrares dele,
o filho do homem para com ele te preocupares?"*

"Cada um de nós é imagem de Deus".

*Quase fizeste dele um ser divino;
de glória e de honra o coroaste.*

"Cada um de nós é imagem de Deus".

*Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos,
tudo submeteste a seus pés:
rebanhos e gado, sem exceção,
e até mesmo os animais bravios;
as aves do céu e os peixes do mar,
tudo o que percorre os caminhos do oceano.*

"Cada um de nós é imagem de Deus".

*Ó Senhor, nosso Deus,
como é admirável o teu nome em toda a terra!"*

"Cada um de nós é imagem de Deus".

2. Ainda antes de se sentarem, gostava de vos mostrar como, noutra momento da história, um outro crente, que se admirava sinceramente com essa obra admirável de Deus, que é o ser humano – cada ser humano, diferente, especial, obra única e maravilhosa de Deus – rezava. É o **Salmo 139, versículos 13-18**, que eu vou ler em vossa honra, pelo amor, cuidado, imaginação e beleza com que Deus fez cada um de vós (*o catequista diz o nome de cada criança e, no final, lê lentamente*):

**"Tu modelaste as entranhas do meu ser,
e formaste-me no seio de minha mãe.
Dou-te graças por tão espantosas maravilhas;
admiráveis são as tuas obras.
Quando os meus ossos estavam a ser formados,
e eu, em segredo, me desenvolvia,
tecido nas profundezas da terra,
nada disso te era oculto.
Os teus olhos viram-me em embrião.
Tudo isso estava escrito no teu livro.**

**Todos os meus dias estavam modelados,
ainda antes que um só deles existisse.
Como são insondáveis, ó Deus, os teus pensamentos!
Como é incalculável o seu número!
Se os quisesse contar, seriam mais do que a areia;
e se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo”.**

3. Vós sois, nós somos, um desses seres humanos que Deus criou tão maravilhosamente, fazendo-nos especial entre todos os outros seres da criação: a (N...), o (N...) (*referir os nomes das crianças e repetir: foi maravilhosamente criado por Deus, à sua semelhança*).

Nós e a todos os outros seres humanos como nós, Deus ofereceu este mundo tão bonito, que tem coisas tão belas para que possamos ser felizes.

Temos em nós a vida de Deus e, por isso, somos especiais!

Por isso, também Deus tem uma missão muito importante para nós: cuidarmos deste mundo, desta casa que Ele construiu e que entregou nas tuas mãos...

Vamos agradecer a Deus, dizer-lhe obrigado por tudo isto!

Vamos dizer-lhe que aceitamos colaborar com Ele, todos os dias, na construção deste mundo tão bom e tão bonito que Ele ofereceu a todos os homens e mulheres!

4. Servimo-nos das nossas qualidades e capacidades de seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus para criar uma mensagem com a qual agradecemos ao nosso Criador por assim nos ter feito.: é a «**Mensagem para Deus que me criou**».

*O catequista explica que essa mensagem – com três ou quatro linhas - será registada no terceiro espaço da **Barra Cronológica**, a lápis. Cada criança é desafiada a escrever a sua mensagem, individualmente. Quando todos tiverem terminado, incluindo o Catequista, em ambiente de oração, com música instrumental de fundo, todos são convidados a partilhar o seu texto. No fim, termina-se com o cântico:*

“Cada um de nós é imagem de Deus”.

5. **Compromisso:** As crianças são convidadas a, em casa, passar a sua «**Mensagem para Deus que me criou**» a caneta e a decorá-la com desenhos ou colagens alusivas a elementos da natureza que apreciem particularmente. Se possível, esse trabalho deve ser partilhado com a família

e a **Barra Cronológica** ficará exposta durante a semana, ao longo da qual o texto **Sal 139, 13-18** será rezado por todos num momento a combinar por cada família. Para tal, o catequista dita a referência devida que as crianças registam na Barra Cronológica.

Para guardar na memória e no coração

Somos parecidos com Deus, porque fomos criados à sua imagem e semelhança.

Deus criou o homem e a mulher para serem felizes sobre a Terra e deu-lhes todas as condições para que se sentissem bem nesta casa criada por Ele.

Deus não criou o mal

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. De onde vem o mal?

O problema do mal é, talvez, o maior mistério que se coloca à humanidade e o desafio mais sério que os seres humanos têm de enfrentar. Trata-se de uma realidade que todos os dias nos submerge e afoga, e que se traduz num imenso cortejo de misérias de toda a espécie, de tragédias colossais, de dores inumeráveis, de lágrimas sem fim... De onde vem esse "mal" que desfeia o mundo e que enche de sofrimento a vida dos homens e das mulheres? Deus não criou um mundo "bom" e bonito? O projeto de Deus não era que os seus filhos e filhas fossem felizes e encontrassem a Vida plena? Então, porque é que estamos "condenados" a conviver com o mal e a ver as nossas vidas e a nossa história indelevelmente marcadas por essa realidade?

Ao longo dos séculos estas questões nunca deixaram de inquietar os seres humanos... Trata-se de um problema que, continuamente, nos desafia e atrapalha e para o qual ninguém descobriu, ainda, respostas claras, inequívocas, universais, decisivas. Por mais engenhosas e coerentes que forem as respostas encontradas, o mal continuará, sempre, a ameaçar-nos, a desafiar-nos, a questionar-nos, a pintar com cores sombrias as nossas vidas... pelo menos enquanto caminharmos nesta terra e a nossa existência for marcada pela debilidade e finitude, que são os traços distintivos da nossa humanidade.

2. O mal para o povo de Israel

Como não podia deixar de ser, os catequistas de Israel também se debateram com o problema da existência do mal e, como nós, também procuraram respostas para esse incompreensível mistério... As respostas que eles deram

a este problema humano estão marcadas pela sua fé e refletem a sua profunda experiência religiosa... São reflexões sábias, coerentes, com uma grande dose de verdade. Não explicam e não resolvem definitivamente o problema do mal; mas constituem uma ajuda indispensável para aprendermos a vencer o mal e para conseguirmos impedi-lo de tomar conta da nossa existência.

A primeira certeza definida pelos catequistas de Israel é que não foi Deus quem criou o mal... Deus criou um mundo onde tudo está bem (cf. Gen 1), um mundo harmonioso e belo, um mundo sem tensões nem conflitos, um mundo de comunhão e de concórdia entre todos os seres criados, um mundo onde os seres humanos teriam todas as condições para realizarem e concretizarem plenamente a sua vocação à felicidade.

Mais: além de criar um mundo com todas as potencialidades para que os seres humanos pudessem gozar de uma felicidade sem fim, Deus quis indicarnos a forma de nós construirmos as nossas vidas e a nossa história sem que o mal deteriorasse essa criação "boa" de Deus. Apontou-nos, desde os primeiros passos dos seres humanos sobre a terra, os caminhos que devíamos escolher para que pudessemos encontrar a vida e a felicidade; avisou-nos que a escolha de caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência introduziriam na nossa história e na nossa vida desequilíbrios graves, capazes de alterar o projeto "bom" de Deus e de criar sofrimento e morte.

Apesar disso, os seres humanos – sempre na perspectiva dos nossos catequistas bíblicos – escolheram muitas vezes ignorar as indicações de Deus, julgando que dessa forma seriam mais livres e mais felizes. Deram ouvidos a outros "deuses", deixaram-se seduzir por outras vozes que não estavam exatamente interessadas na nossa felicidade e na nossa realização, recusaram acolher as propostas que, com amor, Deus lhes apontava (cf. Gen 3,1-13). A essa recusa de Deus e das suas indicações, a esse buscar a felicidade por meios próprios, à margem de Deus ou mesmo contra Deus, chama-se "pecado". E o pecado tem consequências dramáticas: não porque Deus "castigue" o homem por causa das suas escolhas erradas, mas porque o egoísmo e o orgulho humano geram situações de injustiça, de exploração, de violência responsáveis por muitos desequilíbrios, por muitas tensões, por muito sofrimento, por muitas lágrimas. O pecado – as escolhas egoístas do homem que recusa Deus e as suas propostas – acaba por deteriorar esse "paraíso" que Deus preparou para nós (cf. Gen 3,14-24), acaba por criar conflitos entre os seres que partilham esta "casa" que todos habitamos, acaba por destruir a comunhão entre os seres humanos, acaba por trazer à vida dos homens e das mulheres dor, cansaço, desilusão, frustração, sofrimento e morte. Para os catequistas

bíblicos, o "mal" (ou, pelos menos, parte do mal que desfeia o mundo) é o resultado de um mau exercício desse belo dom que Deus fez ao homem: a liberdade. Quando o homem escolhe ignorar Deus e as suas propostas, acaba, inevitavelmente, por se deixar dominar pelo orgulho, o ciúme, a inveja, e acaba por se tornar, para os seus irmãos, fonte de violência, de injustiça e de morte (história de Caim e Abel: Gen 4,1-16).

3. O caminho que escolhemos

Deus podia ter-nos impedido de fazer escolhas erradas, que podem conduzir a humanidade a uma espiral incontrollável de morte e de desgraça? Podia, se quisesse... Mas Deus preferiu respeitar a nossa liberdade, aceitar as nossas escolhas, e deixar-nos descobrir, através da nossa própria experiência, o sem-sentido de algumas das nossas opções. Esta pedagogia de Deus não é reflexo do seu alheamento da nossa vida e da nossa felicidade; mas reflete, de forma admirável, o seu amor incondicional, a sua bondade sem limites, o seu respeito pela dignidade e pela liberdade dos seus filhos e filhas...

Está assim resolvido, definitivamente, o mistério desse "mal" que assola o mundo e que transtorna a vida e a história dos seres humanos? Só em parte... Há, apesar de tudo, manifestações do "mal" que não são o resultado direto das escolhas erradas dos homens... Para esse "mal", teríamos de procurar outras respostas. Contudo, as achegas dos catequistas bíblicos constituem uma importante contribuição para a compreensão do drama do "mal".

Porque é que, no que nos diz respeito, não evitamos as tais escolhas erradas que são responsáveis por tantas formas de dor e de sofrimento – para nós e para aqueles que caminham ao nosso lado? Porque, por vezes, o nosso orgulho, a nossa vaidade, a nossa autossuficiência falam mais alto, e convencemo-nos de que não precisamos de Deus nem das suas indicações... Ou porque a nossa fragilidade e debilidade não nos deixa fazer o bem que queremos, nem evitar o mal que não queremos (cf. Rom 7,19). Estaremos, então, condenados a um futuro sem saída, tapado por um mal que irá aumentando até a história humana não ser mais viável? Não. O nosso Deus não desiste – nunca desistiu, ao longo da história da humanidade – de vir ao nosso encontro, de abraçar os filhos pródigos, de os acolher na sua casa e de lhes apontar caminhos novos de redenção, de graça e de esperança. Temos sorte: em cada instante, o nosso Deus dá-nos a oportunidade de começar tudo de novo e de construir uma história nova, uma história onde o mal não domine nem condicione as nossas vidas.

OBJETIVOS

- Constatar que o mal é uma realidade que está presente no caminho que, todos os dias, os homens e mulheres percorrem, levando as crianças a interrogar-se livremente sobre a origem dessa realidade.
- Descobrir que, em boa parte, o mal resulta das escolhas erradas que fazemos: quando nos recusamos a ouvir as indicações de Deus e escolhemos os caminhos que mais nos agradam, estamos, muitas vezes, a magoar os outros e a preparar, para nós próprios, situações sem saída, que não nos ajudam a crescer.
- Perceber que as propostas de Deus nos ajudam a evitar o mal e nos indicam caminhos de Vida e de felicidade, despertando nas crianças a vontade de conhecer “as palavras” que Deus nos diz e a conhecer os caminhos “bons” que Deus nos aponta.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** Nesta catequese deve-se ter uma especial atenção para a partilha das crianças durante a experiência humana, deixando-as exprimir de forma muito livre o que sentem quando vivem ou observam situações de mal. Desta forma serão conduzidas até à pergunta sobre a origem desta realidade. Como o próprio Catecismo da Igreja Católica nos recorda, o problema do mal aflige a pessoa humana e põe à prova a sua fé (CIC 272, 309), por isso é tão importante que o crente compreenda que Deus, na sua infinita sabedoria, quis criar um mundo «em estado de caminho» para a perfeição (CIC 310), *na qual os seres humanos colaboram voluntariamente, por livre escolha e amor preferencial, como criaturas inteligentes e livres* (CIC 311). É esta ideia que deve, fundamentalmente, desenvolver-se na criança durante esta catequese, ajudando-a a aceitar, no seu coração, que tudo o que Deus quer para ela própria e para aqueles que ela ama, é só o bem. Mesmo quando a vida concreta das pessoas é dura e difícil, pode encontrar sentido e felicidade na fé e no imenso amor de Deus.
- 2.** Assim, as crianças, ao terem já interiorizado nas catequese anteriores que Deus quer a felicidade de todos, serão naturalmente confrontadas com a questão de se foi, ou não, Deus quem criou o mal. Para ajudar a encontrar a resposta é muito importante a explicação das leituras bíblicas propostas, que o catequista deve preparar com grande cuidado e sentido da responsabilidade, tendo presente como, quantas vezes, a vida das crianças que lhe estão confiadas é, inexplicavelmente dura.

3. Pela oração as crianças são chamadas a exprimir a sua adesão às escolhas que Deus lhes apresenta, procurando-se que compreendam como cada um é responsável pela sua felicidade e pela felicidade dos outros.

MATERIAIS

- Duas velas, que foram inicialmente iguais, mas está nova e a outra já está muito gasta e desfeita;
- Fósforos;
- Poster com frase "O projeto de Deus";
- Imagens com situações representativas do mal no mundo e na vida das pessoas, em geral: violência e guerra, fome, catástrofes naturais, delinquência, alguém precisado de auxílio mas que não é socorrido, ...
- Imagens com situações de conflito na vida familiar e escolar: crianças a desobedecer aos adultos, alunos que não trabalham na escola, crianças que se agredem, adultos que se mostram indiferentes perante as crianças, ...
- Dísticos: "mal"; "Gen 3,1-19.23"; "Gen 4,1-16"; "culpa"; " não seguir as propostas de Deus"; " ESCUTAR A PALAVRA DE DEUS";
- Dísticos "Homem", "Mulher", "Serpente", "Deus", dotados de um fio que lhes permita ser pendurados do pescoço;
- Folha de papel recortada em forma de puzzle e com as inscrições necessárias, tal como explicado no **Documento 1**.

MÚSICA

- "Perdoa, Senhor, o nosso dia".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** está vazio.
- Sobre a **mesa**, colocada à frente do placar (e, se possível, ambos colocados centralmente às cadeiras das crianças, de modo que estas se sentem em semi-circulo, tendo-os na sua frente) está: ao centro, a Bíblia, aberta em e ladeada de duas velas, apagadas, que foram inicialmente iguais, mas a da direita é nova e a da esquerda já muito gasta e desfeita. Os fósforos estão preparados para ser usados.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista dá início à sessão como habitualmente, criando um ambiente de recolhimento e concentração, após o que questiona as crianças sobre a sessão passada:*

Quem se recorda da coisa mais importante que aprendemos no último encontro?

O catequista deve conduzir o diálogo de modo a que se recordem do essencial:

Muito bem, aprendemos que fomos criados à imagem e semelhança de Deus! Olhem, vamos acender esta vela nova e bonita, que está aqui sobre a mesa e que, com a sua luz, nos lembra que fomos criados por Deus à sua imagem, pois a luz é beleza e a chama dá-nos calor, duas formas de celebrarmos esta experiência! *(o catequista acende a vela nova)* Mas, que **significa ser criado à imagem e semelhança de Deus?**

Significa que somos parecidos com Deus:

- Deus criou o **homem e a mulher para serem felizes** sobre a Terra e deu-lhes todas as condições para que se sentissem bem nesta casa criada por Ele;
- Os seres humanos têm como **missão colaborar com Deus** na contínua recriação do mundo, fazendo com que o "sonho" de Deus para o mundo se realize;
- Este é o grande projeto de Deus.

2. *De seguida o catequista coloca o cartaz com a frase "**O projeto de Deus**" no placar e alinhado com a Bíblia que está sobre a mesa. Depois, de forma progressiva, o catequista mostra e coloca sobre o cartaz, uma a uma, imagem com situações representativas do mal no mundo, que vão tapando a inscrição. Vai desafiando as crianças a exprimirem a sua opinião sobre o que estão a ver e a dizerem o que sentem.*

3. **Que acham que está a acontecer?**

Motivar as crianças para a partilha do que sentem.

Já se deram conta de que nem tudo o que os seres humanos fazem está de acordo com o plano de Deus. Em vez de felicidade, vemos tristeza e infelicidade.

Neste momento o catequista pode fazer memória das coisas que as crianças ouvem e vêm através das notícias, etc., que causam sofrimento a muita gente.

Todos os dias nos chegam notícias – através de conversas com os nossos pais, amigos, professores; através dos telejornais transmitidos pela televisão; através da informação que encontramos na internet – de **acontecimentos que fazem sofrer as pessoas**: catástrofes, guerras, violências, roubos, assassinios; todos os dias ouvimos falar de pessoas que fizeram coisas que magoaram outras pessoas; que não respeitaram os seus direitos; que as fizeram sofrer; todos os dias nós somos colocados diante de situações que nos trazem tristeza; que nos ferem e que nos fazem chorar..

Nesta etapa da Experiência Humana o catequista já cobriu uma grande parte do cartaz do projeto de Deus com imagens que ilustram os males do mundo.

- 4. O que está a acontecer com o projeto de Deus?** *(deixar as crianças tirarem as suas conclusões, ajudando, se necessário)* É como se ficasse destruído, como esta vela, estragada (aponta para a vela estragada, sobre a mesa), que já nem se pode acender. Ou escondido, como estas palavras ficaram tapadas pelas fotos... Alguém conseguiria ler e entender qual é o projeto de Deus para a humanidade se o visse assim, todo tapado com as más ações das pessoas?

Depois desta conversa o catequista desafia as crianças a irem um pouco mais longe: apresenta as imagens sobre a vida familiar e escolar, seguindo a mesma metodologia, até cobrir o cartaz completamente.

O catequista conduz a partilha de modo que as crianças sintam que também estão implicadas nestes problemas, que elas mesmas são capazes de errar e de ter um comportamento contrário ao que Deus lhes pede, contrário ao seu projeto para cada uma delas. E prossegue:

Já repararam que às vezes somos nós próprios que temos gestos e atitudes que deixam os outros – os pais, os amigos ou amigas, os professores – tristes, magoados, desiludidos conosco? Este “mal” *(o catequista coloca o **dístico “mal”** no placar, no centro das imagens que o representam)* que vemos acontecer – e que, às vezes, nós próprios construímos, não é bom para nenhuma pessoa; cria sempre mal-estar, provoca sofrimento, rouba-nos a paz. O “mal”, nas suas diversas formas, torna este mundo mais feio e

mais triste; o “mal” é sempre uma realidade que nos impede de sorrir, de sermos felizes.

- 5. Mas, o que é certo, é que às vezes temos dificuldade em reconhecer o mal que praticamos, não temos?** *(deixar as crianças pronunciar-se)* É-nos sempre difícil entender porque é que se pratica o mal. Colocamos muitas perguntas: De onde vem este “mal” que aflige e entristece tantas pessoas? Não será possível evitá-lo? Porque é que tantas pessoas têm atitudes que magoam os outros? Será possível construirmos um mundo diferente? Como? *Deixar as crianças exprimirem o seu sentir sobre estas questões.*

II. PALAVRA

- 1.** Os catequistas bíblicos que nós já conhecemos dos encontros de catequese das últimas semanas, também procuraram encontrar respostas para estas perguntas. É que, no tempo deles, já existia este problema do “mal” (é um problema com que a humanidade sempre teve que lidar); já existiam pessoas que magoavam os outros, que criavam guerras e conflitos, que eram injustas, violentas e egoístas.
- Como nós, agora, já sabemos que esses catequistas de há muitos, muitos anos atrás, tinham uma forma diferente da nossa de falar das coisas, percebemos que eles usavam uma linguagem com... *(aponta as imagens colocadas no placar)* ...imagens ou comparações, para dizer certas coisas... E nós, quando lemos o que eles escreveram, temos de procurar perceber qual a ideia, qual a mensagem que estava escondida por detrás dessa linguagem cheia de imagens, que é, também, muito rica e muito bonita.
- 2.** Então, o que é que será que os catequistas bíblicos escreveram, sobre o problema do mal? Vamos descobrir!
- Há cerca de 3.000 anos, um deles contava, na linguagem própria dessa época, uma história sobre a origem do mal *(o catequista afixa no placar o dístico “Gen 3,1-19.23” sobre as imagens que ilustram o problema do mal)* tão extraordinária que ficou sempre na memória das pessoas que a escutaram e das que a leram. Para nós também a conhecermos e a recordarmos, vamos fazer assim *(o catequista pede às crianças para abrirem a sua Bíblia no texto indicado e distribui por quatro delas um dístico que se pode colocar ao pescoço, com um fio, com o nome das seguintes personagens do texto: Homem, Mulher, Serpente, Deus).* O catequista prepara o ambiente e as

crianças para a escuta da palavra de Deus e depois de todos fazerem uma leitura silenciosa, o catequista inicia a apresentação da Palavra, estando todos de pé, junto da mesa e do placar:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista (narrador):

A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus fizera; e disse à mulher:

Criança (serpente):

«É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?»

Catequista (narrador):

A mulher respondeu-lhe:

Criança (mulher):

«Podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim Deus disse: 'Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis'».

Catequista (narrador):

A serpente retorquiu à mulher:

Criança (serpente):

«Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes,

**abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus,
ficareis a conhecer o bem e o mal».**

Catequista (narrador):

**Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer,
pois era de atraente aspeto
e precioso para esclarecer a inteligência,
agarrou o fruto, comeu,
deu dele também ao seu marido, que estava junto dela,
e ele também comeu.
Então, abriram-se os olhos aos dois e,
reconhecendo que estavam nus,
coseram folhas de figueira umas às outras
e colocaram-nas, como se fossem cinturas, à volta dos rins.
Ouviram, então,
a voz do Senhor Deus que percorria o jardim pela brisa da tarde,
e o homem e a sua mulher logo se esconderam do Senhor Deus,
por entre o arvoredo do jardim.
Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe:**

Criança (Deus):

«Onde estás?»

Catequista (narrador):

Ele respondeu:

Criança (homem):

**«Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo,
escondi-me porque estou nu».**

Catequista (narrador):

O Senhor Deus perguntou:

Criança (Deus):

**«Quem te disse que estás nu?
Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?»**

Catequista (narrador):

O homem respondeu:

Criança (homem):

«Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi».

Catequista (narrador):

**O Senhor Deus perguntou à mulher:
«Porque fizeste isso?»**

Catequista (narrador):

A mulher respondeu:

Criança (mulher):

«A serpente enganou-me e eu comi».

Catequista (narrador):

Então, o Senhor Deus disse à serpente:

Criança (Deus):

**«Por teres feito isto,
serás maldita entre todos os animais domésticos
e entre todos os animais selvagens.
Rastejarás sobre o teu ventre,
alimentar-te-ás da terra todos os dias da tua vida.
Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher,
entre a tua descendência e a dela.
Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar».**

Catequista (narrador):

Depois, disse à mulher:

Criança (Deus):

**«Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez,
entre dores darás à luz os filhos.
Procurarás apaixonadamente o teu marido, mas ele te dominará».**

Catequista (narrador):

A seguir, disse ao homem:

Criança (Deus):

«Porque atendeste à voz da tua mulher e comeste o fruto da árvore, a respeito da qual eu te tinha ordenado: 'não comas dela', maldita seja a terra por tua causa.

E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida.

Produzir-te-á espinhos e abrolhos, e comerás a erva dos campos.

Comerás o pão com o suor do teu rosto até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás».

Catequista (narrador):

O Senhor Deus expulsou-o do jardim do Éden, a fim de cultivar a terra, da qual fora tirado.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

- 3. Agora já se podem sentar. Então, que é que o catequista bíblico nos quis dizer e ensinar com esta história?**

O catequista deve ter o cuidado de deixar claro que toda esta forma de explicar as coisas é uma comparação. As perguntas que se seguem ajudam a eliminar qualquer tipo de dúvida sobre esta questão.

Acham que havia antigamente uma árvore especial, cujos frutos estavam proibidos ao homem e à mulher? Ou que antigamente as serpentes falavam? Ou que Deus é mau e castiga os seres humanos quando eles fazem disparates? Não, claro que não é isso que este catequista quer ensinar-nos.

- 4. Depois deste diálogo inicial, o catequista deve conduzir as crianças à compreensão e significado dos pontos fortes da narrativa, com as perguntas e explicações que se seguem:**

Então, afinal, o que é que ele quer dizer com esta história?

Antes de mais, **quer dizer que Deus se preocupou, desde o início, em mostrar ao homem o que é que lhe fazia bem e o que é que lhe fazia mal**, o que é que o ajudava a ser feliz e o que é que lhe trazia sofrimento e

infelicidade, o que é que lhe proporcionava vida e o que é que lhe trazia sofrimento e morte. **É isso que significa dizer que Deus pediu aos seres humanos que não comessem de todas as árvores do jardim.** Mostra que Deus quis ensinar as pessoas a viver bem e a serem felizes.

5. Os homens e as mulheres seguiram sempre as indicações de Deus?

Nem sempre. Muitas vezes acharam que sabiam mais do que Deus, ignoraram aquilo que Deus lhes dizia e passaram a dar ouvidos a outras “vozes” – quer dizer, a outras propostas, que nesta história são representadas pela serpente que fala.

6. Qual foi o resultado? Ao escolher aquilo que lhes interessava, que mais lhes agradava – sem darem ouvidos a Deus, que só quer o bem e a felicidade de cada ser humano – estragaram o mundo e arruinaram as suas vidas. Fizeram disparates, fizeram escolhas egoístas que foram responsáveis por muito sofrimento e muita dor; pensaram que estavam a construir a sua felicidade, mas as suas escolhas erradas destruíram a natureza, por exemplo. Ou criaram desequilíbrios, dificuldades graves nas relações entre as pessoas... por exemplo, se numa família só uma pessoa tem de fazer todas as tarefas, sem a ajuda de ninguém, fica tão cansada que acaba por se zangar. Ou se na escola só um aluno quer ter toda a atenção dos professores ou quer obrigar os colegas a fazer asneiras, os amigos ficam indignados com ele. Ou, na sociedade, se só algumas pessoas ganham dinheiro e as outras vivem na pobreza, sem que ninguém as ajude ou lhes pague pelo seu trabalho, acabam por ficar violentas, por se revoltar. Isto é, aconteceram muitas coisas injustiças, erradas, que multiplicaram o “mal” no mundo.

7. Isto é verdade? Claro que é (*recordar a experiência feita no início da sessão com o cartaz; é possível que algumas crianças desejem exprimir as suas próprias experiências de sofrimento, expressão que o catequista deve permitir, procurando introduzir também um olhar de esperança e de apoio*). Se olharmos à nossa volta, vemos que muitas das coisas que fazem sofrer tantos homens e tantas mulheres, tantas crianças, são o resultado do egoísmo, do orgulho, da vaidade de pessoas que acham que sabem tudo e que não precisam de dar ouvidos a mais ninguém, nem sequer a Deus. Vocês sabem isso: quando o professor diz que todos, na aula, devem poder falar, devem ser ouvidos e respeitados, mas há um aluno que não ouve o professor, que não liga e, depois, interrompe toda a gente, atropela, fala na vez dos

outros. E, assim, não se consegue ter uma aula boa nem aprender: só porque um aluno não ouve o que o professor quer ensinar.

8. Quando nós constatamos isto, percebemos como é **importante ouvirmos Deus**, conhecermos os caminhos que Ele nos indica, vivermos de acordo com aquilo que Ele nos propõe... Deus não nos dá indicações para nos aborrecer, para nos controlar, ou para roubar a nossa liberdade; mas as indicações de Deus – **os seus mandamentos** – são propostas de amor, de grande cuidado e preocupação para com o ser humano, a criatura mais especial da sua Criação. São pedidos amorosos que Ele nos apresenta para nós podermos ser felizes, para nos podermos realiza plenamente. No ano passado, no Catecismo 4, aprendemos quais eram esses mandamentos: eram todos maneiras de amar a Deus e amar o próximo, porque é isso que é importante na vida das pessoas. É isso que Deus nos pede: que O amemos e que amemos o nosso próximo.

9. *O catequista, depois de verificar que todos compreenderam a narrativa apresentada, explica que na Bíblia existem muitas outras histórias que querem dizer, com palavras diferentes, a mesma coisa.*

Numa outra catequese mais ou menos da mesma época e que, na Bíblia, aparece logo a seguir, dizem-nos que, **quando os seres humanos deixam de ouvir as indicações de Deus e fazem aquilo que lhes apetece, acabam por fazer mal aos seus "irmãos"**, acabam por criar sofrimento e morte na vida de outros homens e mulheres.

10. Vamos conhecer essa outra história! *(O catequista motiva as crianças para a importância da narrativa que se segue) Vamos escutá-la porque nos ajuda a compreender melhor o problema do mal. (O catequista coloca no placar o **dístico "Gen 4,1-16"**, sob o dístico da leitura anterior e pede às crianças que encontrem, nas suas Bíblias, o texto indicado. Depois, sempre num ambiente de silêncio, lê o texto):*

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis:

Eva deu à luz Caim, e disse:

«Gerei um homem com o auxílio do Senhor».

Depois, deu também à luz Abel, irmão de Caim.

**Abel foi pastor, e Caim lavrador.
Ao fim de algum tempo,
Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra.
Por seu lado,
Abel ofereceu primogénitos do seu rebanho e as suas gorduras.
O Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta,
mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta.
Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido.
O Senhor disse a Caim:
«Porque estás zangado e de rosto abatido?
Se procederes bem,
certamente voltarás a erguer o rosto;
se procederes mal,
o pecado deitar-se-á à tua porta e andarás a espreitar-te.
Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti,
mas deves dominá-lo».**

Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: «Vamos ao campo».
**Porém, logo que chegaram ao campo,
Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o.**

**O Senhor disse a Caim:
«Onde está o teu irmão Abel?»
Caim respondeu:
«Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?»
O Senhor replicou:
«Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim.
De futuro, serás amaldiçoado pela terra, que, por causa de ti,
abriu a boca apara beber o sangue do teu irmão.
Quando a cultivares, não voltará a dar-te os seus frutos.
Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra».**

**Caim disse ao Senhor:
«A minha culpa é excessivamente grande para ser suportada.
Expulsas-me hoje desta terra;
obrigado a ocultar-me longe da tua face,
terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra,
e o primeiro a encontrar-me matar-me-á».**

**O Senhor respondeu:
«Não! Se alguém matar Caim, será castigado sete vezes mais».**
E o Senhor marcou-o com um sinal,

**a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar.
Caim afastou-se da presença do Senhor
e foi residir na região de Nod, ao oriente do Éden.**

- 11.** *Depois de escutado o texto, o catequista ajuda as crianças a interpretá-lo corretamente: Parece uma história um bocadinho estranha, não é, de há muito tempo ... Na verdade, vamos agora descobrir como é uma história de hoje e de sempre... Talvez nós conheçamos alguma situação semelhante... (o catequista vai orientando a interpretação que as crianças farão do texto através de perguntas sobre o mesmo).*

Quem é este "Abel"?

É um homem bom, que procura escutar Deus e de quem Deus gosta muito...

Quem é este "Caim"?

Caim representa aqui um homem interesseiro e egoísta, que tem ciúmes dos outros e que fica com inveja dos gestos bons dos outros... Quando Abel ofereceu os frutos da terra ele... muito bem! Foi logo oferecer o rebanho... e as suas gorduras! Mas Deus percebe a sua intenção e não fica... contente! O texto diz que «não olhou com agrado para Caim nem a sua oferta». Então Deus, vendo-o zangado por causa disso... falou com ele. E que lhe disse? Vejam lá as palavras tão interessantes que usa o autor do texto ... (*deixar as crianças pronunciarem-se; repetir a leitura:*) **"Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andarás a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo"**. Deus avisa Caim para ele se emendar, para evitar a tentação do mal...

Mas, como o autor nos diz, **"Caim" é o exemplo de um homem que não escuta as indicações de Deus** e que faz o que lhe interessa ou o que lhe apetece. E continua a sua vida, cada vez mais zangado e invejoso do irmão. **Quando alguém procede assim, acaba por magoar os outros, por ser injusto e violento**, por roubar aos outros homens e mulheres a possibilidade de serem felizes, por criar à sua volta sofrimento e morte... Caim, cheio de irritação e violência, descontrolado, fere o irmão, causa-lhe a morte.

- 12.** E, nesta história, **não foi só o homem bom – Abel – que sofreu, pois não?** O egoísmo, o orgulho, os gestos maus e violentos do Caim também lhe trouxeram a ele próprio, sofrimento e desespero... É verdade, quando fazemos coisas más, elas não atingem e magoam apenas as outras pessoas... Quase

sempre o mal que provocámos **também nos faz sofrer a nós**, também nos **rouba a nós a possibilidade de sermos felizes e de termos paz**. A esse sentimento, de ficar se paz por termos praticado o mal, chamamos culpa (o catequista coloca no placar o **dístico "culpa"** sob o dístico "mal").

13. *Nesta altura é muito importante clarificar as ideias das crianças sobre as questões do mal no mundo de hoje, fazendo memória de tudo o que se falou no início do encontro.*

De onde vem, então, muito do "mal" que nós encontramos no mundo?

De onde resulta muito do sofrimento que nós vemos acontecer à nossa volta? Já vamos chegar à resposta, conforme a fomos descobrindo: vem do facto de os homens e as mulheres não quererem seguir os caminhos que Deus indica, **não quererem escutar as propostas de Deus** (o catequista coloca o **dístico "não seguir as propostas de Deus"** do lado direito do dístico "mal").

14. *O catequista termina esta etapa do encontro sublinhando, com calma e precisão, os pontos a seguir enunciados, de modo que as crianças compreendam com clareza e empenho qual o modo de agir que se deve ter: conhecer a palavra de Deus, escutá-la e praticá-la.*

Agora, já percebemos ainda melhor porque é tão importante conhecer as palavras de Deus e esforçarmo-nos por construir a nossa vida de acordo com as indicações de Deus! (o catequista coloca o **dístico "escutar a Palavra de Deus"** no placar, de modo a cobrir os dísticos "mal", "culpa" e "não seguir as propostas de Deus"). Se escutarmos a Palavra de Deus, aquilo que Ele nos ensina, «apagamos» a nossa tendência para fazer mal, não o praticamos. De facto, se todos levássemos a sério os mandamentos de Deus, não haveria tanto mal, não existiria tanto sofrimento neste mundo. Se as palavras e propostas de Deus fossem escutadas e acolhidas por toda a gente, este mundo seria um lugar mais bonito e mais feliz, não é verdade? (deixar as crianças exprimirem-se).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista deve conduzir as crianças à consciência de que todos (elas também) somos responsáveis pelo mal, sempre que seguimos um caminho diferente do que Deus quer. Tudo acontece no dia a dia, onde nos encontramos.*

Pensai um pouco, cada um de vós, e eu também, na forma como viveu e se comportou nos últimos dias, em casa e na escola, no trabalho... Talvez tenhamos feito muitas coisas boas e belas mas, se calhar, também fizemos algumas coisas ou dissemos algumas palavras que magoaram os pais, ou fizeram sofrer os irmãos, ou os filhos ... ou deixaram tristes os colegas, ou aborreceram os professores... Se isso aconteceu, quer dizer que **não escutámos as indicações de Deus** e fizemos o que nos apeteceu, egoistamente, caprichosamente... E assim demos lugar a situações que trouxeram sofrimento, algum tipo de mal à nossa vida e à vida dessas pessoas que conviveram connosco.

2. Como é que nós podemos vencer esse mal?

Antes de mais, temos de sentir que o mal não é um caminho que nos leva à felicidade. O mal destrói-nos e faz-nos sofrer – a nós e a todas as pessoas à nossa volta.

Em segundo lugar, **precisamos de pedir perdão pelas nossas atitudes erradas**. Quando somos perdoados, sentimos uma grande paz e uma grande vontade de fazermos bem as coisas, de sermos melhores... **E Deus, que é um Pai cheio de bondade, de ternura e de amor, lá estará ao nosso lado, sempre disposto a perdoar-nos e a abraçar-nos.**

3. *O catequista começa, neste momento a preparar as crianças para o sentido da oração, que vai ler, pausadamente, para que as crianças possam entender com clareza as belas palavras do salmo: Uma das formas mais bonitas de escutamos a voz de Deus é pela oração. Com a oração, nós vamos-lhe dizendo as ideias que são importantes para nós e isso ajuda-nos a abrir o nosso coração àquilo que Ele tem para nos dizer.*

Há muitos séculos, um homem que tinha feito algumas coisas más, mas que estava arrependido e queria que Deus lhe perdoasse, rezava assim (**Sl 51,3-6a.9.11**):

Catequista:

**“Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.
Lava-me de toda a iniquidade;
purifica-me dos meus delitos.
Reconheço as minhas culpas
e tenho sempre diante de mim os meus pecados.**

**Contra ti pequei, só contra ti,
e fiz o mal diante dos teus olhos.
Purifica-me com o hissope¹ e ficarei puro,
lava-me e ficarei mais branco do que a neve.
Desvia o teu rosto dos meus pecados
e apaga todas as minhas culpas”.**

E, depois de pedir a Deus que lhe perdoasse as coisas más que tinha feito, o mesmo homem continuava (SI 51,12-14):

**“Cria em mim, ó Deus, um coração puro;
renova e dá firmeza ao meu espírito.
Não me afastes da tua presença,
nem me prives do teu santo espírito!
Dá-me de novo a alegria da tua salvação
e sustenta-me com um espírito generoso”.**

4. O catequista continua: Ou seja: este homem sentia a **necessidade de pedir perdão** a Deus pelas suas faltas; mas também **sabia que era frágil** e que, mais cedo ou mais tarde, poderia voltar a afastar-se de Deus e a fazer coisas erradas... Por isso, **pedia a Deus que lhe mudasse o coração** ou, ainda melhor, que lhe desse um coração novo e melhor, mais capaz de amar Deus e as outras pessoas, que lhe desse força, **que lhe desse um espírito generoso e bom, para poder escutar as indicações de Deus** e para evitar o mal.

5. Agora, vamos nós, também, preparar o nosso coração e a nossa inteligência para rezarmos muito bem. *(O catequista distribui pelas crianças uma parte de uma grande folha de papel, anteriormente recortada como um puzzle em tantas frações quantos somarem as crianças e o próprio catequista, assim como uma caneta ou lápis; em cada fração, que não deve ultrapassar o tamanho 10x7 cm, está inscrito um versículo do salmo anteriormente lido e o versículo final, que se regista em todas as frações de papel, conforme o Documento 1, podendo haver, se necessário, crianças que recebem o mesmo versículo.)* **Vamos fazer assim:**

¹ Hissope: instrumento de metal ou de madeira com que se asperge a água benta.

Vamos começar por ensaiar o cântico que vamos cantar durante a nossa oração:

"Perdoa, Senhor, o nosso dia".

Depois de ensaiar as crianças, o catequista prossegue: Cada um para si, em silêncio, vai ler com muita atenção o primeiro versículo do salmo que está escrito na nossa folha. Depois, vai escrever, para Deus, o seu próprio versículo, aquilo que quer dizer-lhe, depois da nossa reflexão de hoje.

Cada criança é desafiada a escrever a sua oração e ajudada, se necessário. Depois de todos terminarem, em ambiente de oração - se for oportuno pode utilizar-se música - todos são convidados a partilhar da seguinte maneira: Agora, sentamo-nos todos em redor da mesa que tem a nossa Bíblia. Eu vou começar, para verem como devem fazer.

O catequista levanta-se, lê a sua oração – versículo do salmo, o versículo que escreveu e o versículo final do salmo – e coloca no chão, entre a mesa e as crianças, a sua peça do puzzle. Convida cada uma das crianças a fazer o mesmo e a colocar a sua peça do puzzle no conjunto das orações feitas. Termina-se com o cântico:

"Perdoa, Senhor, o nosso dia".

6. Quando todo o puzzle estiver completo, o catequista sublinha:

Com esta nossa oração, com as palavras do salmo e as nossas palavras, pedimos desculpa a Deus pelas coisas erradas que fizemos e por não termos sabido escutar as indicações que Deus nos deu. Fizemo-lo em conjunto porque o erro que mais cometemos é o de não sabermos amar o próximo e, assim, pela nossa união, aqui representada pelo grande puzzle que fizemos, nos recordámos que devemos amar a Deus e ao nosso próximo, também aqui na catequese, no nosso grupo de catequese: devemos ser unidos e muito amigos uns dos outros.

Se possível, o catequista fotografa o puzzle para, depois, enviar às crianças, por e-mail, a respetiva foto, fazendo dela o símbolo de unidade deste grupo. Também pode usar a(s) fotografia(s) na reunião de pais deste grupo da catequese, apresentando-as aos pais num power-point ou oferecendo-as impressas.

7. Compromisso: Durante esta semana vamos pedir a Deus que mude o nosso coração, para termos sempre a força e a generosidade de escolher o bem e de fazer o bem. Para isso:

- Vamos colar a oração que escrevemos na nossa **Barra Cronológica** e comprometer-nos a rezá-la todos os dias;
- Vamos fazer um grande esforço para, durante a semana, ajudarmos uma pessoa a ser feliz e depois, antes de voltarmos à catequese, vamos escrever junto da oração quem é essa pessoa e o que é que nós fizemos para a ajudar, para sentirmos no nosso coração «**a alegria da salvação**» (na página 24 do catecismo).
- Se tiver fotografado o puzzle enquanto ainda esteve montado, ou através da troca de mensagens de e-mail ou sms com as crianças, o catequista reconstrói a oração composta pelos versículos do salmo e os versículos escritos pelo grupo e envia para todos ou prepara um cartão de 10x15 cm para oferecer a cada uma das crianças na próxima catequese; um outro exemplar pode ser oferecido ou enviado às famílias e a alguns membros da comunidade paroquial que as crianças conhecem e, se as crianças estiverem de acordo, às pessoas que elas pretendem ajudar a ser felizes.

Antes de saírem, canta-se de novo:

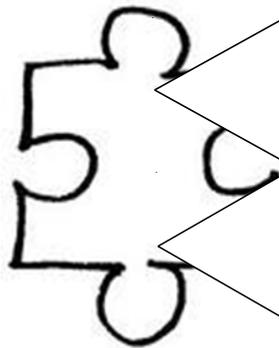
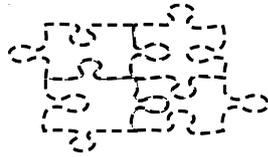
"Perdoa, Senhor, o nosso dia".

Para guardar na memória e no coração

São as propostas de Deus que nos ajudam a evitar o mal e nos indicam caminhos de Vida e de felicidade. Por isso, cada um deve conhecer "as palavras" de Deus que nos ensinam os caminhos "bons" que Deus nos aponta.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1



“Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.”

**“Dá-me de novo a alegria da tua salvação
e sustenta-me com um espírito generoso”.**

“Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.”

“Lava-me de toda a iniquidade;
purifica-me dos meus delitos.”

“Reconheço as minhas culpas
e tenho sempre diante de mim os meus pecados.”

“Contra ti pequei, só contra ti,
e fiz o mal diante dos teus olhos.”

“Desvia o teu rosto dos meus pecados
e apaga todas as minhas culpas”.

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro;
renova e dá firmeza ao meu espírito.”

**“Dá-me de novo a alegria da tua salvação
e sustenta-me com um espírito generoso”.**

Deus chama-nos a fazer parte do seu Povo

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A história da salvação é história de comunhão

Já sabemos que, na perspectiva do projeto de Deus, os seres humanos não foram criados para viverem isolados... Eles foram criados para a comunhão, para o diálogo, para a partilha, para o amor... O isolamento fecha-nos numa dinâmica de egoísmo estéril e vazio; a comunhão abre-nos à riqueza da partilha, coloca-nos desafios que nos ajudam a crescer, faz desabrochar em nós um dinamismo que nos conduz ao encontro da nossa plena realização. A vocação dos seres humanos – essa vocação inscrita e gravada por Deus no coração de cada homem e de cada mulher – é uma vocação de comunhão. Tendo isto presente, compreendemos que a história da salvação – essa história da intervenção salvadora e libertadora de Deus no caminho dos seres humanos – não podia desenhar-se senão num cenário “comunitário”, onde a descoberta do rosto de Deus pudesse ser continuamente enriquecida e temperada pela partilha de experiências e de perspectivas que a comunidade possibilita... Por isso, a história da salvação vai concretizar-se como história de um Povo que caminha em conjunto, que em conjunto se interroga e se questiona, que em conjunto enfrenta o desafio de procurar o rosto de Deus. Trata-se, certamente, de uma história que inclui todos os povos, que envolve todos os homens e mulheres de todas as raças e de todos os tempos... Não tem como destinatário um grupo específico, em detrimento dos outros; não privilegia uma comunidade em prejuízo de outras... O plano de Deus abraça a humanidade inteira: todos os homens e mulheres têm origem em Deus; a todos Deus oferece essa “casa” comum, boa para habitar; a todos Deus convida para integrar a sua “família”; a todos Deus indica caminhos de Vida, de felicidade, de realização plena, pois todos, sem exceção, são seus filhos

e filhas... Contudo, é convicção dos catequistas bíblicos que, num determinado momento da história, a pedagogia de Deus levou-o a escolher um Povo particular, uma determinada comunidade humana, para aí centrar essa revelação que Ele queria depois oferecer à humanidade inteira. Não se tratou de um privilégio atribuído por Deus a um Povo especial; mas tratou-se de um método – o método que Deus elegeu – para entrar na história humana e para caminhar, na história, com os homens... Ele apareceu no caminho histórico de um determinado grupo humano, revelou-lhe o seu rosto, deu-lhe a conhecer as suas propostas, para a partir desse Povo chegar aos homens e mulheres de toda a terra. Essa comunidade humana a quem foi entregue o tesouro da revelação de Deus e a quem foi confiada a missão de testemunhar diante de todos os povos da terra, é o Povo de Israel.

2. A relação especial de Deus com o povo de Israel

Desde muito cedo, Israel teve a oportunidade de entrever o “rosto” de Deus e de estabelecer com Deus uma relação especial. Ao olhar para os textos bíblicos, podemos perceber que este Povo toma definitivamente consciência da presença de Deus na sua história quando é confrontado com a dramática experiência da escravidão, no Egito. Nessa altura, Israel ainda não é uma nação, mas um grupo de tribos dispersas, com algum parentesco étnico, mas sem uma consciência forte de identidade. Humilhadas e tiranizadas pelos seus opressores egípcios, condenadas à morte, aparentemente sem futuro e sem saída, essas tribos nómadas descobriram que Deus – a quem chamaram Jahwéh – estava apostado em libertá-las e salvá-las... E, de facto, contra toda a lógica humana, os escravos hebreus conseguiram iludir uma noite os seus carcereiros e partir ao encontro da liberdade. Ao longo do caminho, esse grupo humano pôde fazer uma forte experiência da presença de Deus – um Deus que lhes dava alimento e vida, que lhes indicava os caminhos a percorrer, que não os deixava soçobrar nas mãos dos inimigos. Convidado a estabelecer com Deus uma relação de comunhão – ou, como eles diziam, de “aliança” – este povo aceitou esse convite e comprometeu-se a caminhar sempre pelos caminhos de Deus. Assim nasceu um Povo que se intitulava “o Povo de Deus”.

O que é que distinguia esta comunidade humana de tantas outras comunidades humanas que, na mesma época e nos mesmos cenários, caminhavam pela história? Israel era um Povo como os outros, ligado por laços étnicos, culturais ou políticos?

Existia, naturalmente, uma certa proximidade étnica entre essas diversas famílias de nómadas que fizeram no Egito uma experiência de escravidão e

que, com Moisés, fugiram para a liberdade; mas, na história do Povo bíblico, não foi o fator étnico o elemento decisivo no aparecimento de uma consciência nacional. O “cimento” que juntou e ligou estas tribos dispersas foi a extraordinária experiência da libertação e o encontro com o Deus libertador e salvador. Tratou-se de uma experiência tão marcante, tão aglutinadora, tão decisiva, que Israel passou a identificar-se como “o Povo que Deus libertou e salvou”. A comunidade israelita nasceu a partir daqui: construiu-se à volta de Deus, dispôs-se à volta de Deus e não se via a caminhar na história em direção ao futuro sem Deus. Enquanto os outros povos estavam ligados por laços étnicos e culturais, Israel privilegiava, como fator potenciador da sua identidade, a mesma experiência de fé, o mesmo Deus.

A catequese de Israel vai, mais tarde, cristalizar esta consciência de que são um povo “à parte” no meio dos outros povos da terra, falando da eleição e da vocação de Israel... Se Israel existe – dizem os seus catequistas – é porque Deus o escolheu “para ser um Povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra” (Dt 7,6; cf. Is 41,8) e o chamou (cf. Is 48,12). Essa escolha e esse chamamento não vieram do facto de Israel ser um povo forte, numeroso ou cheio de méritos (cf. Dt 7,7; 8,17; 9,4); mas foi o resultado de um amor sem explicação, que ultrapassa a simples lógica humana (cf. Dt 7,8; Os 11,1). Por isso, Deus distinguiu Israel no meio dos outros povos, libertou-o e salvou-o (cf. Dt 6,12; 7,8; 8,14; 9,26). De certo modo, Deus “criou” este Povo, formou-o como uma criança no seio da mãe (cf. Is 44,2.24). Assim, Israel passou a considerar-se o “Povo de Deus”, o Povo criado por Deus, o Povo que pertence a Deus e que caminha com Deus, o Povo que tem como missão testemunhar Deus diante de todos os outros povos. Utilizando imagens fortes e sugestivas para definir esta realidade, os catequistas bíblicos vão dizer que Israel é o povo santo, consagrado a Jahwéh, posto “à parte” para Ele (Dt 7,6; 14,2), a sua herança (Dt 9,26), o seu rebanho (Sal 80,2; 94,7), a sua vinha (Is 5,1; Sal 80,9), o seu filho (Ex 4,22; Os 11,1), a sua esposa (Os 2,4; Jer 2,2; Ez 16,8). Mais: Israel é definido como um povo de sacerdotes (Ex 19,6), no qual Deus reina sobre súbditos consagrados ao seu serviço. A função deste “povo sacerdotal” é ser, no meio das outras nações, a testemunha do Deus único (cf. Is 44,8), o povo mediador pelo qual se reatará a comunhão entre Deus e o conjunto da humanidade, de modo que se eleve a Deus o louvor da terra inteira (Is 45,14s.23s) e todas as nações participem da bênção de Deus (Gen 12,3; Jer 4,2). Israel aparece, assim, como uma comunidade (‘edah), uma assembleia (qahal) reunida à volta de Deus para lhe prestar culto. Em grego, dir-se-á que Israel é uma “synagogê” ou uma “ekklesia”, o que nos coloca no mesmo âmbito.

3. As respostas de Israel ao chamamento de Deus

Contudo, apesar de se definir como o "Povo de Deus", nem sempre Israel soube lidar bem com esta missão a que Deus o chamou. Depois de instalado na Terra Prometida, Israel terá a tendência de se acomodar e sentirá a tentação de imitar os outros povos que o rodeiam. Em certos momentos da sua história, Israel irá abandonar Jahwéh e as suas indicações e irá atrás de outras propostas de felicidade, pensando que assim poderia construir um futuro "mais moderno" e mais livre. Esquecerá, então, a sua especificidade como "Povo de Deus", chamado por Deus e consagrado a Deus.

Por outro lado, Israel não conseguirá ignorar a tentação de se construir à volta das estruturas temporais de uma nação particular e, em certos momentos da sua caminhada, irá insistir na sua condição de nação construída à volta de instituições concretas, de leis concretas e de uma história nacional. Acentuar-se-á uma perspetiva nacionalista, em detrimento da perspetiva universalista que é a sua vocação inicial. Ora, essa perspetiva nacionalista corria o risco de obrigar a proposta salvadora de Deus a ficar refém de um povo específico, o que contrariava o projeto de Deus... Seria, portanto, necessário que essa perspetiva fosse ultrapassada.

Por isso, os profetas de Israel anunciaram o aparecimento, no futuro, de um novo Povo de Deus, um Povo perfeito e universal, cujo esboço e gérmen era o antigo Israel, mas que iria bem além das fronteiras físicas e nacionais de Israel. Seria, na perspetiva profética, um Povo que teria uma nova lei, inscrita nos corações e não em tábuas de pedra, exteriores ao homem (cf. Jer 31,33; Ez 36,27); seria um Povo universal, onde caberiam pessoas de todas as raças e culturas, sem qualquer exceção.

O **novo Povo de Deus**, anunciado pelos profetas, começa com Jesus Cristo. Ele, o Deus que veio ao mundo e que "construiu a sua tenda no meio de nós" (Jo 1,14), tinha como objetivo apresentar-nos uma proposta de vida e de salvação destinada a todos os homens e mulheres, de todas as raças e culturas, sem qualquer exceção. Foi essa proposta que os seus discípulos levaram a toda a terra, ignorando as fronteiras e barreiras que dividiam os povos e as nações. A partir de então, o que é decisivo não é a raça, nem a cultura, nem o ter nascido dentro de determinadas fronteiras físicas, mas o acolhimento da proposta de Jesus, do seu "evangelho". O novo Povo de Deus é constituído por todos aqueles que escutam a Palavra de Jesus e que aceitam o convite para O seguir nesse caminho de amor radical, de entrega total, de serviço simples e humilde a Deus e aos irmãos. Dessa "resposta" positiva à proposta que Deus apresenta em Jesus Cristo, nasce uma

“comunidade de salvação”, uma “Igreja” (do grego “ekklesia”), uma família de irmãos e de irmãs que têm como missão ser sinal e anúncio da salvação de Deus no meio do mundo. Essa comunidade vive no tempo e peregrina na história; mas caminha para Deus e anuncia esse novo céu e essa nova terra que Deus quer oferecer a todos os seus filhos e filhas. É esse mesmo caminho que o catequista experimenta e propõe na catequese.

OBJETIVOS

- Descobrir que o projeto salvador de Deus é um projeto vivido em comunidade.
- Descobrir uma realidade que se chama “o Povo de Deus”: uma comunidade de pessoas, sem fronteiras de raça ou de cultura, que escutam o chamamento de Deus e que querem viver as suas propostas e desafios pois sabem que é nesse caminho que encontrarão a vida, a felicidade, a plena realização.
- Experimentar, com vontade e com gosto, o que é integrar a comunidade do Povo de Deus, partilhando com outros irmãos e irmãs o percurso ao encontro de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** O catequista deve, em função do conhecimento do grupo, ter uma especial atenção na escolha da alternativa da Experiência Humana, sabendo que há grupos mais motivados para tarefas em sala e outros para jogos exteriores.
- 2.** Nesta catequese vão ser proclamados vários textos bíblicos, oferecendo às crianças uma «viagem» no tempo que marca e que mostra a relação que Deus vai propondo ao seu Povo. Esta leitura deve ser feita cuidadosamente, compreendendo o catequista que é demorada e, de algum modo, mais complexa, mas o acréscimo de trabalho não deve retirar nada da solenidade e respeito com que, na catequese, se deve escutar a Palavra de Deus. O catequista pode optar por os ler ou por ir convidando as crianças a fazê-lo, mas tendo o cuidado de assegurar que o leitor as proclamará de pé e de forma clara. Como se trata de um conjunto de textos, o catequista deve colocar marcadores na sua Bíblia e segurá-la para o leitor, de modo a facilitar a leitura deste, evitando grandes interrupções entre textos. Também necessita de dar tempo suficiente às crianças para encontrarem nas suas Bíblias os mesmos, afixando no placar a respetiva referência. O Evangelho será proclamado com uma leitura dialogada.
- 3.** Para a Expressão de Fé propõe-se uma breve encenação do cântico “**Também sou teu Povo, Senhor**”, mostrando e fazendo experimentar às crianças

como é relevante nas suas vidas fazer parte do Povo de Deus, ser batizado. Mas, importa que o catequista perceba o ambiente geral do grupo nesse momento e, se necessário, para criar espaço de silêncio e recolhimento, deve escolher fazê-la de forma mais pausada, sem encenação e usando um cântico de melodia propícia ao recolhimento.

MATERIAIS

1ª alternativa da Experiência Humana:

- Cópia do documento para entregar às crianças;
- Corda longa;

2ª alternativa da Experiência Humana:

- Três lenços para vendar os olhos, outros três para tapar as bocas e três cachecóis ou cordas curtas para prender as pernas;
- Três cestos ou tabuleiros contendo, cada um, objetos bonitos (por exemplo, pequenas velas coloridas) ou alguns doces, sempre que a soma de todos os objetos seja igual ao número de crianças do grupo e mais o catequista;
- Dísticos: "Ex 19,5-6", "Jer 7,23", "Is 41,8-10", "Lc 14, 16-23";
- Túnicas para as crianças que vão representar o povo de Deus durante a oração.

MÚSICAS

- "Também sou teu Povo, Senhor."

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** está vazio.
- Sobre a **mesa** está a Bíblia, preparada com os marcadores de papel que sinalizam as várias leituras que irão ser feitas.
- Junto do catequista estão os materiais adequados à alternativa da Experiência Humana escolhida.

I . EXPERIÊNCIA HUMANA

Eis que nos encontramos de novo. **Como foi a vossa semana? Lembraram-se do que falámos no nosso último encontro? Pediram a Deus para mudar os vossos corações, para terem a força e a generosidade de escolher**

sempre o bem e de fazerem sempre o bem? Pois é, sabem que sozinhos nem sempre conseguimos ter a força necessária para seguir em frente com as propostas de Deus. Facilmente nos deixamos distrair com o que nos rodeia e esquecemos que Ele nos chama continuamente e que quer estar ao nosso lado. **Será que vamos ultrapassar as dificuldades para responder com um “sim” a Deus? Como vamos conseguir?**

1ª

Alternativa

1. *Caso o grupo de catequese já tenha alguma vez feito um passeio em conjunto, essa experiência pode servir de base à proposta de partilha dois a dois que o catequista vai apresentar nesta alternativa.*

Com certeza que se lembram de algum passeio em grupo que tenham feito. Vamos partilhar a bela experiência que tivemos. Fazemos essa partilha de uma forma muito simples... Agora vão escutar, depois começamos quando eu disser: Cada um vai, agora, virar-se para o amigo que está ao seu lado direito, ... muito bem! Para partilhar vão contar um ao outro sobre o passeio: com quem foram; o que foi que se passou no passeio; como se sentiram; e, mais importante, qual foi o melhor momento desse passeio. Para vos ajudar aqui está uma folha com algumas perguntas.

O catequista distribui cópias do documento 1 a cada par e indica: Agora, podem começar a trabalhar, mas sem fazerem muito barulho. O catequista dá alguns minutos para que cada pequeno grupo possa exprimir e falar sobre a experiência vivida e depois continua:

Já partilharam uns com os outros? Querem dizer a todos o que descobriram? Vamos começar aqui por este grupo: N..., qual foi melhor momento vivido no vosso passeio? *O catequista prossegue, até ter escutado todas as crianças. O catequista pode, após a partilha das crianças, fala também de alguma experiência pessoal significativa para partilhar com as crianças, ou segue expondo a vivência seguinte:*

Tenho um amigo que há algumas semanas, num sábado, foi, com um grupo de amigos, fazer uma caminhada na zona do Cabo Espichel. O grupo – eram cerca de 30 pessoas, de várias idades – andou perto de 15 quilómetros,

sempre junto do mar. Foi uma caminhada cansativa, que durou várias horas, mas muito bonita. À frente ia o Zé Manel, que conhece bem aquela zona e que dizia por onde é que se devia ir. Ele também avisava sobre os perigos e as dificuldades que se ía encontrar e fazia reparar em certos pormenores da paisagem que, de outra forma, nos passariam despercebidos.

No grupo havia pessoas de diversas áreas de formação, e cada uma delas procurava ajudar os outros a perceber algumas das coisas que se íam vendo... O Diogo estava sempre a chamar a atenção para as rochas que apareciam e explicava a sua formação; a Leonor, que gosta de observar as migrações das aves, dava explicações sobre as aves que se viam a voar; a Margarida, que se interessa por biologia vegetal, falava das plantas e das árvores que se íam encontrando no caminho; a Madalena, que estuda Entomologia (estudo dos insetos), estava sempre a parar e a chamar à atenção para alguns insetos estanhos que iam aparecendo (e dos quais alguns até tinham medo) ... Assim, foi uma caminhada muito instrutiva, durante a qual todos aprenderam coisas muito interessantes.

No grupo havia algumas crianças pequenas que, a partir de uma certa altura, começaram a ficar cansadas... No entanto, os mais crescidos pegaram nos mais novos ao colo ou às cavalitas e assim, com essas ajudas, todos puderam continuar. Houve uma altura em que se teve que atravessar uma extensão de água... Alguns tiveram medo de escorregar e cair; mas os mais desenvoltos deram as mãos aos que estavam com maiores dificuldades e ninguém molhou os pés... Conversando e rindo uns com os outros, nem pensavam no cansaço nem na fome...

Foi um passeio muito instrutivo e muito alegre... De entre as muitas coisas que se descobriu, nesse dia, a mais importante foi que, **quando se caminha com os outros, tudo é mais alegre e mais fácil**. Podemos ajudar-nos quando estamos cansados e desanimados, podemos trocar informações e aprender uns com os outros; podemos sentir, ao nosso lado, os nossos amigos a incentivar-nos e a ajudar-nos a caminhar.

2ª

Alternativa

1. Para grupos com doze ou mais crianças.

Para esta alternativa o catequista deve procurar um espaço amplo ou mesmo uma zona no exterior, de modo a que o grupo se possa movimentar mais livremente.

O catequista explica: Vamos fazer agora um jogo. Não é complicado, mas têm de estar atentos para perceber bem como se ele se desenrola. Começamos por fazer três grupos de três. *Rapidamente o catequista forma grupos de três crianças.*

Agora, cada um destes subgrupos vai ter um elemento que não vê, outro que não pode falar e outro que não pode caminhar. *O catequista dá algum tempo às crianças para se organizarem, garantindo que em cada grupo se distribuem os papéis como é necessário à realização da atividade. Se o catequista prevê que o grupo de crianças se mostre desorganizado, para poupar tempo e o centrar rapidamente na atividade, distribui a cada elemento de cada grupo uma folhinha de papel de cor em que as folhas verdes indicam que a criança que não pode ver, as folhas vermelhas a criança que não pode falar e as amarelas a criança que não pode andar.*

Já verificaram/escolheram o que vai ser cada um?

Aqui estão lenços para vendarem os olhos do que não pode ver; estas cordas (ou cachecóis) para atarem as duas pernas, bem juntas, ao que não pode caminhar e um lenço para a boca daqueles que não podem falar.

O catequista coloca os subgrupos dentro de uma corda grande que outras três crianças devem manter esticada em forma de triângulo, ou seja, cada subgrupo fica numa direção diferente. As crianças de cada subgrupo devem estar sempre em contacto físico.

Agora que cada subgrupo está pronto e no seu lugar, é preciso todos darem muita atenção, pois vou explicar como se vai jogar. Toda a gente tem de estar em silêncio.

O catequista pega nos três cestos, para em frente a cada subgrupo e diz: "Olhem todos, este é o vosso objetivo" e coloca o objeto que mostrou na frente do grupo, mas longe das crianças, de modo a que tenham de se deslocar até ele. Faz assim com todos os três subgrupos, repetindo sempre a mesma frase e distribuindo os três cestos. Quando estiver tudo disposto, diz aos catequizandos participantes nos subgrupos que, quando der o sinal, deverão alcançar os seus objetivos, mas só terminam quando todo o subgrupo estiver junto do seu objetivo.

E agora: um, dois, três, alcancem o vosso objetivo.

Se o grupo de crianças for muito grande pode ser feita ainda uma nova volta com outros três subgrupos.

Depois de todas as crianças terminarem o jogo, retiram, com ordem, as cordas e lenços e voltam aos seus lugares. O catequista pede a uma criança de cada grupo que distribua os «prêmios» que os grupos alcançaram e prossegue:

O que é que acharam deste jogo? O que é que foi mais difícil? O que é que foi mais engraçado? *(dar oportunidade às crianças de se exprimirem).* Certamente que quem não podia ver não sabia onde estava o objetivo. **Como é que lá chegou?** E o que não podia andar livremente também teve de ser engenhoso. **O que é que sentiram?**

2. Para as duas alternativas:

Reforçando a ideia de que a cooperação entre os membros de um grupo facilita a possibilidade de se alcançar um objetivo difícil:

Repararam que quando estamos em grupo conseguimos muito mais do que quando estamos sozinhos? Porque será? *(dar oportunidade às crianças de se exprimirem)* É isso mesmo: cada um de nós é diferente, cheio de talentos e riqueza para partilhar. Também temos as nossas fragilidades – como ter as pernas atadas ou os olhos tapados! Precisamos de ... de ajuda! Isso mesmo! Cada grupo, com a participação de todos, com a ajuda e talento de todos, fica cheio, mais forte e até podemos afirmar que “o todo é maior do que a soma das partes”. Cada um ao participar com os seus dons, enriquece e torna mais vivo e belo o grupo.

Sim, caminhar em grupo torna tudo mais fácil e mais bonito do que caminhar sozinho. Esta pequena experiência que ouvimos/vivemos agora aqui, na catequese, é uma experiência comum nas nossas vidas e nas vidas das pessoas, em geral. Mas, por vezes, também faz parte de uma experiência mais importante e mais grandiosa. Para aprendermos sobre isso, vamos preparar-nos para escutar a Palavra de Deus e descobrir uma grande viagem, feita em grupo, e que é nada mais, nada menos, do que a caminhada da humanidade...

II - PALAVRA

1. A caminhada da humanidade

Há muitos séculos, a humanidade começou uma caminhada especial... Uma caminhada que, de acordo com o projeto de Deus, devia conduzir-nos ao encontro da vida e da felicidade sem fim. Deus tem estado sempre presente nessa caminhada, mostrando-nos os caminhos a percorrer, dizendo-nos como é que nós podemos encontrar essa Vida e essa felicidade que procuramos. É

Ele que nos chama a fazer essa caminhada; é Ele o nosso guia, o nosso Pastor, aquele que conduz os homens e as mulheres pelos difíceis caminhos da vida.

2. O que Deus queria

Deus queria, no entanto, que essa caminhada não fosse feita por cada pessoa, individualmente. **Sabem porquê?** É que o isolamento torna muito mais difícil e cansativo o caminho. Quando partilhamos com outras pessoas as dificuldades da caminhada, tudo se torna mais fácil e mais bonito... Também porque, quando estamos sozinhos muito tempo, acabamos por ficar tristes... sentimos a falta das outras pessoas! E há imensas coisas que não podemos fazer sozinhos... *(deixar as crianças dar exemplos de coisas que não se pode fazer sozinho mas sem se desconcentrarem).*

O que acontece quando estamos em grupo? Em grupo, ajudamo-nos uns aos outros; em grupo, dialogamos e encontramos mais facilmente o caminho certo; em grupo, aprendemos mais sobre as coisas que nos vão aparecendo; em grupo, temos mais coragem e mais força para enfrentar e vencer as dificuldades que o caminho apresenta...

É por tudo isto que Deus, que queria propor um caminho – o caminho da felicidade – a cada pessoa, convidou um grupo humano – um Povo – a fazer com Ele essa caminhada. **Sabeis que Povo foi esse?** Foi o Povo de Israel.

3. A caminhada do Povo de Deus

Nós hoje vamos acompanhar um pouco essa viagem... vamos contar a história dessa viagem, recorrendo a autores bíblicos diversos, que a foram registando para nós. Começamos assim:

Há mais de 3.000 anos, junto de uma montanha da península do Sinai onde os israelitas acamparam, Deus pediu a Moisés que lhes transmitisse uma mensagem, que está registada no Livro do Êxodo. É um texto que já conhecem da catequese 20 do ano passado, mas *(o catequista afixa o **dístico "Ex 19,5-6"** no placar e prossegue)* é tão importante que vou ler-vos (ou que vou pedir a N... para nos ler):

Catequista/criança:

"Se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque minha é a terra inteira.

Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa".

Vocês já sabem o que é uma aliança! No catecismo 4 aprenderam que é uma promessa que as pessoas fazem umas às outras de ficarem juntas e de se cuidarem mutuamente. Por exemplo, os casais usam os anéis a que chamamos alianças para se recordarem de cumprir essa promessa de cuidado e companhia, que fizeram no dia do seu casamento.

Uma aliança é algo tão relevante, tão essencial, na relação entre as pessoas que, depois, alguns séculos mais tarde - por volta 600 a.C.- e pela voz do profeta Jeremias, Deus voltou a dirigir-se a Israel (*o catequista afixa o **dístico "Jer 7,23"** no placar e prossegue:*) Já sabem, também, que os profetas são pessoas escolhidas por Deus para falar por Ele. Vamos escutar com muita atenção o que o profeta Jeremias disse:

Catequista/criança:

"Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo; Segui sempre o caminho que vos indico, a fim de que sejais felizes".

E, ainda mais tarde (por volta de 550 a. C.), Deus voltava a explicar ao Povo que o tinha escolhido, desta vez, por intermédio de outro profeta, que já escutaram muitas vezes (*o catequista afixa o **dístico "Is 41,8-10"** no placar e prossegue:*), o profeta Isaías:

Catequista/criança:

**"Quanto a ti, Israel, meu servo, Jacob, meu eleito,
linhagem de Abraão, meu amigo,
fui buscar-te aos confins da terra,
chamei-te das regiões remotas.
Eu disse-te: «tu é que és o meu servo.
Foi a ti que eu escolhi e não te rejeitarei.
Nada temas, porque Eu estou contigo;
não te angusties, porque eu sou o teu Deus.
Eu fortaleço-te e auxílio-te
e amparo-te com a minha mão direita e vitoriosa"**

Sabem como se veio a chamar esse Povo? Chamaram-lhe "Povo de Deus"... **Percebem porquê, não é?** Era o Povo que Deus escolheu e chamou; era o Povo que aceitou percorrer os caminhos da história segundo as indicações de Deus; era o Povo que aceitou estabelecer laços de comunhão com Deus, fazer com Ele uma Aliança.

4. Porque é que Deus escolheu um Povo para caminhar com Ele? Porque

Deus só gostava desse Povo e não queria saber dos outros? Não, claro que não. Deus ama todos os homens e mulheres da mesma maneira e quer que todos encontrem a Vida e a felicidade. Mas Deus começou a caminhar com um Povo porque assim era mais fácil mostrar ao mundo inteiro o projeto de Vida e de felicidade que Ele tinha para todos os homens e mulheres... Os outros povos, vendo o "Povo de Deus" a caminhar, iriam perceber como essa caminhada era bonita; iriam sentir vontade de se integrar nesse grupo, de escutar Deus e as suas indicações e de caminhar pela história ao ritmo de Deus.

5. Jesus Cristo veio revelar como se pode pertencer ao Povo de Deus.

Alguns séculos mais tarde o Filho de Deus – Jesus Cristo – veio ao mundo dizer-nos que todos podiam fazer parte desse Povo que caminhava com Deus, desse "Povo de Deus". Para Deus, não havia estrangeiros ou marginais, não havia gente má ou indigna... Em cada homem e em cada mulher Deus via um filho muito amado, e a todos Deus convidava a integrar a sua "família", o seu Povo. O que era necessário era que escutassem as indicações de Deus e aceitassem percorrer os caminhos que Deus indicava.

E assim, como ficou o "Povo de Deus"? Passou a ser uma imensa multidão de homens e mulheres de todas as raças e culturas, que seguem os caminhos que Deus aponta, que aceitam as orientações e as propostas de Deus, que querem integrar a família de Deus. Nós, hoje, fazemos parte desse Povo. Um dia, Jesus contou uma "parábola" para mostrar que todos os homens e mulheres têm lugar no Povo de Deus... *o catequista afixa o **dístico "Lc 14, 16-23"** no placar e prossegue.* Usou, na história que contou, a imagem de um banquete, de uma festa... E disse que só os que não aceitam o convite de Deus é que não têm lugar nessa "festa"... Todos os outros, mesmo aqueles que ninguém se lembraria de convidar – os pobres, os miseráveis, os marginais – podem, se o quiserem, sentar-se à mesa de Deus e integrar o Povo de Deus.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista/criança (narrador):

“Disse-lhes Jesus:

«Certo homem ia dar um grande banquete e fez muitos convites.

À hora do banquete, mandou o seu servo dizer aos convidados:

Criança (servo):

“Vinde, já está tudo pronto”.

Catequista/criança (narrador):

Mas todos, unanimemente, começaram a esquivar-se.

O primeiro disse:

Criança (primeiro convidado):

“Comprei um terreno e preciso de ir vê-lo;

peço-te que me dispenses”.

Catequista/criança (narrador):

Outro disse:

Criança (segundo convidado):

“Comprei cinco juntas de bois e tenho de ir experimentá-las;

peço-te que me dispenses”.

Catequista/criança (narrador):

E outro disse:

Criança (terceiro convidado):

“Casei-me e, por isso, não posso ir”.

Catequista/criança (narrador):

O servo regressou e comunicou isto ao senhor.

Então, o dono da casa, irritado, disse ao servo:

Criança (dono da casa):

“Sai imediatamente às praças e às ruas da cidade

e traz para aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos”.

Catequista/criança (narrador):

O servo voltou e disse-lhe:

Criança (servo):

“Senhor, está feito o que determinaste, e ainda há lugar”.

Catequista/criança (narrador):

E o senhor disse ao servo:

Criança (dono da casa):

“Sai pelos caminhos e azinhagas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia”.»

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

O catequista prossegue: No “Povo de Deus” que caminha pelo mundo há pessoas muito diferentes... Todos nós, e nós somos muito diferentes uns dos outros, não é? Mas todos fazemos parte de uma mesma comunidade. **O que devemos fazer para fazer parte desta comunidade?** Ser como irmãos e irmãs, sermos uma única família.

Nesta comunidade do “Povo de Deus” todos se ajudam uns aos outros, na caminhada; falam uns com os outros e partilham as suas experiências e as suas descobertas; ajudam-se mutuamente a perceber aquilo que vão encontrando no caminho; dão a mão uns aos outros quando alguém está cansado e desanimado e já não consegue andar sozinho; reúnem-se para louvar a Deus, para escutar as palavras de Deus e para receber de Deus o pão que alimenta na caminhada. Assim, ajudando-se e animando-se uns aos outros, todos podem continuar a caminhar, sem desanimar nem desistir, ao encontro da felicidade e da Vida verdadeira.

Pertencer a este “Povo de Deus”, a esta comunidade de irmãos e de irmãs que caminha pelo mundo e pela vida seguindo as orientações de Deus, é uma experiência muito bonita. É como fazer parte de uma família de muitos irmãos

e irmãs, espalhados pelo mundo inteiro, mas que se amam, se ajudam e se preocupam uns com os outros. Todos podem fazer parte deste Povo.

Nós fazemos parte deste Povo, não é verdade? Claro que sim: por isso vimos à catequese, para podermos fazer parte do Povo de Deus ainda de um modo mais perfeito e mais ativo! Mas, cada um de nós ... N... N... e N... (*o catequista refere o nome de cada criança*) fazeis parte deste Povo, desde o dia do vosso Batismo. Isso é um motivo tão grande de felicidade e de alegria – saber que vivemos a nossa vida com Deus e com todos os nossos irmãos na fé – que...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

... vamos agora agradecer a Deus porque nos deu tantos irmãos e irmãs para caminharem connosco e nos ajudarem a segui-Lo. Dêmos as mãos e cantemos a alegria de:

“Também sou teu Povo, Senhor”

Como é muito importante sabermos agradecer a Deus a graça de sermos batizados, vamos fazer assim... (*O catequista pode preparar uma pequena encenação que será representada durante o cântico. Várias crianças vestem umas túnicas para representarem os membros do Povo de Deus.*)

O Povo de Deus no deserto andava, mas à sua frente alguém caminhava.
O Povo de Deus era rico de nada; só tinha esperança e o pó da estrada.

(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras de forma cabisbaixa, de olhos no chão, desanimados...)

**Também sou teu Povo, Senhor,
e estou nessa estrada.
Somente a tua graça
me basta e mais nada (2 vezes)**

O Povo de Deus, também vacilava,
às vezes custava a crer no amor.
O Povo de Deus, chorando rezava,
pedia perdão, e recomeçava.

(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras chorando, pondo as mãos como que a pedir perdão)

**Também sou teu Povo, Senhor,
e estou nessa estrada.
Perdoa se às vezes,
não creio em mais nada (2 vezes).**

O Povo de Deus também teve fome,
e Tu lhe mandaste o pão lá do céu.
O Povo de Deus, cantando deu graças,
provou teu amor, teu amor que não passa.

(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras levantam as mãos para o céu como que a pedir e depois a louvar, mostrando grande alegria)

**Também sou teu Povo, Senhor,
e estou nesta estrada.
Tu és alimento
na longa jornada (2 vezes).**

O Povo de Deus ao longe avistou,
a terra querida que o amor preparou.
O Povo de Deus, corria e cantava
e nos seus louvores, teu poder proclamava.

(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras continuam a mostrar sinais de grande alegria)

**Também sou teu Povo, Senhor,
e estou nessa estrada.
Cada dia mais perto
da terra esperada (2 vezes).**

Compromisso: Durante esta semana vamos na nossa **“Barra Cronológica”** preencher mais uma etapa no nosso caminho. Veem qual é? No espaço da catequese de hoje está desenhada a comunidade do Povo de Deus, mas há um espaço em branco, pois falta uma pessoa no desenho. Quem será essa pessoa? Quereis ser vós? E podeis desenhar também todos os elementos deste nosso grupo! Pois nós somos, aqui, um bocadinho do Povo de Deus... Depois, cada dia, vão rezar, a cantar, a alegria de ser Povo de Deus. Encontram no vosso catecismo na página 131 o cântico que cantámos hoje:

**Também sou teu Povo, Senhor,
e estou nessa estrada.
Cada dia mais perto
da terra esperada (2 vezes).**

Vamos só repetir esta parte, para não se esquecerem da música. *(O catequista termina a reunião cantando com as crianças a estrofe que deverá ser cantada em casa).*

Para guardar na memória e no coração

Deus chama-nos a fazer parte do Povo de Deus. Pertencer ao Povo de Deus é viver a alegria de caminhar em comunidade ao encontro da Vida plena que Deus nos oferece.

“Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo;
Segui sempre o caminho que vos indico, a fim de que sejais felizes”.
(Jer 7,23).

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Para a 1ª alternativa da experiência humana

Como eu vivi o meu passeio

1. Aonde fui eu neste passeio?
2. Quem estava comigo?
3. Como participou cada pessoa do grupo no passeio?
4. Qual o momento de que me recordo melhor? Porquê?
5. Qual foi o melhor momento que vivi neste passeio?

ABRAÃO, O PAI DO POVO DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A Bíblia faz começar a história do Povo de Deus com um homem chamado Abraão. Trata-se de uma das figuras mais importantes das chamadas “tradições patriarcais” (Gen 12-36). Quem é este Abraão?

No início do segundo milénio a.C., a história universal regista um forte movimento migratório entre a Mesopotâmia e o Egito, passando pela terra de Canaan. São povos deslocados das suas terras pela invasão amorrita (final do terceiro milénio a.C.) e grupos nómadas amorreus que não conseguiram, após a invasão, fixar-se no sul da Mesopotâmia e procuraram noutras paragens um espaço disponível para se instalarem e sedentarizarem.

Ora, o nome Abraão é um nome amorreu (o mesmo se passa, aliás, com os nomes de outros patriarcas bíblicos, como Isaac ou Jacob). Segundo o Livro do Génesis, ele seria originário da cidade de Ur, uma cidade do sul da Mesopotâmia (no atual Iraque), e teria passado por Haran (norte da Mesopotâmia) antes de se internar na terra de Canaan (cf. Gen 11,31-32). Este percurso situa-nos, perfeitamente, no cenário e no enquadramento desse movimento migratório que a terra de Canaan conheceu no início do segundo milénio a.C.

Podemos aceitar que os patriarcas bíblicos – nomeadamente Abraão – são, com toda a probabilidade, pastores nómadas amorreus de gado miúdo que vieram do sul da Mesopotâmia no início do segundo milénio a.C. e que entraram pacificamente na Palestina em meados do séc. XIX a.C.

2. Como seria a religião destes pastores nómadas, o meio religioso de Abraão? Como é que eles se relacionavam com o mundo de Deus? Do pouco que conhecemos sobre o universo religioso destes grupos, podemos dizer

que os seus deuses estavam ligados a nomes de homens, mais precisamente ao nome do patriarca do grupo. Fala-se, assim, no deus de Abraão e no deus de Isaac (ou no "Parente de Isaac" - Gen 31,42), no deus de Jacob (ou no "Poderoso de Jacob" - Gen 49,24), no deus de Israel (ou na "Rocha" e "Pastor de Israel" - Gen 49,24). Segundo parece, o "deus" de cada um desses grupos nómadas era o deus dos seus antepassados, o "deus do pai"; tratava-se, sempre, de um deus nómada, peregrino, que acompanhava a tribo nas suas deslocações e a protegia dos conflitos, que lhe dava pastagens e água para os rebanhos, que concedia à tribo vida, bênção e descendência. No entanto, quando se estabeleciam num determinado lugar, estes grupos nómadas tomavam contacto com uma realidade religiosa diferente... Em geral, os deuses dos povos sedentários estavam ligados a santuários fixos, situados em "lugares altos" (montanhas...). Aí, nesses locais sagrados marcados por um "monumento" (um santuário, um altar, uma pedra, uma árvore), adorava-se uma divindade local (em Canaan, quase sempre o deus El, o deus mais importante do panteão dos cananeus); aí contava-se a "lenda cultural" daquele lugar: uma história qualquer que mostrava como o deus aí adorado, em tempos muito antigos, tinha aparecido ao patriarca do grupo aí instalado e lhe tinha feito promessas de vida e de salvação...

Quando chegavam a um local e aí se instalavam, os clãs nómadas – como o de Abraão – conheciam esses locais sagrados e tinham tendência em assimilar o seu deus pessoal – o deus do seu antepassado, o deus nómada que o tinha acompanhado pelos caminhos – ao deus adorado naquele local. Com o passar do tempo, cada clã foi identificando o "deus do pai" com "El" (o tal deus principal do panteão cananeu, adorado em quase todos os lugares sagrados da Palestina de então). Assim, "El", adorado nesse lugar com determinado nome, tornou-se o deus de cada um dos clãs dos patriarcas. Mais: quando os patriarcas bíblicos se tornaram os novos "donos" daquele lugar, as lendas culturais dos santuários passaram a ser relacionadas com o seu nome... Assim, já não se dizia que o deus El tinha aparecido naquele lugar a um cananeu qualquer, mas passou a dizer-se que El apareceu e falou a Abraão (ou a Isaac, ou a Jacob) naquele lugar. As "tradições patriarcais" do Livro do Génesis fazem eco desta realidade e deixam entrever, nas entrelinhas, este enquadramento.

De resto, a vida do nómada Abraão foi uma vida muito parecida com a dos outros nómadas que circulavam na zona do Crescente Fértil, no início do segundo milénio a.C.: deambulações contínuas de uma terra para outra, ao sabor das necessidades de água e de comida para as pessoas e para os

rebanhos (cf. Gen 12,1-9); conflitos com os povos sedentários que ocupavam as terras atravessadas; alterações com grupos locais ou com outros pastores nômadas por causa dos poços de água ou das pastagens (cf. Gen 21,22-34); problemas com os pequenos senhores locais, mais ou menos poderosos, que viam nestes nômadas sem defesa uma presa fácil e que procuravam apropriar-se dos seus rebanhos ou até das pessoas mais "apetecíveis" da tribo (cf. 12,10-20; 20,1-18); alianças com alguns senhores locais para defesa de interesses comuns (cf. Gen 14,1-16); sonho, muitas vezes adiado e nem sempre concretizado, de encontrar uma terra onde se estabelecer, escapando assim aos perigos e incomodidades da vida nômada (cf. Gen 15,7-21); desejo de uma numerosa descendência que assegurasse a força daquela tribo e o futuro daquela família (cf. Gen 17,1-27; 18,9-15). Podemos dizer que Abraão – assim como os outros patriarcas bíblicos – foram homens do seu tempo. Nada de especial os distinguia de outros homens e mulheres que se moviam no mesmo cenário geográfico, social e político... Em relação aos homens do seu tempo, eles não tinham uma religião diferente ou uma forma diferente de encarar o mundo de Deus. Não eram melhores, nem piores, do que os outros homens... Eram homens como todos os outros, que peregrinavam pela vida e que, nessa peregrinação, iam descobrindo, aos poucos e com muita dificuldade, esse Deus único que se revela aos homens e que tem um projeto de Vida e de felicidade para a humanidade inteira.

3. Abraão, Homem de Fé, Pai dos Crentes

Os textos bíblicos falam-nos de Abraão – da sua fé, da sua confiança, da sua obediência incondicional a Deus – com grande elevação e devoção, como se Abraão tivesse sido, desde sempre, um modelo excepcional de crente. Porquê? Como explicar isso, se Abraão foi um "apenas" um homem do seu tempo, um homem à procura de Deus, sim, mas com os limites, as debilidades e as particularidades de um homem do séc. XIX a.C.?

As histórias do Livro do Génesis sobre os patriarcas, foram escritas muitos séculos depois de Abraão por "catequistas" que não estavam muito preocupados em traçar o retrato histórico de Abraão, mas que estavam vivamente interessados em dizer aos seus leitores e catequizandos como devia ser o "crente ideal", o crente por excelência, o crente verdadeiro. Pegaram, naturalmente, em algumas histórias antigas que falavam sobre Abraão e contaram-nas com uma finalidade catequética... O nômada Abraão, que emigrou do sul da Mesopotâmia para a terra de Canaan para tentar encontrar um pedaço de terra onde se fixar, escapando assim aos perigos e

incomodidades da vida nómada (cf. Gen 12,1-9), passou a ser, para os catequistas de Israel, o homem a quem Deus chamou, a quem Deus mandou sair da sua terra e ir para uma terra estrangeira, e que obedeceu sem hesitar a todas as estranhas e incompreensíveis ordens de Deus (porque o crente verdadeiro é aquele que escuta as indicações de Deus e lhe obedece sem discutir ou sem duvidar); o nómada que acolhe na sua tenda os viajantes que passam e lhes dá hospitalidade (cf. Gen 18,1-15) passou a ser, para os catequistas de Israel, o homem que acolhe Deus na sua casa e que, por isso, é magnificamente recompensado pela divindade; o nómada que se estabeleceu num lugar sagrado onde se contava uma lenda sobre o misterioso salvamento de uma criança destinada a ser sacrificada aos deuses (cf. Gen 22,1-19), passou a ser, para os catequistas de Israel, o crente de fé inquebrantável que, submetido por Deus a uma prova duríssima (oferecer o seu filho único em sacrifício), não hesita em escutar as ordens de Deus e em sacrificar os seus sonhos pessoais e até os sonhos da sua família aos insondáveis projetos de Deus.

Interessa-nos o Abraão histórico – o nómada que deambula pelas franjas das terras ocupadas pelos povos sedentários à procura de melhores condições de vida, arrastando consigo o deus dos seus antepassados, esse deus peregrino que o protege e que lhe garante a realização dos seus sonhos humanos? Para nós, crentes, o Abraão que nos interessa – aquele que nos provoca, que nos interpela, que nos questiona, que nos desafia, que é um modelo para cada crente – é o Abraão que nos é apresentado pela catequese de Israel... Interessa-nos esse Abraão que é o “pai dos crentes”, quer dizer, o primeiro, o modelo, o paradigma do homem que procura Deus, que o encontra, que o escuta, que adere às suas propostas e que o ama...

A catequese de Israel propõe-nos esse Abraão que nos ensina a estar sempre disponível para acolher o Deus que vem ao nosso encontro, que nos pede atitudes, que nos indica os caminhos a percorrer, que nos convida a romper com um passado velho e estéril para nos aventurarmos à conquista da novidade fecunda de Deus... É assim que deve ser o verdadeiro crente.

A catequese de Israel apresenta-nos o Abraão que nos ensina a recusar a instalação, o comodismo, o conformismo, e que nos desafia a ir pelas estradas do mundo para aí encontrar os caminhos e os projetos de Deus... É assim que se define o verdadeiro crente.

A catequese de Israel propõe-nos o Abraão que nos mostra a importância de viver em diálogo com Deus, de aceitar a comunhão com Deus, de viver “em aliança” com Deus, de eleger Deus como a prioridade da nossa vida e das

nossas opções... É dessa forma que o verdadeiro crente se situa diante de Deus.

A catequese de Israel interessa-se pelo Abraão que nos ensina a ter um coração magnânimo, a respeitar a liberdade e a dignidade dos outros, a buscar a justiça, a preferir a verdade, a sinceridade, a lealdade... É assim que o verdadeiro crente se situa face aos outros homens e mulheres com quem se cruza nos caminhos da vida.

A catequese de Israel oferece-nos um Abraão que nos ensina a acolher esses irmãos que passam à nossa porta cansados e esfomeados, e nos ensina a partilhar tudo o que temos com os homens e mulheres que conosco se cruzam nos caminhos da vida... É esse o comportamento que Deus espera de um verdadeiro crente.

A catequese de Israel propõe-nos o Abraão que nos convida a colocar em segundo lugar os nossos projetos e sonhos pessoais e a dar uma prioridade absoluta aos projetos e aos sonhos de Deus... É essa a atitude que define o verdadeiro crente.

A catequese de Israel desafia-nos a ter como modelo de vida esse Abraão que nos convida a confiar plenamente em Deus, a não resistir às indicações de Deus, a obedecer radical e incondicionalmente aos apelos e propostas de Deus. O verdadeiro crente é aquele que, como Abraão, possui uma fé inquebrantável, é capaz de uma obediência incondicional a Deus e que, com total confiança, ousa saltar às escuras para os braços de Deus.

A imagem de Abraão que a catequese de Israel traça é uma imagem muito bela, muito interpelante, que nos desafia continuamente a ir mais além na adesão a Deus e às suas propostas. Neste quadro, Abraão é, verdadeiramente, o "patriarca", o primeiro, o modelo, o paradigma do homem e da mulher que querem integrar o Povo de Deus, que querem viver na escuta e no acolhimento das propostas de Deus. Quem quer fazer verdadeiramente parte do Povo de Deus, tem de ter continuamente diante dos olhos o exemplo de Abraão. Este é, também, um grande e profundo modelo para os catequistas, que assumem, no seu serviço às crianças, uma atitude sãmente paternal/maternal.

OBJETIVOS

- Contactar com a figura de Abraão, conhecê-la e situá-la no início da caminhada do Povo de Deus.
- Descobrir que há "qualidades" – as mesmas que a catequese de Israel atribui a Abraão – que são imprescindíveis para uma pessoa integrar essa comunidade que é o Povo de Deus: a capacidade de escutar Deus, de aceitar o seu

chamamento, de acolher as suas indicações, de percorrer os caminhos que Ele propõe.

- Experimentar a felicidade de fazer parte desse Povo que começou com Abraão e que é chamado a viver uma relação de comunhão, de proximidade e de familiaridade com Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** Esta é uma catequese que ressalta o papel da paternidade e a sua importância no contexto das famílias e sociedades. O catequista deverá ter presente a possibilidade de existirem crianças que não conhecem o pai e/ou não estabelecem uma relação regular com o seu pai ou, ainda, que na relação com ele viveram uma experiência de dificuldade ou trauma. Requer-se, pois, tato, sensibilidade e sensatez na forma como se introduz a experiência de se ser filho de um pai que é humano e, por isso, capaz de pecar. Essa experiência não deve, nem pode, ser evitada, pois, mesmo quando a história individual é, até à data, trágica, - como, infelizmente, acontece com tantas crianças - a importância da paternidade na história humana e na sua relação com Deus é determinante para/e na nossa humanidade imperfeita mas capaz de amar.
- 2.** O esquema deste encontro apresenta muitos elementos pedagógicos que despertarão facilmente o interesse da criança, pela possibilidade de exploração da vida do personagem Abraão através do uso de mapas. O catequista deverá aproveitar este natural interesse da criança.
- 3.** Desde que nas paróquias haja meios para isso, sugere-se a utilização de mapas retirados da internet, pela diversidade de possibilidades que oferecem e a facilidade de inter-relação que os meios digitais proporcionam na utilização destes. Esta é uma exploração mais ambiciosa do que o uso de mapas em papel e com maior poder para surpreender as crianças.
- 4.** Na eventualidade de não ser possível utilizar, por parte do catequista, este recurso, deverá, alternativamente, recorrer aos mapas que poderá encontrar na Pasta de Material Auxiliar do Catecismo 5, edição do SNEC. Pretende-se que estes possam elucidar a criança quanto às terras que mais se ligam à vida de Abraão, fornecendo-lhe algum conhecimento sobre este importante personagem bíblico.

5. Nesta sessão de catequese, o catequista deverá ajudar a criança a situar Abraão na História do Povo de Deus, a região que habitou, as suas qualidades e sua importância, ainda hoje, para todos os cristãos.

MATERIAIS

- Bíblia;
- Barra Cronológica de Abraão – Documento 1;
- Mapa 1: O Crescente Fértil - Documento 2;
- Mapa 2: A Mesopotâmia - Documento 3;
- Mapa-Mundo, ou um globo;
- Dísticos “Abraão”, “dispôs-se a cumprir as indicações de Deus”, “aceitou percorrer os caminhos que Deus lhe indicava”, “O MAIS IMPORTANTE ERA OUVIR A VOZ DE DEUS E OBEDECER A DEUS”, “CONFIANÇA”, “Deus vem ao nosso encontro”, “abriu o seu coração para acolher o outro”, “HOMEM BOM”, “Devemos ser assim!”, “AMAR O PRÓXIMO”;
- Postal: «As qualidades de Abraão» - Documento 3, um para cada criança;
- Ficha “As famílias migrantes”, uma para cada criança.

Para a oração:

- Bíblia;
- Vela bonita e vistosa; fósforos;
- Cajado (ou pau imitando um cajado);
- Capa;
- Cópia da oração final.

MÚSICA

- “Parte da tua terra”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

As crianças sentam-se em círculo, junto do catequista.

O **placar** está vazio; na **mesa** já estão preparados a Bíblia, a vela (com os fósforos), a capa e o cajado e as cópias com a oração final.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1. Na escola já começastes a estudar a história de Portugal... Sei que sabem muitas coisas sobre o nosso país! Lembram-se quando é que Portugal começou a existir como um país independente? Alguém quer dizer?** *Deixar as crianças apontar duas a três datas ou outras informações.*

Certo! Portugal é um país que começou a existir no séc. XII (pelo Tratado de Zamora, em 1143, Portugal é reconhecido pelo rei de Castela como nação independente) e que, desde então até ao nosso tempo, tem percorrido um longo caminho...

- 2. A nossa história foi só vitórias, sucessos, êxitos...?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se.) Também houve derrotas, momentos difíceis. Lembram-se de algum em especial?* *Deixar as crianças apontarem um a dois acontecimentos.*

Pois é, a história do nosso Portugal foi um caminho às vezes bem colorido, cheio de glórias, de triunfos, de descobertas; mas outras vezes um caminho mais sombrio, marcado por crises, por grandes dramas, por sofrimentos e dificuldades de toda a espécie. É assim: é esse o caminho normal que os Povos percorrem pela história.

- 3. Na origem de Portugal como nação independente está o sonho de um rei e de alguns homens que partilhavam esse sonho. Sabem o nome dele?**

Deixar as crianças dizerem o nome do rei. O catequista pode mostrar a fotografia da estátua de D. Afonso Henriques, que está na página 65 do catecismo, mas não é necessário que as crianças recorram ao seu catecismo.

D. Afonso Henriques, claro! O primeiro rei de Portugal e o homem que ousou desafiar o rei de Castela no sentido de fazer de Portugal uma nação independente.

- 4. É sempre assim, sabem?** Na origem de um Povo, no início do caminho de qualquer grupo humano, está sempre uma pessoa ou um grupo de pessoas com um projeto diferente. Essa pessoa – a sua força, as suas qualidades, os seus feitos, os seus grandes gestos, o seu sonho, o seu projeto – fica na memória das pessoas que constituem esse Povo. Ela é considerada “o fundador” e, muitas vezes, é apresentada como modelo para toda a nação.

Isso não quer dizer que essa pessoa foi perfeita, que nunca fez disparates; o que quer dizer é que essa pessoa é uma referência para todos, é uma pessoa para quem, pelos séculos foram, todos olham e que todos admiram. Por vezes, até, toda a comunidade se sente devedora dessa pessoa e, em momentos mais solenes, presta-lhe homenagem, ou agradece-lhe aquilo que ela fez em favor de toda a nação.

5. Vamos, agora, por instantes, viajar até à anterior sessão de catequese. Fechem os olhos, apertem os cintos...Prontos para a viagem? Aguardar breves segundos. Então de que falámos nós? Deixar alguém dizer o que se lembra. Boa! Falámos do Povo de Deus... Podem abrir os olhos e despertar os cintos...

Falamos do Povo de Deus, um Povo que não tem fronteiras geográficas ou políticas, mas de uma comunidade de pessoas que escutam o chamamento de Deus para serem felizes e terem Vida, e querem viver conforme Deus lhes indica.

Este Povo também teve um "fundador", um "pai" (no sentido que está nele a origem de todo esse Povo), um "patriarca". Sabem como se chamava?

Chamava-se **Abraão** (o catequista coloca o *dístico* "Abraão" no placar) e viveu há cerca de 3.850 anos. Os membros do Povo de Deus sempre olharam para esse homem e viram nele uma referência, uma pessoa a quem devemos conhecer bem, a quem devemos admirar e, até, que devemos imitar em muitas coisas.

II. PALAVRA

1. Abraão viveu no séc. XIX a.C. Vamos todos olhar para esta régua do tempo, para termos a ideia de há quantos séculos atrás viveu Abraão.

a) O catequista coloca à frente de todos uma régua (ver Documento 1), onde estão as referências temporais do nosso tempo até ao século 2000 a. C. Certo de que todos têm acesso, em termos visuais à régua, assinala nela, as datas mais importantes, para esta sessão, partindo do nosso século até ao século de Abraão.

b) Depois, de assinalar as datas mais importantes, o catequista coloca os mapas indicados (Documentos 2 e 3: mapas do Crescente Fértil e da

Mesopotâmia) para ajudar as crianças a entenderem melhor de que terras estamos a falar. Também é importante mostrar um mapa-mundo atual (ou globo terrestre, que o catequista deverá levar), destacando esta região. O catequista poderá fazer esta ilustração informaticamente, caso tenha a possibilidade de ter acesso a um computador ligado à internet e o adequado projetor.

c) O catequista deverá assinalar as terras enquanto vai explicando:

Abraão era originário de uma cidade chamada Ur, situada na Mesopotâmia (no atual Iraque). Contudo, um dia a sua família deixou essa cidade e dirigiu-se para o norte da Mesopotâmia. Viveram aí algum tempo, numa cidade chamada Haran... Mas, passados alguns anos, Abraão voltou ao caminho que caminho?: cruzou toda a terra de Canaan e chegou mesmo a descer até ao Egito. Abraão era casado com uma mulher chamada Sara. Tinha rebanhos de gado miúdo (ovelhas e cabras) e vivia em tendas. O seu trabalho era procurar pastagens onde os seus rebanhos se pudessem alimentar e poços de água onde pudessem matar a sede.

2. A Bíblia diz-nos que Abraão era um homem que se preocupava sempre em escutar Deus e em fazer aquilo que Deus lhe indicava. Vamos descobrir o que, um dia, Deus disse a Abraão e que está escrito no capítulo 12 do Livro do Génesis (**Gen 12,1-9**). Nós vamos ler os versículos 1 a 9. Ora escutem com muita atenção:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista (narrador):

"O Senhor disse a Abraão:

Criança (Senhor):

«Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai,
e vai para a terra que Eu te indicar.
Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei,
engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.
Abençoarei aqueles que te abençoarem,
e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem.
E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas».

Catequista (narrador):

Abrão partiu, como o Senhor lhe dissera, levando consigo Lot.
Quando saiu de Haran, Abrão tinha setenta e cinco anos.
Tomou Sarai, sua mulher, e Lot, filho de seu irmão,
assim como todos os bens que tinham adquirido em Haran,
e partiram todos para a terra de Canaan,
e chegaram à terra de Canaan.
Abrão percorreu-a até ao lugar de Siquém,
até aos carvalhos de Moré.
Os cananeus viviam, então, naquela terra.
O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe:

Criança (Senhor):

«Darei esta terra à tua descendência».

Catequista (narrador):

E Abrão construiu ali um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido.
Deixando esta região,
proseguiu até ao monte situado ao oriente de Betel,
e montou ali as suas tendas,
ficando Betel ao ocidente e Hai ao oriente.
Construiu também um altar ao Senhor e invocou o seu nome.
Abrão continuou a sua viagem,
acampando aqui e ali, em direção ao Négueb”.

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

3. Neste texto, o que é que lhes pareceu mais interessante? E mais estranho? Deixar as crianças falarem um pouco sobre o que mais as sensibilizou, fazendo uma síntese (não esquecer de integrar os dados que as crianças partilharam):

Então, podemos dizer que:

- a) Abraão foi um homem a quem Deus chamou... E Abraão ouviu Deus que lhe falava... Não estava demasiado ocupado com os seus problemas, com os seus negócios, com os seus rebanhos, com os seus sonhos ou com os seus medos... Teve tempo, teve espaço, teve disponibilidade para escutar esse Deus que o chamava e que lhe falava.
- b) Abraão aceitou fazer o que Deus lhe pedia. Ele não disse a Deus que era difícil deixar a sua família, a sua terra, os seus amigos; ele não disse a Deus que não conhecia essas terras para onde Deus o enviava; ele não disse a Deus que tinha medo dos povos – violentos e agressivos – que habitavam essas terras; ele não disse a Deus que dava muito trabalho andar todos os dias pelos caminhos ou montar e desmontar todos os dias as tendas, e que era mais fácil e agradável ficar na sua casa a descansar... **Ele dispôs-se a cumprir as indicações de Deus, sem discutir ou sem protestar** (o catequista coloca no lado esquerdo do placard o **dístico** “**Abraão dispôs-se a cumprir as indicações de Deus**”; os **dísticos** seguintes serão colocados uns sob os outros, formando uma coluna); Abraão aceitou correr riscos, pois quem viajava assim, naquele tempo, corria frequentemente riscos de vida, para fazer o que Deus lhe propunha; ele aceitou percorrer os caminhos que Deus lhe indicava, mesmo que eles fossem incómodos, cansativos, cheios de pó ou de perigos (o catequista coloca no placard o **dístico** “**aceitou percorrer os caminhos que Deus lhe indicava**”).
- c) Assim, nós percebemos que, para Abraão, o mais importante era ouvir a voz de Deus e obedecer a Deus e às suas indicações. Tudo o resto – a sua família, a sua comodidade, os seus projetos – não eram o mais importante. Para ele, o mais importante era obedecer a Deus e às suas palavras (o catequista coloca no placard o **dístico** “**O MAIS IMPORTANTE ERA OUVIR A VOZ DE DEUS E OBEDECER A DEUS**”).

Há, ainda, uma outra coisa que impressiona, nesta história... Sabeis qual é?

d) É a confiança total que Abraão tem em Deus (*o catequista coloca no placard o **dístico** "CONFIANÇA"*). Na altura em que Deus o chamou, ele ainda não tinha filhos; mas, quando Deus lhe disse que dele ia nascer um grande povo, Abraão acreditou... Quando chegou à terra que o Senhor lhe indicava, os povos cananeus ocupavam toda aquela terra; mas Abraão acreditou plenamente quando Deus disse que lhe ia dar essa terra. Nunca duvidou; mas, em resposta aos dons de Deus, construiu altares para honrar a Deus... Abraão é o homem que confia completamente em Deus, é o homem que sabe que Deus não mente nem falha, é o homem que coloca toda a sua esperança e toda a sua segurança em Deus

1. **Sabem que há uma outra história muito bonita, relacionada com Abraão e o nosso Deus? Ela foi escrita pelos catequistas de Israel. Vamos descobri-la, detrás de um dos nossos mapas...**

2. *Sendo uma segunda história, o catequista deverá alimentar a curiosidade, o interesse e a concentração das crianças, para que estas possam reter os elementos importantes da narração. Assim, por detrás de um dos mapas, o catequista colará previamente um cartão com o resumo da história que lerá, ou dará a uma criança para ler:*

Leitor:

Num dia de calor, Abraão estava sentado à porta da sua tenda e viu passar três viajantes que ele não conhecia. Abraão convidou-os a entrar na sua tenda – fugindo assim ao calor e ao ardor do sol – e a descansar; tratou-os com todo o respeito e toda a delicadeza; ao perceber que eles estavam com fome, Abraão correu a preparar um banquete de pão, carne, manteiga e leite e ofereceu tudo aos três viajantes, para que eles matassem a fome. Diz essa história que esses viajantes eram enviados de Deus e que no final, para recompensarem a bondade de Abraão, lhe anunciaram o nascimento, daí a um ano, do seu filho Isaac (cf. Gen 18,1-15).

O catequista prossegue: É uma história muito bonita! E tem um sentido muito especial, para nos ensinar muitas coisas, que vos vou explicar:

a) Esta história serve, antes de mais, para mostrar que, muitas vezes, Deus vem ao nosso encontro (*o catequista coloca no placar o **dístico***

"Deus vem ao nosso encontro", ao lado do *dístico* "Abraão dispôs-se a cumprir as indicações de Deus") nas pessoas que passam à nossa porta, nas pessoas que nós encontramos todos os dias na escola, em casa ou na rua...

b) Serve, também, para nos mostrar como é que deve ser aquele que pertence ao Povo de Deus: deve ser, como Abraão, uma pessoa que acolhe os outros, que vê as necessidades dos outros, que reparte com os outros aquilo que tem, que está sempre atento para ver quem necessita da sua ajuda. Abraão não era um homem egoísta, que só se preocupava consigo e que não queria saber dos outros... Abraão era um homem que tinha sempre aberta a porta da sua vida e do seu coração para acolher e para ajudar todos aqueles que dele necessitavam (*o catequista coloca o **dístico** "abriu o seu coração para acolher o outro" ao lado do **dístico** "O MAIS IMPORTANTE ERA OUVIR A VOZ DE DEUS E OBEDECER A DEUS"*).

Há, ainda, outras histórias muito bonitas que os catequistas do Povo de Deus contavam sobre Abraão. O mais importante de todas elas, é o que estas histórias nos mostram:

- Elas mostram a **admiração** que todos sentiam por esse **homem bom** (*o catequista coloca o **dístico** "HOMEM BOM" ao lado do **dístico** "CONFIANÇA"*) que esteve na origem do Povo de Deus. Abraão ficou a ser, assim, um exemplo para todos e um modelo de vida para aqueles que, no futuro, pretendessem fazer parte do Povo de Deus...
- Ele diz-nos, com a sua maneira de escutar Deus, com a sua obediência a Deus, com a sua confiança em Deus, como é que devem ser os membros do Povo de Deus (*o catequista coloca sob as duas colunas de **dísticos**, centrado, o **dístico** "Devemos ser assim!" elaborado com letras coloridas e expressivas*).
- Ele diz-nos, ainda, com a sua atenção às necessidades dos outros homens e mulheres, com a sua vontade de repartir o que tem por aqueles que necessitam, com a sua bondade e misericórdia, que quem quiser fazer parte do Povo de Deus deve pensar nos outros, ajudar os outros, amar os outros (*o catequista coloca sob o **dístico** "Devemos ser assim!" o **dístico** "AMAR O PRÓXIMO", escrito em verde*). Olhando, agora, para o nosso placar completo, vemos o quanto podemos aprender com Abraão!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Aceitam um desafio, depois de ouvirem falar deste homem tão maravilhoso, Abraão – o primeiro membro do Povo de Deus, o “pai” desse Povo a que nós também pertencemos? O desafio é só para pessoas corajosas! Quem o aceitar vai ter de ser fiel ao compromisso! *(O catequista deve deixar as crianças aderirem, com determinação, ao desafio).*

2. Então aqui vai ele!

No cartão-postal, que vou entregar a cada um de vós, deverão colocar, à frente de cada estrela, uma qualidade que Abraão tinha. Poderão acrescentar mais estrelas, se quiserem, para poderem referir mais qualidades. Levam para casa este cartão e deverão apresentá-lo à vossa família e aos vossos amigos que poderão passar lá por casa. Também podem levá-lo para a escola, mas com muito cuidado! A cada amigo ou familiar a quem o mostrarem, pedem-lhe um autógrafo, que fica registado na parte de trás do cartão. É uma maneira de desafiar essas pessoas a imitar e viver de acordo com as qualidades – tão grandes e tão importantes – de Abraão. O nosso placar pode ajudar-vos nessa tarefa.

O catequista distribui a cada criança uma cópia, de preferência em cartão grosso, do desenho (Documento 4), para que possam registar as qualidades de Abraão, enquanto escutam uma música de fundo.

3. Penso que o nosso querido Deus vai querer ouvir, também, algo de nós. Façamos uma roda, sentados no chão, como era habitual naquele tempo, como símbolo de um grande grupo ao qual pertencemos e falemos com o Bom Deus.

O catequista coloca no centro da roda uma Bíblia, uma vela, um cajado (ou um pau, imitando um cajado), umas sandálias, uma capa, como símbolos de um caminho que todos temos de percorrer à semelhança de Abraão.

Podemos pedir-lhe que nos ajude a sermos uma pessoa boa, como Abraão... Podemos, por exemplo, rezar assim... começamos por cantar o cântico:

“Parte da tua terra”.

O catequista procede a um breve ensaio do cântico e explica que lerá as intenções (ou pede a N... para as ler) às quais as crianças respondem "Amen".

Catequista/criança:

- "Ó meu Deus, ajuda-me a escutar sempre as tuas palavras e a fazer o que tu me pedes, como fez Abraão".

Crianças:

Amen.

Catequista/criança:

- "Ó meu Deus, faz com que eu esteja sempre atento às outras pessoas e possa ajudá-las quando elas precisarem de mim".

Crianças:

Amen.

No final, o (a) catequista pode concluir com a seguinte oração que, registada numa folha, pode ir passando de mão em mão, para que cada criança leia um verso (se for necessário repete-se uma parte da oração ou algumas crianças leem duas vezes):

Catequista:

**"Senhor Deus,
nós queremos fazer parte do teu Povo,**

Crianças:

- nós queremos fazer parte dessa grande família de homens e mulheres**
- que te procuram, que te escutam, que te obedecem e que te amam.**
- Faz que este homem que hoje conhecemos, Abraão, que começou este Povo do qual nós também fazemos parte,**
- seja o nosso professor e nos ensine a ouvir-te quando nos chamas,**
- a obedecer-te quando tu nos indicas caminhos,**
- a confiar em ti quando estamos confusos e não sabemos para onde ir.**

Catequista:

Faz que nós aprendamos, com Abraão,

Crianças:

- **a reparar nas pessoas que passam ao nosso lado**
- **e que precisam da nossa ajuda,**
- **a repartir com quem nada tem aquilo que nós temos a mais,**
- **a ajudar e a servir as pessoas que encontramos todos os dias**
- **os nossos pais,**
- **os nossos irmãos,**
- **os nossos amigos,**
- **os nossos professores.**

Catequista:

**Senhor Deus, vem ao nosso encontro
e acompanha-nos sempre nos caminhos da nossa vida,
como fizeste com o nosso pai Abraão.**

Todos:

Amen.

Por fim, cantam de novo:

“Parte da tua terra”.

Nota: *Com o objetivo de preparar a próxima catequese – Experiência Humana – o catequista deve explicar às crianças que vão conversar sobre as viagens (processos migratórios) que as famílias fazem, na linha daquilo que acabaram de cantar: as pessoas partem da sua terra e vão para outro sítio. Para que as crianças possam participar bem na atividade que vai ser proposta, o catequista entrega a cada um uma folha de papel conforme o modelo apresentado no Documento 5, explicando que devem procurar preencher os espaços indicados, registando, com a ajuda dos familiares, os «caminhos» da sua família.*

4. Compromisso: *O catequista poderá dar a indicação às crianças de colorirem o cartão-postal ao seu gosto e de, no final da semana, o oferecerem a alguém:*

Vamos oferecer o postal a uma pessoa que nos parece que é capaz de viver como Abraão mostrou. Alguém com quem nós gostaríamos de caminhar. Para nos recordar essa pessoa e a oferta que lhe fizemos, desenhamos no espaço relativo a esta catequese da **Barra Cronológica** um caminho, que representa

a nossa vida – e que vamos decorar de uma forma muito bonita, com lápis de cor, recortes, fotos,... – e um cajado, que representa Abraão, tudo isto em redor do texto: **“Como o nosso Pai na Fé, Abraão, eu quero escutar sempre Deus, obedecer-Lhe, n’Ele confiar, aprender a estar atento às outras pessoas, amando-as, como Deus me pede”**

Depois, registamos o nome da pessoa a quem fizemos a oferta. À noite, antes de dormir, rezamos com esta oração.

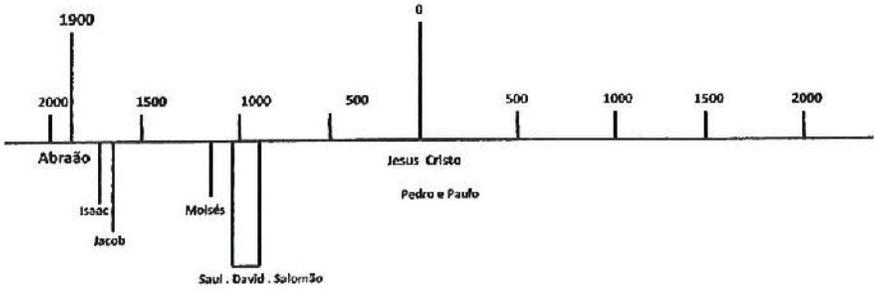
Para guardar na memória e no coração

Abraão ensina-nos que o mais importante de tudo é escutar o que Deus quer de nós, dizer “SIM” ao projeto que Ele tem para cada um de nós, sem recuar, confiando Nele, obedecendo e estarmos sempre atentos aos que connosco caminham.

III – DOCUMENTOS

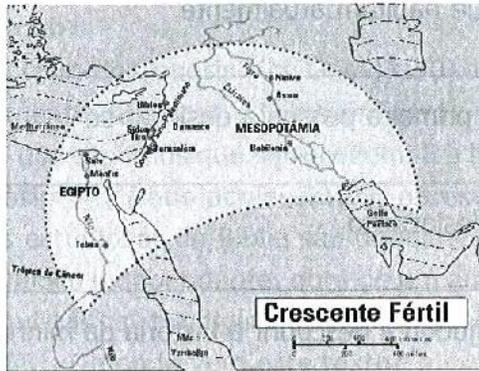
DOCUMENTO 1

Régua do Tempo ABRAÃO



DOCUMENTO 2

Mapa 1 – O Crescente Fértil



In: <http://www.galeon.com>

DOCUMENTO 3

Mapa 2 – A Mesopotâmia



In: <http://www.coladaweb.com/historia/Mesopotamia>

DOCUMENTO 4

Modelo de POSTAL-AS QUALIDADES DE ABRAÃO: na página 32 do catecismo 5.

DOCUMENTO 5

Famílias Migrantes

<p>Família: _____</p> <p>Terra/país de origem da família</p> <p>_____</p> <p>Terra em que habitam atualmente</p> <p>_____</p> <p>Quem foi a primeira pessoa a deslocar-se</p> <p>_____</p> <p>Motivo da deslocação</p> <p>_____</p> <p>Quem me ajudou a descobrir a história da minha família</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Assinaturas: _____</p> <p>_____</p>

DEUS CONDUZ A HISTÓRIA DE CADA PESSOA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. José, o filho de Jacob

Na última parte do “Livro do Génesis” (cf. Gen 37-50) aparece-nos um relato que é significativamente diferente – tanto em termos literários, como em termos temáticos – dos capítulos que o precedem. É a história de um homem chamado José (“Yosip” = “Deus acrescenta”), apresentado como filho do Patriarca Jacob. Os estudiosos da Bíblia são unânimes em considerar estes capítulos como um bloco independente, obra de um autor que não tem nada a ver com os “catequistas” que redigiram as histórias sobre Abraão, Isaac ou Jacob (cf. Gen 12-36). De onde vem este texto?

Provavelmente, a “história de José” era, inicialmente, uma novela, ou mesmo um romance histórico, redigido por volta do séc. X a.C., no sul do país, talvez no ambiente da corte do rei Salomão. José – o herói destes capítulos – é apresentado como o filho mais novo de Jacob, de quem os seus irmãos têm ciúmes por causa da preferência que o pai tem por ele. Aproveitando a presença de José numa altura em que estão longe de casa e da vigilância do pai, eles capturam esse irmão e lançam-no numa cisterna. Na sequência, José é vendido a uns mercadores que vão a caminho do Egito. No Egito, o escravo José é comprado por um alto personagem da corte. A integridade e a honestidade de José atiram-no para a prisão; mas, a capacidade de José para interpretar sonhos fá-lo cair nas boas graças do Faraó... A sua sabedoria e providência levam-no a ser encarregado pelo Faraó da governação do Egito. Nessa qualidade, José recebe os seus irmãos, que vão ao Egito comprar mantimentos, mas não reconhecem naquele príncipe egípcio o irmão que venderam como escravo. Finalmente, José dá-se a conhecer, perdoa aos

irmãos, acolhe-os no Egito com Jacob, seu pai, e “salva” a sua família da fome e da miséria.

Como é que esta “novela” – tecida com terríveis intrigas, com desconcertantes traições, com violentas paixões e com intensas emoções – entra no texto bíblico? Porque é que alguém achou oportuno colocá-la neste enquadramento?

2. José prepara o caminho para o nascimento do povo eleito

As tradições sobre os patriarcas (que aparecem nos capítulos 12-36 do Livro do Génesis) situam-nos no cenário geográfico da terra de Canaan; as “tradições sobre a libertação” (que aparecem na sequência, na primeira parte do Livro do Êxodo) situam-nos na terra do Egito. Como é que esse Povo de Deus nascido com Abraão passou de uma terra para a outra? Para preencher esse fosso, esse “buraco” da história, os autores lançaram mão de um romance escrito na época de Salomão por um escritor anónimo e que narrava como um semita chamado José tinha ido para o Egito, tinha ascendido a um ponto importante na administração egípcia e tinha, depois, instalado a sua família na generosa terra do Egito.

A “história de José”, não deve ser vista como o relato fiel e exato de acontecimentos históricos sobre um dos filhos do patriarca Jacob... Aliás, o texto não se preocupa em apresentar referências históricas claras e seguras (não identifica, sequer, o faraó que reinava no Egito e que José teria servido: tudo é nebuloso e incerto, sem referências concretas e definidas). Por outro lado, não há nenhum documento egípcio, seja de que época for, que faça referência a um governante do Egito com o nome de José, de origem semita. A “história de José” será, então, pura ficção literária? Também não. É possível que tenha existido um personagem chamado José que desceu ao Egito, seguido pela sua família; e é possível que esse personagem, depois de várias peripécias, tenha chegado a desempenhar um cargo de relativa importância no aparelho administrativo egípcio. Tal seria o núcleo histórico que deu origem à “história de José”. Aliás, o autor deste “romance” mostra conhecer bem o Egito – o ambiente, as “cores” locais e mesmo os costumes do país...

De resto, os conhecimentos que possuímos sobre esse período dizem-nos que a entrada de grupos beduínos no Egito e o seu estabelecimento nessa terra era relativamente vulgar. Um escrito que apareceu na época do faraó Merikare, no final do terceiro milénio a.C. – intitulado “Instrução ao faraó Merikare” – recomenda ao rei do Egito que desconfie dos asiáticos que, periodicamente, entram no Egito; e o faraó Armenemnés I irá construir, na zona do atual Suez, uma muralha contra as invasões destes asiáticos.

No séc. XVIII/XVII a.C., o Egito chega a ser militarmente invadido pelos Hicsos, um povo que atravessa o corredor sírio-palestinense para se instalar no delta do Nilo. É possível que seja nesta altura que certos grupos ligados aos clãs de Abraão, Isaac e Jacob se estabelecem no Egito. Os Hicsos acabam por ser expulsos do Egito no séc. XVI a.C.; e, com eles, são expulsos alguns clãs seus aliados, parecidos com os clãs patriarcais. Outros grupos semitas, no entanto, continuaram no Egito (nomeadamente o grupo que, alguns séculos mais tarde, sairá com Moisés).

O "romance histórico" (romance construído à volta de figuras históricas, cujos feitos são exagerados e romanceados) de José, não tem apenas a finalidade de distrair os leitores; mas pretende, também, deixar lições de vida. É um romance "com mensagem", que pretende "formar" os seus leitores. Qual a sua mensagem fundamental?

Em primeiro lugar, o autor deste belo romance sugere claramente que Deus está por detrás de toda a história humana, que Deus está sempre presente nesse caminho que, todos os dias, os seres humanos vão percorrendo. No texto não se fala muito de Deus; mas percebe-se que Ele está sempre presente, como Senhor da história e da vida dos homens... É Ele que, discretamente, conduz toda a trama, até ao final feliz; é Ele que guia os passos do protagonista, que o protege no meio das adversidades que a vida lhe reserva; é Ele que, aproveitando até os erros e os passos mal dados dos homens e das mulheres, refaz a história dos seres humanos no sentido de lhes proporcionar a vida e a salvação; é Ele que transforma um dinamismo de injustiça e de morte num desígnio de vida e de felicidade para aqueles que nele acreditam. O Deus em que o autor deste romance acredita e apresenta é, verdadeiramente, o Deus que cuida dos seus filhos, que os acompanha no seu caminho histórico, que salva e liberta os homens e as mulheres mesmo que para isso tenha de "escrever direito por linhas tortas".

3. José, o instrumento de Deus

Em segundo lugar, o autor pretende apresentar aos seus leitores, na pessoa de José, a figura e o modelo do homem bom, do homem que Deus ama. José, o protagonista, é o protótipo do homem íntegro, honesto, puro, sábio, que não se deixa enredar pelas seduções da corte e pelas solicitações do mal, que é capaz de esquecer as ofensas e tratar os "irmãos" com misericórdia e amor, mesmo quando tem razões de queixa contra eles... É o homem que não esquece as suas raízes nem os valores tradicionais, conduzindo sempre a sua vida de acordo com os valores que recebeu da sua família... É o homem

que “teme a Deus”, que coloca os valores de Deus antes de quaisquer outros valores ou propostas, que nunca se afasta dos caminhos de Deus, mesmo que isso lhe custe o descrédito, a prisão, o sofrimento... É o homem que confia em Deus e que tem a certeza de que Deus não o desiludirá nem o deixará afundar-se. É este “homem” que é proposto, como modelo, aos israelitas do séc. X a.C.

Para que os crentes tenham um motivo mais para acolher este “modelo”, o autor não se esquece, por fim, de acenar aos resultados dessa vida de integridade e de fidelidade: Deus – diz ele – recompensa quem assim procede; e a recompensa que Deus concede ao justo pelos seus méritos, acaba por se tornar uma fonte de bênção para toda a “família”, para toda a comunidade, para toda a nação.

O caminho que o Povo de Deus percorre pela história, não é sempre um caminho fácil, agradável, linear, isento de riscos e de dramas... É um caminho onde nos deparamos frequentemente com injustiças, com decepções, com incompreensões, e mesmo com perseguição e morte. Convém que esse Povo de Deus que caminha não esqueça, nunca, que Deus está sempre presente e que é Ele que preside à história e à vida dos homens e do mundo. E convém que, mesmo quando não somos entendidos ou aplaudidos, conservemos a coerência e a fidelidade a Deus e aos seus caminhos. Quando conseguimos conduzir dessa forma a nossa vida, o que nos espera no final do caminho não é o fracasso e a morte, mas a Vida plena, a felicidade verdadeira... E a nossa integridade, o nosso compromisso, a nossa constância serão uma fonte de vida e de bênção para o mundo e para todos os outros seres humanos: é este «segredo» que o catequista vai ajudar as crianças a descobrir.

OBJETIVOS

- Constatar que Deus está sempre presente no caminho que o seu Povo percorre pela história e que Ele é, até, capaz de aproveitar os nossos erros, as nossas fragilidades, as coisas más que nos acontecem para, a partir daí, preparar dinamismos que nos trazem vida, felicidade, libertação.
- Descobrir que a nossa felicidade não está nas cedências à facilidade, aos projetos egoístas, às modas passageiras, aos aplausos das maiorias ou dos “fazedores” de opinião, mas está na fidelidade aos caminhos, às propostas, aos valores de Deus.
- Potenciar a vontade de ser bom, de ser verdadeiro, de ser honesto, de ser misericordioso, de ser capaz de perdoar as ofensas, para se tornar um sinal de Deus no meio do mundo e uma fonte de bênção para todas as pessoas que vivem à nossa volta.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** O catequista deve ter presente que esta catequese tem como principal objetivo levar as crianças a descobrir que os caminhos que ao longo da nossa vida percorremos têm Deus por detrás, Deus presente na História e na nossa história pessoal. Para isso, vão descobrir que são, também, caminhos preparados pelos caminhos de outros: apesar da nossa liberdade de escolha e de ação, somos muitas vezes guiados, orientados por outros, mais capazes, mais experientes, com maiores responsabilidades ou, simplesmente, porque cada um de nós vive uma vida em relação com a vida e a pessoa do outro, dos outros. A ajuda, a orientação, vinda de outras pessoas, é um dos meios que Deus usa para nos acompanhar: oferece-nos modelos, guias, muitas ajudas quotidianas.
- 2.** O catequista deve aproveitar este tema para explorar um pouco a espontaneidade de cada criança na comunicação das suas experiências, salientando que, nas histórias de migração ou emigração das famílias, nos seus diversos percursos de vida – que vamos usar como ponto de partida para a reflexão e metáfora dos caminhos que cada um de nós percorre – houve sempre um precursor, alguém que veio preparar o caminho para os demais, que saiu à frente, que é um modelo. Terá em atenção que a Experiência Humana que se propõe é muito rica, permitindo, até, que as crianças aprendam a conhecer-se melhor e a valorizar-se mais, o que é sempre um importante objetivo da catequese, mas que é extensa. Assim, o catequista deve planeá-la de acordo com a composição e tamanho do grupo (se este for grande, divide-o em dois e o primeiro participa ativamente na 1ª parte e o segundo, participa na 2ª parte) e evitar que ocupe mais do que a terça parte do tempo total da catequese.
- 3.** O catequista deve valorizar a coragem que os migrantes tiveram/têm – e que provavelmente também encontramos entre os seus familiares – demonstrada no valor necessário para abandonar uma vida, um espaço, conhecidos e partirem à procura de novos caminhos, novos projetos, novas oportunidades, para facultarem meios de realização e felicidade aos que amam. Esta reflexão preparará as crianças para compreender a história de José que aqui é agora trazida.
- 4.** Se no grupo não houver crianças com origens longe da terra em que habitam, o catequista deve valorizar a vida complicada que leva muitas vezes as

famílias a ter de deixar as suas terras, amigos e família para ir procurar novas ajudas que, algumas vezes são muito complicadas de se alcançar, contando uma história ou convidando um adulto ou jovem que tenha feito essa experiência e que possa partilhá-la adequadamente. Para isso, segue o mesmo esquema de exploração da experiência que se propõe para o trabalho feito a partir das histórias das crianças do grupo.

5. Por fim, e como principal objetivo desta catequese, o catequista deverá, ajudar as crianças a descobrir que, também, cada uma delas, pode começar a preparar os seus próprios projetos e a encontrar linhas de orientação para o seu próprio caminho, aquele que a vai levar a atingir os valores que Deus lhe propõe como meios para viver bem e ser feliz, sublinhando que Deus nunca abandona os seus filhos e as suas filhas, em momento nenhum das suas vidas, muito menos nas alturas de dificuldade. Disso é exemplo José que, vítima de injustiças e de intrigas terríveis, teve de recomeçar a sua vida mas respondeu sempre aos desafios que lhe eram colocados com bondade e uma profunda atitude de perdão. Para que este objetivo seja atingido, o catequista deve procurar valorizar adequadamente a escuta da Palavra e favorecer o reconhecimento e interiorização dos valores, atitudes de vida, que são propostos.

MATERIAIS

- A Bíblia;
- Folha de papel de cenário ou cartolinas que cubram o placar;
- Marcadores grossos para usar nessas folhas;
- Pionés ou fita-cola para prender o papel/cartolina ao placar;
- Duas bandeirinhas com o nome de família de cada criança, preparadas com uma tira de papel que é colada a um alfinete;
- Folhas «Famílias Migrantes», entregues na catequese anterior, e preenchidas pelas crianças;
- Um rolo de fio ou linha grossa, de cor forte;
- Mapa de Portugal;
- Mapa Mundo;
- Recortes de revistas em que se vejam imagens de hábitos ou objetos culturais que se encontrem em Portugal, mas que se tenham integrado na nossa cultura por via da imigração, procurando que representem os países de origem/ as regiões do país das crianças : alimentos, formas de confeccionar refeições, músicos e músicas, roupas, formas de expressão plástica popular – por exemplo, crucifixos ou presépios de várias proveniências;

- Régua do Tempo – Abraão (usada na catequese 6);
- Mapas «A Mesopotâmia» e «O Crescente Fértil», usados na catequese 6;
- Dísticos “Deus”, “filhos e filhas”, “Gen 37, 23-25.28; Gen 39,2-5; Gen 39,21-23; Gen 50,15-21”, “nunca abandona”.

MÚSICA

- “Nada temo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** está coberto com uma folha branca de papel ou cartolina; numa mesa auxiliar estão preparados para ser usados os marcadores, os mapas, as bandeirinhas de sinalização e os recortes de revistas que vão ser usados na Experiência Humana.
- A Bíblia está colocada numa estante. Se necessárias, junto desta estão colocadas as folhas impressas com as várias leituras que se irão fazer.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O Catequista inicia a sessão convidando as crianças a falar um pouco delas, das suas origens (terra ou país onde nasceram) e da terra natal dos seus pais, ou outros familiares, que pode não ser esta onde estão agora a viver, a partir dos registos que as crianças fizeram em casa, com a ajuda dos familiares (Documento 5, catequese 6).*

Deixa falar ordeiramente as crianças e anota no placar (ou quadro) os nomes dos locais (terras, cidades, países) de onde as famílias partiram. Se o catequista conhece bem as crianças do grupo deve dar oportunidade de falar aquelas que têm um caminho familiar migratório mais distante, pois irá ajudar a perceber melhor a mensagem da catequese de hoje.

O grupo é convidado a verificar que as origens de alguns dos meninos não são da terra onde estão a viver:

Como estão a ver, as nossas histórias mostram que as famílias, por vezes, fazem longos caminhos para se estabelecer noutras terras em que haja mais oportunidades para se ter uma vida melhor.. (o catequista registada no

placar, por exemplo, «Família Lopes veio de Espanha para Portugal», «Família Silva: o avô vivia em... e deslocou-se para...»

Depois, colocando os mapas sugeridos nos Materiais – de Portugal e do Mundo – lado a lado, procura localizar a origem da viagem e o ponto de chegada de cada família, aplicando uma bandeirinha com o seu nome de família na origem da viagem e outra no ponto de chegada. Para ajudar as crianças a perceber os percursos, pode ligar os pontos de partida e de chegada das famílias que maiores percursos realizaram, uma em Portugal e outra no mundo, unindo os pontos com um fio colorido. Depois questiona as crianças sobre as razões que estiveram na origem desses processos migratórios: Porque será que as pessoas, os vossos familiares, viajaram e foram viver tão longe do que era o local da sua casa? Podem ler o que registaram na vossa folhinha (o catequista vai interrogando as crianças uma a uma, e regista no placar, de forma sumária, as diversas motivações – emprego, estudos, parentes, ...- enquanto refere: necessidade de emprego, estudos, reunir-se com outros parentes, ... Depois explica: Sabem que as migrações são muito importantes para cada família que faz essa viagem, pois se as pessoas precisam de emprego, ou de estudar, ou de cuidados médicos, ou não têm boas condições, condições dignas, de viver, nas suas terras, (se for o caso, salientar as situações em que a migração foi provocada pela necessidade de liberdade, de justiça, ou provocada pela necessidade de condições para a prática religiosa) há alguém que percebe que é necessário partir, que vai à frente, para criar condições, para encontrar uma vida melhor e, depois, todos poderem viver dignamente, de acordo com os seus valores. Muitas vezes são os pais, não é? Pois, o avô...também. Alguém que parte para cuidar bem dos seus... (O catequista reforça a ideia de que alguém está por detrás desta procura de uma vida melhor para, mais adiante, as crianças concluírem que é Deus).

Mas essas pessoas são também muito importantes para quem já cá está. Ora vejam: (o catequista mostra os recortes de revista com objetos provenientes das regiões do país ou países de onde as crianças são originárias) todas essas pessoas, as vossas famílias, se calhar, até mesmo cada um de vocês, trouxeram novos hábitos, novos objetos, novas culturas, novos costumes, outros valores, para as terras para onde imigraram e ali criaram uma nova vida para si, para a sua família, mas que acabou por influenciar positivamente quem já lá vivia. (O catequista ajuda as crianças a perceber que, apesar das suas dificuldades, cada pessoa pode influenciar positivamente a vida das outras pessoas).

Sabem, e certamente os vossos familiares vos falaram disso na conversa que tiveram com eles sobre as vossas famílias, mudar de terra e mudar de vida, num sítio que não se conhece, é muito difícil, exige coragem e esforço. Mas, quem se muda também acaba por conhecer outras pessoas (*no caso de no grupo haver crianças que imigraram mais recentemente, o catequista pode instá-las a partilhar a sua história*). Por exemplo, o N... (nome), que veio há pouco tempo de ... e foi para uma escola nova, conta-nos quem conheceu logo... na escola... aqui na catequese... Muito bem! E que fizeram essas pessoas? (*as crianças são ajudadas pelo catequista a referir-se aos habituais mecanismos de integração*) Exatamente, a aprender a falar português, ... a ter amigos... a conhecer outras pessoas... a ir à escola ... Sim, porque há pessoas que acompanham quem se desloca, pessoas que estão presentes, que ajudam cada um naqueles momentos mais preocupantes, mais difíceis, de ir para uma escola nova, de encontrar emprego... (*O catequista aproveita estas experiências para levar as crianças a refletir sobre as dificuldades da vida, os seus obstáculos e a forma como as pessoas os interpretam e lhes respondem:*)

2. Talvez nunca tenham pensado mas para algumas pessoas, a vida é muito complicada.

Por esta ou por aquela razão, acontecem-lhes muitas coisas difíceis, que as fazem sofrer e que, por vezes, parecem não ter solução. Umhas vezes acontecem-lhes desgraças que ninguém entende; outras, são as pessoas à sua volta que as magoam e ferem... Diz-se, por vezes, que essas pessoas "têm azar": parece que não há mal que não lhes aconteça, o que é tão difícil de perceber, impedindo-as de serem felizes. E, ainda mais difícil do que isso, tantas vezes, as pessoas que sofrem essas contrariedades não são pessoas más, que causam mal a outros ou vivem a sua vida de forma negligente, pouco responsável, mas são inocentes, como as crianças, às vezes tão pequeninas, que ficam doentes, ou cuja casa desaparece num desastre natural, ou perdem os pais ... portanto, as dificuldades acontecem a todas as pessoas, pessoas boas, honestas, justas, verdadeiras, que não criam problemas a ninguém e que até se preocupam com os outros e gostam de ajudar os outros. (*E prossegue:*) Agora, pensem lá, como se sentem as pessoas quando enfrentam grandes desafios, grandes dificuldades... Olhem, estávamos a falar dos imigrantes: como será partir para outro país sem ter uma casa para morar, sem amigos e, depois, não encontrar logo emprego? Ou (*se for o caso*) como aconteceu com alguns de vocês: como foi chegar a Portugal, ir para a escola e não saber falar português?

O catequista dá espaço ao grupo para relatar situações que conheça, em que as pessoas tenham sentido desânimo. Prossegue, pondo em evidência o problema acrescido que resulta da incompreensão do outro: Pois, mesmo que nunca tenham experimentado estas situações, todos podem compreender o que é chegar à escola e não falar a língua das outras pessoas... precisar de ir à casa-de-banho e não ter como perguntar onde fica... não saber como fazer para ir almoçar ou achar que a comida é estranha... Pois, o que quero sublinhar é que todas as dificuldades por que passamos aumentam imenso quando ninguém nos ajuda, quando sentimos que ninguém nos compreende... Ficamos mesmo desanimados, zangados, até.

O catequista dá oportunidade, breve, para as crianças se pronunciarem, considerando que algumas poderão sentir-se desafiadas e responder, por bravata, que «nada disso faz falta», que «dão conta do recado sozinhas» ou, então, que «cada um deve tratar de si». Mas continua:

O pior de tudo é que, quando acontecem desgraças ou se sente o desamparo, corremos o risco de pensar, de dizer, que a situação é tão difícil, que estamos tão sozinhos que o próprio Deus nos abandonou... que Deus, afinal, não quer saber dos homens e mulheres que criou e que nos deixou neste mundo tristes e perdidos, entregues à nossa sorte ou ao nosso azar... Será mesmo assim?

*Com cuidado, o catequista convida o grupo a fazer um breve momento de reflexão em silêncio, para depois partilhar as suas ideias. Terminado este pequenino tempo de reflexão o catequista deve estar atento ao facto de alguma das crianças querer dar a sua opinião. Não provocar diálogo se ele não surgir espontaneamente. Se o houver, ter a preocupação de o direccionar para a mensagem **"Deus nunca abandona os seus filhos, prepara-lhes os caminhos que os levam à felicidade"**.*

Será que Deus abandonou as pessoas, as pessoas em dificuldade, e não cuida delas?

Será que nós, homens e mulheres, caminhamos pela vida sem que esse Deus que nos criou e nos chamou a fazer parte do seu Povo se interesse por nós?

Porque é que, nestes caminhos, que percorremos todos os dias, Deus deixa que certas coisas nos atinjam e nos magoem?

O catequista coloca no placar os dísticos "Deus" e "filhos e filhas" deixando um intervalo entre eles e continua:

Queria, ainda, comentar convosco, a forma como essas pessoas que sofrem, a quem acontecem desgraças, reagem a tudo isso... Um^s revoltam-se, zangam-se e desistem de tudo; sentem-se derrotadas, sem forças, e não têm a coragem de enfrentar as lutas que a vida lhes traz... É como se um aluno da escola nunca mais lá quisesse voltar porque teve uma má nota... merecida ou não.

Outras mudam a sua vida para não sofrer mais, para não serem incomodadas, para não terem problemas nem aborrecimentos. Renunciam àquilo que pensam, à sua maneira de ser, deixam de lado os seus valores e convicções e passam a fazer o que os outros querem ou esperam, mesmo que sejam disparates... É o caso daqueles nossos amigos, que eram bem comportados e educados e que, a dada altura, se juntam ao grupo dos mais mal comportados só para ninguém gozar com eles...

Outros, ainda, mantêm-se firmes, continuam a viver a sua vida como acham bem, fiéis aos seus valores e àquilo em que acreditam, sabendo que, apesar dos problemas e das perseguições, do gozo, das dificuldades, Deus há de cuidar delas e há de ajudá-las... e serão felizes.

Para nos ajudar a perceber a atitude mais correta, mais apropriada, mais certa, aquela que Deus deseja para nós, vamos escutar a sua Palavra, com muita atenção.

II. PALAVRA

1. *O catequista coloca no placar a Régua do Tempo - Abraão e os mapas «A Mesopotâmia» e «O Crescente Fértil» e chama a atenção das crianças para os mesmos, explicando que a história que vão ouvir tem origem na descendência da família de Abraão: Como agora já sabemos, foi com Abraão que tudo começou, que teve início o povo de Deus, este seu projeto, como descobrimos nas catequeses anteriores.*

O catequista relembra o que as crianças escutaram na catequese 6 e continua:

2. Hoje, vamos ouvir a história de um homem chamado José... Esta é uma história que é escrita com a ideia principal de nos ajudar a entender que há

uma maneira de viver e de compreender a vida (a que chamamos valores) que são importantes e corretas para todas as gerações. No nosso caso, que estamos, aqui na catequese, a fazer um caminho com o Povo de Deus e como Povo de Deus, é uma história que nos preparara para a apresentação do projeto que Deus tinha para o seu povo, portanto, para nós. É por isso que o nosso catecismo se chama... «Sereis o meu povo», isto é, tem um título em que Deus nos interpela diretamente, a cada um de nós, como vimos na catequese 5.

Assim, esta é a história de uma pessoa, José, a quem a vida começa a correr mal e a quem vão sucedendo uma série de desgraças inexplicáveis. A Bíblia diz que ele era descendente de Abraão. Este José é, também, um membro daquele Povo de Deus que começou com Abraão.

De acordo com o que a Bíblia relata, José era filho de um homem chamado Jacob, neto de Abraão. Jacob tinha, nessa altura, vários filhos; mas o seu preferido era José, o mais novo. Por essa razão, os irmãos tinham grandes ciúmes e não gostavam muito de José.

Um dia, estando os irmãos de José longe de casa, a apascentar os rebanhos da família, o pai enviou José ao encontro dos irmãos para ver se tudo estava a correr bem. Mas os irmãos, quando o viram ao longe, pensaram em vingarse por ele ser o preferido do pai. Vamos escutar a sua história. Para tal, vamos proceder assim:

3. *O catequista pode optar por fazer, o próprio, a leitura dos vários textos propostos (Gen 37, 23-25.28; 39,2-5; 39,21-23; 50,15-21), que contam a história de José. Fá-lo diretamente da Bíblia, que está na estante. Em alternativa, pode copiá-los para quatro folhas, uma com cada um dos textos, que entregará a quatro crianças, para que os leiam. De qualquer modo, o catequista deve cuidar para que se faça um silêncio respeitoso, pois vai-se escutar a Palavra de Deus, que deve ser proclamada solenemente, de pé e orientar adequadamente o grupo para que as crianças possam seguir a leitura nas suas próprias bíblias, afixando um **dístico** com os versículos a ler.*

Catequista: Os irmãos de José, com os ciúmes, chegaram a pensar matá-lo; mas, finalmente, mudaram de ideias. Vamos ouvir a sua história.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor 1 (Gen 37,23-25.28):

**Quando José chegou junto dos seus irmãos,
estes despojaram-no da túnica comprida que usava e, agarrando-o,
lançaram-no numa cisterna.
Esta estava vazia e sem água. Depois, sentaram-se para comer.**

**Passaram por ali alguns comerciantes madianitas,
que conseguiram tirar José da cisterna;
e venderam-nos a um grupo de ismaelitas por vinte moedas de prata.
Estes levaram José para o Egito.**

4. *Finda esta primeira leitura, o catequista explica:* A vida de José não estava a ser dura e difícil por causa da inveja dos próprios irmãos, como acabamos de ouvir. Mas, apesar de toda a desgraça, que aqui é contada com o episódio do poço, **o Senhor estava com José**. Vamos descobrir como... José, o nosso herói, foi vendido no Egito, como escravo e ficou ao serviço de um homem muito importante. Vamos continuar a ouvir o que nos é relatado em **Gen 39, 2-5** e escutar bem as palavras do autor, que são muito claras... :

Leitor 2 (Gen 39, 2-5):

**O Senhor estava com José, que veio a ser um homem afortunado,
sendo admitido na casa do seu senhor egípcio.
O seu senhor viu que o Senhor estava com ele
e que fazia prosperar todas as obras das suas mãos.
José obteve a sua benevolência, tornando-se seu servidor;
e esse senhor pô-lo à frente da sua casa e confiou-lhe tudo o que possuía.**

A partir do momento em que o pôs à frente da sua casa e de todos os seus negócios, o Senhor abençoou a casa do egípcio, por causa de José; e a bênção divina estendeu-se sobre todos os seus bens, tanto em casa como nos campos.

Terminada esta etapa da leitura o catequista dá oportunidade às crianças para refletirem sobre a sorte de José: Numa folha, colocada entre os dísticos "Deus" e "filhos e filhas", regista as impressões das crianças relativamente à fortuna de José e à ação do Senhor na sua vida... : "O Senhor estava com José". "o Senhor abençoou a casa do egípcio, por causa de José". Depois, prossegue:

Mas, algum tempo depois, José – que sempre fora bom e que fazia o seu trabalho de forma exemplar – foi injustamente acusado de ter cometido um crime. José nada de mal fizera mas acabou por ser preso e ficou algum tempo na prisão.

Mesmo na prisão, José era um exemplo para todos. Era bom, honesto, responsável, de tal forma que lhe eram confiadas tarefas e responsabilidades muito grandes.

5. *O catequista chama de novo a atenção das crianças, assinalando a passagem bíblica **Gen 39,21-23**.*

Leitor 3 (Gen 39, 21-23):

O Senhor Deus estava com José, tornou-o estimado e fê-lo obter as boas graças do governador da prisão.

O governador confiou-lhe todos os prisioneiros, que estavam na prisão, e tudo o que ali se fazia era dirigido por ele.

O governador não examinava coisa alguma do que lhe confiara, porque o Senhor estava com ele;

e o Senhor fazia com que fosse bem sucedido em tudo o que empreendia.

O catequista pede às crianças para retirarem do texto o seu sentido principal ("o Senhor fazia com que fosse bem sucedido em tudo o que empreendia"), regista na folha do placar e explica:

Um dia, o faraó (era esse o título com que era designado o rei do Egito) teve um sonho muito estranho. Ninguém sabia dizer o que esse sonho significava. Mas um servidor do Faraó, que tinha conhecido José na prisão, falou-lhe dele e o Faraó mandou-o chamar, na tentativa de ver se se conseguia interpretar o sonho. A forma como José explicou esse sonho agradou tanto ao Faraó, que este fez dele governador de todo o Egito, dando-lhe um grande poder. E José governou o Egito com grande sabedoria.

6. *De novo o catequista reforça a mensagem que esta catequese nos quer dar a conhecer:*

O Senhor vai usar mais uma vez a figura de José para nos mostrar que o perdão e a misericórdia fazem parte do seu projeto. É preciso saber aceitar com humildade os caminhos que Ele prepara para o seu Povo. E o catequista continua a narração de bondade e perdão que José revelou, do que José vivem ao reencontrar-se com os seus irmãos e o espírito.

Alguns anos mais tarde, os irmãos de José – que continuavam a viver na terra de Canaan – foram ao Egito comprar alimentos, pois na sua terra havia uma grande fome. José reconheceu os irmãos, mas estes não o reconheceram a ele. José falou com eles e disse-lhes que, na próxima vez que voltassem ao Egito, eles deviam levar o irmão mais novo – chamado Benjamim, já nascido depois de José ter sido levado para o Egito. Algum tempo depois eles voltaram ao Egito para comprar mais alimentos, levando Benjamim... José viu pela primeira vez o seu irmão mais novo e emocionou-se. Chegou mesmo a experimentar os seus irmãos, para ver se eles vendiam Benjamim, como anos antes o tinham feito com José... Mas, finalmente, deu-se a conhecer aos irmãos, que ficaram muito felizes. José pediu-lhes que voltassem à terra de Canaan, que tomassem consigo o velho pai de todos eles – Jacob – e que se estabelecessem no Egito, onde teriam sempre comida em abundância. E assim aconteceu. E todos viveram felizes no Egito por longos anos.

Para refletirmos, vamos ouvir uma nova passagem bíblica, **Gen 50,15-21**:

Leitor 4 (Gen 50, 15-21):

Depois da morte de seu pai, os irmãos de José disseram uns aos outros:

«E se José nos guarda rancor?

Se vai vingar-se de todo o mal que lhe fizemos sofrer?»

Então, mandaram dizer a José o seguinte:

«Teu pai ordenou-nos antes da sua morte: 'Falai assim a José: Perdoa, por favor, a ofensa dos teus irmãos, a sua falta e o mal que te fizeram!' Perdoa, pois, o seu erro aos servos do Deus do teu pai! ».

E José chorou quando lhe falaram assim.

Depois, os seus irmãos vieram e caíram aos seus pés, dizendo:

«Estamos prontos a tornar-nos teus escravos».

José respondeu-lhes:

«Não temais. Estou eu no lugar de Deus?

Premeditastes contra mim o mal.

Mas Deus aproveitou-o para o bem,
a fim de que acontecesse o que hoje aconteceu,
e um povo numeroso foi salvo.

Nada receeis, então! Eu cuidarei de vós e das vossas famílias».

E assim tranquilizou-os e falou-lhes ao coração.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Então, que foi que José fez? Perdoou, cuidou deles, que lhe tinham feito mal, tranquilizou-os. E ainda lhes explicou – como, agora, a nós – uma coisa importantíssima, que ainda vamos registar aqui no nosso placar... (*O catequista vai recontando o texto e registando as palavras ou expressões que vão sendo valorizadas ...*) **que Deus até aproveitou o mal para o bem**, pois com as desgraças de José muito foi o bem que foi feito.

7. A vida de José ensina-nos algo de muito valioso e importante nas nossas vidas: uma pessoa, a quem aconteceram tantas desgraças, que enfrentou tantas dificuldades, **nunca foi abandonado por Deus...** Os homens – os seus próprios irmãos – levados pela inveja e pelo ciúme, cometeram contra José muitas injustiças e maldades, chegando a abandoná-lo num poço, longe de casa, onde ele foi encontrado por mercadores estrangeiros; mas **Deus acompanhou sempre** José em cada passo, protegeu-o, ajudou-o nas dificuldades, fê-lo vencer as adversidades e transformou todo aquele mal e sofrimento em bem, tanto para José como para toda a sua família. Isto mostra-nos que **Deus** (*aponta o dístico respetivo*), tal como nós registámos

aqui (aponta a folha com o registo das ideias das crianças; depois, coloca, entre os dísticos já pegados ao placar, o dístico "**nunca abandona**" e refere:) **nunca abandona os seus filhos e filhas...** Por vezes há coisas que nos fazem sofrer e que nós não entendemos; mas, mesmo que não consigamos perceber bem o que nos está a acontecer, Deus está ao nosso lado, a conduzir a nossa vida e a cuidar de nós. Ele é o pai de cada um de nós, que vai à frente, em busca de uma vida melhor para nós... de facto, Deus faz do nosso pai, da nossa mãe, do nosso professor, amigo... um instrumento de vida para nós, de felicidade, como José foi para os seus irmãos.

8. *O catequista prossegue:* A história de José diz-nos, igualmente, que devemos **ser sempre bons, justos, verdadeiros e honestos**, sê-lo mesmo quando as coisas nos correm mal, mesmo quando os outros nos maltratam, mesmo quando parece que não compensa fazer o bem.

José podia ter "alinhado" com aqueles que o convidavam a fazer coisas erradas, mas achou sempre que era preferível **seguir o caminho do bem e da verdade**. José poderia ter-se vingado dos irmãos que o abandonaram, mas **preferiu perdoar-lhes, e recebeu-os de braços abertos quando os reencontrou**.

José também poderia ter ficado zangado com Deus, que permitiu que lhe acontecessem tantas desgraças, mas preferiu ver nos acontecimentos dolorosos da sua vida **um plano de Deus para salvar**, salvar a sua família da fome e da miséria, salvá-lo a si mesmo. José foi traído pelos seus irmãos, mas nunca aceitou trair ninguém. José foi vítima de uma cadeia de mentiras e de ciúmes, mas nunca quis mentir ou enganar fosse quem fosse. **José foi vítima de injustiças e de intrigas, mas respondeu sempre com a bondade e o perdão**. Ele foi, verdadeiramente, um instrumento da vontade salvadora de Deus.

Ele é um exemplo – mais um – **para todos aqueles que descendem do Patriarca Abraão e querem fazer parte da comunidade do Povo de Deus**.

Reparai como os sacrifícios de José, os seus esforços para fazer o que está certo, a sua renúncia a responder ao mal com o mal, a sua coragem em enfrentar as injustiças e as traições, resultaram em bem, para ele e para muitas outras pessoas...

Sabem, esta é mais uma das muitas histórias que os catequistas do Povo de Deus nos deixaram para nos mostrarem que Deus nunca abandona os seus filhos (*o catequista aponta para o placar*). Fazer o bem, ter gestos de bondade, de amor e de perdão, não é algo inútil; mas é algo que traz felicidade à própria pessoa e a todos quantos se cruzam com ela.

Quem consegue, como José, fazer o bem, é uma bênção de Deus no meio do mundo e ajuda a construir um mundo mais bonito e mais feliz. Como aquele colega que esteve convosco na vossa escola nova, quando vos sentíeis perdidos ... ou que vos consolou por causa de uma má nota ...

É assim que cada um de nós quer viver, não é? N... (nome), é assim que queres viver? E tu, N... ?(*o catequista interroga cada criança e, depois, prossegue:*)

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O Catequista pede a cada criança que registe no espaço da sua **Barra Cronológica** para esta catequese as **atitudes de vida** que JOSÉ nos quis transmitir quando foi confrontado com tantas injustiças e calúnias, logo depois das palavras "Quero ser sempre... (possibilidades expressões a registar):*

- **bom,**
- **justo,**
- **verdadeiro,**
- **honesto,**
- **capaz de seguir o caminho do bem,**
- **capaz de falar verdade,**
- **bondoso,**
- **capaz de oferecer o perdão.**

De seguida o catequista convida cada criança a referir uma das atitudes que registou, completando, com algum reforço, o seu compromisso de agir como José.

2. *Depois, prossegue:* Penso que neste momento de reflexão, Deus Pai está muito contente com todos nós, pois a nossa vida, tal como as nossas Barras Cronológicas, vão ficar muito mais ricas. Os nossos corações estão cheios de vontade de praticar o bem, de seguir o exemplo de José.

É muito importante perceber que Deus está presente na nossa vida e acompanha-nos, ainda que não o consigamos ver..

Deus preocupa-se com cada homem, com cada mulher, com cada criança e quer acompanhar-nos em todos os instantes, particularmente nos momentos mais difíceis, mais assustadores ou mais decepcionantes...

Agora, depois de hoje termos vivido esta experiência de perceber que, nalguns momentos da nossa vida, somos chamados a procurar uma vida melhor, a partir para reconstruir a nossa vida, e que, embora com medo, podemos ser bem sucedidos – como em todas essas histórias de imigração, de que hoje falámos, e que nos trouxeram até aqui – porque Alguém nos acompanha, nos guia... Que nós, também, através da nossa vida, mesmo em momentos de grande fragilidade e fraqueza, podemos dar coisas boas e importantes aos outros – como todos os imigrantes que trouxeram até nós a sua cultura e nos ofereceram experiências novas e boas, apesar das suas dificuldades... ainda podemos conhecer José, que tanto andou de um lado para o outro, com grandes dificuldades... se ele até esteve preso... mas nunca deixou de fazer o seu caminho e de praticar, continuamente, o bem: tudo, porque o Senhor estava com ele, tal como está connosco, seus filhos e filhas.

3. Para agradecer ao Senhor a sua presença na nossa vida, a sua inspiração para procurarmos o nosso caminho do bem, a sua força para vencermos as dificuldades, vamos dar as mãos e dizer-lhe que estamos muito felizes por fazer parte deste Povo por Ele muito amado, cantando.

Pode, preferencialmente, cantar-se, ou rezar-se, o seguinte cântico:

"Nada temo"

Se me envolve a noite escura
e caminho sobre abismos de amargura,
Nada temo, porque a LUZ está comigo. (bis)

Se me colhe a tempestade
e o mar vai engolir a minha barca,
Nada temo, porque a PAZ está comigo.

Se me perco no deserto
e de sede me consumo e desfaleço,
Nada temo, porque a FONTE está comigo.

Se os amigos me deixarem
em caminhos de miséria e orfandade,
Nada temo, porque o PAI está comigo.

Se mais nada me restar,
e no mundo só achar **desilusões,**
Nada temo, porque o CÉU está comigo.

- 4. Compromisso:** *O catequista pede às crianças que, para o próximo encontro, procurem, com a ajuda dos familiares, fotografias de membros da sua família que sejam uma referência importante pela sua maneira de ser e de agir, mas que já tenham falecido e com os quais nunca tenham contactado em vida. Pedem, também, a alguém da família para lhes contar um pouco da história e personalidade dessa pessoa.*

Depois, o catequista finaliza o encontro, pedindo: Agora que registaram, com a ajuda de José, essas Atitudes de Vida que orientam a nossa vida como a vida de um verdadeiro filho ou filha de Deus, um verdadeiro membro do seu Povo, desafio-vos a vivê-las. Durante esta semana vão tê-las presente, anotando, cada dia, antes de dormir, com um sinal escolhido por vós, na Barra Cronológica, se foram capazes de viver de acordo com este compromisso de verdade, de bondade e de perdão. Depois, podem cantar o cântico com que, hoje, rezámos, aqui, na catequese.

Para guardar na memória e no coração

Deus preocupa-se com cada pessoa e está SEMPRE presente na sua vida, principalmente na dor, no sofrimento, no medo, na decepção.
Deus está comigo e eu sou _____.

DEUS ESCOLHE COLABORADORES

1 – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Pessoas extraordinárias

Em todas as famílias – ou povos – há pessoas que a memória coletiva conserva como referência e que marcam positivamente o caminho que esse grupo humano todos os dias faz. A consciência comunitária olha com admiração para os gestos excepcionais que essas pessoas foram capazes de fazer, para a sua dedicação aos interesses e projetos do grupo, para a sua capacidade de amar e de se dar, para a sua sabedoria e equilíbrio, para o seu testemunho de vida, para a grandeza da sua fé, para a exigência dos seus valores, e vê em tudo isso uma interpelação que, na história e no tempo, permanentemente desafia todos os elementos que constituem o grupo.

Na história do Povo de Deus houve, sempre, pessoas extraordinárias, cujo exemplo desafiou os seus irmãos e irmãs de todas as épocas e de todos os lugares. Não se tratava de super-homens ou de super-mulheres; tratava-se, simplesmente, de pessoas normais, com defeitos (por vezes, muitos e graves defeitos) e qualidades, mas que se esforçaram por escutar os apelos de Deus e levar a sério a missão e o papel que Deus lhes confiara. Os membros do Povo de Deus têm essas pessoas como referência e têm uma veneração especial por elas.

Vamos, neste encontro, olhar para algumas figuras – apresentadas no Antigo Testamento – que marcaram o caminho histórico do Povo de Deus e que deixaram um testemunho capaz de, ainda hoje, nos desafiar, interpelar e questionar.

2. O livro dos Juízes

A primeira figura (ou, neste caso, "figuras", pois trata-se de uma designação coletiva) é a dos "Juízes". Esta designação agrupa um conjunto de personagens que atuou numa certa época e que teve um papel decisivo na vida do Povo de Deus. Podemos encontrar informação sobre esses personagens – a sua vida, o seu exemplo, o seu testemunho – no "Livro dos Juízes". Quem foram esses "Juízes"?

Depois de ter atravessado o deserto e de se ter instalado na Terra Prometida, o Povo de Deus viveu um período histórico difícil, caracterizado pela falta de unidade, pela confusão e pela fragmentação: cada grupo seguia o seu caminho histórico à revelia dos outros grupos, ou então ao sabor de alianças ocasionais e isoladas; não existia uma organização e uma liderança forte, capaz de congregar esses grupos isolados à volta de um projeto forte e motivador; e essas tribos, sem unidade, continuamente divididas, eram presas fáceis dos povos cananeus que, de tempos a tempos, submetiam parcelas do Povo de Deus ao seu domínio.

É neste cenário que surgem os "juízes". Era assim que se chamava a alguns homens – ou mulheres, como no caso de Débora (cf. Jz 4-5) – que apareciam com uma missão bem definida: restabelecer a justiça e o direito. Ao contrário do que o nome sugere, não se trata de "juristas", no sentido estrito do termo. A palavra hebraica "shofetim" ("juízes"), aqui utilizada, traduz a função desses homens: "shâfat", isto é, governar exercendo a justiça, fazendo triunfar o direito que foi violado, operando a libertação dos oprimidos. O "juiz" é o homem forte que restabelece o direito quando pessoas ou comunidades vivem na opressão e na injustiça. Esses "juízes" são, invariavelmente, apresentados como pessoas que Deus chamou e a quem Deus deu um mandato para se tornarem agentes da libertação daquele grupo humano oprimido.

No "Livro dos Juízes" descrevem-se os feitos extraordinários de alguns destes heróis: Ehud (cf. Jz 3,12-30); Débora e Barac (cf. Jz 4-5); Gedeão (cf. Jz 6-8); Abimelek (cf. Jz 9); Jefté (cf. Jz 10,6-12,6); Sansão (cf. Jz 13-16). Todos eles são apresentados como pessoas com gravíssimas falhas e limitações... Mas Deus chama-os e envia-os, apesar de tudo; e é precisamente através de pessoas assim, que Deus vem ao encontro do mundo e realiza a salvação do seu Povo. O que é aqui decisivo – e admirável – é a capacidade que essas pessoas manifestam de escutar os apelos de Deus, de assumir uma missão e de ir ao encontro do mundo para serem sinais e testemunhas da "salvação" que Deus quer oferecer ao seu Povo.

3. O livro de Rute

Uma outra personagem que será interessante ter diante dos olhos é Rute, uma mulher que viveu na época dos "Juízes". Rute era estrangeira – pertencia ao povo de Moab – mas casou com um homem da tribo de Judá (cujo pai, por causa da fome, tinha abandonado Belém de Judá e tinha ido à procura de melhores condições de vida na terra dos moabitas). Quando o marido de Rute morreu, ela não quis deixar sozinha a sua sogra, Noemi, que era, também viúva. Apesar de Noemi lhe ter sugerido a possibilidade de voltar para a sua família e aí refazer a sua vida, Rute recusou abandonar a pobre Noemi e veio com ela para a terra de Judá. Ficar com Noemi não parecia ser uma solução de futuro, nem assegurava a Rute uma vida tranquila e feliz; mas ela preferiu renunciar à sua segurança a abandonar uma pobre viúva que não tinha quem a ajudasse ou quem dela cuidasse. Em Judá, Rute trabalhou duramente nos campos de Belém, a fim de poder alimentar-se a si e à sua sogra. Finalmente, veio a casar com um rico parente de Noemi, assegurando assim à sogra uma velhice confortável e tranquila. Segundo o "Livro de Rute", desse casamento nasceu Obed, o avô do grande rei David.

Rute é a imagem da mulher solidária, que se preocupa com a sorte dos pobres e abandonados, que tem um coração cheio de bondade e de misericórdia, que é capaz de sacrificar a sua segurança, o seu futuro, os seus interesses pessoais, os seus projetos para ficar com alguém que nada tem (no Antigo Testamento, as viúvas e os órfãos eram o protótipo dos marginalizados, dos esquecidos, dos que não tinham voz nem vez, por não terem quem os defendesse nem deles cuidasse). Ela pode ser, para a família do Povo de Deus, um modelo de amor desinteressado aos mais pobres, aos mais pequenos, aos mais desfavorecidos, aos mais abandonados.

4. O livro de Ester

Olhemos, ainda, para Ester, a jovem e bela rainha de origem judaica que salvou o Povo de Deus das maquinações do ímpio Haman. A história desta mulher é-nos contada no bíblico "Livro de Ester". É pouco provável que os factos descritos sejam rigorosamente históricos; é possível que a história tenha nascido para adaptar à religião judaica uma qualquer festa pagã, possivelmente uma festa babilónica com a qual os judeus "contactaram" aquando do Exílio na Babilónia.

A história situa-nos em Susa, em plena corte do rei persa Xerxes. Trata-se, provavelmente, de Xerxes I, que reinou entre 486 e 465 a. C. ou, então, de Artaxerxes, que reinou entre 465 e 423 a.C. (o nome Assuero – que vem nas

edições das nossas Bíblias correntes, é a transcrição latina do nome Xerxes, que aparece no original hebraico). Ester, uma jovem judia exilada na Babilônia em plena época persa, tornou-se esposa do rei, depois de a anterior rainha ter caído em desgraça. Entretanto um judeu chamado Mardoqueu, parente e tutor de Ester, descobriu uma conspiração contra os judeus, organizada por Haman, ministro e conselheiro de Xerxes. Mardoqueu pôs Ester ao corrente do que Haman preparava e pediu-lhe que interviesse junto de Xerxes. Xerxes, impressionado pela beleza e pela graça de Ester, mal soube do projeto de Haman, castigou-o com a mesma sorte que ele preparava para os judeus: condenou-o à morte. E assim, com a sua intervenção, a rainha Ester salvou o seu Povo.

Esta história sugere que nenhuma força – nem o poder dos Estados imperialistas e absolutos, nem os projetos maquiavélicos dos indivíduos particulares – conseguirão destruir o Povo de Deus que caminha pela história. O Povo de Deus está totalmente nas mãos de Deus; e esse Deus salvador e libertador, que cuida do seu Povo como um pai cuida dos seus filhos, encontrará sempre formas de oferecer a salvação ao seu Povo. Muitas vezes, essa intervenção de Deus na história do seu Povo é feita através de pessoas frágeis e delicadas, como uma mulher. Ester foi um instrumento de Deus na salvação do seu Povo: a força libertadora e salvadora de Deus torna-se presente na história do mundo através dessas mulheres e desses homens que Deus chama para serem seus sinais e testemunhas.

5. O Segundo livro dos Macabeus

Tomemos, ainda, uma outra história: a de uma mulher viúva e os seus sete filhos, que enfrentaram corajosamente o rei ímpio Antíoco IV Epífanes. O episódio é contado no "Segundo Livro dos Macabeus" (cf. 2 Mac 7,1-41). Estamos em plena época de domínio helénico sobre a Palestina (que começou quando, no ano 333 a.C., Alexandre da Macedônia venceu o rei persa Dario III na batalha de Issos, apossando-se da Palestina e do Egito). Os reis helénicos alternam períodos de alguma tolerância com períodos em que procuram, com toda a determinação, impor a cultura helénica aos diversos povos conquistados. Um dos que ficou tristemente famoso pela sua intransigência e crueldade na imposição dos usos e costumes helénicos foi Antíoco IV Epífanes... Este rei subiu ao poder em 175 a.C. e procurou, desde o início, impor aos judeus a cultura, religião, e costumes gregos. Uma parte da sociedade judaica, fascinada por esse "mundo novo" que a civilização grega oferecia, aceitou tranquilamente a nova realidade; mas outra parte

resistiu às imposições de Antíoco IV Epífanes, recusando-se a abandonar a religião dos pais, os valores tradicionais, a identidade nacional. A resistência à invasão da cultura grega foi, em muitos casos, afogada em sangue... A viúva e os sete irmãos da nossa história foram alguns dos mártires que essa resistência produziu.

Diz o segundo "Livro dos Macabeus" que, a certa altura, foram presos sete irmãos mais a sua mãe viúva, por se recusarem a cumprir os decretos helenizantes de Antíoco IV Epífanes. Não se diz onde aconteceu este drama, nem o nome destes heróis. Mas descreve-se, em pormenor, como os sete irmãos foram mortos, um a um, por não cederem às pretensões do rei e por se recusarem a acolher os valores da cultura helénica. Apesar da crueldade dos seus algozes, todos eles morreram a afirmar a sua inabalável fidelidade à religião dos seus pais.

Estes heróis anónimos deixaram uma profunda impressão no Povo de Deus. Eles são o protótipo dos crentes que não cedem ao oportunismo, à força dos *lobbys* ou às exigências de uma moda... Eles disseram, com o seu sangue, que os valores da própria fé não são negociáveis e que mais vale perder a própria vida do que renunciar aos valores verdadeiramente importantes.

6. Aceitar os desafios de Deus

Estas diversas figuras do Povo de Deus encham-nos de orgulho e determinação. Ensinam-nos a importância de estarmos atentos aos desafios desse Deus que necessita dos homens e das mulheres para intervir na história do mundo e para salvar o seu Povo da escravidão e da morte; ensinam-nos que Deus vem ao encontro do mundo para o recriar e transformar através de pessoas frágeis e indignas, através das quais o poder e o amor de Deus se manifestam na história humana; ensinam-nos a olhar à volta para os nossos irmãos e irmãs abandonados e esquecidos, a estender-lhes a mão e a cuidar deles, numa solidariedade efetiva e afetiva com todos, mesmo que isso arruine os nossos projetos pessoais ou os nossos interesses; ensinam-nos a não ceder às pressões das modas, dos interesses instalados, do "politicamente correto" quando estão em jogo as nossas convicções mais profundas e os valores fundamentais que alimentam a nossa fé... Ensinam-nos, sobretudo, que Deus conta com homens e mulheres – e conosco também – para continuar a propor ao mundo o seu projeto de salvação.

OBJETIVOS

- Conhecer modelos de vida, de fé, de confiança em Deus, de compromisso com Deus, de doação aos outros, com quem nos podemos identificar.
- Perceber que Deus chama homens e mulheres "normais" (frágeis, com defeitos e qualidades) para colaborar com Ele no seu projeto e conta com todos os membros do seu Povo para oferecer ao mundo e à humanidade a sua vida e a sua salvação.
- Aprender valores e comportamentos que devem estar sempre no horizonte dos membros do povo de Deus: a escuta atenta dos apelos de Deus; a luta contra a injustiça; a solidariedade para com os pobres e abandonados; a fidelidade à própria fé e aos valores em que se acredita.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta catequese, pretende-se ajudar as crianças a descobrir como Deus atua na história humana, como é o seu providente condutor, escolhendo homens e mulheres a quem confia uma missão relevante para o seu povo. Como as crianças desta idade ainda têm pouco conhecimento histórico e pouco entendimento global do que é a história, propõe-se que se parta de uma experiência próxima e conhecida das crianças: como, em todas as famílias, há antepassados que, pela sua liderança e virtude, foram determinantes para a «história» daquela família, tendo-a influenciado e inspirado de forma positiva. Tenha-se em atenção que se segue um raciocínio semelhante ao da catequese anterior, quando se introduz na Experiência Humana as histórias de migração e os episódios de dificuldade por que as famílias passaram, por um lado, beneficiando da coragem e determinação daquele que vai à frente, por outro, reconhecendo que se recebeu ajuda de outras pessoas e que, através destas, Deus está presente na nossa vida.
2. A utilização das imagens sugeridas, através de uma certa encenação, favorecerá a concentração das crianças e a memorização do que se pretende ensinar nesta sessão. Como são muitas as figuras a apresentar, deve fazer-se a narrativa com beleza e focando apenas o essencial dos conteúdos narrativos, para não confundir as crianças nem prolongar, em demasia, o encontro.
3. Do mesmo modo, excepcionalmente, os textos, pela sua extensão, não serão proclamados como é habitual. As crianças contactarão com eles através das indicações contidas no catecismo. De qualquer modo, se houver a possibilidade

de prolongar o encontro por mais 20 minutos do que é habitual, sugere-se que se faça uma leitura teatralizada da história dos irmãos Macabeus.

4. De resto, quer se proceda, ou não, à leitura completa do texto indicado, é muito importante levar as crianças a aceitar o desafio de ler, em casa, as histórias que são apresentadas. Cada criança deverá escolher um dos personagens, aprofundar o seu conhecimento do mesmo e, sobretudo, ter a oportunidade séria dele/dela retirar um exemplo vivo para o seu quotidiano (Compromisso).

MATERIAIS

- Bíblia;
- Álbum de fotos, para servir de suporte à Bíblia;
- Duas Cartolinas ou folha de papel de cenário dividida em dois grandes pedaços;
- Fotos de familiares, que as crianças trouxeram ou, em alternativa, da família do próprio catequista;
- Posters com as figuras bíblicas a conhecer (reproduções de pintura clássica, como se encontram no catecismo, nas páginas relativas a esta catequese);
- Cartões coloridos, um para cada personagem, com o seu nome e a respetiva referência bíblica;
- Pequenos cartões (do tamanho de um envelope para correio normal), para registar os nomes das personagens exemplares referidas pelas crianças;
- Pequenos cartões coloridos, com a oração;
- Pedacos de bostik para fixar as várias fotografias e imagens;
- Leitor de CD e música clássica, para criar ambiente;
- Folhas com o texto 2 Mac 7, 1-42, conforme se indica no Documento 1, caso se faça a sua leitura.
- Cartão para preparação do Compromisso de Natal, a entregar às crianças no final da catequese, e em função da preparação da Celebração de Natal.

MÚSICAS

- "Deus precisa de ti";
- Música clássica, ambiente (opcional).

Preparação da sala:

- O **placar** está vazio;
- Colocar **as fotografias** - que as crianças ou o catequista trouxeram - sobre uma cartolina ou papel de cenário para que fiquem bem organizadas e, se possível, legendadas com o nome da pessoa e da família (pode utilizar-se bostik para as fixar).
- Colocar, sobre uma mesa/estante o álbum de fotos e, sobre este, a **Bíblia**, preparada para a leitura dos textos.
- Sentar as crianças (em cadeiras baixas ou no chão) fazendo um círculo no centro da sala; em alternativa, sentá-las à mesa, também em círculo.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de preparar o ambiente e de dar as boas vindas aos elementos do grupo, é muito importante recordar a sessão da semana anterior:*

Quem se recorda das coisas mais importantes que aprendemos na semana passada?

O Catequista ajuda e orienta o diálogo, sempre que necessário, para que se recordem dos pontos principais da sessão anterior:

- Deus acompanha sempre o seu povo, mesmo quando as pessoas cometem erros, para as conduzir à felicidade e à libertação;
- É preciso ser fiel à vontade de Deus para alcançar a felicidade que ele propõe;
- É preciso ter vontade de ser bom, de ser verdadeiro, de ser honesto, de ser misericordioso, de ser capaz de perdoar as ofensas, para se tornar um sinal de Deus no meio do mundo.

O catequista aproveita este último ponto da revisão para, brevemente, avaliar o cumprimento do Compromisso, que deve estar registado na Barra Cronológica das crianças: E, então, como é que nós procurámos viver de acordo com as Atitudes de Vida que Deus nos propõe através de José? Vamos lá ver o que cada um/uma foi capaz de cumprir...

Deus quer a nossa felicidade, não é? Mas como será que Deus Pai nos conduz à felicidade? Será que conseguimos chegar à felicidade de Deus, cada um por si?

O catequista deixa que as crianças, de forma ordenada, expressem o que pensam. Partindo da Experiência Humana da catequese anterior, orienta o

diálogo para a conclusão de que sozinhos, não somos capazes de ser felizes: Lembram-se de termos verificado como é difícil partir para um país novo, como é assustador começar a estudar numa escola nova, quando não se conhece ninguém nem se fala a língua daquele país? Pois é, sofreremos com esse medo e, ainda mais, porque nos sentimos ... sós! *Podem evocar-se outras situações de solidão experimentadas por eles:* E, como resolver os problemas que sentimos? ... Muito bem, perguntando... mas se não sabes falar aquela língua, ficas sem almoço? Não! Alguém virá para ajudar! Uma ajuda é sempre bem vinda, a ajuda dos pais, dos professores, dos amigos... Viver sem contar com a ajuda de outras pessoas é terrível. É muito triste e complicado. *Deve concluir-se, dizendo:* Deus Pai, porque nos ama tanto, não quis que caminhássemos sozinhos, por isso, enviou-nos mensageiros, e muitas outras pessoas, para nos ajudarem a descobrir melhor o caminho. Do mesmo modo que envia um pai, um avô, uma mãe, à nossa frente, para procurarem uma vida melhor para nós, como vimos nas nossas histórias do último encontro, ao longo da história também escolheu algumas pessoas, a quem deu uma tarefa importante para o caminho do seu Povo, para a sua felicidade e salvação.

De facto, nas nossas famílias acontece algo de parecido.

O catequista deve gerir muito bem o tempo para não prolongar demasiado esta experiência; inicia a dinâmica a partir das fotografias:

a) Se as crianças trouxeram as fotografias pedidas

Colocar no centro da sala, no chão, a cartolina ou papel de cenário com o arranjo das fotografias;

b) Se as crianças não trouxeram fotografias

Neste caso o catequista deverá ter preparadas fotografias e uma pequena conversa a partir da sua própria família (utilizar a mesma metodologia da alínea anterior).

É muito importante que todos os que trouxeram as fotografias possam partilhar alguma experiência de ligação com os seus antepassados. Vamos lá ouvir as suas histórias...

Durante a conversa, o catequista deve procurar reforçar os valores da reflexão que se segue no ponto 2, adaptando o diálogo:

2. É possível que na nossa casa – ou, se calhar, na casa dos nossos avós – haja, nas paredes, em cima de um qualquer móvel, ou então num daqueles

álbuns velhos e pesados, fotografias de pessoas da nossa família que não conhecemos porque viveram antes de nós termos nascido. E, quando perguntamos sobre quem são essas pessoas, falam-nos de alguém que é **recordado** por todos com **amor e saudade**, de alguém que **fez coisas boas e de quem a família se orgulha**. É mesmo assim: as famílias gostam de conservar a memória das pessoas, sobretudo das pessoas que deixaram uma marca positiva na vida dos outros...

Deixar as crianças exprimir-se brevemente sobre os seus antepassados e aproveitar os seus contributos para reforçar a mensagem:

Em qualquer família há pessoas – algumas que viveram há muitos anos – que foram um **exemplo para os outros pela sua coragem, pela sua bondade, pela sua inteligência, pela sua fé em Deus**, ou até por qualquer gesto heroico que ficou na memória de todos e que honrou aquela família (*aproveitar os exemplos dados pelas crianças*).

As coisas bonitas que essas pessoas fizeram constituem uma espécie de herança de que a família se orgulha; e as **atitudes louváveis dessa pessoa constituem um exemplo** para todos os membros da família, mesmo para aqueles que não conheceram essa pessoa mas que, no futuro, irão ter a oportunidade de conhecer a sua história. Por isso guardamos as suas fotografias, e as nossas, num álbum (*o catequista mostra o álbum de fotografias*), para termos presente na memória as pessoas importantes para nós. (*O catequista coloca o álbum sobre a estante/ mesa, que entretanto aproximou de si*).

3. Depois de concluir a dinâmica, o catequista prossegue com o diálogo que se segue:

Isto também acontece nessa família de que temos vindo a falar nos nossos encontros de catequese – **o Povo de Deus**. Ao longo dos séculos apareceram, nessa família, pessoas que fizeram coisas boas, que se esforçaram por escutar as indicações de Deus, por ajudar os outros, por construir um mundo melhor e mais bonito. Nós até já conhecemos algumas... Abraão, José, muito bem!

O catequista coloca a bíblia sobre o álbum de fotos, próximo do cartaz inicial.

Na Bíblia – o livro que conta a história dessa família – **aparecem algumas “fotografias” de pessoas assim**. São pessoas que nós apreciamos e de quem nós, membros do Povo de Deus, nos orgulhamos; são pessoas que, com a sua maneira de viver, nos deixaram um exemplo; são pessoas para

quem **nós podemos olhar para aprendermos como é que deve ser uma pessoa que faz parte da família do Povo de Deus.**

No encontro de catequese de hoje, **vamos conhecer algumas dessas pessoas cuja "fotografia" aparece na Bíblia, o livro da nossa família.**

II. PALAVRA

1. *Depois de criado o ambiente de expectativa para a descoberta das "fotografias" da Bíblia, o catequista coloca no centro da sala novo retângulo de papel de cenário ou cartolina de grande formato, onde irá colocar as imagens – posters – com cada uma das figuras bíblicas. Em alternativa, pode sentar as crianças à volta da mesa e pedir-lhes para abrirem o catecismo na página 37.*

*Antes de iniciar a dinâmica, o catequista pede às crianças para abrirem a sua **Barra Cronológica** no espaço da catequese 8, onde encontrarão os nomes dos personagens a descobrir, a referência dos textos a ler e um espaço onde podem ir registando a mensagem fundamental de cada personagem.*

A primeira "fotografia" que vos quero apresentar é a de um homem chamado Sansão. Podemos ler a sua história no "Livro dos Juízes" (cf. **Jz 13-16**).

O catequista mostra a imagem de Sansão e coloca-a no papel de cenário juntamente com uma tira de cartão com a indicação do seu nome e da respetiva referência bíblica, motivando para a leitura (que também está indicada no catecismo, p. 38) e conta a sua história:

Ele viveu num tempo de muita violência, em que, com frequência, os mais fortes oprimiam e maltratavam os mais fracos. O Povo de Deus também conheceu este cenário... Em certas alturas, algumas nações poderosas atacaram o Povo de Deus, oprimiram-no e maltrataram-no; e o Povo, em resposta a essas dificuldades, às vezes muito difíceis de suportar, voltava-se para Deus e pedia-lhe ajuda. É claro que Deus não gostava de ver como alguns grupos ou os seus chefes criavam situações de sofrimento para outros homens e mulheres, pois Ele quer a felicidade de todos os seus filhos e filhas. Então, o que acontecia? É o que vamos aprender hoje: invariavelmente, Deus encarregava alguém – um homem ou uma mulher – de libertar essas pessoas que eram maltratadas, de lhes devolver uma vida boa e justa.

Sansão foi um desses homens que Deus chamou para salvar o seu Povo escravizado. Escolhido por Deus para essa missão ainda antes de

nascer, Sansão foi “consagrado” a Deus – quer dizer, foi escolhido para dedicar toda a sua vida ao serviço de Deus. Quando cresceu, ele percebeu que Deus o chamava a libertar os seus irmãos, oprimidos pelos filisteus (um outro povo, que ocupava uma parte da terra de Canaan). E Sansão, que era um homem muito forte, lutou toda a sua vida contra os filisteus, realizando grandes feitos para ajudar o povo de Deus a ser livre. Sansão não era perfeito e, de vez em quando, fazia alguns disparates (não há pessoas perfeitas, não é verdade?).

Aquilo que nós devemos registrar (*observar no catecismo, p. 38 e/ou registrar na Barra Cronológica*) e aprender para a nossa vida é que **Sansão foi um homem que ouviu o chamamento de Deus e que se tornou um instrumento de Deus para salvar o seu Povo**. É assim... Deus, para transformar o mundo, precisa de pessoas a quem Ele chama e que Ele envia ao encontro dos homens, com uma determinada missão, sempre de justiça e de liberdade.

2. *Seguindo a mesma metodologia, o catequista mostra a imagem, colocando-a sobre o papel de cenário e apresenta a seguinte explicação:*

Uma **outra “fotografia” que vos quero apresentar** é a de uma mulher chamada **Rute**. Podeis ler a sua história na Bíblia, no “Livro de Rute”.

Neste momento o catequista mostra o livro de Rute utilizando a Bíblia e coloca o cartão com o nome e referência bíblica (Rt 1, 14-17) e explica a história de Rute:

Rute era uma mulher estrangeira (pertencia aos moabitas, um povo que habitava a terra de Moab), mas casou com um homem da tribo de Judá, que fazia parte do Povo de Deus, mas que tinha imigrado para a terra dos moabitas. Algum tempo depois, esse homem morreu e Rute ficou viúva. Ela podia, segundo as leis da época, voltar para a casa dos seus pais e refazer a sua vida, talvez casando de novo com um rapaz moabita... Mas **ela não quis abandonar a sua sogra**, chamada Noemi, que não tinha mais ninguém que cuidasse dela. Assim, Rute ficou com Noemi, **trabalhou duramente para lhe dar de comer, cuidou da sua sogra com muito amor**. Não pensou em si, não se preocupou com o seu futuro ou com os seus projetos. Antes de mais, ficou ao lado dessa pobre velha que ficara sozinha e que não tinha mais ninguém que a ajudasse e que dela cuidasse.

Aprendemos pelo exemplo de **Rute como atua uma pessoa bondosa, com um coração generoso, que se preocupa com os outros, que não vira as costas a quem precisa da sua ajuda...** (*indicar às crianças que devem proceder à leitura silenciosa da mensagem de Rute – na página 38 do catecismo e/ou indicar que a devem registar na Barra Cronológica*) Assim, Rute pode ser, também, um exemplo para os membros do povo de Deus de qualquer época e de qualquer lugar.

3. *Seguindo a mesma metodologia, o catequista mostra a imagem de Ester, colocando-a no papel de cenário, acrescenta o cartão com o nome e referência bíblica (Est C, 12-18) e apresenta a respetiva narrativa:*

Agora convidamos-vos a olhar para a **"fotografia" de outra mulher do Povo de Deus...** Ela chamava-se **Ester** e podeis encontrar a sua história na Bíblia, no "Livro de Ester".

Ester era uma jovem muito bonita, que casou com um rei da Pérsia chamado Xerxes (ou Assuero, como aparece na tua Bíblia). Nessa altura (séc. V a.C.), o Povo de Deus já estava espalhado por várias nações e havia diversas comunidades espalhadas ao longo do império persa.

Um dia, um ministro do rei Xerxes, chamado Haman, resolveu preparar uma lei que ordenava a morte de todos os membros do Povo de Deus que viviam nas várias cidades desse império. Ester foi informada e **foi pedir ao seu marido, o rei Xerxes, que não permitisse que essa lei fosse publicada.**

O rei, que gostava muito da sua mulher judia, ouviu o pedido que ela lhe fez e mandou suspender essa lei. Assim, Ester salvou os membros do Povo de Deus.

Ao apresentar esta mulher e a sua ação em favor do seu Povo, quem escreveu esta história queria dizer, mais uma vez, uma coisa que já sabeis: que **Deus está sempre atento ao sofrimento dos seus filhos e filhas e que, muitas vezes, chama pessoas – pessoas de carne e osso, pessoas como nós – para salvar esses filhos e filhas que Ele ama.**

Como é que uma rapariga muito jovem, muito frágil, que não sabia combater, consegue salvar um Povo que os maus – que têm as suas leis, o seu exército, o seu poder – querem condenar à morte? A resposta só pode ser esta: **Deus serve-se de pessoas frágeis, de pessoas "normais", para salvar o mundo e os homens.** (*indicar às crianças que devem proceder à leitura silenciosa da mensagem de Ester – na página 39 do catecismo e/ou indicar que a devem registar na Barra Cronológica.*) O que interessa nem é se as pessoas que Deus escolhe são fortes e corajosas; o que interessa é que

essas pessoas sejam **capazes de escutar as indicações de Deus e aceitem ser instrumentos de Deus na construção do mundo**. Deus chama e envia pessoas como nós para salvar o mundo, para construir um mundo de liberdade e de paz.

4. *Seguindo a mesma metodologia, o catequista mostra a imagem dos irmãos Macabeus e a respectiva referência bíblica (2 Mac 7,1-42) e, colocando-a no papel de cenário, apresenta a sua história:*

Finalmente, quero apresentar-vos a **"fotografia" de uma família...** É uma família constituída por **sete irmãos e a sua mãe**, viúva. Podeis encontrar a história desta família no segundo "Livro dos Macabeus" (cf. 2 Mac 7,1-42). Esta família viveu no séc. II a.C., no tempo em que o Povo de Deus estava sob a autoridade de um rei de origem grega chamado Antíoco IV Epífanes. **Este rei quis obrigar todas as pessoas que ele governava a deixarem a sua religião**, os seus costumes, a sua cultura, para viverem segundo a religião, os costumes e a cultura grega. Quem recusasse seguir as instruções do rei, seria morto. Vamos ver o que aconteceu a esta família.

Ora, estes sete irmãos, mais a sua mãe, foram presos por se recusarem a cumprir as ordens do rei. O rei tentou convencê-los a mudar de ideias. Ameaçou-os com torturas e com a morte e prometeu-lhes, também, muitas prendas e muitas honras... Mas eles **nunca aceitaram as propostas do rei**. Disseram, até, que preferiam morrer a abandonar a sua fé. **Foram todos mortos, os sete jovens e a sua mãe, mas mantiveram-se fiéis àquilo em que acreditavam**.

(indicar às crianças que devem proceder à leitura silenciosa da mensagem dos irmãos Macabeus – na página 39 do catecismo e/ou indicar que a devem registar na Barra Cronológica:) Eles são, para o Povo de Deus, **um exemplo de como se deve ser fiel a Deus e às suas indicações, mesmo que os outros, à volta, não concordem ou critiquem**; eles são exemplo de como devemos manter as nossas convicções e sermos fiéis àquilo em que acreditamos, mesmo que os outros não gostem ou não estejam de acordo connosco.

5. *Depois desta apresentação o catequista conclui, em diálogo com as crianças, reforçando os elementos mais importantes dos "retratos".*

Aqui tendes, então, algumas "fotografias" de pessoas da nossa família – desta família da qual todos fazemos parte. **São pessoas que fizeram coisas**

boas no mundo, são pessoas que nos honram, são pessoas que são um exemplo para nós e que nós devemos imitar.

Ensinam-nos a estarmos atentos a esse Deus que nos chama e que nos envia para mudar o mundo e para libertar os nossos irmãos e irmãs; **ensinam-nos a olhar à nossa volta e a estendermos as mãos a quem está só e abandonado**, a quem é marginalizado, a quem necessita da nossa ajuda, da nossa alegria, da nossa força; **ensinam-nos que, mesmo quando somos pequenos, frágeis**, ou não termos armas poderosas, **podemos ajudar Deus a mudar o mundo; ensinam-nos que devemos ser fiéis a Deus e às suas propostas**, mesmo que muitas pessoas à nossa volta não nos entendam ou não concordem connosco.

O catequista conclui esta síntese com o exemplo que se segue e prepara as crianças para a expressão da fé, para um momento de oração.

Todos sentimos orgulho em fazer parte de um Povo que tem pessoas como estas de que hoje falámos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista deve procurar enquadrar as histórias da Bíblia com pessoas de quem já ouviram falar e que sejam exemplo daqueles que escutam Deus e fazem o que Ele lhes pede. Se pode fazer-se ligação com a dinâmica do início da catequese aproveitando os dois cartazes produzidos durante a sessão.*

Já percebeste que Deus, para oferecer aos seus filhos e filhas que caminham no mundo a sua vida e a sua salvação, **serve-se de homens e mulheres a quem Ele chama e a quem confia uma missão**. Foi assim com Sansão, com Rute, com Ester e com tantas outras pessoas, ao longo da “história da salvação”.

Além destas pessoas cujas “fotografias” tu viste no nosso encontro de hoje, **há muitas outras pessoas** – se calhar, alguma da tua família, ou alguém que tu conheces – **que também “escutaram” Deus e que fizeram no mundo coisas bonitas, coisas de Deus**; que foram **sinais de Deus para os outros**; que tiveram **gestos de bondade, de generosidade, de partilha, de perdão**; que ajudaram outras pessoas a vencer o sofrimento, a doença, a solidão, o medo... **Será que tu podes apresentar ao teu grupo de catequese a “fotografia” de uma dessas pessoas que tu conheces, de quem tu ouviste falar e que foram, no mundo, sinais da vida e da salvação de Deus?**

2. Partindo desta pergunta, permitir a participação das crianças, fazendo memória de pessoas que são referências importantes para elas, focando sempre os valores e atitudes principais da sessão: escutar Deus; ser sinal para os outros; ter gestos de bondade, generosidade, partilha e perdão; ajuda aos que necessitam.

Se não se recordarem de ninguém, o catequista pode sempre lembrar figuras de santos que marcaram e marcam o nosso tempo com estes valores e atitudes (ex. Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II).

Se possível, o catequista regista em pequenos cartões, os nomes que forem recordados, para utilizar no momento da oração.

3. A partir deste momento do encontro, o catequista prepara o ambiente para um momento de oração. É importante motivar para o louvor e o agradecimento a Deus Pai que, por nos amar tanto, nos envia pessoas que nos ajudam e que, ao mesmo tempo, nos chama a todos para ajudarmos os que necessitam de atenção, de apoio, de auxílio ...

O catequista explica como decorrerá a oração:

1º momento de oração espontânea;

2º momento todos recitam a oração indicada;

3º cântico.

Com os cartazes da sessão no centro do grupo e os cartões com os nomes das pessoas «que nos honram e a quem devemos imitar» de que se recordaram, de preferência com música ambiente, desafiar as crianças a fazerem uma oração espontânea de agradecimento a Deus Pai pelas pessoas que Deus nos envia.

Depois de cada um fazer a sua oração, após um breve silêncio o catequista distribui às crianças um cartão com a Oração, explicando que lerá, sozinho, a primeira parte e que, depois, as crianças lerão a segunda:

O catequista lê, com muita calma, propicia à interiorização:

"Ó Deus,

tu que és o Pai que nos acompanha

ao longo do caminho da nossa vida,

continua a chamar pessoas

que estejam dispostas a ajudar os outros,

**que aceitem levar a tua paz,
a tua vida e a tua liberdade
aos outros homens e mulheres,
que mostrem, nos seus gestos, o teu amor e a tua bondade.**

O catequista faz sinal às crianças para lerem e acompanha-as:

Ó Deus,

**eu também estou disponível para ser um sinal de Ti
no meio das outras pessoas:**

junto dos meus pais,

dos meus irmãos,

dos meus amigos,

dos meus colegas.

**Eu quero levar às outras pessoas a tua vida,
para que elas sejam mais livres e mais felizes.**

4. Compromisso: *O catequista sugere às crianças que coleem o cartão da oração no espaço da Barra Cronológica para esta catequese e indica-lhes: Durante esta semana queria que lessem os textos referentes aos personagens que vos referi, pelo menos um deles, que cada um escolherá. Como já são crescidos, podem ler o texto na totalidade, um bocadinho cada dia. (O catequista pede às crianças para registarem no catecismo, página 40, junto do espaço para desenho ou foto as indicações:)*

- Sansão: Jz 13 – 16;
- Rute: Livro de Rute;
- Ester: Livro de Ester;
- irmãos Macabeus: 2 Mac 7,1-42;

Depois, no fim de cada leitura, leem a oração que hoje, aqui fizemos, e que ficará na vossa **Barra Cronológica**, para se lembrarem do que o Senhor vos pede: que O ajudeis a mudar o mundo! Para vos ajudar a ter isso presente, vamos aprender um *cântico*:

“Deus precisa de ti”

O encontro termina com o ensaio do cântico, procurando-se que as crianças o aprendam bem.

Para guardar na memória e no coração

Deus acompanha sempre o seu Povo, mesmo quando as pessoas cometem erros, para as conduzir à felicidade e à libertação.

Deus chama pessoas como nós, para ajudar o seu Povo a encontrar o caminho da felicidade.

É muito importante estar atento para escutar o seu chamamento e ter coragem para fazer a sua vontade.

DOCUMENTO 1

Leitura encenada de 2 Mac 7, 1-42

Nota: A leitura pode ser feita colocando as crianças em círculo, com o texto nas mãos. Ou então, para uma encenação mais perfeita, podem ser marcados os lugares iniciais de cada um, desenhando uma cruz com giz no chão, e indicando às crianças que devem retirar-se quando o Narrador relata a morte daquele personagem. Neste caso, deve colocar-se junto do Catequista/Narrador o personagem Rei, que não tem falas mas a quem os demais personagens se dirigem.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Segundo Livro dos Macabeus.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista/Narrador:

Aconteceu também que um dia foram presos sete irmãos com a mãe, aos quais o rei, por meio de golpes de azorrague e de nervos de boi, quis obrigar a comer carnes de porco, proibidas pela lei. Um deles, tomou a palavra e falou assim:

Leitor 1/ Irmão 1:

«Que pretendes perguntar e saber de nós? Estamos prontos a antes morrer do que violar as leis dos nossos pais.»

Catequista/Narrador:

O rei, irritado, ordenou que aquecessem ao fogo sertãs e caldeirões. Logo que ficaram em brasa, ordenou que cortassem a língua ao que primeiro falara, lhe arrancassem a pele da cabeça e lhe cortassem também as extremidades das mãos e dos pés, na presença dos irmãos e da mãe. Mutilado de todos os seus membros, o rei mandou aproximá-lo do fogo e, vivo ainda, assá-lo na sertã.

Enquanto o cheiro da panela se espalhava ao longe, os outros, com a mãe, animavam-se a morrer corajosamente, dizendo:

Coro de Leitores/Irmãos 2 a 7 e mãe: «Deus, o Senhor, nos vê e, na verdade, Ele terá compaixão de nós, como diz claramente Moisés no seu cântico de admoestação: Ele terá piedade dos seus servidores.»

Catequista/Narrador:

Morto, deste modo, o primeiro, conduziram o segundo ao suplício. Arrancaram-lhe a pele da cabeça com os cabelos e perguntaram-lhe:

Leitor 3:

«Comes carne de porco, ou preferes que o teu corpo seja torturado, membro por membro?»

Catequista/Narrador:

Ele respondeu no idioma dos seus pais:

Leitor 4/Irmão 2:

«Não farei tal coisa!»

Catequista/Narrador:

E então padeceu os mesmos tormentos que o primeiro. Prestes a dar o último suspiro, disse:

Leitor 4/Irmão 2:

«Ó malvado, tu arrebatas-nos a vida presente, mas o rei do universo há de ressuscitar-nos para a vida eterna, se morrermos fiéis às suas leis.»

Catequista/Narrador:

Depois deste, torturaram o terceiro, o qual, mal lhe pediram a língua, deitou-a logo de fora e estendeu as mãos corajosamente. E disse, cheio de confiança:

Leitor 5/Irmão 3:

«Do Céu recebi estes membros, mas agora menosprezo-os por amor das leis de Deus, mas espero recebê-los dele, de novo, um dia.»

Catequista/Narrador:

O próprio rei e os que o rodeavam ficaram admirados com o heroísmo deste jovem, que nenhum caso fazia dos sofrimentos. Morto também este, aplicaram os mesmos suplícios ao quarto, o qual, prestes a expirar, disse:

Leitor 6/Irmão 4: «É uma felicidade perecer à mão dos homens, com a esperança de que Deus nos ressuscitará; mas a tua ressurreição não será para a vida.»

Catequista/Narrador:

Arrastaram, em seguida, o quinto e torturaram-no; mas ele, cravando os olhos no rei, disse-lhe:

Leitor 7/Irmão 5:

«Embora mortal, tens poder sobre os homens e fazes o que queres. Mas não penses que Deus abandonou o nosso povo! Espera, e verás a grandeza do seu poder e como Ele te castigará a ti e à tua descendência.»

Catequista/Narrador:

Depois deste, foi conduzido o sexto que, antes de morrer, disse:

Leitor 8/Irmão 6:

«Não te iludas, pois se nós mesmos merecemos estes sofrimentos, é porque pecámos contra o nosso Deus e por isso recebemos estes tormentos terríveis. Mas não julgues que ficarás impune, depois de teres ousado combater contra Deus.»

Catequista/Narrador:

Particularmente admirável e digna de grandes elogios foi a mãe que, num dia só, viu perecer os seus sete filhos e suportou essa dor com serenidade, porque punha a sua esperança no Senhor. Ela exortava cada um no seu idioma materno e, cheia de nobres sentimentos, juntava uma coragem varonil à ternura de mulher. Dizia-lhes:

Leitora 9/Mãe:

«Não sei como aparecestes nas minhas entranhas, porque não fui eu que vos dei a alma nem a vida, nem fui eu que formei os vossos membros. Mas o Criador do mundo, autor do nascimento do homem e origem de todas as coisas, restituir-vos-á, na sua misericórdia, tanto o espírito como a vida, se agora vos sacrificardes a vós mesmos por amor das suas leis.»

Catequista/Narrador:

Mas Antíoco, julgando que ela se ria dele e o insultava, começou a exortar o mais jovem, o que restava, e não só com palavras mas até com juramento, lhe prometia, se abandonasse as tradições dos seus antepassados, torná-lo rico e feliz, tratá-lo como amigo e confiar-lhe honrosos cargos. Como o jovem não lhe prestasse atenção, o rei mandou à mãe que se aproximasse e aconselhasse o filho a salvar a sua vida. E, depois de ter insistido com ela muito tempo, ela consentiu em persuadir o filho. Inclinou-se sobre ele e, zombando do cruel tirano, disse-lhe na língua materna:

Leitora 9/Mãe:

«Meu filho, tem compaixão de mim que te trouxe nove meses no seio, que te amamentei durante três anos, que te criei, eduquei e alimentei até agora. Suplico-te, meu filho, que contemples o céu e a terra. Reflete bem: o que vês, Deus o criou do nada, assim como a todos os homens. Não temas, portanto, este carrasco, mas sê digno dos teus irmãos e aceita a morte, para que, no dia da misericórdia, eu te encontre no meio deles.»

Catequista/Narrador:

Logo que ela acabou de falar, o jovem disse:

Leitor 10/Irmão 6: «Que esperais? Não obedecerei às ordens do rei, mas somente aos mandamentos da Lei, dada a nossos pais por intermédio de Moisés. Mas tu, que és o inventor desta perseguição contra os hebreus, não escaparás à mão de Deus. Quanto a nós, é por causa dos nossos pecados que padecemos. Mas, se para nos punir e corrigir, o Deus vivo e Senhor nosso se irou por um momento contra nós, Ele há de reconciliar-se de novo com os seus servos. Tu, porém, ímpio, o mais infame dos homens, não te exaltes sem razão com vãs esperanças, enfurecido na tua cólera contra os servos de Deus, porque ainda não escapaste ao julgamento do Deus onnipotente, que tudo vê! Os meus irmãos, após terem suportado um breve tormento, participam agora da vida eterna, em virtude do sinal da aliança, mas tu sofrerás o justo castigo do teu orgulho, pelo julgamento de Deus. A exemplo dos meus irmãos, entrego o meu corpo e a minha vida em defesa das leis dos nossos pais e peço a Deus que, quanto antes, se mostre propício ao seu povo, e que tu, no meio dos sofrimentos e das provações, tenhas de confessar que só Ele é o único Deus. Em mim e nos meus irmãos se aplacará a cólera do Onnipotente que se desencadeou justamente sobre toda a nossa raça.»

Catequista/Narrador:

Então o rei, furioso, descarregou sobre ele a sua ira com maior crueldade que sobre os outros, enraivecido por ter zombado dele. Morreu, pois, também ele, purificado de toda a mancha e inteiramente confiado no Senhor. Finalmente, depois dos filhos, foi também morta a mãe. Terminamos por aqui a nossa narração referente aos banquetes rituais e a estas horríveis crueldades.

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

MARIA, A MULHER DO “SIM”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Maria de Nazaré

Ao longo da história da salvação, Deus escolheu e chamou muitas pessoas – algumas das quais temos vindo a apresentar nas catequeses anteriores – para serem instrumentos da sua intervenção salvadora no mundo e na vida dos homens. Houve, contudo, uma pessoa – uma mulher – que desempenhou, nessa história, um papel absolutamente único e especial: Maria de Nazaré. Não sabemos muitos pormenores da vida desta mulher. Um texto apócrifo (“Protoevangelho de Tiago”, um documento do séc. II) diz que ela era filha única de Joaquim e Ana e que, ainda pequena, foi levada ao Templo de Jerusalém para ser consagrada ao Senhor. Contudo, os Evangelhos canónicos não dizem nada sobre a família e a infância de Maria... Para o *kerigma* (anúncio) cristão dos primeiros tempos, o que interessava era a pessoa e o mistério de Jesus.

O evangelista Lucas diz-nos que Maria começou a desempenhar um papel preponderante na história da salvação quando percebeu que Deus a convidava para ser a mãe de Jesus (cf. Lc 1,26-38). Ela vivia, então, em Nazaré, uma pequena aldeia situada nas montanhas da Galileia, nunca referenciada no Antigo Testamento e sem qualquer significado no contexto das vilas ou cidades ligadas aos grandes acontecimentos ou às grandes instituições religiosas de Israel. A jovem Maria estava, então, matrimonialmente comprometida com um homem chamado José, que descendia da família de David; no entanto, ainda não viviam em comum. O costume palestino previa que o compromisso dos noivos começasse com os esponsais, uma cerimónia em que se intercambiava o mútuo acordo dos noivos para casar-se e se pagava o “dote da noiva”. Só mais tarde o noivo levava a noiva para sua casa e consumava

o casamento. De acordo com o relato de Lucas, Maria estava noiva de José, mas ainda não vivia em casa dele. É nesse contexto que Lucas descreve a vinda de um mensageiro de Deus – o anjo Gabriel – que propõe a Maria ser a mãe do Messias.

2. A vocação de Maria

A descrição que Lucas faz do encontro entre o enviado de Deus e Maria – que não é uma reportagem, mas uma catequese – está cheia de elementos tomados dos chamados “relatos de vocação” do Antigo Testamento – os relatos em que Deus aparece a chamar alguém para uma missão. Ao compor a sua narração com esses elementos, Lucas está a sugerir que Maria de Nazaré, como tantas outras pessoas na história do Povo de Deus, foi chamada por Deus a desempenhar uma determinada missão, uma missão que se insere no projeto que Deus tem para o mundo e para a humanidade.

A catequese de Lucas sobre o chamamento de Maria começa com a saudação do anjo. Na boca deste, são colocados termos e expressões com ressonância vétero-testamentária, ligados a contextos de eleição, de vocação e de missão. Assim, o termo grego “kaire” (“salvé”) com que o anjo se dirige a Maria, é mais do que uma banal saudação: é o eco dos anúncios de salvação à “filha de Sião” (cf. Sof 3,14-17; Zac 9,9) – uma figura fraca e delicada que personifica o Povo de Israel, mas em cuja fragilidade e debilidade se torna presente, no mundo e na história, a salvação oferecida por Deus e que o Povo de Deus deve testemunhar, com júbilo, diante dos outros povos. A expressão “cheia de graça”, colocada por Lucas na boca do anjo Gabriel, revela que Maria é objeto da predileção e do amor de Deus (afirmação que, no contexto bíblico, se costuma traduzir na entrega, a essa pessoa que Deus ama, de um carisma, de um dom especial de Deus que é sempre concedido em vista de uma missão). A frase “o Senhor está contigo”, é uma expressão que aparece com frequência ligada aos relatos de vocação no Antigo Testamento (cf. Ex 3,12 - vocação de Moisés; Jz 6,12 - vocação de Gedeão; Jer 1,8.19 - vocação de Jeremias) e que serve para assegurar ao que é “chamado” a assistência de Deus na missão que lhe é pedida.

Todo o enquadramento sugere, portanto, que estamos diante de um “relato de vocação”: a visita do anjo destina-se a apresentar à jovem de Nazaré uma proposta de Deus, um chamamento de Deus... Deus tem um projeto de salvação para oferecer à humanidade e quer contar com Maria para que esse projeto possa tornar-se efetivo e concreto. O compromisso de Maria com o plano de Deus comporta desafios, traz exigências que, inevitavelmente,

abalarão os esquemas sobre os quais Maria está a construir a sua vida e o seu futuro. Maria aceitará “correr riscos”, pôr em causa tudo o que está a construir com José para aceitar o desafio de Deus? Maria escolherá o caminho fácil do comodismo, ou preferirá entregar-se confiadamente nas mãos de Deus e assumir os desafios que Deus lhe coloca? O que é que terá mais peso na vida desta jovem: os seus projetos pessoais, ou os projetos de Deus?

3. O “sim” de Maria

A resposta de Maria não deixa qualquer dúvida: “Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”. Afirmar-se como “serva” significa, mais do que humildade, reconhecer que se é um eleito de Deus e aceitar essa eleição, com tudo o que ela implica – pois, no Antigo Testamento, ser “servo do Senhor” é um título de glória, reservado àqueles que Deus escolheu, que ele reservou para o seu serviço e que ele enviou ao mundo com uma missão (essa designação aparece, por exemplo, nos cânticos do Deutero-Isaías – cf. Is 42,1; 49,3; 50,10; 52,13; 53,2.11 – em referência à figura enigmática do chamado “servo de Jahwéh”). Ao assumir-se como “a serva”, Maria reconhece que Deus a escolheu, que a reservou para o seu serviço, que lhe confiou uma missão; aceita com disponibilidade essa escolha e manifesta a sua disposição de cumprir, com fidelidade, o projeto de Deus, a missão que lhe foi confiada. O “sim” que Maria dá a Deus é incondicional, total, radical, “a fundo perdido”: “eu sou a serva, estou disposta a entregar a minha vida nas mãos de Deus, a confiar nele de forma total e plena, a assumir a missão que ele quer confiar-me. Que ele faça o que é melhor para o seu plano e eu colaboro com ele, sem condições nem prevenções” – diz ela. Maria passa a Deus, autenticamente, um “cheque em branco”, aceitando que seja Deus a preenchê-lo da forma mais adequada aos seus planos.

Dizer que este é um “relato de vocação”, significa que Maria está a fazer aqui uma opção de vida: o que está em jogo não é algo que apenas comprometa por um momento, mas trata-se de uma proposta que vai condicionar e reprogramar toda a existência de Maria. Como tal, o “sim” dito por Maria nesta circunstância significa muito mais do que um “sim” ocasional: implica uma escolha definitiva ou, como costumamos dizer, uma opção fundamental. Maria aceita que a sua atitude fundamental, a sua opção de vida, a sua atitude de cada passo e de cada momento seja viver de acordo com o plano de Deus... Maria aceita fazer da sua vida um dom total, uma entrega total e radical a Deus e aos seus projetos.

4. O papel de Maria na história da salvação

A partir daqui, Maria terá um papel primordial na história da salvação... O seu "sim" fará com que o Filho de Deus venha ao encontro da humanidade para apresentar aos homens e mulheres de todas as raças e de todos os tempos uma proposta de Vida e de salvação. "Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher (...), a fim de recebermos a adoção de filhos" (Gal 4,4-5). Com o seu "sim", Maria fez com que todos nós pudéssemos escutar o convite de Deus para integrar a sua família, pudéssemos tornar-nos "filhos" e "filhas" de Deus.

Não sabemos dizer, diante deste quadro, o que é mais impressionante: se o misterioso plano de um Deus que escolhe uma menina pobre, frágil e humilde nascida numa aldeia ignorada de um país desconhecido para, através dela, apresentar à humanidade uma proposta de Vida e de salvação; ou se a incrível capacidade dessa menina de entregar toda a sua vida ao projeto de Deus, passando para segundo plano os seus projetos e sonhos pessoais... Em qualquer caso, o "sim" de Maria foi o "sim" mais decisivo da história da humanidade: ele abriu o caminho para que Deus pudesse vir ao nosso encontro, caminhar connosco, olhar-nos nos olhos e apontar-nos os caminhos que nós devemos percorrer para chegarmos à nossa realização plena.

5. Maria leva o Salvador ao encontro do mundo

O evangelista Lucas não quis terminar a sua catequese sem mostrar Maria a cumprir a missão que Deus lhe confiou e a levar o Salvador ao encontro do mundo... Depois de descrever o anúncio de Gabriel e o "sim" de Maria, Lucas conta que Maria "pôs-se a caminho e dirigiu-se a toda a pressa para a montanha, em direção a uma cidade de Judá" (Lc 1,39). No seu horizonte está o encontro com Isabel, a sua parenta que está para ser mãe. Maria aparece, assim, a levar Cristo pelos caminhos do mundo, ao encontro dos pequenos e dos pobres. A indicação "à pressa" indica o imperativo da missão, a vontade incontornável – que não pode ser escamoteada, nem sequer adiada – de levar a salvação de Deus ao encontro do mundo. O "sim" de Maria, a sua entrega total ao projeto de Deus, não é uma experiência intimista, pessoal, em circuito fechado, que a aproxima de Deus mas que se esgota depois numa piedade isolada e beata e não tem mais consequências. Quando alguém faz da sua vida um dom total a Deus, sente imediatamente ("a toda a pressa") a necessidade de sair de si próprio, de escutar os apelos do mundo e de partir ao encontro dos outros irmãos para lhes levar Jesus e a sua proposta de salvação, de libertação e de Vida nova.

Na descrição do encontro de Maria com a sua parenta Isabel (cf. Lc 1,39-45) podemos perceber o que acontece quando a salvação de Deus se encontra com os homens... Antes de mais, há uma reação de alegria irreprimível porque a salvação chegou: à saudação de Maria, o menino (João Baptista) saltou de alegria no seio de Isabel. Jesus é o Deus que vem ao encontro dos homens, e que traz uma mensagem de salvação/libertação que concretiza as promessas feitas por Deus aos antepassados; logo, a presença de Jesus provoca a alegria, o estremecimento gozoso de todos aqueles que esperam a concretização das promessas de Deus e que veem na chegada de Jesus a realização das promessas de um mundo de justiça, de amor, de paz e de vida sem fim. Depois, o Espírito de Deus – a vida de Deus – derrama-se sobre esses que se encontram com a libertação que Jesus traz (“Isabel ficou cheia do Espírito Santo” – Lc 1,41). É essa Vida de Deus que, uma vez acolhida, nos torna membros da família de Deus, filhos e filhas de Deus.

Na resposta de Isabel à saudação de Maria – “bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,42) – define-se claramente o papel de Maria na história da salvação. As palavras de Isabel retomam uma expressão do “cântico de Débora” (cf. Jz 5,24), utilizada para celebrar Jael – a mulher de Héber, o quenita –, que apesar da sua fragilidade, foi o instrumento de Deus para libertar Israel das mãos de Sísara, o tirano que oprimia o Povo de Deus. Maria é, assim, apresentada como o instrumento de Deus – um instrumento frágil, humilde, pobre, mas, mesmo assim, um instrumento de Deus – para concretizar a salvação/libertação da humanidade.

Se Maria tivesse recusado o desafio que Deus lhe fez, o plano de Deus para a salvação e a libertação da humanidade não se teria concretizado? Deus teria concretizado o seu plano de outra forma, certamente... Mas, a verdade é que Maria foi a mulher atenta a Deus e aos seus projetos, que teve a coragem de aceitar os desafios de Deus e de pôr toda a sua existência ao serviço do seu plano. E, dessa forma, Deus encontrou-se com a humanidade. Estamos, portanto, diante de um momento e de um passo decisivo na história da salvação.

OBJETIVOS

- Descobrir que Maria de Nazaré, ao escutar as propostas de Deus e ao dizer-lhes “sim”, teve um papel decisivo na história da salvação.
- Descobrir a importância de dizer “sim” às propostas de Deus: é dessa forma que Deus se torna presente no mundo, que Deus “nasce” no mundo para o transformar e salvar.

- Sentir a importância de, a exemplo de Maria, levar Cristo ao encontro das outras pessoas através de gestos concretos de solidariedade, de partilha, de serviço, de doação.
- Perceber a importância de Maria de Nazaré e a admirá-la pelas razões certas (nota: por vezes, a piedade popular sublinha, em Maria, o acessório e esquece o essencial).

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como as crianças, nesta idade, conhecem e têm uma ideia sobre Maria de Nazaré, é importante que o catequista as leve até à descoberta do que é essencial no exemplo de Nossa Senhora: a sua resposta positiva ao convite de Deus. Não deixar, no entanto, de ouvir o que cada criança pode partilhar no grupo sobre a sua percepção de Maria de Nazaré, de um modo particular se esta for vista como uma Mãe protetora e cheia de amor. Compete ao catequista purificar e estruturar as ideias das crianças.
2. A escolha da alternativa na experiência humana deve ter muito presente a realidade do grupo e se há grupos que têm uma maior capacidade de observação, podendo para eles estar indicada a primeira alternativa, há grupos onde a presença de crianças sensíveis e atentas aos outros, podem tornar mais aliciante a segunda alternativa. Se for possível, o catequista deve pedir às crianças que vão intervir para chegarem um pouco mais cedo, de modo a ter oportunidade de lhes explicar o que vão fazer (e que é simples), antes de a catequese começar, e assim conseguir uma maior agilização das dinâmicas.
3. O momento de oração deve ser preparado tendo em conta critérios de beleza e simplicidade, à semelhança das atitudes de Maria. A escolha da imagem de Maria ou do altar onde se vai fazer a oração é, por isso, importante. Devem evitar-se altares muito decorados ou escuros, que podem distrair ou ensombrar a alegria do momento, sendo nesse caso preferível fazer a oração na sala, preparando um pequeno espaço com uma imagem simples de Maria, umas flores e um conjunto de velas bonitas, uma por cada criança e o catequista.

MATERIAIS

- Papel de cenário e marcadores de várias cores, para a alternativa 1;
- Folha com o texto do poema «A Caridade», para a alternativa 2;

- Flores de papel, arranjadas num tabuleiro ou prato de papel dourado – uma para cada criança. As flores devem ter espaço para as crianças escreverem uma frase no meio. Podem ser de formas e cores diversas;
- Imagem ou ícone de Nossa Senhora, (mesmo no caso de haver perto do local da catequese um altar dedicado a Nossa Senhora, junto do qual se fará a oração);
- Uma toalha branca, bonita, para cobrir a mesa;
- Um ramo de flores frescas e bonitas, bem arranjado e num vaso adequado;
- Um «terço», se possível de contas de madeira coloridas, semelhante ao que está representado no catecismo (p. 43).

Se a oração decorrer na sala:

- Velas bonitas, de acordo com o número de elementos do grupo.

Se houver condições para isso:

- «Terços» ou «Dezenas» para oferecer às crianças.

MÚSICA

- “Nossa Senhora do «sim».”

Preparação da sala:

- O **placar** está vazio mas coberto com uma folha de cenário (1ª alternativa da Experiência Humana).
- Sobre a **mesa**, do lado esquerdo, a imagem ou ícone de Nossa Senhora. Do lado direito, a Bíblia, aberta no Evangelho de S.Lucas. Aos pés da mesa, de um lado, o vaso com as flores, do outro um cesto ou tabuleiro com as velas (caso a Oração tenha lugar na sala). O catequista senta-se do lado direito da mesa e coloca as crianças, sentadas em cadeiras, formando um círculo largo, em torno da mesa e da imagem de Nossa Senhora, deixando um espaço entre duas das crianças, para as crianças que vão participar mais ativamente na 1ª alternativa da Experiência Humana possam circular, tal como a criança que declamar a poesia da 2ª alternativa. Num caso e noutro, quando o grupo se preparar para a Palavra, estreita-se o círculo e as crianças/leitoras situam-se do lado direito da mesa, de frente para o grupo.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Depois de saudar as crianças, o catequista introduz o tema:

Eis que nos encontramos de novo! Ao longo desta semana, **lembraram-se do que falámos no nosso último encontro? O que foi que recordaram?** (*Deixar as crianças exprimirem-se e orientá-las para a avaliação do cumprimento do Compromisso: a leitura, a oração, o cântico*).

Nos nossos encontros anteriores vimos diversas pessoas, tal como haveis referido – membros do Povo de Deus – que, ao longo da história da salvação, foram chamadas a ser sinais de Deus no mundo. Trata-se de pessoas “normais” (como nós, com as pessoas que se cruzam connosco todos os dias nas ruas da nossa cidade ou da nossa aldeia, nas escadas do nosso prédio ou no centro comercial onde vamos às compras), mas que aceitaram o desafio que Deus lhes fez e que se propuseram agir em nome de Deus, levando a justiça, a liberdade, a paz, a todos aqueles homens e mulheres a quem Deus queria oferecer a sua vida e a sua salvação.

1ª

Alternativa

2. Vou desafiar-vos para uma atividade que é uma mímica e quero que estejam muito atentos para depois falarmos sobre o que se passou aqui.

O catequista escolhe duas crianças do grupo e, à parte, explica às duas que vão passar no meio do grupo, cada uma personificando uma de duas atitudes: a atitude positiva de quem está feliz e a atitude negativa de quem está “zangado com tudo e com todos”. Propõe ao que vai personificar a atitude positiva que passe no meio do grupo a sorrir, saltando de alegria e dando apertos de mãos ou beijos a uns e a outros. Depois explica ao que vai ter a atitude negativa para entrar com cara fechada, a olhar para o chão, de mãos nos bolsos e fazendo ar zangado para o grupo de catequese.

Se o grupo for muito grande e quiser ter mais crianças a participar pode convidar mais do que uma criança para representar cada uma das atitudes, por exemplo três crianças para a atitude positiva e três para a atitude negativa.

Agora, como vos pedi, vamos prestar atenção ao que se vai passar com o nosso amigo N... *(o catequista diz o nome da criança que vai ter a atitude positiva)*.

Quando o ambiente estiver calmo depois de terem todos participado da alegria transmitida pela criança que veio com a atitude positiva, o catequista chama a outra criança.

Ainda não acabámos! Agora vou pedir a N... *(o catequista diz o nome da criança que vai ter a atitude negativa)* para vir até nós.

3. Vamos agora refletir sobre o que se passou aqui. O que experimentaram quando passou(aram) por aqui o(s) primeiro(s) menino(s)? Como é que eles se mostraram? Muito bem... alegres! E nós ficámos com vontade de os receber? *(Deixar as crianças exprimirem-se, levando-as a referir como se sentiram bem, felizes e acolhidas pelos colegas que fizeram a demonstração de alegria)*.

Vamos sintetizar estas ideias, aquilo de que falámos, nesta folha grande de papel de cenário. *O catequista convida uma criança para o fazer.*

E quando veio(ieram) o(s) outro(s) menino(s)? Eles mostraram-se como? Aborrecidos... tristes... E nós, o que sentimos? Não foi a mesma sensação que tivemos de início, ou foi? Não... Qual foi a atitude que acabámos de ter? *(Deixar as crianças exprimirem-se)*. Pois, sentimo-nos contrariados, aborrecidos, tristes.

Agora vamos escrever na segunda parte da folha as nossas conclusões. *O catequista ajuda a criança que está a escrever as conclusões levando-a a reportar no papel de cenário termos como tristeza, afastamento, solidão, rejeição.*

Olhemos para as conclusões a que chegámos: de um lado temos alegria, acolhimento, felicidade e do outro tristeza, afastamento e rejeição. **Viram bem como a atitude de uns e de outros nos levaram a responder de forma tão diversa?** Quando alguém tem para connosco uma atitude de abertura e está feliz, ficamos contagiados por isso e tudo parece mais alegre à nossa volta e sentimos que, se quisermos conseguimos chegar mais longe. A alegria dos outros, de outra pessoa, ajuda-nos a sentir alegria, a sentirmo-nos bem. E quando nos sentimos bem tudo parece... mais bonito, mais fácil, bom. **E na história do Povo de Deus, será que encontramos quem seja modelo desta atitude?**

2ª
Alternativa

1. Hoje gostava de partilhar convosco algo de muito belo. **Quem de vocês costuma ler livros, histórias?** Muito bem! **E o que é que gostam de ler?** *(Deixar as crianças exprimirem-se).*

Estou a ver que muitos gostam de ler livros de aventuras, histórias, descobertas da ciência... **e alguém lê poesia? O que é que já leram ou ouviram de poesia?** Tomem atenção, hoje, vou convidar-vos a escutar uma poesia de Machado de Assis. Sabem quem foi? Foi um poeta, contador de histórias, jornalista, romancista, crítico e ensaísta que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Orfão desde muito cedo, não teve hipótese de estudar, pois começou a trabalhar muito jovem. No entanto, gostava muito de aprender e quando, com 17 anos, conseguiu um emprego como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, começa a escrever durante o tempo livre. Publica seu primeiro livro de poesias em 1864, sob o título de «Crisálidas». É deste livro o poema que vos vou ler *(o catequista pode pedir a alguma criança que leia, tendo em atenção que é uma poesia e deve ser declamada).*

A Caridade

Ela tinha no rosto uma expressão tão calma
Como o sono inocente e primeiro de uma alma
Donde não se afastou ainda o olhar de Deus;
Uma serena graça, uma graça dos céus,
Era-lhe o casto, o brando, o delicado andar,
E nas asas da brisa iam-lhe a ondear
Sobre o gracioso colo as delicadas tranças.

Levava pela mão duas gentis crianças.

Ia caminho. A um lado ouve magoado pranto.
Parou. E na ansiedade ainda o mesmo encanto
Descia-lhe às feições. Procurou. Na calçada
À chuva, ao ar, ao sol, despida, abandonada
A infância lacrimosa, a infância desvalida,
Pedia leite e pão, amparo, amor, guarida.

E tu, ó Caridade, ó virgem do Senhor,
No amoroso seio as crianças tomaste,
E entre beijos – só teus – o pranto lhes secaste
Dando-lhes leite e pão, guarida amparo, leite e amor.

2. O que nos conta este poema? (o catequista procura que as crianças vão interpretando o que ouvirem) Fala-nos em algumas pessoas. Quem são elas? ... Há uma senhora que segue calmamente pela rua com quantas crianças pela mão? Duas crianças. E o que ouve ela? Um choro (*magoadado pranto*) e o que faz ela? Passa adiante ou procura de onde vem o choro?

Depois quando encontra quem chora assim, e que eram crianças, finge que não vê ou faz alguma coisa? Acolhe-as no seu seio, enxuga-lhes as lágrimas e dá-lhes leite, pão, abrigo e acima de tudo, amor.

A este amor, que sentimos até pelas pessoas que ainda não conhecíamos – como é o caso da senhora de que aqui se fala - chamamos Caridade, o título do poema.

A caridade, quando está em nós, quando nós somos capazes de amar, permite-nos estar atentos, ouvirmos o que se passa à nossa volta: não nos deixar viver fechados sobre nós próprios. Viver a caridade é conseguirmos acolher os outros, fazer-lhes bem, como a senhora deste poema. **E será que na história do Povo de Deus encontramos quem tenha feito como ela?**

Para as duas alternativas:

3. Pois, chegou agora a altura de apresentar uma pessoa especial – uma mulher – que foi chamada por Deus para desempenhar um papel único e especial na história da salvação... Esta mulher não se limitou a agir em nome de Deus, não se ficou por atitudes de abertura ou caridade, mas fez mais do que isso: por ela, o próprio Deus veio ao mundo e encontrou-se connosco. Estamos a falar de... (*deixar as crianças exprimir-se*) ... Maria de Nazaré, a Nossa Senhora, a mãe de Jesus.

Trata-se de uma pessoa que todos os crentes conhecem bem e que conquistou um lugar e um espaço especial na história, no coração, na oração e na vida do Povo de Deus. Se passearmos pelas aldeias da nossa terra, não há lugar onde não haja uma imagem de Nossa Senhora, ou um nicho onde ela é recordada e venerada. Nas nossas capelas e igrejas, todos os dias se reza o Rosário em louvor de Nossa Senhora...

Quem é esta senhora que conquistou um lugar tão especial no coração e na devoção do Povo de Deus? Provavelmente já ouvistes muitas vezes falar desta mulher, não é verdade? **O que sabeis sobre ela? Sabeis o que a torna diferente e especial nessa imensa lista de pessoas que, ao longo da história da salvação, foram chamadas para colaborar com Deus no projeto que Ele tinha para a humanidade?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

II. PALAVRA

1. Vamos descobrir! O livro que apresenta a caminhada do Povo de Deus – a Bíblia – não nos dá muitas informações sobre a vida de Maria... Mas contamos que ela, ainda muito jovem, descobriu que Deus tinha um plano para a vida dela e queria confiar-lhe uma tarefa muito importante, uma missão fundamental para a humanidade.

O evangelista Lucas descreve o momento em que Maria sentiu o chamamento de Deus e percebeu o que Deus lhe pedia (cf. **Lc 1,26-38**):

2. *O catequista deve cuidar para que se faça um silêncio respeitoso, pois vão escutar a Palavra de Deus, que deve ser proclamada solenemente, de pé, por uma criança.*

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus

a uma cidade da Galileia chamada Nazaré,

a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David;

e o nome da virgem era Maria.

Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe:

«Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo».

Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação.

Disse-lhe o anjo:

«Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.

Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.

Será grande e vai chamar-se filho do Altíssimo.

O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim».

Maria disse ao anjo:

«Como será isso, se eu não conheço homem?»

O anjo respondeu-lhe:

«O Espírito Santo virá sobre ti

e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra.

Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus.

Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice

e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus».

Maria disse, então:

«Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra».

E o anjo retirou-se de junto dela.

Catequista:

Palavra da salvação

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

- 3.** *Depois de um breve silêncio, o catequista prossegue:* Portanto, Maria era uma jovem igual às outras, que vivia numa pequena aldeia do norte da terra de Canaan, chamada Nazaré. Como nos conta o evangelista Lucas, ela estava noiva de um homem chamado José e devia ter os seus planos para o futuro. Mas, um dia, Maria percebeu que Deus lhe pedia algo muito especial: que ela aceitasse ser a mãe de Jesus, o Filho de Deus.

Nessa altura, Maria deve ter pensado em muitas coisas... Por exemplo, porque é que Deus lhe fazia a ela tal pedido e não a qualquer outra. Também deve

ter pensado que, se aceitasse tal tarefa, isso poderia trazer-lhe problemas e mesmo pôr em causa o seu futuro, o seu casamento com José.

Quando nós já pensamos no nosso futuro e já traçamos o nosso caminho, quando temos planos já feitos, é difícil, de repente, aceitarmos uma coisa que muda toda a nossa vida e todos os nossos planos... **Como é que Maria reagiu a este desafio que Deus lhe apresentou? Disse a Deus que não estava interessada, que tinha outros projetos para o seu futuro? Disse a Deus que estava com dúvidas e que teria de pensar melhor antes de tomar uma decisão?** (deixar as crianças exprimirem-se) É isso mesmo: não!

O que ela disse a Deus é estava disposta a pôr toda a sua vida ao serviço de Deus, a colaborar totalmente com Deus e com o plano que Ele tinha para a humanidade. O que ela disse a Deus, foi: "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra". **Sabeis o que isto significa?** Significa: "se precisas de mim, conta comigo, pois eu estarei sempre ao teu serviço e farei tudo aquilo que tu quiseres; se achas que eu posso fazer alguma coisa para que tu, ó Deus, possas vir ao encontro da humanidade e salvá-la diz-me o que é preciso que eu faça; aquilo que é a tua vontade, é o que eu farei, mesmo que isso me estrague os planos que eu já tinha feito".

4. Não é fácil alguém dizer uma coisa assim... Não é fácil pormo-nos completamente ao serviço de Deus... É que, por vezes, Deus pede-nos coisas difíceis, coisas exigentes, coisas que nos obrigam a sair do nosso egoísmo para nos colocarmos ao serviço do projeto de Deus. Mas Maria foi capaz de dizer "sim" a Deus – um "sim" completo, um "sim" total, um "sim" sem reservas. Essa foi a primeira grande lição que Maria deu aos outros membros do Povo de Deus.

Sabeis qual foi o resultado desse "sim" que levou Maria a aceitar o plano de Deus? Claro que sabeis... Foi o nascimento de Jesus. Ao aceitar colaborar com Deus, Maria tornou possível que o próprio Deus nascesse no mundo e dissesse aos homens e às mulheres como é que deviam viver para serem felizes e terem uma Vida com letra grande. Maria ajuda-nos a perceber como escutar Deus e aceitar fazer o que Ele nos pede pode ser tão importante, pode mudar a história do mundo, pode ajudar tantas pessoas a encontrarem a felicidade! É verdade: quando nós dizemos "sim" ao que Deus nos pede, estamos a fazer com que Ele venha ao encontro do mundo e traga a todos os homens e mulheres a sua vida e a sua salvação.

5. Há um outro episódio contado pelo evangelista Lucas (cf. **Lc 1,39-45**) que mostra como Maria, depois de dizer “sim” aos planos de Deus, foi ao encontro de outras pessoas para as ajudar e para lhes levar Jesus... (*Com o silêncio e recolhimento do grupo, uma outra criança lê o seguinte:*)

Catequista:

O Senhor esteja conosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Criança:

Por aqueles dias,

**Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha,
a uma cidade da Judeia.**

Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.

**Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,
o menino saltou-lhe de alegria no seio
e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.**

Então, erguendo a voz, exclamou:

**«Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre.
E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?
Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação,
o menino saltou de alegria no meu seio.**

Feliz de ti que acreditaste,

porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor».

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

6. Percebeis o que o evangelista Lucas quis ensinar-nos ao contar esta história, não percebeis? Depois de dizer que aceitava o plano que Deus tinha para ela, Maria começou logo a «trabalhar», a agir, indo ao encontro da sua parente Isabel, que estava grávida, para a ajudar.. E, quando Maria chegou,

Isabel compreendeu, no seu coração, que ela trazia consigo o próprio Deus, para o levar ao encontro das pessoas, para o dar aos homens e mulheres do mundo inteiro... O próprio filho de Isabel – que ainda estava na barriga da mãe – saltou de alegria. **Porquê?** Porque pressentiu a chegada de Jesus ao mundo... Porque pressentiu a chegada dessa salvação de Deus que Jesus veio trazer à humanidade... Porque pressentiu que estava a chegar à terra aquele que iria mudar o mundo e propor aos homens uma nova forma de viver...

7. Maria acolheu Deus e levou-o ao encontro da humanidade. Em Maria e por Maria, o próprio Deus veio ao encontro de todos os homens e mulheres para lhes trazer a alegria, a paz, a libertação, a salvação. Com Maria começa o **tempo em que Deus veio habitar no meio de nós** para nos apontar os caminhos pelos quais devemos andar.

Percebeis agora como Maria é importante para todo o Povo de Deus?

Percebeis, ao olhar para Maria, que quando aceitamos o que Deus nos pede e quando fazemos o que Ele nos indica estamos a tornar Deus presente no mundo? Percebeis que quando aceitamos cumprir o plano de Deus estamos a levar alegria e felicidade sem fim a muitos dos nossos irmãos e irmãs?

(Deixar as crianças exprimir-se e louvar Nossa Senhora e prosseguir).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. **Para que a oração a Nossa Senhora** se revista, simultaneamente, da solenidade devida e da alegria que a todos o exemplo de Maria e a sua presença no grupo deve provocar, o catequista começa por ensaiar bem o cântico:

“Nossa Senhora do «sim»”.

Depois de sabido o cântico ou, pelo menos o refrão,

Nossa Senhora do Sim,

maravilha: Virgem Mãe!

Cuida, Maria, de mim

e que eu diga sim também,

e qualquer que seja o local escolhido para a oração, as crianças realizam a seguinte atividade:

Vou distribuir a cada um uma flor de papel e cada um vai escrever algo nela sobre Maria, algo que acha importante dizer a Maria.

O catequista distribui as flores de papel e ajuda as crianças que tiverem dificuldades a encontrarem uma frase ou palavra, sobre Maria, ou a redigir alguma invocação que lhe queira dirigir.

2. Depois:

Na sala: pede às crianças para se levantarem e se colocarem, à volta da imagem de Nossa Senhora, como estão, mas um pouco mais próximas da imagem. Cantam o cântico:

"Nossa Senhora do «sim»".

Se a oração tiver lugar noutro local (oratório, capela, igreja): pede às crianças para se levantarem e formarem uma pequena procissão a pares; saem ordeiramente da sala mas de modo que:

- na frente, uma criança leva a imagem de Nossa Senhora e outra o vaso com as flores naturais;

- na segunda fila, uma criança leva a Bíblia e outra o tabuleiro com as flores de papel, trabalhadas pelas crianças; as demais seguem atrás.

Enquanto se deslocam para o local escolhido, vão sempre cantando o cântico:

"Nossa Senhora do «sim»".

Quando chegarem junto do altar, formam um semi-círculo defronte deste; a criança que leva a imagem fica do lado direito e a criança que leva as flores naturais, do lado esquerdo. A criança que leva o prato dourado com as flores de papel, fica ao centro-direita, e a criança que leva a Bíblia, ao centro-esquerda. O catequista passa pelas crianças, pedindo a cada uma para retirar a sua flor do prato dourado e a segurar na mão.

3. Em qualquer dos casos, prossegue a oração da seguinte forma:

Agora cada um vai colocar a sua flor junto da imagem de Nossa Senhora, de modo que as flores possam formar um círculo à sua volta. *(Deixar as crianças proceder, sendo que as crianças que têm objetos na mão – imagem, vaso, bíblia – são auxiliados pelo catequista.)*

O catequista prossegue: Com estas flores, formamos uma grinalda (uma coroa de flores) à volta de Nossa Senhora. Oferecer-lhe flores, é honrá-la, é

mostrar que a admiramos, que apreciamos o que ela fez e nos ensinou a fazer – escutar Deus, aceitar as suas propostas, levar Deus ao encontro das pessoas...

Antigamente, a esta coroa de flores que se colocava à volta de Maria para a honrar, chamava-se “um rosário” (uma grinalda de rosas). Daí vem o costume de rezar o Rosário a Maria, saudando-a (“Ave Maria...”), como se estivéssemos a oferecer-lhe flores.

A oração do rosário é composta por 15 dezenas de Avé-Marias, rezando-se também um Pai-Nosso no início de cada dezena. Ao longo de cada dezena, vai-se meditando num episódio importante da vida de Jesus e na presença de Maria nesse acontecimento. Como o Rosário (15 dezenas de Avé-Marias) é uma oração um pouco longa, os amigos de Maria habituaram-se a rezar apenas uma terça parte, “**um terço**” (*O catequista mostra o terço às crianças.*), isto é, 5 dezenas de Avé-Marias. É uma oração que muitos cristãos rezam todos os dias, procurando dessa forma honrar e louvar Maria.

O catequista convida depois, cada criança a referir o que escreveu na sua flor sobre Maria, intercalando com o seguinte refrão:

“Avé, Maria, cheia de graça, ensina-nos a dizer sim a Deus”.

A oração termina com o *cântico*:

“Nossa Senhora do «sim»”.

4. Compromisso:

Esta semana, queria pedir-vos para rezarem todos os dias uma dezena de «Avé-Maria». No vosso catecismo (página 43 e página 44) está explicado como se reza bem o «Terço»; podeis procurar fazer como lá está indicado, isto é, meditando um dos momentos da vida de Jesus que se propõe para cada dia. Podeis pedir a ajuda de um adulto ou, melhor ainda, propor que em vossa casa se reze uma dezena todos os dias ou, uma vez na semana, um «Terço». Depois,

Registam essa experiência de amor a Nossa Senhora no espaço desta catequese 9, na vossa **Barra Cronológica**. Mas, hoje mesmo, registam também na Barra Cronológica a frase que dirigiram a Nossa Senhora, para nunca mais a esquecerem. Podem decorar a vossa folha, para ficar muito bonita.

Nota: Se houver condições para tal, sugere-se que o catequista:

- ofereça um «Terço» a cada uma das crianças, ou uma «Dezena», para as incentivar a rezar a Nossa Senhora deste belo modo tradicional;
- se na comunidade de fé em que tem lugar a catequese houver o hábito de rezar o «Terço», propor aos responsáveis por esse momento de oração que os catequistas do 5º catecismo a animem, num dia a combinar, e convidar as crianças para participar; repetir todos os meses e dar cada vez mais protagonismo às crianças na sua preparação, conforme se forem sentindo mais aptas para o fazer. Se não houver este hábito, criá-lo, com a ajuda das crianças e das famílias.

E, porque para a semana vamos ter a nossa **Celebração de Natal** (catequese 10), hoje levais:

- a) O convite para as vossas famílias estarem connosco (*entregue pelo catequista ou registado na página 44 do catecismo*);
- b) Um compromisso especial... (*o catequista entrega a cada criança o cartão com a promessa que as crianças vão fazer ao Menino, durante a Adoração prevista na Celebração de Natal, Documento 1*) sobre o qual cada um vai refletir e preparar – com a sua família – um verdadeiro compromisso de Natal.

Antes de saírem o catequista dá as indicações necessárias à preparação da catequese 10, explicando os procedimentos, a colaboração de cada um e o que devem trazer. Para evitar dificuldades de última hora, deve combinar com as crianças reunir os materiais (exceto os alimentos do lanche) até à véspera da catequese, incluindo os cartões com o Compromisso registado. Também deve convocá-las para um ensaio dos cânticos e, se puder, reunir-se brevemente com os pais ou contactá-los pelo telefone ou e-mail, tudo no sentido de conseguir a sua presença e, tanto quanto possível, os envolver na preparação da Celebração.

Para guardar na memória e no coração

Jesus nasceu porque Maria respondeu “sim” à proposta de Deus. Como Maria vou responder “sim” a Deus e levar Jesus aos outros.

DOCUMENTO 1

IMAGEM DE UM PRESÉPIO

Fu _____

Nós (apelido da família)

*Quero (queremos) acolher Jesus no
meu/nosso coração.*

*Quero/queremos ouvir sempre a sua
Mensagem e viver de acordo com o
que *Ele* nos propõe com amor.*

Assim, comprometo-me

/comprometemo-nos a ...

 _____

A nossa Celebração de Natal,

dia ___/___/___

em

_____.

“NASCEU-VOS UM SALVADOR”

(Lc 2, 11)

Celebração de Natal

II – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Natal como expressão do amor de Deus pela humanidade

«Era uma vez um Deus que amava os homens com um amor sem limites...». Uma reflexão sobre o Natal podia perfeitamente começar desta forma... É inconcebível pensar no Natal – no nascimento de Jesus – sem o enquadrar no contexto da história da salvação e do cenário do amor infinito de Deus pelos homens.

Desde sempre – desde os primeiros instantes desse longo e lento caminho histórico que a humanidade vem percorrendo – Deus inventou formas de aproximar-se de nós com um desígnio de comunhão, de vencer as distâncias entre o céu e a terra, de dar-nos a conhecer o seu rosto e as suas propostas, de nos apontar os caminhos da felicidade e da Vida... O que é que levou Deus a esse movimento “descendente”, a esse esforço de aproximação à humanidade, a esse interesse pelos homens e mulheres que caminhavam na terra? Para esta questão, há apenas uma resposta óbvia: Deus interessa-se tanto por nós, porque nos ama; e, porque nos ama, quer a nossa felicidade, quer a nossa realização plena! A história da intervenção de Deus no caminho da humanidade é uma história de amor: de um amor total, sem medida, incondicional, eterno, absoluto.

A Encarnação de Jesus foi “apenas” o ponto mais alto dessa história de amor... Há algo de incrível, de inaudito – quase poderíamos dizer de “inaceitável” – neste movimento que leva Deus a “descer”, a correr riscos, a assumir a debilidade, a fragilidade e a precariedade da nossa natureza humana, para

se encontrar conosco no nosso ambiente – no cenário em que nos movemos todos os dias – a fim de nos olhar nos olhos e indicar-nos, com palavras humanas e com gestos de homem, caminhos de Vida e de salvação. Mas o amor, quando é autêntico, é capaz de gestos incríveis, inauditos, “inaceitáveis”. E o amor de Deus por nós é autêntico! Celebrar o Natal é, antes de mais, dar de caras com o amor infinito de Deus pelos seus filhos e filhas que caminham no mundo e na história.

2. “Nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2,11)

Peguem na catequese que o evangelista Lucas nos apresenta sobre o nascimento de Jesus (cf. Lc 2,1-20). Diante de nós está esse Deus que veio ao encontro da humanidade e que nasceu em Belém, a cidade da família do grande rei David. A referência explícita a Belém sugere que este Jesus é o Messias, da descendência de David, anunciado pelos profetas (cf. Mi 5,1). Desta forma, a catequese cristã afirma que o nascimento de Jesus se integra no plano que Deus tem para instaurar o Reino messiânico (um Reino de justiça, de verdade, de liberdade, de paz e de vida sem fim) e para salvar definitivamente o seu Povo – plano que os profetas anunciaram e cuja realização o Povo de Deus aguardava ansiosamente.

Em Belém, contudo, não há lugar para acolher Maria e José, e o Menino acaba por nascer num abrigo nos campos dos arredores da cidade, sendo o seu primeiro leito no mundo uma manjedoura onde os animais se alimentavam... A simplicidade do quadro do nascimento – a manjedoura, a falta de lugar na hospedaria, os panos que envolvem a criança recém-nascida – grita bem alto a lógica do projeto de Deus: é na pobreza, na simplicidade, na fragilidade que Deus vem ao encontro dos homens para lhes apresentar a sua proposta de salvação e de vida nova. A proposta que Deus nos quer fazer não chega até nós legitimada pela força de um cetro, pelo poder das armas, pelo brilho dourado do dinheiro ou pelas apostas politicamente corretas dos fazedores de opinião; mas é uma proposta que Deus faz chegar ao coração dos homens através da simplicidade, da fraqueza e da ternura de um “menino”. É assim que Deus entra na nossa história; é assim a lógica de Deus.

Detenhamo-nos, ainda, na contemplação dessas figuras que, segundo o evangelista Lucas, foram as “testemunhas” do nascimento de Jesus: os pastores. Trata-se de gente considerada violenta e marginal, que invadia com os rebanhos as propriedades alheias e que tinha fama de se apropriar da lã, do leite e das crias dos rebanhos. Os pastores eram, com frequência, colocados ao lado dos publicanos e dos cobradores de impostos, todos

incapazes de reconhecer a quem tinham prejudicado e, portanto, incapazes de oferecer uma reparação. Pertenciam ao grupo daqueles que a catequese oficial considerava muito longe de Deus. Ora, Lucas coloca, precisamente, estes marginais como as "testemunhas" privilegiadas que acolhem a chegada de Jesus ao mundo. Para estes "pecadores", cuja opinião pública catalogava e marginalizava, a chegada de Jesus é uma "boa notícia", recebida com alegria: chegou a salvação/libertação; a partir de agora, através de Jesus, os pobres, os débeis, os marginalizados, os pecadores passam a ter acesso a Deus e são convidados a integrar essa comunidade dos filhos amados de Deus. Deus não rejeita nem marginaliza ninguém, nem sequer aqueles que a religião oficial considerava proscritos, malditos, violadores notórios da boa conduta e da moral pública... A todos os homens e mulheres, sem exceção, Deus quer apresentar – através desse Menino pequeno, frágil e pobre do presépio – uma proposta de salvação que os leve a integrar a comunidade da Nova Aliança, a comunidade do Reino. Eis a salvação de Deus a vir ao encontro dos homens e oferecer-lhes a possibilidade de uma vida nova, de uma vida plena, de uma vida onde a felicidade não é uma utopia irrealizável; eis Deus a convidar todos os homens, sem exceção, para se sentarem com Ele à mesa onde se realiza o banquete do Reino.

3. O que é celebrar o Natal?

Celebrar o Natal é, antes de mais, contemplar o Menino do presépio e ver nele a expressão suprema do imenso amor de Deus pela humanidade... A admiração que esse amor incomensurável suscita, tem de converter-se, a cada instante e a cada passo, em louvor, em ação de graças, em adoração. Celebrar o Natal é, também, acolher esse Deus que vem até nós com uma proposta irrecusável de vida e de salvação e dar-lhe lugar no nosso coração e na nossa vida; é escutar atentamente essa proposta que Ele traz, acolhê-la no nosso coração e deixar que ela marque as nossas escolhas, os nossos passos, os nossos gestos, a nossa forma de olhar o mundo e os outros homens e mulheres que caminham ao nosso lado.

Celebrar o Natal é reconhecer nesse Menino do presépio uma luz que se acende na noite da história humana; é seguir a sua estrela pelos caminhos do mundo, seguir os seus passos, beber as suas palavras e os seus gestos, fazer dele a referência fundamental à volta da qual se constrói toda a existência, todos os projetos de vida, todos os planos.

Celebrar o Natal é, ainda, aprender essa lógica de Deus que a simplicidade do presépio de Belém maravilhosamente expressa e representa: é descobrir que

Deus vem até nós na pequenez, na simplicidade, na debilidade e que é precisamente aí que se manifesta esse dinamismo de Deus que transforma e renova o mundo; e é construir o mundo com essa lógica: não com a força das armas, não com a imposição violenta das ideias, não com a intolerância, mas com o amor que se faz serviço simples e humilde e que se torna dom incondicional.

Celebrar o Natal é acolher o convite de Deus para nos sentarmos à mesa de um banquete de onde ninguém é excluído e onde todos os filhos e filhas de Deus têm lugar; é perceber que cada homem é nosso irmão, que cada mulher é nossa irmã, mesmo que seja de outra raça, ou que tenha ideias diferentes, ou que se esconda atrás de muros onde eu ainda não consegui chegar.

Celebrar o Natal é ter consciência de que Deus não é, para a humanidade, um adversário que é preciso vencer, mas um dom que é preciso acolher; é ter consciência de que a humanidade só tem a ganhar se encontrar espaço para acolher esse Deus que quer construir connosco uma história de salvação, uma história em cujo horizonte final não está o fracasso, mas está a plena realização de todos esses filhos e filhas que Ele ama e quer ver felizes para sempre.

OBJETIVOS

- Celebrar o Natal de Jesus.
- Enquadrar o nascimento de Jesus no cenário da história da salvação, aprendendo a ver nesse facto o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira.
- Sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de vida que Ele traz.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta celebração está construída em dois momentos essenciais:

- **Evocação da história da salvação** que as crianças têm descoberto e explorado nas catequeses anteriores, orientada para o objetivo pedagógico «Enquadrar o nascimento de Jesus no cenário da história da salvação, aprendendo a ver nesse facto o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira». Esta pode ser feita, preferencialmente, utilizando uma encenação semelhante à proposta para a catequese 2 e os materiais construídos, as fotos e posters usados nas catequeses seguintes. Uma criança ou adulto faz a leitura dos textos pares e outra criança ou outro adulto faz as

leituras ímpares. Para cada leitura uma ou duas crianças (conforme o tamanho do grupo e o espaço disponível, vai - pelo corredor central - para diante da assembleia, mostra as «imagens» dos temas invocados e depois coloca-as à frente da mesa do presépio, sobre um banco ou conjunto de caixas de papelão forradas, colocado junto da mesa, criando um mostruário.

- **Escuta da Palavra**, aprendendo a ver no nascimento de Cristo o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira.
- **Adoração do Menino**, que procurará ajudar os participantes a sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de vida que Ele traz.

2. Para que tudo decorra bem, procure-se que todos os intervenientes sejam bem preparados (nomeadamente os que participam nos cortejos e nas leituras). Se se achar oportuno, faça-se um guião da celebração, não com todos os seus pormenores, mas, ao menos, com os cânticos. Estes devem ser ensaiados com antecedência e, no dia, antes de a celebração começar. O cântico inicial, "**Adeste fidelis**", pode ser cantado na sua versão portuguesa "Jesus vem ao mundo".
3. Se as crianças trouxerem consigo convidados, tal qual foram sugeridos nas catequeses anteriores, faça-se, logo no princípio, uma referência a eles e louvem-se as crianças pelo resultado do seu empenho em viver com eles a sua experiência de participar na vida do Povo de Deus. Sendo possível, os convidados poderão ser chamados a participar, também, na preparação e partilha de um lanche, com que, de preferência, se finalizará a celebração, assim como nalgumas das Leituras.
4. Deve procurar-se viver um ambiente de grupo, de equipa, e de festa desde o início da preparação da celebração. Se houver tempo e meios para isso, o presépio deve ser montado com o maior contributo e participação possíveis das crianças, desde a preparação das figuras (trazidas de casa, feitas em papel, cartão, plasticina ou massa de argila, pelas próprias crianças), conforme combinado com estas, pelo catequista, até à sua distribuição no suporte e enfeite do espaço. O catequista garantirá que todas as crianças contribuem com algum objeto e participam nos arranjos. Algumas deverão ser preparadas previamente para as Leituras que farão.

MATERIAIS

- Os necessários para a preparação do presépio;
- Um Menino Jesus de tamanho adequado à *Adoração*;
- Duas velas grandes e bonitas;
- Bíblia, de preferência, de formato litúrgico;
- Barras Cronológicas das crianças, para expor;
- Estante, para as leituras;
- Leitor de CD e CD com cânticos, se necessário;

Para a *Evocação da história da salvação*:

- Os símbolos da criação usados na catequese 2;
- As imagens usadas na catequese 2;
- As fotos de paisagens e pessoas usadas na catequese 3;
- As imagens representativas do mal, do sofrimento e do conflito, usadas na catequese 4;
- A capa e o cajado usados na catequese 6 ou vestuário necessário para trajar uma criança «como» Abraão;
- Régua do tempo usada na catequese 7, ampliada sobre uma Barra Cronológica (da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 5);
- Os posters dos profetas usados na catequese 8;
- Fotos das figuras que as crianças escolheram como profetas de hoje.
- Cadeiras em número suficiente para todos os presentes;
- Recordação para oferecer a cada uma das crianças/famílias (um postal com o Menino Jesus ou o presépio, de preferência montado a partir de uma foto da imagem ou do presépio a usar na celebração¹) e/ou o Terço referido na catequese 9;
- Tudo o que é necessário para preparar e apreciar o lanche que se segue à celebração.

MÚSICAS

- "Adeste fidelis", que pode ser na sua versão portuguesa "Jesus vem ao mundo".
- "Aleluia", J, Berthier (Taizé) - refrão
- "Gloria in excelsis" (na versão portuguesa).

¹ Os catequistas podem montar o presépio de forma semelhante à que se espera obter com o contributo das crianças (se estas prepararem ou levarem as peças, que lhes sejam pedidas com alguns dias de antecedência) e fotografá-lo com uma câmara digital; a foto pode ser impressa em papel comum ou de fotografia e no verso ser-lhe colado ou registado à mão um pequeno texto preparado pelo catequista de cada grupo e em função de cada criança.

PREPARAÇÃO DA SALA

- **Sobre a mesa** ou noutro suporte que lhe dê lugar de destaque, instalar o presépio, mas sem a figura do Menino Jesus.
- A **Bíblia**, sobre um suporte bonito e adequado, que pode ser uma caixa grande, forrada com papel de embrulho alusivo à época, ficará colocada junto ao presépio.
- Colocar as cadeiras em círculo, frente à mesa, mas deixando um corredor central. Se possível, as crianças sentam-se junto das suas famílias.
- Decorar as paredes com as **Barras Cronológicas** das crianças, instaladas com bostik, e colocadas de modo a poder observar-se os espaços que já estão trabalhados.

II. DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. ENTRADA E ACOLHIMENTO

Os convidados já estão nos seus lugares e levantam-se à entrada do cortejo:

1. Cortejo inicial

*À frente vão duas crianças com **velas acesas** nas mãos. Seguem-se as outras crianças, aos pares, que entram cantado e precedendo o Presidente da celebração que traz nas mãos uma **imagem do Menino Jesus**. Ergue-a ligeiramente para a mostrar à assembleia e coloca-a em lugar de destaque, central, do presépio, onde todos a possam ver. Depois do cântico de entrada, as velas são colocadas na mesa, uma de cada lado do presépio.*

2. Cântico de entrada

"Adeste fideles" (John Reading)

3. Saudação

Presidente (depois de convidar as pessoas a sentarem-se):

**A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,
que se fez homem
e veio habitar no meio de nós,
esteja convosco.**

Todos:

**Bendito seja Deus
que nos reuniu no amor de Cristo.**

4. Acolhimento

Presidente:

Reconheceis a imagem que acabo de vos apresentar, não é verdade?

E sabeis porque é que hoje a colocamos em destaque, para todos a vermos...

Sim, estamos a celebrar o Natal, o nascimento de Jesus.

Estamos a celebrar esse momento em que Deus se fez uma pessoa como nós e veio ao nosso encontro para nos falar, para nos indicar os caminhos por onde devemos andar, para nos ensinar a construir um mundo de paz e de justiça, para nos dizer como é que nós devemos viver para sermos felizes.

Deixem-me lembrar-vos uma coisa que tendes vindo a ver ao longo encontros de catequese deste ano: Deus tem um "projeto", um desígnio, um plano para a humanidade, que é fazer com que nós, homens e mulheres, alcancemos a felicidade e a vida sem fim. E, desde o início do mundo, Deus está a realizar esse projeto e está a apontar-nos os caminhos que nós devemos percorrer para encontrar essa felicidade e essa Vida... Por isso, Deus tem inventado formas de vir ao nosso encontro, de nos falar, de nos apontar caminhos.

Hoje, reunimo-nos para celebrar esse cuidado amoroso que Deus tem para conosco e juntaram-se a nós pais, irmãos, avós, padrinhos, amigos da escola, *(adaptar às circunstâncias e solicitar uma brevíssima apresentação dos familiares e outros convidados, feita pelas crianças)*...

Vamos sentar-nos e recordar algumas das iniciativas de Deus, ao longo da história, no sentido de nos propor o seu projeto.

5. Evocação da história da salvação

A leitura é efetuada a partir da estante, colocada do lado esquerdo da assembleia. Os leitores dirigem-se a esta pelo corredor central e voltam aos seus lugares pela lateral. As crianças que vão mostrar os diversos símbolos partem dos seus lugares logo que o leitor se levanta e fazem o mesmo percurso; apresentam os símbolos, depositam-nos junto da mesa do presépio e colocam-se por detrás do leitor até este ter terminado a sua leitura e todos responderem «Obrigado, Senhor, pelo teu amor»; depois de dada a resposta, regressam aos lugares.

Leitor 1 – Tudo começou no início quando, a partir da palavra criadora de Deus, surgiu o universo, com as estrelas, o sol, a lua, a terra e os oceanos. Deus criou um mundo cheio de beleza e de cor, onde tudo era bom, harmonioso, cheio de graça e de paz. *(As crianças vão mostrando os símbolos da criação usados na catequese 2).*

Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

Leitor 2 – Milhares de anos deslizaram no rio do tempo e Deus, num ato de amor, criou o homem e a mulher e neles depositou o seu Espírito. Deus ofereceu ao homem e à mulher – criados à sua imagem e semelhança – esse mundo bom que tinha criado e pediu-lhes que continuassem a obra que Ele tinha começado. Também lhes indicou os caminhos que conduziam à felicidade e os caminhos que conduziam ao sofrimento e à infelicidade, a fim de que os homens e mulheres pudessem fazer escolhas certas e terem vida de verdade. (As crianças vão mostrando as imagens usadas na catequese 2).

Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

Leitor 3 – Contudo, os homens e as mulheres acharam que não precisavam de Deus, pois sabiam bem, por eles próprios, o que precisavam de fazer para serem felizes... (As crianças vão mostrando as fotos de paisagens e pessoas usadas na catequese 3) Então, esqueceram as indicações de Deus e escolheram o egoísmo, a violência, o conflito, a exploração dos outros homens e mulheres... E assim, esse mundo bom que Deus tinha criado transformou-se num lugar cheio de sofrimento e de morte. (As crianças vão mostrando as imagens representativas do mal, do sofrimento e do conflito, usadas na catequese 4.) Apesar de tudo, Deus continuava a amar os seus filhos e filhas e continuava a querer ensinar-lhes os caminhos da vida e da salvação.

Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

Leitor 4 – Milhares de anos deslizaram no rio do tempo e Deus escolheu um homem – Abraão – (As crianças vão mostrando a capa e o cajado usados na catequese 6 ou uma criança vestida «como» Abraão surge junto do presépio) para começar com ele um Povo novo, um Povo que compreendesse a necessidade de escutar as indicações de Deus e de viver de acordo com as propostas de Deus. Deus queria que esse Povo, depois de descobrir Deus e de conhecer bem os seus caminhos, mostrasse a todos os outros povos como só os caminhos indicados por Deus conduzem ao encontro da felicidade e da Vida verdadeira.

Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

Leitor 5 – Mais alguns séculos deslizaram no rio do tempo... O Povo de Deus, no caminho que foi percorrendo pela história conheceu, algumas vezes, a opressão e a injustiça, o sofrimento e a morte; mas, sempre que parecia não haver esperança nem futuro, Deus chamava pessoas a quem confiava a missão de libertar e salvar o seu Povo (*Duas crianças mostram a régua do tempo usada na catequese 7*).

Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

Leitor 6 –Esses a quem Deus chamava e a quem confiava a missão de libertar o seu Povo, ou de o chamar à responsabilidade, ou de lhe indicar caminhos de Vida e de felicidade eram, no meio dos seus irmãos e irmãs, a voz de Deus, a Palavra de Deus, os sinais e as testemunhas do amor e da bondade de Deus, que nunca deixava de se preocupar com a felicidade dos seus filhos e filhas (*duas crianças mostram os posters dos profetas usados na catequese 8 assim como fotos das figuras que elas mesmas escolheram*).

Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

II. PALAVRA

1. Introdução

Presidente:

Há vinte séculos, um cristão cujo nome desconhecemos começava assim uma catequese que hoje faz parte da Bíblia, e que aparece num escrito que conheceis, chamado “Carta aos Hebreus” (Heb 1,1-2):

**“Muitas vezes e de muitos modos,
falou Deus a nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas.
Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do seu Filho,
a quem constituiu herdeiro de todas as coisas,
e por meio de quem fez o mundo”.**

Temos estado a recordar algumas das intervenções de Deus na história da humanidade e temos estado a agradecer a Deus pelo seu amor, pelo seu cuidado, pelo seu esforço em vir ao nosso encontro e em indicar-nos os caminhos que nós devemos percorrer para sermos felizes... Já sabemos que, ao longo da história dos homens, Deus escolheu e chamou pessoas – pessoas

como nós, com defeitos e qualidades, mas pessoas – e confiou-lhes “recados” para os homens. Essas pessoas foram a voz de Deus a fazer-se ouvir no nosso mundo... Mas, em dado momento, o próprio Deus quis, Ele próprio, vir ao nosso encontro, quis ser Ele a falar-nos e a mostrar-nos, com as suas palavras e com os seus gestos, como é que nós devíamos viver e que caminhos deveríamos percorrer para encontrar essa Vida e essa felicidade que Ele queria para todos os seus filhos e filhas.

Já sabemos como é que Deus fez: chamou uma jovem da aldeia de Nazaré e pediu-lhe que ela aceitasse ser a mãe do seu Filho, de Jesus... Essa mulher escutou o pedido de Deus e disse que aceitava fazer tudo o que pudesse para que Deus viesse ao encontro da humanidade dizer-lhe palavras de Vida e de salvação.

Foi assim que Jesus, o filho de Deus, nasceu no meio de nós.

2. Cântico: “Aleluia” (refrão).

Presidente:

Cantemos em louvor de Deus, que nasceu no meio de nós.

Todos:

“Aleluia”.

3. Proclamação da Palavra (Lc 2,1-18)

Presidente:

Vejamos como o evangelista Lucas na conta este momento tão importante da história da salvação:

Depois de todos estarem de pé:

Presidente:

O Senhor esteja convosco.

Assembleia:

Ele está no meio de nós.

Presidente:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Assembleia:

Glória a vós, Senhor.

Presidente(ou um adulto):

Naqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra.

Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria.

Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade.

Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da linhagem de David,

a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida.

E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz,

e teve o seu filho primogénito,

que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria.

Na mesma região encontram-se uns pastores que pernoitavam nos campos,

guardando os seus rebanhos durante a noite.

Um anjo do Senhor apareceu-lhes,

e a glória do Senhor refulgiu em volta deles;

e tiveram muito medo.

O anjo disse-lhes:

1ª criança/leitor:

«Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria,

que o será para todo o Povo:

hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.

Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura».

Presidente:

De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo:

2ª criança/3ª criança/leitores:

«Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

Presidente:

**Quando os anjos se afastaram deles em direção ao céu,
os pastores disseram uns aos outros:**

4ª criança/leitor:

**«Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a
conhecer».**

Presidente:

**Foram apressadamente e encontraram Maria,
José e o menino deitado na manjedoura.
Depois de terem visto,
começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito do menino.
Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores.**

Presidente:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

4. Reflexão

Presidente (depois de todos se sentarem):

Acham que Deus precisava de vir ao nosso encontro, de ter nascido numa gruta de animais, sem conforto, sem roupas quentinhas, sem um médico por perto? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*) Acham que Deus precisava de nascer numa terra cheia de pobreza e de sofrimento, e de ver as dores e as doenças das pessoas, as injustiças e as maldades que os poderosos cometiam contra os mais fracos? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*) Acham que Deus precisava de andar pelo nosso mundo a cansar-se, a passar frio e fome, a ser perseguido pelas autoridades do seu país? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*) Acham que Deus precisava de ser morto numa cruz, como se fosse um bandido? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*)

Não, como tão bem pensais e haveis partilhado, Deus não precisava de nada disso. Então, porque é que Ele quis vir ao mundo ter connosco, porque é que ele quis nascer no meio de nós? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente e convidar os adultos a pronunciarem-se*)

De facto, só há uma resposta para esta pergunta: Ele veio ter connosco porque gosta muito de nós e quer a nossa felicidade. Assim, quis, Ele próprio, mostrar-nos como é que devemos viver para ser felizes, para construir um mundo de felicidade, de justiça e de paz.

Ao olharmos para a imagem desse menino Jesus, cujo nascimento estamos a celebrar, esta é a primeira coisa que devemos saber: Deus veio ao nosso encontro e nasceu em Belém porque gostava muito de nós e queria dizer-nos como é que nós podemos ser felizes.

Quando ouvimos descrever o nascimento de Jesus, ficamos impressionados com o cenário de simplicidade e de pobreza que o acolheu... Então Jesus não era o Filho de Deus? E sendo o Filho de Deus, não podia ter nascido no palácio de um grande rei, rodeado de honras, de riquezas e de cuidados? Não podia, desde logo, vestir roupas caras, e ter à sua volta, a prestar-lhe homenagem, as pessoas mais importantes do mundo? Então, porque é que Ele escolheu nascer numa gruta de animais onde nem um berço havia, com o frio a entrar por todos os lados, e uns simples panos grosseiros a envolver o seu corpo de bebé? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Tendes razão, Ele escolheu a pobreza e a simplicidade para mostrar-nos que Deus não quer dominar os homens com poder, com autoridade, com a imposição de um caminho ou de leis que nos obriguem a fazer o que não queremos... Deus não quer "mandar" em nós, não quer obrigar-nos a nada, não quer exigir nada de nós... O que Deus quer é apresentar-nos uma proposta que nos toque o coração, que nos impressione, que nos traga amor e paz...

Por isso, Ele vem até nós sem nada de ameaçador nas mãos, sem poder, sem exigências, sem mostrar a sua força e autoridade; Ele vem até nós na figura de um bebé pequenino – não há nada mais doce e mais terno do que um bebé, muito pequenino, que não se impõe, que não tem força, que depende totalmente das pessoas crescidas – para nos sugerir, com ternura e amor, como é que nós devemos caminhar. E é dessa forma – com ternura, com amor, com humildade, como se nos pedisse desculpa – que Deus vem ao nosso encontro para nos propor caminhos de felicidade e de paz. Deus não é, para nós, um concorrente, um adversário; Deus é, para nós, alguém que

nos ama, que nos respeita, que aceita a nossa liberdade, que propõe mas nunca impõe. O menino do presépio de Belém é a imagem de um Deus que vem ter connosco, não para nos obrigar, mas para nos convidar, gentilmente, a escolher a Vida e a felicidade. E vós, quereis esta felicidade? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Muito bem! É certo que toda a pessoa humana procura a felicidade, mas às vezes, nem toda a gente consegue! Repararam nas primeiras pessoas que foram visitar Jesus, depois de ele nascer? Sim, foram uns pobres pastores, que dormiam nos campos com os seus rebanhos. Nessa altura, os pastores eram gente um tanto rude e grosseira, habituada a lutar contra animais selvagens para proteger os rebanhos e que se apresentavam de forma pouco cuidada. Por vezes roubavam para comer e lutavam com os donos dos campos e dos terrenos que as ovelhas e as cabras do rebanho tinham de atravessar... Por isso, muitas pessoas tinham medo deles... Desprezavam-nos e fugiam deles.

Ora, foi a esses que, em primeiro lugar, foi anunciada a "boa notícia" do nascimento de Jesus. Foram eles os primeiros que correram ao encontro de Jesus e o adoraram...

Sabem o que é que o evangelista Lucas nos quer dizer, com isto? Quer dizer que Jesus veio à terra trazer Vida e salvação a todos os homens e mulheres, mesmo àqueles que eram considerados maus e violentos, mesmo àqueles que os outros desprezavam e consideravam pecadores. Para esses, o nascimento de Jesus foi uma notícia que lhes trouxe muita alegria... Porque Jesus veio dizer-lhes que Deus não os condenava, que Deus não os marginalizava; veio dizer-lhes que Deus gostava deles e que eles também eram filhos e filhas amados de Deus.

Não é bom saber isto, não é bom saber que Deus gosta de todos e a todos ama, mesmo aqueles de quem as outras pessoas não gostam? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Já todos percebemos que Deus veio ao nosso encontro para nos ensinar coisas bonitas, coisas que nos ajudam a sermos felizes e a vivermos bem... Como é que nós devemos acolher Jesus, esse Deus que nos veio propor esse caminho para sermos felizes? Devemos fingir que não o conhecemos? Devemos fingir que não ouvimos o que Ele nos veio dizer? Devemos ignorar as propostas que Ele nos veio fazer? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Claro que não. Devemos acolher bem esse menino – esse Deus que nasceu no nosso mundo; devemos arranjar um lugar para Ele no nosso coração e na nossa vida; devemos escutar atentamente as propostas que Ele nos faz; devemos escutar as suas palavras e aprender com os seus gestos; devemos aprender com Ele a construir um mundo de amor, de bondade, de perdão, de justiça, de paz.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Adoração do Menino

*Cada criança (ou família) vai ajoelhar-se junto da imagem do menino, vai pôr a sua mão na do menino e fica assim uns instantes, em recolhimento. Depois, ao sinal do catequista, cada criança/família lê o seu Compromisso, preparado segundos as indicações dadas na **catequese 9**.*

Como música de fundo pode colocar-se a gravação do cântico "Adeste fideles" ou, se houver condições para preparar um Coro, que este cante durante a Adoração.

Criança/família:

Eu (N...)/Nós, família (apelido), quero (queremos) acolher Jesus no meu/nosso coração. Quero/queremos ouvir sempre a sua Mensagem e viver de acordo com o que Ele nos propõe com amor. Assim, comprometo-me/comprometemo-nos a ... *(cada criança/família acrescenta o seu compromisso de mudança, conforme preparado no cartão anteriormente entregue pelo catequista).*

(Pode, quando a criança se levanta, distribuir-se uma pequena recordação... um cartão com o Menino Jesus ou com o presépio, ou o Terço, a que se aludiu na catequese anterior).

Presidente:

N... (ou) família(apelido), peço-vos que sempre que olhardes esta recordação do nosso Natal da catequese vos lembreis de Jesus e que tenhais presente que Ele veio a este mundo mostrar-nos um caminho de vida e de felicidade.

Presidente (para todos): Só podemos ser felizes se reconhecermos o amor que Deus tem por nós – como agora fizemos – e se formos capazes de lhe

corresponder, amando a Deus criador pela docilidade do nosso coração à Sua palavra e pela prática constante e corajosa do bem em cada pessoa com que nos cruzamos: vivendo, pois, com verdade, com bondade e com justiça, tal como haveis agora referido no vosso compromisso.

IV. DESPEDIDA

1. *Presidente:*

Vamos, pois, levar connosco esta lembrança, sinal da presença do Menino na nossa vida, onde vamos arranjar-Lhe o lugar principal. Vamos olhar para Ele todos os dias e lembrar-nos que Deus gosta muito de nós... Vamos lembrar-nos que Ele veio falar-nos e ensinar-nos a construir um mundo de paz, de justiça, de amor...

E vamos, como os pastores, dizer a toda a gente que encontramos Jesus e que Ele é o Deus que veio ao encontro dos homens e das mulheres do mundo inteiro.

O Senhor Jesus, que nasceu em Belém, esteja connosco!

Assembleia:

Ele está no meio de nós!

Presidente:

Abençoe-vos Deus todo poderoso...

2. **Cântico final** (na versão portuguesa):

"Gloria in excelsis"

3. **Convívio**

- *As crianças e suas famílias podem partilhar, junto com os catequistas, um lanche final; este lanche deve ser, tanto quanto possível, preparado com a colaboração das famílias e pode ter lugar na sala de catequese, num salão disponível em que se junte mais de um grupo ou, então, numa obra de solidariedade social previamente escolhida e contactada, onde o lanche será partilhado com um grupo dos seus utentes, colocando em prática o compromisso feito nesta catequese.*
- *Durante o convívio, o catequista ajude e incentive as famílias a colaborarem com as crianças no seu crescimento na fé, nomeadamente*

na realização das tarefas do Compromisso e sugeridas na rubrica «Em Família» do catecismo.

- *Acompanhando as famílias na observação da exposição das Barras Cronológicas, o catequista explique que as crianças estão a construir, verdadeiramente, um caminho de salvação, como membros ativos e conscientes do Povo de Deus.*

Para guardar na memória e no coração

O Senhor Jesus, que nasceu em Belém, esteja connosco!

“EU ESTAREI CONTIGO” (Ex 3, 12)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Contexto histórico

Diversos documentos antigos fazem referência à contínua circulação de grupos nómadas ou semi-nómadas entre a terra de Canaan e o Egito durante o 2º milénio a.C.. O que é que provoca esse intenso movimento de populações nesta zona do mundo, durante essa época?

Antes de mais, a procura de melhores condições de vida... O Egito, terra fecunda e fértil, alimentada pelo Nilo, constituía uma miragem de vida e de abundância para os clãs habituados à secura e à dureza do deserto. Por isso, havia sempre famílias nómadas, vindas do Oriente, a caminhar em direção ao Egito, à procura de um espaço onde se fixar.

As diversas campanhas militares que a história desta época registou também contribuíram para a entrada no Egito de populações vindas do oriente... Nos finais do séc. XVIII a.C., os Hicsos invadiram o Egito. É possível que grupos aparentados com os clãs de Abraão, Isaac e Jacob – que circulavam pela terra de Canaan – tenham seguido os invasores e se tenham instalado no Egito. Por outro lado, as campanhas militares de Tutmosis III (1468-1436 a.C.), Amenófis II (1436-1412 a.C.), Seti I (1317-1301 a.C.) e Ramsés II (1301-1234 a.C.) na Síria e na Palestina, juntaram enormes colunas de prisioneiros, que foram levadas para o Egito e empregues nas grandes obras egípcias.

De acordo com o “Livro do Êxodo”, a história do Povo de Deus também passou pelo Egito. Não sabemos, exatamente, em que condições e em que circunstâncias os descendentes de Abraão, de Isaac e de Jacob foram ter

ao Egito (o "Livro de José" – cf. Gn 37-50 – não é, como já vimos, um livro histórico, mas sim um romance escrito com uma finalidade didática); contudo, não há dúvida de que, em pleno séc. XIII a. C., alguns descendentes dos patriarcas bíblicos estavam instalados na zona oriental do delta do Nilo, na chamada "terra de Goshen" (Gn 46,28; 47,1.6).

2. Um projeto de morte: a opressão

A invasão dos Hicsos aconteceu num período em que o poder central, no Egito, estava bastante fragilizado. Contudo, uma vez recomposto o poderio egípcio e expulsos os invasores, os clãs de semitas imigrados na terra do Egito viram piorar significativamente as suas condições de vida. O "Livro do Êxodo" – que, contudo, não é um livro histórico, mas um livro de catequese – apresenta os clãs patriarcais mergulhados num quadro de opressão e de sofrimento, referindo três aspetos: trabalhos forçados (cf. Ex 1,1ss.), eliminação das crianças do sexo masculino (cf. Ex 1,15-22) e degradação progressiva das condições de trabalho (cf. Ex 5,6-23).

3. Os trabalhos forçados

O sistema social que vigorava no Egito supunha a obrigação de os camponeses executarem determinados tipos de trabalho em benefício do rei. O faraó era, oficialmente, o dono das terras cultivadas pelos camponeses; e a "renda" devia ser paga através da entrega de uma parte das colheitas, bem como da prestação de determinados serviços, como a colaboração na construção de pirâmides ou no reforço de um dique. É um esquema instituído, que faz parte da estrutura social do país e que obrigava tanto os naturais do país, como os estrangeiros residentes no Egito.

Contudo, ao falar dos trabalhos forçados a que estavam sujeitos os clãs patriarcais, o texto bíblico não parece referir-se a esse tipo de prestação de serviços. Os "trabalhos forçados" descritos no "Livro do Êxodo" parecem mais uma estratégia congeminada pelo Estado egípcio no sentido de atingir um determinado grupo humano, de manietá-lo, de controlá-lo, de escravizá-lo, de dominá-lo.

O cenário traçado pelo autor do "Livro do Êxodo" não é inverosímil: é bem possível que grupos proto-israelitas – uma multidão mista de origem asiática – tenham sido obrigados pela força a prestar trabalhos que ultrapassavam o contributo normal dos camponeses egípcios e que isso tenha provocado uma rebelião entre esses estrangeiros escravizados.

4. A eliminação das crianças do sexo masculino

O "Livro do Êxodo" refere, também uma ordem do faraó para matar todas as crianças do sexo masculino que nascessem entre os hebreus (cf. Ex 1,15-22) ... Será um dado histórico?

Não é impossível que, em certos momentos, os egípcios tenham tido a tentação de controlar, de algum modo, o crescimento e a força destes grupos de hebreus e que tenham tomado algumas medidas nesse sentido. Não parece, no entanto, muito provável que tenha existido, de forma continuada, uma política generalizada de eliminação de crianças do sexo masculino... Como é que a eventual eliminação de todos os meninos que nascessem se harmonizaria com a necessidade de trabalhadores para as obras faraónicas?

Muito provavelmente, o autor bíblico pretende, com este dado, mostrar que o Estado egípcio tem em marcha um projeto de opressão que se traduzirá, a curto prazo, na condenação de um Povo à morte... Esse projeto diabólico – dizer-nos os autores do "Livro do Êxodo – vai roubar a um Povo o seu direito ao futuro, à liberdade, à própria vida.

5. A degradação das condições de trabalho

Em Ex 5,6-23, o autor acrescenta mais um elemento a este quadro de opressão: exige-se aos escravos hebreus a fabricação do mesmo número diário de tijolos, mas sem que as autoridades competentes fornecessem a respetiva matéria-prima.

Também este dado não é improvável: é bem possível que, após uma rebelião – organizada ou espontânea – contra esse sistema de escravatura, as pressões dos opressores tenham aumentado e que as condições de trabalho tenham piorado. O autor vai fazer referência ao facto para sublinhar o intolerável da situação: é um povo condenado, sem saída, que nenhum poder humano consegue ajudar.

Estamos, portanto, perante um autêntico projeto de morte, gizado por um poder imperialista e repressor contra um grupo de escravos desorganizados e incapazes de resistir. Dada a desproporção de forças em jogo, parece não haver qualquer esperança para os pobres escravos hebreus... Eles, com as suas frágeis forças, parecem absolutamente incapazes, por si sós, de quebrar esse círculo de opressão e de injustiça que os vai asfixiar e roubar-lhes o direito à existência.

6. O projeto libertador de Deus

Constatado o dramatismo da situação e a incapacidade de os escravos hebreus superarem, pelas suas próprias forças, essa dinâmica de morte, os catequistas bíblicos vão introduzir no cenário um novo personagem: o Deus libertador e salvador, que não suporta nem aceita a opressão e a injustiça. Só Jahwéh tem a capacidade de frustrar esse plano de morte preparado pelos opressores egípcios contra o Povo de Deus.

A intervenção salvadora de Jahwéh começa a delinear-se quando se faz ouvir o clamor do povo oprimido: os gemidos dos escravos hebreus sobem ao céu e são escutados por Deus (cf. Ex 2,23-25). Dizer que Deus "ouviu" esses gemidos, é, na linguagem bíblica, o mesmo que dizer que Deus se prepara para intervir: para os "catequistas" que escreveram o "Livro do Êxodo", Jahwéh não é o Deus indiferente, que fica de braços cruzados diante do sofrimento do seu povo; mas é o Deus libertador dos oprimidos, dos injustiçados e dos pobres. Por isso, imediatamente Jahwéh põe em ação o seu plano de salvação (cf. Ex 3,7-12).

7. Moisés

O plano de libertação desenhado por Deus vai passar pela ação, no terreno, de um homem – um homem a quem Deus escolhe, a quem Deus chama, a quem Deus prepara e a quem Deus envia para salvar o seu Povo. Esse homem – que vai ser o instrumento de Deus na libertação dos escravos hebreus – chama-se Moisés.

O texto bíblico apresenta Moisés como um hebreu da tribo de Levi que, mal nasceu, foi colocado no rio Nilo numa cesta de junco (correspondendo às pretensas ordens do poder egípcio). Encontrado e adotado pela filha do faraó (cf. Ex 2,1-10), o menino Moisés viu a sua vida salva. Provavelmente, este quadro (de uma criança aparentemente condenada à morte, mas miraculosamente salva) não reproduz uma informação rigorosamente histórica; mas é um cliché literário a que a literatura da época recorria, com alguma frequência, para descrever a infância de certos heróis...

Moisés foi educado na corte, como parece sugerir o texto bíblico (cf. Ex 2,10)? É possível. Os documentos egípcios da época fazem referência a vários homens de origem asiática, educados na corte do faraó e destinados a ser escribas ou a desempenhar outros papéis de responsabilidade no aparelho administrativo egípcio. Moisés pode ter sido um destes: um jovem com notáveis qualidades de inteligência, admitido nas escolas egípcias que preparavam os futuros funcionários do império...

Se quisermos ler estas coisas numa perspectiva crente, podemos ver a história deste menino no contexto do plano de Deus: Jahwéh, prevendo o papel de libertador que ia confiar mais tarde a Moisés, quis que ele se preparasse (até do ponto de vista humano) para desempenhar essa missão. Desde criança, Moisés começou a ser preparado por Deus para ser o seu instrumento na libertação dos escravos hebreus.

O "Livro do Êxodo" acrescenta ainda, a este cenário, um outro dado: desde muito cedo, Moisés revelou um grande sentido de justiça e de não conformismo; apercebendo-se dos vexames que os escravos hebreus sofriam, teve uma reação violenta, em defesa dos explorados, e matou um dos opressores egípcios. Em consequência, teve de fugir do Egito... Seguiu o caminho de todos aqueles que se opunham à política dos faraós e fugiu para o deserto, em direção a oriente. Encontrou refúgio junto de uma tribo nómada que habitava a terra de Madiã. Aí encontrou de novo, a paz e a tranquilidade, refez a sua vida, casou e teve um filho (cf. Ex 2,11-22). Parecia que os dias turbulentos tinham passado e que Moisés tinha, finalmente, num oásis de paz e de tranquilidade, encontrado o seu lugar, e assegurado o seu futuro.

8. A Missão de Moisés

Deus, no entanto, tinha outros planos para Moisés: contava com ele para libertar o seu Povo oprimido no Egito.

Temos dois relatos diversos do chamamento de Moisés por Deus... Um, mais antigo, aparece em Ex 2,23-4,18; outro, um pouco mais tardio, aparece em Ex 6,2-12 e 7,1-7. Ambos coincidem na indicação de que Deus foi ao encontro de Moisés no seu refúgio do deserto do Sinai, deu-lhe conta da situação intolerável em que estavam os hebreus do Egito e pediu-lhe que aceitasse ser o instrumento de Deus na condução do processo de libertação dos escravos. Moisés – dizem os dois relatos – ofereceu alguma resistência (como acontece, habitualmente, quando Deus nos pede coisas difíceis, coisas que nos desinstalam e que exigem um compromisso arriscado); mas acabou por aceitar o desafio de Deus e por voltar ao Egito para iniciar, em nome de Jahwéh, o processo de libertação do Povo de Deus.

Os textos sobre a vocação e o chamamento de Moisés, a que nos referimos acima, não são relatos fotográficos de acontecimentos ocorridos num determinado dia e numa determinada hora, algures no deserto do Sinai. São, antes, uma belíssima catequese sobre a vocação. Nessa catequese, o autor apresenta um Deus que intervém e age na história humana através de homens com coração disponível, que são chamados e enviados para transformar o mundo.

Deus falou a Moisés? Sim, sem dúvida: na imobilidade dos rochedos e no silêncio das ardentes areias do deserto, no rumor e na tranquilidade dos oásis, a voz de Deus não deixou de ecoar e de inquietar a consciência deste homem... Hora a hora, dia a dia, Deus questionou Moisés, interpelou-o, desinstalou-o, inquietou-o e fê-lo perceber que não podia ficar de braços cruzados frente à opressão e injustiça que atingiam um Povo indefeso e sem esperança, roubando-lhe a vida, os sonhos, o futuro. Após alguma resistência (a resistência que todos os seres humanos fazem quando Deus pede compromissos exigentes), Moisés resolveu ceder aos apelos de Deus, aceitou ser sujeito da história e desempenhar um papel ativo naquele processo libertador.

O processo que levou Moisés a empenhar-se e a comprometer-se na transformação do mundo e da história, não é um momento improvável e único: Deus serve-se de pessoas – pessoas como Moisés – para vir ao encontro dos homens, para mudar o mundo, para oferecer aos seus filhos e filhas oprimidos e escravizados a salvação e a libertação. O processo repete-se todos os dias na vida e na história do Povo de Deus.

OBJETIVOS

- Descobrir um Deus que não se conforma com a maldade, a opressão e a injustiça e quer oferecer a todos os homens e mulheres a Vida, a liberdade, a salvação.
- Perceber, através da história de Moisés, que Deus chama pessoas para serem sinais e testemunhas do seu projeto de vida, de liberdade e de felicidade para todos os seus filhos e filhas.
- Sentir vontade de colaborar com Deus, através de atitudes e de gestos concretos, na construção de um mundo de justiça, de liberdade, de paz e de felicidade para todos os seres humanos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O bloco de catequeses que agora se inicia põe em destaque o Amor Eterno de Deus pelo ser humano, ao qual Deus quer proteger e possibilitar uma vida de felicidade. Este **Projeto de Amor** será sempre feito com o próprio ser humano a quem Deus dá liberdade de pensar e agir. Nesta história de amor, Deus chama algumas pessoas para colaborarem com Ele no Seu projeto de Felicidade.

2. Este Projeto de Amor de Deus põe em contraponto as opções e ações de determinadas pessoas, que na história mundial, e no nosso meio mais próximo, são conhecidas pela sua maldade, opressão, injustiça, e pelo modo como provocaram, nos demais, sofrimento, angústia, morte... O catequista deverá ter presente que a existência destas pessoas, e o modo como persistiram tanto tempo nestas ações, nem sempre é passível de ser compreendida. Às vezes, o mal parece vencer o bem, como se fossem sempre as pessoas retas e de bom coração aquelas que têm de sofrer ou ser menos bafejadas pela sorte ou, como hoje se comenta muito, ser menos «desenrascadas» ... Muitas crianças poderão questionar esta complexa problemática do mal, a sorte dos inocentes e dos bons, a experiência – que nós, adultos, sabemos ser um fenómeno meramente aparente – de pessoas que se comportam mal mas parecem ser muito bem sucedidas, ter sorte ou nunca ser castigadas. Tornase, assim, fundamental clarificar que **Deus nunca se conforma com a maldade** e a Sua Presença é sempre Presença de Vida, Salvação e Liberdade – um Projeto de Felicidade. O mal nunca venceu, e não vencerá, pois Deus é Amor.
3. O catequista deverá ter particular atenção com as eventuais situações de injustiça ou maldade que algumas das crianças possam ter vivido ou estar a viver, quer seja no meio familiar, quer seja no meio escolar. Também alguma criança poderá mencionar casos de que tem conhecimento relativamente a outra criança, familiar ou pessoa conhecida, e o catequista deve proceder sempre com prudência, reserva, respeito e muito cuidado.
4. Esta catequese oferece **um amplo conjunto de estratégias e dinâmicas** que apoiam a mensagem central que se quer transmitir neste Bloco: *Deus oferece à humanidade um projeto de amor e, para isso, socorre-se de várias pessoas, a quem chama para uma determinada missão*. O catequista poderá não utilizar todas as estratégias, naturalmente, ou no caso de alguns materiais propostos, o próprio catequista poderá recorrer às suas próprias competências para potenciar a elaboração dos mesmos, utilizando outro tipo de material ou modelo. Nesta idade, e relativamente ao seu breve passado, as crianças não são tão imaginativas como já foram nem têm ainda grande capacidade de abstração, o que pode dificultar ou empobrecer a sua abordagem da Palavra. Também têm dificuldade em lidar com conteúdos de natureza histórica, que interpretam literalmente e muito de acordo com a cultura

atual, nomeadamente as mensagens passadas pela televisão ou o cinema¹. Mas também são mais concentradas e muito colaborantes, industriosas, pelo que as dinâmicas encenadas não só funcionam bem e são facilmente montadas – dentro de uma estrita e oportuna simplicidade – como deixam nas crianças uma impressão muito mais duradoura e feliz do que a simples leitura de um texto. Se interiorizada, a mensagem do texto permanece disponível no pensamento e passível de novas e futuras interpretações, mais profundas e completas. Sempre que possível, o catequista pode optar por fazer um breve ensaio destas dinâmicas, antes de a catequese propriamente começar. Também pode ser útil contar com a ajuda de outro catequista, sobretudo se o grupo for grande ou integrar crianças mais imaturas.

5. Se a catequese começar com o ensaio do cântico proposto, “Deus quer a tua ajuda”, este poderá ser cantado ao longo da catequese. Se não for oportuno, o catequista usa a versão gravada para a Experiência Humana e o início da Expressão de Fé.
6. A dinâmica da Expressão de Fé deve ser feita com cuidado e plenamente realizada também porque está na base da Experiência Humana da próxima catequese.

MATERIAIS

1. Experiência Humana

Primeira alternativa:

- Preparar o convite a enviar a uma pessoa (leiga, seminarista ou sacerdote missionário) que tenha tido uma experiência de missão junto de outros povos ou a alguém que se dedique, na localidade ou região, a um trabalho em prol dos mais necessitados. Estabelecer o necessário contacto e trabalhar com essa pessoa as questões a tratar e os materiais que esta possui (registos diversos) e que poderá mostrar às crianças.
 - Providenciar o suporte adequado para esses documentos (placar, projetor, computador, ...)
- Caso seja impossível convocar uma pessoa com esta experiência, o catequista poderá recorrer a testemunhos gravados de programas

¹ Já no catecismo 4, a propósito da apresentação da figura de Moisés, fizemos referência ao filme «O Príncipe do Egito», uma animação criada pelos estúdios DreamWorks em 1998. O enredo trata da vida de Moisés desde o seu nascimento e sua infância como príncipe do Egito até a sua escolha como guia do povo hebreu na saída da terra do Egito e tem passado com regularidade nas televisões.

televisivos, de rádio, da internet, ou solicitar a uma casa missionária o envio de um testemunho (preferencialmente gravado em vídeo ou, pelo menos, em áudio); providenciar os equipamentos necessários à sua apresentação.

Segunda alternativa:

- A história da Margarida, tal como é contada no texto deste Guia. Pode enriquecer a leitura com a técnica de sombras chinesas ou fantoches de dedos.
- Imagens (fotos) que registem experiências de pessoas em missão.

2. Palavra

Para a dramatização – trajes que retratem a época do Povo de Deus, o Povo Egípcio e a personagem Moisés. Não havendo trajes já feitos, o catequista poderá utilizar túnicas, lençóis ou sacos, cordão e lenços. Para as roupas dos egípcios poderá colocar umas tiras de papel dourado sobre os panos, à volta do decote e da cintura, para os distinguir do Povo hebreu.

O catequista poderá empregar vários utensílios que ajudem a enriquecer os personagens como: sacos para colocar ao ombro (que poderão ser feitos em papel ou plástico), cântaros, sandálias, etc.

A personagem «Moisés» deverá usar um **cajado** (vara de Moisés, referida na Bíblia), para além do seu traje de caracterização e, se possível, umas sandálias.

Para a leitura da Palavra de Deus – Bíblia e folhas com os textos para as crianças que participam na leitura: a que faz de Moisés e a que lê as falas de Deus.

3. Expressão de Fé

- Bíblia ;
- Vela e fósforos;
- Folhas (10X10 cm) de papel colorido com a inscrição «**Conta comigo, Senhor**», preparadas com um pedaço de plasticina ou massa de fixação no verso (uma para cada criança);
- Uma caneta por criança;

E ainda, caso seja necessário, leitor de CD e CD com o cântico:

MÚSICA

- “Deus quer a tua ajuda”.

Preparação da sala:

- Nesta catequese não se usarão cadeiras, salvo para o convidado da Experiência Humana, se o houver, e as demais serão retiradas. Crianças e catequistas sentam-se no chão, quando tal for necessário.
- A sala, que deve ser razoavelmente ampla, deverá ser arranjada de modo a definir dois espaços:
 - a) um **espaço central** onde todos ouvirão a Palavra de Deus e onde estarão colocados, de preferência sobre uma manta ou tapete: a Bíblia do catequista (sobre uma almofada bonita), o poster da sarça ardente (armado nas costas de uma cadeira ou preso a uma estante, para se manter de pé), as bíblias das crianças, com um marcador a sinalizar a passagem a ler, os textos para as duas crianças que colaboram na leitura e a vela.
 - b) um **espaço anexo**, de preferência amplo, que deverá ser preparado para o desenrolar da dramatização, retirando móveis e outros objetos; numa parede próxima está colocado o *dístico* "Egito".
- Em caso de necessidade, os equipamentos ou objetos necessários para a apresentação da Experiência Humana serão preparados junto da zona central e reutilizados na altura da Expressão de Fé: o cajado de «Moisés» e alguns dos documentos apresentados pelo convidado-testemunha de missão.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *Para este encontro de catequese, o catequista poderá convidar um jovem ou adulto com experiência de missão: um leigo, seminarista ou sacerdote missionário. Pede-lhe, com a devida antecedência, que prepare para as crianças um testemunho vivo da sua missão, explicando-lhe quais os objetivos que se pretendem atingir com esta catequese.*

Para não consumir demasiado tempo, a testemunha da missão deve partilhar a sua experiência de forma organizada e sequencial, apresentando os argumentos e os documentos necessários, embora deixando algum tempo final para as crianças colocarem perguntas (15 minutos + 5 minutos).

Este testemunho deve obrigatoriamente contemplar as seguintes questões:

- a) Como aconteceu o chamamento para a missão;*
- b) Qual a formação recebida, antes da partida;*
- c) Qual a atividade desenvolvida, para quem, com quem e onde;*
- d) Como experimentou a presença de Deus na sua vida e missão;*
- e) Qual o valor desta missão, em termos comunitários (para quem recebe) e em termos individuais (o que recebeu o próprio).*

O convidado deve preocupar-se em orientar o grupo para uma reflexão razoavelmente profunda e pode utilizar imagens – fotos, projeção de PowerPoint, ... - para ajudar as crianças a visualizar a sua experiência e a senti-la mais profundamente.

Nesta mesma dinâmica, e como alternativa, o catequista poderá fazer o convite, para um testemunho, a alguém da comunidade local ou regional, que se destaque pela sua ação em prol dos mais necessitados. Neste caso, deverá solicitar, a esta pessoa, um testemunho que toque alguns aspetos importantes, orientadores para esta catequese:

- a) Como aconteceu este chamamento em prol dos mais necessitados;*
- b) Qual é a atividade desenvolvida, para quem, com quem e onde;*
- c) Como é a sua experiência quanto à presença de Deus nesta missão;*
- d) Como avalia o valor desta missão, em termos comunitários (de quem recebe) e em termos individuais (o que significa para o próprio).*

As crianças devem ser levadas a oferecer ao convidado uma lembrança, que pode ser uma Barra Cronológica das que estão a usar na catequese, decorada por estas e enviada posteriormente ou entregue por um pequeno grupo.

- 2.** *Caso o autor do testemunho tenha disponibilidade, poderá acompanhar a catequese 11 até ao fim, inclusivamente participando ativamente na leitura encenada da Palavra e na Expressão de Fé.*

Na impossibilidade de ter alguém presente, pode-se usar o testemunho gravado, anteriormente pedido a uma congregação ou ordem religiosa missionária, a membros dos «Leigos para o Desenvolvimento» ou, ainda, a movimentos sediados próximo da paróquia ou na paróquia e que desenvolvam esta atividade missionária. Em último caso, registados em programas de televisão ou em sites da internet, credenciados, de onde é possível gravar tais documentos.

1. Não tendo recurso algum dos referidos, o catequista introduz esta catequese contando uma história:

Todos nós já ouvimos muitas histórias; umas mais felizes do que outras, umas mais longas do que outras, umas assustadoras, outras de suspense, outras de encantar e outras de embalar... Hoje quero, contar-vos uma história, parecida, em muitos aspetos, com coisas que vos acontecem a vocês. Vamos chamar Margarida à menina da história, à sua heroína, mas podia ser um rapaz, podia ser qualquer um de vós.

O catequista lê a história da forma mais intensa e realista de que for capaz; também pode usar sombras chinesas ou pequenos fantoches de dedos, feitos por si, com papel, figuras recortadas de revistas ou tecido, ou adquiridos em lojas especializadas em brinquedos e materiais pedagógicos.

«A Margarida é uma menina de 11 anos, alegre, com olhos grandes espertos e que gosta muito de cantar. Ela tem uma voz muito bonita. Há algumas semanas, na preparação para a festa de Natal da sua escola, ela foi escolhida para cantar uma canção de Natal.

No início, ela ficou um pouco assustada, pois tinha medo de cantar diante de tantas pessoas; a Margarida é amorosa mas também é muito tímida! Mas a diretora de turma, que é muito amiga dos seus alunos e sabe bem o que cada um é capaz de fazer, insistiu com ela, conversou... explicou-lhe que sabia bem como os colegas gostavam de a ouvir e a Margarida resolveu aceitar o que lhe era pedido... Durante algum tempo, ela ensaiou a sua canção com o professor André, que é o professor de Educação Musical e toca guitarra muito bem. Mas uma coisa era cantar com o professor, outra coisa era cantar para os amigos... outra, ainda, era subir para o palco, ver o pano a abrir-se e, de repente, encarar aquela enorme sala de convívio cheia, cheiinha de gente... de alunos a fazer barulho... de professores desconhecidos... de pais, dos seus pais e toda a escola, ali à frente! Enfim, tudo isto afligia tanto a Margarida que ela nem era capaz de dormir bem de noite e a mãe dela esteve quase a telefonar à diretora de turma com ideias de lhe dizer que a Margarida não podia participar na festa ou, então, ainda ficava doente! Mas a Margarida prometeu-lhe ter juízo, acalmar-se e continuar a treinar, para ganhar confiança.

No dia da festa, a Margarida entrou no palco muito nervosa, aflita, mesmo. Enquanto o pano abria, aí! tão devagar que parecia uma eternidade, a Margarida sentia que não era capaz de se mexer, nem de abrir a boca, quanto mais soltar a voz! Mas, então, o professor André começou a dedilhar a viola, as notas ouviram-se na sala e uma voz lá atrás mandou calar toda a gente «porque a Margarida vai cantar!». Então, a Margarida sentiu a coragem a chegar e, embora com um certo sacrifício, e medo, e alguma vergonha, olhou para a sala e cantou, cantou muito bem, a sua canção, com uma voz doce e suave, tão linda e tão segura para uma menina tão pequena que toda a gente ficou de boca aberta. No final, quando a última nota ainda estava no ar, ouviu-se um grande silêncio e, depois, repentinamente, todos os presentes, alunos, pais, professores, funcionários da escola, aplaudiram com uma salva de palmas enorme!...

Quando a Margarida desceu do palco, viu os pais emocionados e os colegas da turma a gritar por ela. Toda a gente queria bis e o professor André foi buscá-la para repetirem a atuação. A Dona Maria, que está sempre no bar, ainda lhe deu um abraço antes de ela voltar para o palco e, desta vez, a Margarida cantou sem medo, mas com uma enorme alegria.

A diretora de turma, ao dar-lhe os parabéns, reconheceu como ela fora corajosa e insistiu que devia sempre cantar porque a sua música, o seu dom para a música, era tão bom e tão belo, que era o instrumento perfeito para ela ajudar as outras pessoas a serem mais felizes. Com o seu esforço, ela tinha ajudado a tornar mais bonita a festa de Natal. A Margarida ficou muito feliz; não tanto por ter cantado bem e ter sido muito aplaudida, mas sobretudo por ter feito uma coisa que ajudou os seus pais, colegas, amigos e professores a sentir e a viver melhor aquele momento de festa. Com esta experiência a Margarida, apesar de só ter 11 anos, percebeu que, muitas vezes, somos chamados a desempenhar tarefas que, embora exijam muito de nós, podem ajudar as outras pessoas a ser mais felizes.»

2. É bonita esta história, não é? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Sabem, esta história, para além de bonita, ensina-nos algo muito importante. Vamos todos pensar em conjunto.

Todos nós somos, por vezes, chamados a desempenhar certas tarefas. Por vezes, são coisas simples (como alguns trabalhos que o pai ou a mãe nos confiam lá em casa, ou até desempenhar um qualquer papel numa festa da nossa escola). Quem é que já cumpriu tarefas destas? *Deixar as crianças contarem a sua experiência.*

Mas, outras vezes, são tarefas de muita responsabilidade, porque são coisas que afetam a vida de muitas pessoas. Conhecem algum exemplo? Quem quer partilhar um caso. *(Tendo o cuidado de não gastar muito tempo, deixar uma a três crianças darem um exemplo.)*

É isso mesmo! Eu também conheço pessoas que aceitaram deixar a sua terra e a sua família para irem para países onde não há professores nem escolas, a fim de ensinar as crianças desses países a ler e a escrever; conheço outras pessoas que foram para lugares onde não havia médicos, nem enfermeiros, nem cuidados de saúde, porque queriam ajudar as pessoas doentes e fazer com que elas tivessem alguma assistência... *(mostrar às crianças algumas imagens de pessoas em missão, tanto em terras longínquas como localmente).*

Então, podemos afirmar que quando nós levamos a sério as tarefas que nos são confiadas e fazemos bem aquilo que nos é pedido, podemos estar a ajudar muitas pessoas a serem mais felizes, a serem mais livres, a terem mais vida; podemos estar a fazer coisas que tornam melhor e mais bonito este mundo...? *(Deixar as crianças opinarem, dando a sua resposta e até acrescentando algo mais que considerem importante sobre a nossa vida vivida como uma ação responsável a favor do bem do próximo.)*

Mas, se nós fugimos às nossas responsabilidades e recusamos fazer o que nos é pedido, estamos a perder uma oportunidade de ajudar os outros, de tornar os outros mais felizes; estamos a perder uma oportunidade de tornar este mundo melhor, que vos parece? *(Deixar as crianças opinarem, dando a sua resposta e até acrescentando algo mais que considerem importante sobre a vida que é vivida sem ter por objetivo uma ação responsável a favor do bem do próximo.)*

E, sabeis que, tal como a Margarida foi chamada pela sua diretora de turma a proporcionar momentos de alegria e felicidade através da música...

Para ambas as alternativas:

3. Como pudemos testemunhar, o Deus chama muitas pessoas para missões de amor e de promoção da felicidade; confia-lhes tarefas, umas vezes mais simples, outras vezes, muito difíceis e complexas. É através das pessoas que

Deus vem ao nosso encontro e faz coisas boas e bonitas no nosso mundo e na vida do Povo de Deus.

Hoje tivemos, até, uma visita especial que nos ajudou a compreender esta ideia (*refere o testemunho presenciado ou a personagem da história contada*) e porque estamos gratos por esta experiência, vamos aproveitar para aprender já o *cântico* desta catequese:

"Deus quer a tua ajuda."

Vamos cantá-lo para exprimir a nossa alegria! (*faz o ensaio ou usa a gravação em CD*).

Bom, este ano, já falámos aqui de algumas dessas pessoas a quem Deus confiou missões especiais (*deixar as crianças enumerar*). Muito bem: como Sansão, como Rute, como Ester, como Maria de Nazaré, a mãe de Jesus ... Hoje vamos aprofundar o nosso conhecimento com uma outra pessoa a quem Deus também chamou e a quem confiou uma tarefa muito especial: ajudar o Povo de Deus a ser livre. Essa pessoa, que também já está no vosso catecismo 4, chama-se ... Moisés.

II. PALAVRA

1. O catequista introduz a dinâmica através da qual as crianças vão voltar a contactar com Moisés, figura já conhecida do catecismo 4 (cujas páginas o catequista deve ler/reler, para ter uma noção do que as crianças já sabem). E quem foi Moisés? Vamos fazer o seu «retrato»!

*O catequista propõe ao grupo a representação da «vida» de Moisés. Entrega às crianças os fatos que caracterizarão os personagens, tal como descrito em **Materiais**.*

Personagens: *Uma das crianças fará de Moisés, outras crianças de povo escravizado, outras de povo egípcio, de modo que todas possam participar. A todas são entregues cópias da história; as crianças deverão fazer uma leitura inicial, silenciosa, já depois de trajadas, de forma a entenderem o que cada um tem de fazer, em termos de gestos, tal como é sugerido em seguida, e também para que se aquietem, depois da excitação que produz a posta em cena:*

O narrador poderá ser o catequista ou uma criança que leia muito bem.

Cena	Texto do Narrador	Personagens e Ação
<p>Povo + Moisés</p>	<p>Moisés viveu há muitos séculos (há cerca de 3.250 anos). Na época em que ele viveu, o Povo de Deus (aquele Povo que começou com Abraão e do qual já aqui falámos) tinha emigrado para uma terra estrangeira (o Egito) à procura de melhores condições de vida.</p> <p>(a) Aconteceu-lhes o mesmo que a muitas pessoas do nosso tempo, que têm de deixar a sua terra e ir para outro país para conseguir trabalho e pão...</p>	<p><i>Moisés:</i> Permanece de pé, olhando o povo de Deus;</p> <p><i>Povo de Deus:</i> Desloca-se para o lado da sala onde está uma placa a dizer Egito, acompanhando a leitura da secção (a) do texto.</p>
<p>Povo de Deus + Povo Egípcio</p>	<p>Nos primeiros anos, a vida com os egípcios correu bem...</p> <p>Havia abundância de trabalho e de comida e o Povo de Deus estava feliz no Egito...</p> <p>Mas, com o passar do tempo, os egípcios cansaram-se de ter no meio deles um Povo estrangeiro, que falava outra língua, que tinha outros costumes e outros deuses.</p> <p>Assim, começaram a maltratar os membros do Povo de Deus: obrigavam-nos a trabalhar duramente na construção das cidades e dos monumentos do Egito, batiam-lhes e obrigavam-nos a viver em condições muito difíceis.</p> <p>O Povo de Deus não conseguia defender-se e parecia estar condenado a morrer lentamente no meio de um grande sofrimento. Muitos perderam a esperança e desanimaram completamente; outros, sentindo que só Deus podia fazer alguma coisa, começaram a rezar e a pedir a Deus que viesse ajudá-los e que os libertasse da opressão em que viviam.</p>	<p><i>Povo de Deus:</i> o povo faz gestos de trabalho (na construção, na agricultura) de comer, dançar e, em seguida, de cansaço.</p> <p><i>Povo Egípcio:</i> <i>falam entre si (mímica) e movem-se com altivez; Reúnem-se em torno de uma imagem representando os deuses adorados pelos egípcios.</i></p> <p><i>«Egípcios» fazem gestos a «maltratar» o grupo do Povo de Deus: gritar, ameaçar...</i></p> <p><i>Povo de Deus:</i> <i>gestos prostração, cansaço, de oração.</i></p>
<p>Deus + Moisés</p>	<p>Então, o que é que Deus fez? Escolheu um homem, veio ao seu encontro enquanto ele andava, no deserto, com o seu rebanho, e disse-lhe que tinha uma tarefa para ele desempenhar... Já sabes que esse homem se chamava Moisés.</p>	<p><i>Moisés:</i> caminha por entre o grupo «Povo de Deus», dirigindo gestos de apoio, sempre com o seu cajado na mão.</p>

Moisés pára em frente do **poster** que representa a **sarça ardente**, colocado junto da zona da sala preparada para a Palavra, preso às costas de uma cadeira ou estante - e inclina-se, de olhos no chão, escutando.

O catequista, com gesto suave e sem erguer a voz, pede às crianças que se sentem em redor da criança que representa Moisés, e em silêncio. Entrega o texto que deve ser lido pelas crianças que vão colaborar consigo na proclamação da Palavra (Moisés, pela criança que o representou e que deve procurar realizar os gestos que Deus propõe a Moisés; e Deus, uma criança que se coloca atrás da sarça) e as bíblias às demais e introduz:

2. Já sabemos que num dos livros da Bíblia – o “Livro do Êxodo – se descreve o encontro que teve lugar entre Deus e Moisés (**Ex 2,23-3,12. 4,10-12**) e que agora, com uma atenção muito especial porque Deus nos vai falar, vamos escutar:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Génesis.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista/narrador:

E aconteceu que, decorrido muito tempo, morreu o rei do Egito.

Os filhos de Israel gemiam na servidão,

e ergueram até Deus o seu grito de socorro na sua servidão.

Deus ouviu os seus gemidos e recordou-se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob.

Deus viu os filhos de Israel e reconheceu-os.

Moisés estava a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madian.

Conduziu o rebanho para além do deserto,

e chegou à montanha de Deus, ao Horeb.

O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça.

Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada.

Moisés disse:

Criança/Moisés:

«Vou aproximar-me para ver esta grande visão:

por que razão não se consome a sarça?»

Catequista:

**O Senhor viu que ele se aproximava para ver;
e Deus chamou-o do meio da sarça:**

Criança/Deus:

«Moisés! Moisés!»

Catequista/narrador:

Ele disse:

Criança/ Moisés:

«Eis-me aqui».

Catequista/narrador:

Deus disse:

Criança/ Deus:

**«Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés,
porque o lugar em que estás é uma terra santa».**

Catequista/narrador:

E continuou:

Criança/ Deus:

**«Eu sou o Deus de teu pai,
o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob».**

Catequista/narrador:

Moisés escondeu o seu rosto, porque tinha medo de olhar para Deus.

O Senhor disse:

Criança/ Deus:

**«Eu bem vi a opressão do meu Povo que está no Egito
e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores;
conheço, na verdade, os seus sofrimentos.
Desci a fim de o libertar das mãos dos egípcios
e de o fazer subir desta terra
para uma terra boa e espaçosa, para uma terra onde corre leite e mel,
terra do cananeu, do hitita, do amorreu,
do perizeu, do heveu e do jebuseu.
E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim,**

e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles.
E agora, vai; Eu te envio ao faraó,
e faz sair do Egito o meu Povo, os filhos de Israel».

Catequista/narrador:

Moisés disse a Deus:

Criança/ Moisés:

«Quem sou eu para ir ter com o faraó
e fazer sair os filhos de Israel do Egito?»

Catequista/narrador:

Deus disse:

Criança/ Deus:

«Eu estarei contigo.
Este é para ti o sinal de que Eu te envie:
quando tiveres feito sair o Povo do Egito,
servireis a Deus sobre esta montanha».

Catequista/narrador:

Moisés disse ao Senhor:

Criança/ Moisés:

«Mas Senhor, eu não sou um homem dotado para falar;
e isto não é de ontem, nem de anteontem,
nem desde que começaste a falar com o teu servo;
na verdade, tenho a boca e a língua pesadas».

Catequista/narrador:

O Senhor disse-lhe:

Criança/ Deus:

«Quem deu ao homem uma boca? Quem torna alguém mudo ou surdo?
Quem faz ver bem ou ser cego? Não sou eu, o Senhor?
E agora, vai, que Eu estarei com a tua boca
e te ensinarei o que deverás dizer».

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

3. *Todos devem tirar os seus trajes e guardar os objetos que utilizaram nesta dramatização. O catequista ajuda as crianças, para que não se alongue em demasia este momento. Depois, prossegue, com todos de novo sentados no chão/tapete:*
4. Mais uma vez (como aconteceu já com outros textos da Bíblia que nós lemos aqui há algum tempo), este texto foi escrito por um catequista que nos queria ensinar algumas coisas muito importantes...
5. Antes de mais, o que ele quis dizer-nos é que Deus não fica indiferente, não vira as costas como se não fosse nada com Ele, quando um Povo é escravizado e oprimido. Deus está atento a tudo o que se passa no mundo e na vida dos seres humanos; Ele não fica de braços cruzados enquanto os seus filhos e filhas sofrem, mas está sempre pronto para vir ao nosso encontro e para nos libertar de tudo aquilo que nos faz mal. A opressão, a injustiça, a maldade não cabem nesse mundo que Deus planeou e quis construir para os seus filhos e filhas. O nosso Deus é o Deus libertador e salvador, pois Ele está sempre disposto em vir ao encontro dos homens e mulheres que são escravizados, a fim de os libertar e salvar.

Para ajudar as crianças a situar o relato de Moisés num contexto de vida que lhe seja progressivamente mais próximo, o catequista procurará integrar nas explicações os dados fornecidos pela testemunha que participou na Experiência Humana, mesmo que se trata da pequena Margarida e da festa da escola.

6. E como é que Deus intervém no nosso mundo para salvar e libertar os seus filhos oprimidos pelo sofrimento e pela injustiça?

Vamos lá ver o que nos diz o texto da Bíblia que acabamos de ler. Encontramos algo que possa ser a resposta para esta pergunta? *(Deixar as crianças procurarem e assinalarem a frase que indique a resposta a esta questão).* É verdade, Deus não usa nenhuma varinha mágica para resolver os problemas e para mudar as coisas que estão mal... Mas **escolhe e chama pessoas a quem confia a tarefa de lutar contra a injustiça e a maldade** que estragam o mundo e fazem sofrer tantos homens e mulheres; Deus escolhe, chama e

envia pessoas para mudarem o mundo e ajudarem os filhos e filhas de Deus a serem livres e felizes.

Foi precisamente isso que aconteceu com Moisés: Deus veio ao seu encontro, falou-lhe e pediu-lhe que aceitasse ir ao Egito libertar aquele Povo que era explorado e oprimido pelos egípcios. Moisés bem tentou arranjar desculpas, dizendo que não era a pessoa indicada, e que não sabia falar muito bem... Mas Deus não aceitou essas desculpas e insistiu até Moisés aceitar essa tarefa que Deus queria confiar-lhe. Moisés tornou-se, assim, uma pessoa que aceitou colaborar com Deus na construção de um mundo mais livre, mais bonito e mais feliz.

7. Reparaste que Deus disse a Moisés para não se preocupar, pois Ele próprio lhe ensinaria o que deveria dizer e o que deveria fazer? **Quando Deus entrega a alguém uma determinada tarefa, essa pessoa não está sozinha:** Deus está sempre com ela, ajudando-a, dando-lhe força e coragem para cumprir bem essa tarefa. Essa pessoa recebe a força de Deus para transformar o mundo e a vida das pessoas.
8. Sabes, isto não é uma história que se passou há mais de 3.000 anos e que nunca mais voltou a acontecer... Mas é uma história que continua a acontecer hoje, a todos os momentos. Deus continua a chamar pessoas, como chamou Moisés; Deus continua a chamar homens e mulheres a quem confia tarefas, a quem pede que lutem contra a injustiça, a quem envia para libertar os que sofrem, ou que estão tristes e desanimados... Deus serve-se de pessoas para construir o mundo.
9. Conheceis alguma pessoa do nosso tempo que lutou contra a injustiça e que ajudou os seus irmãos e irmãs a serem livres e felizes? (*Deixar as crianças indicarem nomes*). Muito bem! Para termos presente esses exemplos de pessoas boas e corajosas, vamos tomar nota dos seus nomes nas nossas **Barras Cronológicas** no espaço da catequese 11 (*depois de as crianças tomarem nota dos nomes, prossegue*):

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Também a cada um de vós, e a mim, Deus chama. E também nos confia tarefas no mundo: por exemplo, a mim, confiou-me a tarefa de ser vosso(a)

catequista; ao nosso(a) amigo(a) (*indicar o nome do convidado*) Deus chamou para (*passar rapidamente a palavra ao convidado, para que seja este a referi-lo, caso ainda esteja com o grupo; pedir às crianças para registar o seu nome na lista de testemunhos, em elaboração*). E Deus conta convosco... e como? (*deixar as crianças pronunciarem-se com alguma calma – porque é ao entendimento pessoal deste chamamento que queremos chegar nesta catequese – e prosseguir*):

Deus conta connosco – como contou com Moisés – para ajudarmos os homens e as mulheres que sofrem e que são vítimas das injustiças e da maldade de outros; Deus conta connosco para colaborarmos com Ele na construção de um mundo de liberdade, de justiça e de paz. De um mundo feliz!

É verdade que Deus nos fala? Sim, é verdade. Talvez não ouçamos tão distintamente a sua voz como ouvimos a voz dos nossos pais, ou irmãos, ou amigos, quando chamam para fazerem os trabalhos de casa, ou ajudarem nalguma coisa; mas Deus fala ao nosso coração – numa voz que só nós ouvimos – e diz-nos o que quer de nós, qual a tarefa que quer que cada um de nós cumpras no mundo

2. Isto é muito importante, não acham? Deve mudar a nossa vida podermos compreender que Deus nos chama... É porque todos nós, pequenos ou grandes, somos muito importantes para Ele! Por isso, nós agora vamos responder-lhe, dizer a Deus que estamos agradecidos por Ele se preocupar com aqueles que sofrem injustiças e maldades, com aqueles que são prisioneiros, com aqueles que são maltratados e marginalizados... e por nos dar a oportunidade de partilhar as tarefas de construção da paz, da justiça, do bem, com todas as pessoas empenhadas na construção de um mundo feliz!

Em círculo, na zona central da sala, é acesa a vela que está junto da Bíblia, e colocado o cajado de «Moisés» assim como alguns dos documentos apresentados pelo convidado-testemunha de missão (mesmo que na forma de projeção, que será feita na parede mais próxima); as crianças unem-se segurando uma corda cuja primeira ponta segura o convidado e a última envolve a Bíblia. O catequista explica:

Esta corda é símbolo da unidade entre todos nós, que queremos aceitar o chamamento de Deus para participarmos na construção de um mundo de justiça, paz e bondade. Hoje também recebemos a graça de estar ligados ao

mundo e às suas necessidades de missão através deste(a) nosso(a) amigo(a), N..., que veio até nós mostrar-nos o que é uma vida de missão contada na primeira pessoa. Através do seu testemunho recebemos a força e a bênção de Deus, a quem queremos agradecer esta oportunidade maravilhosa que foi descobrir como é fazer o bem e amar o próximo, no mundo de hoje. Por ele(a), por aqueles e aquelas que lhe foram confiados, nós vamos rezar, cheios de alegria e gratidão.

A oração deve estar registada numa folha, que vai circulando entre os leitores, ou pode ser projetada, caso se esteja a usar este sistema para apresentar os documentos do Convidado. Far-se-á intercalando o refrão do cântico "Deus quer a tua ajuda" (cantado ou escutando a gravação em CD), tal como se indica:

Todos:

**Não te importes da raça nem da cor da pele
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

Catequista ou convidado:

Senhor Deus, nós te agradecemos

Criança 1:

porque tu amas todos os teus filhos e filhas
e não aceitas que alguns seres humanos
escravizem e maltratem outros seres humanos.

Todos:

**Não te importes da raça nem da cor da pele
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

Catequista ou convidado:

Senhor Deus, nós te agradecemos

Criança 2:

porque tu queres que todos os homens e mulheres vivam livres e felizes.

Todos:

**Não te importes da raça nem da cor da pele
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

Catequista ou convidado:

Senhor Deus, nós te agradecemos

Criança 3:

porque escolhes, chamas e envias pessoas
para lutar pela vida e pela liberdade de todos aqueles que, no mundo,
são explorados, são oprimidos,
ou não são respeitados na sua dignidade e nos seus direitos.

Todos:

**Não te importes da raça nem da cor da pele
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

Todos:

Senhor Deus, tu és o Deus libertador e salvador!

Terminam cantando o cântico:

"Deus quer a tua ajuda".

3. Compromisso

Depois de uns momentos de silêncio, o catequista prossegue:

E agora vamos dizer a Deus que, quando nos chamar para uma tarefa – como chamou a Moisés – pode contar connosco... (*O catequista pede ao convidado ou a uma criança para segurar o cajado e refere:*) Este **cajado** representa muito do caminho que Moisés teve de fazer, à frente do seu Povo, em direção à liberdade. Através dele, o Senhor ajudou Moisés a cumprir a sua missão e vai, agora, ser símbolo do nosso compromisso. (*O catequista oferece a cada criança uma folha (10X10 cm) de papel colorido com a inscrição «Conta comigo, Senhor» - onde colocou anteriormente um pedaço de plasticina ou massa de fixação - e uma caneta, e explica:*)

Cada um vai escrever nesta folha o seu nome e o compromisso em favor da liberdade, da justiça, do bem, que vai assumir, já para esta semana. Mas, tomem muita atenção (*o catequista assegura que as crianças ouvem a sua explicação antes de começarem a tarefa*): há nas nossas vidas muita gente que necessita a nossa ajuda **mas**, tal como Moisés, nós somos fracos e precisamos de outra ajuda. Lembra-se do que ele disse a Deus? Exatamente... "tenho a boca e a língua pesadas"! E o que lhe respondeu o Senhor? É uma resposta muito bonita: «Eu estarei com a tua boca e te ensinarei o que

deverás dizer». Pois, o Senhor também nos diz isso e esta semana vamos comprometer-nos a vivê-lo. Como? Trabalhando muito bem: N..., que foi hoje nosso(a) convidado(a), no seu trabalho, na sua (*comunidade, família, ...*); eu, também no meu trabalho, que é ...(*o catequista explica a sua atividade profissional*) e na minha (*comunidade, família, ...*); e vós, na vossa família e na escola. É na escola que, também, o Senhor vos ensina o que devem dizer... porque a escola é, com a vossa família e a catequese, as experiências mais importantes para o vosso crescimento e a vossa formação. Tudo o que os professores lá vos ensinam é muito importante e todas as crianças devem ter uma atitude de esforço e compromisso com o trabalho da escola. O Senhor pede isso a cada um de vós. Além disso, na escola também está muita gente que precisa de vós, da vossa ajuda, do vosso amor. Assim, este é agora o vosso compromisso: cada um vai escrever que se compromete a trabalhar muito na escola, a esforçar-se por aprender; e, escreve, ainda, o nome de uma pessoa que precisa de ajuda e que vai mesmo ajudar, na escola (*depois do trabalho feito, a catequista divide o grupo em 4 pequenos grupos e prossegue:*)

Agora, os meninos e as meninas de cada um dos grupos, quando eu fizer sinal, vão aproximar-se da «vara de Moisés», que representa a ajuda que nós precisamos para nos comprometermos pelo bem, pela justiça e pela liberdade e, enquanto vos leio/vos lê o N... uma expressão desse compromisso, vão colocar a sua folha na vara. Depois, antes de voltarem para o lugar, dizem todos: «Conta comigo, Senhor».

Catequista/convidado:

Senhor Deus, eu sei que tu não aceitas que as pessoas sejam oprimidas e exploradas... Quando precisares de alguém para ajudar quem é maltratado,

Crianças (colocando o seu compromisso na vara):

Conta comigo, Senhor.

Catequista/convidado:

Senhor, eu sei que tu não queres que as pessoas sejam infelizes, abandonadas e marginalizadas... Quando precisares de alguém que vá ao encontro dos outros para os ajudar a sorrir e a ter esperança,

Crianças (colocando o seu compromisso na vara):

Conta comigo, Senhor.

Catequista/convidado:

Senhor, eu sei que tu não queres a guerra, a violência, as lutas; eu sei que tu queres que todos se amem e deem as mãos... Quando precisares de alguém para construir a paz, para ajudar as pessoas a serem amigas e irmãs,

Crianças (colocando o seu compromisso na vara): Conta comigo, Senhor.

Catequista/convidado: Senhor, eu sei que tu não queres que fiquemos de braços cruzados, sem nada fazer, quando tantas coisas más acontecem no mundo... Quando precisares de alguém que vá, em nome de ti, lutar contra as injustiças e as maldades que fazem sofrer tantas pessoas, nós **todos** te diremos:

Todos: Conta comigo, Senhor.

4. *Antes de as crianças saírem, o catequista pede:* Para não se esquecerem deste compromisso – aqui feito, mas para viver ao longo da semana – quando chegarem a casa vão registá-lo no vosso catecismo, na página 52 e, cada dia, antes de dormir, vão avaliar o seu cumprimento e rezar para que o Senhor vos ajude a manterem-se fiéis à vossa promessa e a aprenderem cada vez mais. Podem rezar uma dezena do Terço, se vos parecer bem. O Senhor, que conta convosco para mudar o mundo, quer que aproveiteis bem as vossas oportunidades de aprendizagem e crescimento, para serdes pessoas fortes e válidas, no mundo.

Para guardar na memória e no coração

Conta comigo, Senhor, para mudar o mundo. Sei que Deus quer a minha ajuda para amar e fazer o bem. O meu "Sim!" a Deus é um Projeto de Felicidade.

O DEUS LIBERTADOR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Deus não ficou indiferente ao projeto de morte que ameaçava a vida e o futuro do seu Povo, no Egito... Como vimos no nosso encontro anterior, para conduzir o processo de libertação que havia de devolver ao seu Povo a vida e o futuro, Deus escolheu um homem – Moisés – e enviou-o ao Egito. O “rosto” humano da libertação é Moisés; o “arquiteto” da libertação, o “condutor” de todo o processo é Deus.

O “Livro do Êxodo” apresenta as fases e vicissitudes desse projeto libertador que irá fazer sair o Povo de Deus da terra da escravidão, ao encontro da liberdade, do futuro, da vida. Convém, contudo, recordar, que o “Livro do Êxodo” não é o “diário” do processo revolucionário que conduz um povo à liberdade (como se se tratasse de uma reportagem objetiva de acontecimentos históricos), mas é um livro de catequese que pretende apenas apresentar uma experiência religiosa vital para o Povo de Deus: o Deus em que acreditamos não aceita a injustiça, a exploração, um mundo dominado por dinamismos de escravidão e de morte; o nosso Deus é o Deus que tem para nós um projeto de vida e que está sempre disposto a ir ao encontro do seu Povo para o libertar e salvar.

“Êxodo” significa “saída”: essa palavra passou a designar, no imaginário judaico, esse momento extraordinário em que o Povo de Deus “saiu” da escravidão, esse momento em que o projeto de morte do faraó foi vencido pelo projeto de vida de Deus.

2. O regresso de Moisés ao Egito

Dando sequência à missão que Deus lhe confiou, Moisés partiu para o Egito (cf. Ex 4,18-28) e apresentou aos hebreus as “credenciais” que o habilitavam para ser, em nome de Deus, o libertador dos filhos de Israel (cf. 4,19-31).

Depois de ser aceite pelos líderes dos hebreus, Moisés tenta a "via legal": apresenta-se diante do faraó do Egito (trata-se de algo impensável no Egito dos faraós e que, portanto, não é histórico) e exige, em nome de Deus, que os hebreus sejam autorizados a interromper os trabalhos por alguns dias para ir ao deserto adorar o Senhor (cf. Ex 5,1-5). A resposta do faraó traduz-se na intensificação da repressão e no aumento da carga de trabalhos (cf. Ex 5,6-19). Tal facto provoca a primeira crise no processo revolucionário: Moisés é acusado pelos líderes dos hebreus de estar a criar uma situação de rutura com a ordem instituída que irá apenas ter como consequência o tornar ainda mais difícil a situação real dos escravos hebreus. É um elemento que está sempre presente em situações deste tipo: uma boa parte dos explorados prefere acomodar-se ao risco conhecido do que arriscar tudo para ser livre. Ou, neste caso, os líderes da comunidade hebraica parecem mais dispostos a entregar a sua existência nas mãos de um poder humano opressor e injusto do que confiar em Deus.

Questionado pelos líderes dos hebreus, Moisés sente, pela primeira vez, dúvidas sobre a eficácia daquele projeto libertador e expressa, diante de Deus, a sua perturbação; mas Deus reafirma-lhe a sua vontade de não retroceder, de triunfar sobre os poderes da escravidão e da morte, e de levar para a frente o processo de libertação do seu Povo (cf. Ex 5,22-6,1). Tal facto mostra a decisão de Deus, a firmeza da sua vontade em dirigir um processo de libertação em favor do seu Povo; tal facto mostra que a vontade de salvar o seu Povo é total e irreversível.

3. As "pragas" do Egito

A "via legal" para a libertação dos escravos hebreus faliu; mas Deus – mais do que nunca decidido a oferecer ao seu Povo a vida e a liberdade – não esgotou os seus recursos e vai explorar outros caminhos.

Para nos dizer isto, a catequese de Israel lançará mão das famosas "pragas" do Egito (cf. Ex 7,8-11,10): elas serão o cenário utilizado pelos catequistas do Povo de Deus para "dizer" o empenho de Deus no processo da libertação. Os fenómenos apresentados como "pragas" enviadas por Deus são fenómenos relativamente conhecidos e frequentes, quer no Egito antigo, quer mesmo no Egito recente. As rãs, os mosquitos, as moscas, são "pragas" normais numa terra submetida aos caprichos de um rio, às suas inundações periódicas; a invasão dos gafanhotos é uma realidade bem conhecida de diversos países do norte de África e do sul da Europa; as "trevas" que impediram de ver o sol terão, provavelmente, a ver com os fortes ventos do deserto que, sobretudo

no início da primavera, levantam tempestades de areia e que impedem de ver a luz do sol durante dias; as doenças e as úlceras que atingem homens e animais eram uma realidade, infelizmente, comuns numa terra onde a falta de água ou a presença de águas inquinadas não favoreciam cuidados elementares de higiene.

Trata-se, portanto, de fenómenos naturais, bem conhecidos dos egípcios; contudo, esses fenómenos naturais ficaram na memória dos israelitas que estiveram no Egito e foram, muito tempo depois, interpretados como autênticas catástrofes enviadas por Jahwéh para dizer aos opressores que não tolerava a injustiça e a exploração. As "pragas" passaram assim a ser, na catequese de Israel, "sinais" da intervenção de Jahwéh e da sua decisão em levar a cabo a libertação do seu Povo.

Com esta "catequese", a fé viva de Israel quis sublinhar o poder extraordinário de Jahwéh, que enfrentou com êxito o enorme poderio do faraó; quis mostrar que Jahwéh é um Deus infinitamente superior aos deuses egípcios; quis afirmar a sua confiança num Deus que controla as forças assustadoras da natureza, pois comanda os flagelos e usa-os para concretizar os seus planos; quis sublinhar a solicitude e a intensidade (por isso as pragas são tantas e tão duras) da solicitude e do amor de Deus pelo seu Povo; e, sobretudo, quis afirmar que Jahwéh, o Deus nacional, é o Deus salvador e libertador, que não suporta a injustiça nem a opressão, que não fica de braços cruzados diante do sofrimento do seu povo, que não está do lado dos opressores, mas ama e liberta os oprimidos.

4. A noite da fuga dos escravos e a celebração da Páscoa

O texto bíblico liga a última "praga" e a saída do Egito com um ritual, conhecido como "Páscoa": na noite em que Deus castiga os egípcios com a morte dos primogénitos, os israelitas celebram a Páscoa; o ritual livra-os da "praga"; e, nessa mesma noite, saem do Egito (Ex 12,1-28).

A "Páscoa" – ou, em hebraico, "Pesah" – era uma festa de pastores nómadas, celebrada muito tempo antes da libertação dos hebreus do Egito. Tinha lugar na primavera e comportava o sacrifício de um animal jovem (nascido no ano anterior), para obter a fecundidade e a prosperidade do gado. O animal era assado nas brasas, modo habitual de confeccionar os alimentos entre os nómadas. Dado o seu carácter de ritual sagrado, não era permitido que sobrasse o que quer que fosse; o sangue era utilizado para marcar as estacas da tenda, sinal sagrado que afastava os espíritos malignos do acampamento. Os outros detalhes acentuavam ainda mais o carácter de festa nómada: comia-se

o animal com pães sem fermento (é, ainda hoje, o pão dos beduínos) e com ervas amargas (plantas do deserto, que os beduínos escolhem e confeccionam para variar o seu frugal alimento). Os convivas deviam ter o cinto posto, as sandálias nos pés e o cajado na mão, como se estivessem preparados para partir em viagem (talvez o ritual antecederesse a partida para a transumância da primavera).

Porque é que esta festa de pastores semi-nómadas aparece ligada ao acontecimento da saída do Egipto? Porque numa certa primavera, muito próximo de 1250 a.C., quando os escravos hebreus estavam a celebrar a antiga festa nómada da "Pesah", aconteceu a libertação da opressão egípcia. A partir dessa altura, a antiga festa passou a celebrar uma intervenção libertadora e salvadora de Deus na vida do seu povo; e, cada ano, pela mesma altura, os israelitas que celebravam a Páscoa faziam "memória" do Deus libertador e da saída do Egipto.

Na linguagem bíblica, "fazer memória" não significa, apenas, "recordar um acontecimento"; mas significa, também, "atualizar" o significado, "repetir" o gesto e o momento, "participar" naquele evento. Portanto, sempre que (hoje, ou no futuro) um israelita celebra a Páscoa, está a atualizar aquele acontecimento libertador, está a revivê-lo, está a receber do Deus libertador o dom da liberdade, está a proclamar a sua certeza de que Deus não deixará jamais de oferecer ao seu Povo a vida e a liberdade.

5. A passagem do Mar

O passo final para o caminho da liberdade é dado pelos hebreus ao atravessar o "Mar". Para trás ficou a terra da escravidão; para a frente abria-se a estrada para a terra da liberdade.

De acordo com o "Livro do Êxodo", os escravos hebreus em fuga chegaram, a dado momento da caminhada, diante do "mar" (cf. Ex 14,8-14). Não é claro de que "mar" se trata: se é o Mar Vermelho ou uma zona alagadiça mais a norte, junto do Mar Mediterrâneo... O que interessa é que o grupo de escravos que fugia e que era perseguida por uma força armada egípcia viu, de repente, a sua fuga para a liberdade cortada por uma extensão de água. Contudo, o grupo de fugitivos conseguiu passar através da água (cf. Ex 14,15-31). Os hebreus viram, nesse facto, a ação do Deus libertador, a lutar pela vida e pela liberdade do seu Povo.

É provável que essa "passagem do mar" não tenha sido um acontecimento sobrenatural e inexplicável... Há quem fale, por exemplo, de um maremoto, que teria feito recuar as águas; ou de um terreno pantanoso, que enredou os

carros militares egípcios mas permitiu aos escravos fugitivos passar com relativa facilidade; ou ainda de uma zona de água pouco profunda, onde era possível, na maré baixa, atravessar com alguma facilidade (o grupo de hebreus fugitivos, chegado primeiro àquele local, encontrou a maré baixa e conseguiu passar, mas os egípcios, chegados algumas horas mais tarde, já não conseguiram passar e perderam de vista os escravos que fugiam)... Mas, a “explicação” do fenómeno não é o mais importante; o que é significativo é o que a catequese de Israel viu naquele acontecimento.

«Os dados são estes: houve um grupo de fugitivos hebreus que deixou o Egito, foi perseguido por tropas bem treinadas; esse grupo de fugitivos encontrou-se, a dado passo, encurralado entre o exército perseguidor e uma extensão de água. Apesar do desespero da situação, os perseguidos conseguiram ludibriar o exército perseguidor e internar-se na segurança do deserto. Numa expressiva atitude de fé, viram nesse facto o dedo de Deus: foi Jahwéh que os salvou, que os libertou das mãos dos inimigos e lhes permitiu alcançar a liberdade.

A partir daqui, a história da “passagem do mar” passou a constituir uma página de catequese em que Israel expressava a sua fé no Deus que salva e a sua gratidão para com esse Deus que luta pela libertação do seu Povo. A narração que chegou até nós, não descreve o facto; interpreta-o numa perspectiva de fé. Para os catequistas de Israel, mais do que fazer a reportagem histórica do acontecimento, o que interessa é gritar a todos esta convicção profunda que, a partir de então, encheu os corações dos israelitas: a libertação da opressão, a fuga da escravidão, a passagem à liberdade, é obra de Deus... Israel deve recordar continuamente – hoje, amanhã e sempre – este facto e confiar neste Deus libertador e salvador, que ama e protege o seu povo e que está permanentemente preparado para intervir em defesa dos oprimidos, dos explorados, das vítimas da opressão dos grandes deste mundo.

A história da maravilhosa libertação do Egito sempre foi vista, pela comunidade do Povo de Deus, como um momento fundamental da sua experiência de fé e da sua descoberta de Deus... Aí, nesse momento concreto do seu caminho histórico, Israel encontrou-se com um Deus que provou, com a sua intervenção e ação, ser o Deus da liberdade e da vida, que não está disposto a virar as costas ao seu Povo e a deixá-lo prisioneiro da opressão e da morte. Israel concluiu que, se Deus era assim, podia continuar a confiar nele e a esperar dele a Vida e a salvação, sempre que se encontrasse em circunstâncias análogas. Assim, a história da libertação do Egito não foi, para os israelitas, um momento único e irrepetível da história da relação de Deus com os homens;

mas foi um acontecimento que estabeleceu um padrão e que mostrou a essência desse Deus que se aproximou do seu Povo para o salvar... Se Deus é assim – concluiu a catequese de Israel – podemos continuar a esperar as suas decisivas intervenções no sentido de nos salvar.

A partir daqui, o “Êxodo” passou a ser a “mãe de todas as libertações” – o processo que explica e garante todas as ulteriores intervenções libertadoras de Deus na vida e na história do seu Povo.

OBJETIVOS

- Reforçar a ideia de que Deus tem um projeto de Vida e de salvação para o seu Povo através do conhecimento mais aprofundado da história maravilhosa da libertação do Povo de Deus, oprimido e escravizado pelo faraó do Egito.
- Perceber que a ação de Deus no sentido de libertar os hebreus não foi uma ação isolada e irrepetível, mas constitui um padrão que define a modo de ser de Deus; e que, portanto, podemos esperar intervenções semelhantes de Deus sempre que a morte e a opressão nos cercarem.
- Confiar neste Deus que salva e liberta, e fazer com que ela se sinta feliz por pertencer a um Povo que Deus acompanha, no seu caminho histórico, com solicitude e amor.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Todas as catequese devem começar pela avaliação do compromisso feito no final da catequese anterior, pois, como se pretende converter as crianças à adoção de uma perspectiva de vida fundada no amor de Deus e na missão em favor do bem, da justiça e da liberdade, tal só é possível se as crianças forem orientadas e acompanhadas na experiência de viver segundo a vontade de Deus e numa atitude real e prática de descoberta do projeto que Deus tem para cada pessoa. Nesta catequese, essa avaliação constituirá, mesmo, a Experiência Humana.
2. O catequista deve procurar ser cuidadoso e hábil na preparação do «poster» a exibir na Experiência Humana porque essa exibição deve ser vivida pelas crianças como uma recompensa pelo seu esforço; a partir dele, constrói a ligação cognitiva e emocional ao texto da Palavra que hoje será apresentado, sempre com o máximo de contributo das crianças.

MATERIAIS

- Poster – montado numa folha de cenário/cartolinas ou em formato digital – preparado pelo catequista com as folhas do compromisso das crianças (catequese 11);
- Imagens (impressas ou digitalizadas) de situações de injustiça e sofrimento, centradas em crianças, adequadas à ilustração das situações que as crianças decidiram socorrer no seu compromisso;
- Equipamento adequado de projeção ou placar;
- Bíblia;
- Fotos, recortes de jornais ou imagens digitalizadas (no caso de usar um PowerPoint), com crianças e que ilustrem as tristes situações que as crianças procuraram socorrer (indicadas na catequese 11);
- Dístico “MOISÉS”;
- Dístico “Páscoa”;
- Dístico “Deus liberta e salva”;
- Poster com a frase “Como Deus não gosta que as pessoas sejam oprimidas e magoadas, está sempre pronto para nos ajudar a combater a maldade, a injustiça, a exploração; como Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!”
- Cartão ou folha com a oração final, um para cada criança;

MÚSICA

- “Deus quer a tua ajuda”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Lembram-se de na nossa catequese anterior termos pensado em pessoas do nosso tempo que lutam contra a injustiça e que ajudam os seus irmãos e irmãs a serem livres e felizes? (*Deixar as crianças recordarem os nomes ou lerem-nos a partir dos registos feitos na Barra Cronológica*). Também nós tivemos aqui um testemunho especial de alguém que trabalha pelo bem dos outros... (*recuperar a Experiência Humana da catequese 11, recordando os seus aspetos essenciais*).

Como nós vimos, também a cada um de vós, e a mim, Deus chama. E também nos confia tarefas no mundo: por exemplo, a mim, confiou-me a tarefa de ser

vosso(a) catequista. E a cada um de vós, já na semana passada, falando convosco através do que vivemos na catequese, Deus disse-vos que contava convosco, não foi? *(deixar as crianças recordarem-se da Expressão de Fé vivida pelo grupo e prosseguir):*

Deus conta connosco – como contou com Moisés – para ajudarmos os homens e as mulheres que sofrem e que são vítimas das injustiças e do mal, Deus conta connosco para colaborarmos com Ele na construção de um mundo de liberdade, de justiça e de paz. De um mundo feliz! Foi precisamente isso que nós aprendemos na catequese! Mas que grande responsabilidade, não é?

É de tal maneira importante e sério que nós aqui dissemos que compreender que Deus nos chama deve mudar a nossa vida! E nós fomos suficientemente corajosos para lhe responder que aceitávamos esta missão, este desafio? *(deixar as crianças exprimirem-se e encaminhá-las para:)* Dissemos! Até dissemos de uma maneira bonita, que nós queríamos que fosse especial. Não foi logo tudo de uma vez, pois não? Estão recordados?

O catequista mostra às crianças a corda que usaram na Expressão de fé e relembra, procurando que sejam as crianças a concluir as ideias principais: Esta corda foi o símbolo que representou a unidade entre todos nós e que também nos ligou ao ... testemunho que aqui recebemos ... esse testemunho foi uma graça especial que o Senhor nos ofereceu como chamamento para a ... missão. Através do nosso(a) amigo(a) N... *(ou, em caso disso, referir)* da história da Margarida, recebemos a força e a bênção de Deus, a quem quisemos agradecer a oportunidade maravilhosa que foi descobrir como é fazer o bem e amar o próximo, no mundo de hoje, rezámos cheios de alegria e gratidão. Podemos rezar de novo, cantando:

"Deus quer a tua ajuda" (refrão).

Pois, realmente, pequenos ou grandes, Cristo quer a nossa ajuda para amar! A ajuda do (N...), a ajuda da (N...) ... *(o catequista vai indicando o nome de cada uma das crianças e finaliza:)* ... a minha ajuda, também, tal como quis e pediu a ajuda das pessoas cujos nomes nós registámos.

E foi muito bonito quando nós rezámos para agradecer a Deus o seu amor pelas pessoas, a forma como se opõe à escravatura, aos maus-tratos, à exploração, à opressão, e como nos ensina a escolher a liberdade e a felicidade

para todos. Aqui na catequese, com tantos relatos de pessoas que Deus chamou para proteger, para encaminhar, para ensinar o seu povo, nós fomos aprendendo qual é o desafio que nos coloca a nós, concretamente, na defesa da dignidade das pessoas, do seu direito a uma vida boa, digna e feliz. Cristo quer a nossa ajuda para amar!

2. Ora bem, nós, então, depois de termos aprendido todas as coisas maravilhosas que vimos e escutámos, já fomos fazendo uns progressos. Já fomos crescendo um bocadinho... andando um pouco no caminho que Deus imaginou para nós... E como é que isso foi possível? (*deixar as crianças pronunciarem-se*) Através do nosso compromisso para esta semana!

Pois, nós partimos do texto da Palavra que escutámos... Ora abram lá a página 52 do vosso catecismo. Diz aí que Deus... conta comigo, muito bem! Mas isso às vezes pode ser um pouco aflitivo, não é? Pensamos, se calhar, como Moisés que... muito bem, que não somos capazes! Mas Deus teve uma solução para Moisés, não foi? Está mesmo aí registada: N... , podes ler-nos o que Deus respondeu a Moisés? (*a criança indicada lê no catecismo a frase «Eu estarei com a tua boca e te ensinarei o que deverás dizer»*). E, então, o que é que esta frase nos levou a pensar? N... gostava que nos recordasses como foi o princípio do nosso compromisso. (*auxiliar a criança indicada a recuperar a experiência, permitindo que as demais, com ordem e mostrando respeito, vão completando o relato*):

Cada um escreveu numa folha o seu nome e o compromisso de trabalhar muito bem na vossa família e na escola. E porquê? (*com a colaboração das crianças:*) Porque é na escola que, também, o Senhor vos ensina o que devemos dizer... porque a escola é, com a vossa família e a catequese, as experiências mais importantes para o vosso crescimento e a vossa formação. Tudo o que os professores lá vos ensinam é muito importante e todas as crianças devem ter uma atitude de esforço e compromisso com o trabalho da escola. O Senhor pede isso a cada um de vós.

Agora, sempre com o vosso catecismo na mão, cada um vai explicar como é que tentou cumprir este compromisso (*recorrendo ao registo colocado no catecismo, ouvir cada uma das crianças, procurando incentivá-las a trabalhar e a tornarem-se fortes e sábias para poderem fazer bem o que Deus lhes pede*).

Muito bem! Mas, além disso, na escola também está muita gente que precisa de vós, da vossa ajuda, do vosso amor e sei que pensastes nisso com muita dedicação e carinho. Por isso, preparei-vos uma surpresa *(o catequista mostra, no formato de poster ou no formato digital, o poster que preparou com as folhas do compromisso das crianças)*. Está muito bonito! Não por causa do arranjo que se conseguiu, mas por causa daquilo que vós tentaste fazer. Este poster é *(o catequista mostra o cajado «de Moisés»)* a vara com que vão conseguir fazer o caminho que o Senhor tem para vós, é a vara que vos vai ajudar a manter vivo o vosso compromisso com o bem, a justiça e a liberdade.

Para podermos prosseguir neste nosso caminho, agora gostava que cada um nos contasse porque é que aquela pessoa que quis ajudar realmente precisava da sua ajuda. N... está aqui o nome de...*(o catequista lê uma das folhas)* e o compromisso de ... podes explicar-nos a situação?

O catequista vai conduzindo as crianças a explicarem as situações de injustiça, maldade, ... , que lhes chamaram a atenção, procurando chegar às seguintes conclusões:

- *Há pessoas que não são respeitadas pelos outros, os seus direitos são violados, a sua dignidade é maltratada, a sua liberdade não merece consideração...*
- *Há pessoas que vivem isoladas, sós, oprimidas, magoadas, em sofrimento...*

Conforme as crianças vão relatando as suas experiências, o catequista procura colocar junto do seu compromisso fotos, recortes de jornais ou imagens digitalizadas (no caso de usar um PowerPoint), com crianças, porque se trata da vida na escola, que ilustrem as tristes situações que as crianças procuraram socorrer e pede-lhes para relatarem brevemente que alívio/ajuda procuraram levar a essas pessoas.

3. Olhem, todas as situações que nos contaram são muito tristes mas é corajoso e bom o contributo para a sua resolução que cada um procurou dar *(o catequista pode partilhar a situação de luta pela justiça e o bem em que se procurou envolver, também, durante esta semana)*. Ao longo da sua história, o Povo de Deus conheceu situações semelhantes... No encontro de catequese da passada semana, falámos da situação de escravidão dos hebreus no Egito...

Eles eram como os vossos colegas, amigos ou conhecidos, um grupo de pessoas assustadas e privadas de liberdade por causa de um poder injusto, neste caso, o poder do faraó do Egito...

Lembram-se de dizermos que esse Povo oprimido pediu a ajuda de Deus e que Deus começou a preparar um plano para o libertar?

Como já sabemos, Deus respondeu-lhes escolhendo um homem – Moisés – para dirigir o processo de libertação desse Povo... Deus, como cada um de vós experimentou durante esta semana, preocupa-se quando alguém é maltratado e injustiçado e intervém para corrigir a situação. Com as pessoas que nos rodeiam, interveio fazendo de cada um de nós um instrumento de bondade e liberdade.

Para aprofundarmos a nossa confiança em Deus e para aprendermos, ainda melhor, a ser esse instrumento, hoje vamos ouvir o resto da história: o que é que Deus fez para **devolver a Vida e a liberdade ao seu Povo**. Vamos conhecer como Moisés foi o grande libertador, a figura que nos ensina, a nós, aqui mesmo, a aceitar o desafio da mudança e a não desanimar. Moisés é um modelo para nós.

E, digo-vos, esta é uma história antiga – lembram-se dos trajes que usámos, tão diferentes dos nossos? - mas que está muito próxima de nós, porque quando cada um se decidiu a trabalhar muito na escola e em casa, para crescer mais forte e mais sábio, já estava a aceitar fazer uma importante mudança na sua vida: aprender coisas boas e úteis, que nos tornam mais sábios e mais fortes, é uma mudança maravilhosa em cada um de nós.

II. PALAVRA

1. Agora vamos escutar a história que os catequistas bíblicos nos contaram de Moisés - quem foi e o que fez pelo povo de Deus?

Moisés, o libertador chamado e enviado por Deus, foi ao Egito pedir ao faraó (era esse o título dado ao rei do Egito) que deixasse de oprimir e escravizar o Povo de Deus (cf. Ex 4,18-5,3).

Deus, quando quer mudar alguma coisa no mundo, quando quer ajudar as pessoas a serem mais felizes, muitas vezes chama homens ou mulheres e envia-os com essa missão(*O catequista coloca o **dístico** "MOISÉS" no centro do placar*).

Contudo, o faraó do Egito não aceitou o pedido de Deus, feito pela boca de Moisés... Pelo contrário, mandou os seus capatazes (aqueles que dirigiam os trabalhos e que castigavam quem não cumpria as ordens do rei) obrigar o Povo de Deus a trabalhar ainda mais, em condições mais difíceis (cf. Ex 5,4-18).

O Povo de Deus ficou triste e desanimado: até parecia que o faraó era mais poderoso do que Deus... Como é que seria possível vencer um homem tão poderoso e com um coração tão duro?

Mas Deus não tinha sido vencido, nem tinha desistido de ajudar o seu Povo... Deus procurou que o faraó entendesse que a opressão e a maldade não ajudavam ninguém – nem o Povo de Deus, nem os egípcios, nem o faraó...

É verdade: a maldade, a injustiça, o egoísmo nunca fazem bem a ninguém, nem sequer àqueles que cometem esses atos...

Ao longo do ano tiveram lugar, na terra do Egito, algumas catástrofes naturais: inundações, invasões de rãs, pragas de moscas e de mosquitos, doenças que afetaram homens e animais, ventos fortes que levantavam o pó do deserto e escureciam o sol (cf. Ex 7,14-10,29)...

Eram acontecimentos naturais, que apareciam de vez em quando; no entanto, quando apareceram dessa vez, o faraó, os egípcios e, também, o Povo de Deus, interpretaram esses acontecimentos como um sinal de Deus – um sinal enviado ao faraó e aos egípcios para os fazer perceber que a opressão, a injustiça, a maldade não estavam certas.

2. O faraó e os egípcios perceberam essa mensagem...

Perceberam que Deus não concordava que eles fizessem mal a outros povos... Aprenderam a lição e o faraó deixou o Povo de Deus sair daquela terra de escravidão e de sofrimento.

Na noite em que saiu do Egito, o Povo de Deus celebrou uma festa, uma festa anual, que era celebrada todos os anos no início da primavera, mas que, dessa vez, coincidiu com a data em que se tornaram livres. Qual o nome que davam a essa festa?

O catequista dá um espaço ao diálogo, pois as crianças já ouviram em anos anteriores falar na Páscoa. De seguida deve dar continuidade à apresentação do tema:

A festa da Páscoa (em hebraico, "Pesah"), uma festa em que se comia um cordeiro assado, juntamente com pão especialmente preparado para essa ocasião e algumas ervas (cf. Ex 12,1-28). Nos anos seguintes (após a saída do Egito), quando chegava a data de celebrar essa festa, os israelitas

celebravam e recordavam essa noite em que deixaram a terra do sofrimento e da escravidão para partirem ao encontro da liberdade.

Para o Povo de Deus, a Páscoa significa o momento em que Deus os libertou da opressão, do sofrimento e da morte. Ainda hoje os judeus continuam a celebrar essa festa, todos os anos, e a recordar-se, nessa data, de que Deus não aceita a opressão e quer salvar os seus filhos e filhas...

Os cristãos também celebram essa festa; e celebram, nesse dia, o momento em que Jesus Cristo os libertou da escravidão e da morte...

*(O catequista coloca o **dístico** "Páscoa" sob o **dístico** "MOISÉS").*

Voltaremos, mais à frente, num outro encontro, a falar da Páscoa que os cristãos celebram. Agora vamos verificar o que aconteceu com Moisés e aqueles que ele foi chamado a guiar.

Será que depois de o faraó deixar sair o Povo de Deus, tudo correu bem?

(Aqui um novo momento para o catequista dialogar e aproveitar os conhecimentos das crianças) Não. *(O catequista continua):* O perigo ainda não tinha passado completamente... Algumas horas depois de o Povo de Deus ter começado a caminhar, o faraó arrependeu-se de ter deixado partir os seus escravos, pois ia ficar sem o seu trabalho... Enviou um grande grupo de soldados, com os seus carros de guerra, para apanhar esses escravos que caminhavam para a liberdade e para os obrigar a voltar de novo ao Egito, à terra da escravidão (cf. Ex 14,5-9)...

Em dada altura, o grupo que caminhava com Moisés chegou diante de um Mar de água... Ao olhar para trás, os israelitas descobriram, ao longe, os soldados egípcios que vinham apanhá-los... Desanimaram de novo (cf. Ex 14,10-12)...

Será que Deus ia deixar que eles fossem apanhados e tivessem de regressar à escravidão? Será que Deus os tinha abandonado e já não queria ajudá-los?

Por intermédio de Moisés, Deus pediu ao Povo que não tivesse medo e prometeu-lhe que o ia salvar (cf. Ex 14,13-14). O que aconteceu, vamos agora descobrir com a leitura da Palavra.

O catequista escolhe as crianças que o acompanharão na leitura – também pode entregar os trechos do narrador a uma criança que leia bem - enquanto as restantes seguem pelas suas Bíblias: Agora vamos ouvir o que Deus fez para salvar o seu Povo (**Ex 14,15-16. 21-31**):

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro do Êxodo.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista/narrador:

O Senhor disse a Moisés:

Criança 1:

«Fala aos filhos de Israel e manda-os partir.

E tu, levanta a tua vara e estende a mão sobre o mar e divide-o, e que os filhos de Israel entrem pelo meio do mar, por terra seca».

Catequista/narrador:

Moisés estendeu a sua mão sobre o mar,

e o Senhor fez recuar o mar com um vento forte de oriente, toda a noite, e pôs o mar a seco.

As águas dividiram-se, e os filhos de Israel entraram no meio do mar, por terra seca,

e as águas eram para eles um muro à sua direita e à sua esquerda.

Os egípcios perseguiram-nos, e todos os cavalos do faraó, os seus carros de guerra e os seus cavaleiros, entraram atrás deles para o meio do mar.

E aconteceu que, na vigília da manhã,

o Senhor olhou da coluna de fogo e da nuvem,

para o acampamento dos egípcios,

e lançou a confusão no acampamento dos egípcios.

Ele desviou as rodas dos seus carros de guerra, e eles conduziam com dificuldade.

Os egípcios disseram:

Criança 2:

«Fujamos diante de Israel,

porque o Senhor combate por eles contra o Egito».

Catequista/narrador:

O Senhor disse a Moisés:

Criança 1:

«Estende a tua mão sobre o mar, e que as águas voltem sobre os egípcios,

sobre os seus carros de guerra e sobre os seus cavaleiros».

Catequista/narrador:

Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar voltou ao seu leito normal, ao raiar da manhã, e os egípcios a fugir foram ao seu encontro.

E o Senhor desfez-se dos egípcios no meio do mar.

As águas voltaram e cobriram os carros de guerra e os cavaleiros; De todo o exército do faraó que entrou atrás deles no mar, não ficou nenhum.

Os filhos de Israel caminharam em terra seca, pelo meio do mar, e as águas eram para eles um muro à sua direita e à sua esquerda.

O Senhor salvou, naquele dia, Israel das mãos do Egito, e Israel viu os egípcios mortos à beira do mar.

Israel viu a mão poderosa com que o Senhor atuou contra o Egito, o Povo temeu o Senhor e acreditou nele e em Moisés, seu servo.

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

É uma história maravilhosa, não é verdade?

Este Deus que fez soprar o vento, provocando uma baixa-mar, a fim de que o seu Povo pudesse escapar das mãos dos seus perseguidores mostrou ali quem era: **o Deus libertador e salvador, que não aceita a opressão e a injustiça e que luta para dar ao seu Povo a Vida e a liberdade** (*o catequista coloca sob o dístico "Páscoa" o dístico "Deus liberta e salva".*)

Os israelitas ficaram muito contentes, como devem imaginar, com este presente que Deus lhes fez: a sua libertação da escravidão do Egito... Mais tarde, ao refletirem com calma sobre aquilo que tinha acontecido, eles chegaram a uma conclusão que ainda os alegrou mais (*colocando o dístico "Confiança sob dístico "Deus liberta e salva", prossegue:*)

Se Deus não aceitava a opressão e se preocupava em dar a liberdade a todos os que eram oprimidos e escravizados então, para o futuro, eles podiam confiar sempre nesse Deus e esperar que Ele os ajudasse quando tivessem um problema semelhante.

Diziam os israelitas: "se Deus não gosta daqueles que oprimem e magoam os outros homens e mulheres, Ele estará sempre pronto para combater a maldade, a injustiça, a exploração; se Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Ele estará sempre ao nosso lado para nos ajudar a vencer tudo aquilo

que nos oprime, que nos destrói, que nos faz sofrer... Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!"

O catequista pede ao grupo que abra o seu catecismo na página 56 e solicita a uma das crianças para ler a frase indicada «Para guardar na memória e no coração»:

"Como Deus não gosta que as pessoas sejam oprimidas e magoadas, está sempre pronto para nos ajudar a combater a maldade, a injustiça, a exploração; como Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!"

*O catequista coloca no placar o **poster** com a frase, ao lado do **dístico** "Deus liberta e salva", para ser valorizada e recordada ao longo das próximas catequeses.*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Assim, sabendo que nada tinha a temer pois Deus estava sempre atento e preparado para salvar o seu Povo – como nós procurámos fazer com as pessoas nossas conhecidas, durante a semana que passou (*o catequista aponta para o poster*) Israel sentia-se feliz, seguro, confiante e livre.

Depois da passagem do Mar, Moisés e os israelitas cantaram um cântico de vitória, louvando a Deus por tudo o que tinha feito para salvar o seu Povo... É assim este cântico (**Ex 15,1-2. 3-4. 6. 13**):

O catequista convida o grupo a escutar em silêncio a leitura feita por uma das crianças:

"Cantarei ao Senhor que é verdadeiramente grande:

cavalo e cavaleiro lançou no mar.

O Senhor é a minha força e a minha proteção:

a Ele devo a minha liberdade.

É este o meu Deus, glorificá-lo-ei;

O Deus de meu pai, exaltá-lo-ei!

O Senhor é um guerreiro:

Senhor é o seu nome.

Os carros do faraó e o seu exército Ele atirou ao mar;

e os seus combatentes escolhidos foram afundados no Mar dos Juncos.

A tua direita, Senhor, resplandeceu de força;

**a tua direita, Senhor, apanhou o inimigo.
Com o teu amor conduziste este povo que resgataste.
Com o teu amor o guiaste para a tua morada santa”.**

Agora, com muita calma e silêncio, gostava que abrissem o vosso catecismo na página 55. Está aí registada uma frase que resume como nós nos sentimos, depois de termos escutado como Deus assistiu o seu Povo, o ajudou, perante a ameaça de escravidão e sofrimento que representavam aqueles egípcios. Diz assim (*o catequista lê ou pede a uma criança para ler*): «**Nada temos a temer porque Deus está connosco!**» É isso mesmo: nesta catequese descobrimos, com toda a certeza, de que nada devemos temer Deus nos ama e está connosco. Alguns anos depois do episódio que escutámos hoje na Palavra, um homem do Povo de Deus, referindo-se à ação libertadora de Deus, escreveu um texto muito bonito, que também está registado nesta página do vosso catecismo. É um salmo, uma das muitas orações e poemas que nós, este ano, temos continuado a descobrir: **Sl 98,1-9**. E nós, agora, agradecidos pela proteção e ajuda que o Senhor nos dá, vamos lê-lo seguindo as marcas colocadas junto do texto (o catequista propõe ao grupo uma divisão em dois sub-grupos, conforme melhor lhe pareça; um grupo lê as frases assinaladas com uma gota de água e o outro as frases assinaladas com a vara).

2. Compromisso:

Vamos nós, também, recordar as vezes em que Deus nos ajudou e nos libertou? Vamos agradecer-lhe pelas vezes em que Ele, mesmo sem nós repararmos, cuidou de nós?

Neste sentido, proponho-vos um compromisso para esta semana: na vossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 12, cada dia, vamos registar uma coisa boa que nos aconteceu! Todos os dias, antes de dormirem e de rezarem, pensam um bocadinho na melhor coisa que vos aconteceu nesse dia e registam-na, para não a esquecerem. Depois, rezam como nós vamos agora rezar (*o catequista entrega a cada criança um cartão ou folha com a oração que vai ser feita, conforme se apresenta neste guia:*), agradecendo a ajuda de Deus na vossa vida.

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Leitor 1 – Quando eu tive medo, quando estava sozinho ou me senti perdido,

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Leitor 2 – Quando eu enfrentei dificuldades e não sabia o que fazer,

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Leitor 3 – Quando eu estive doente e com dores,

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Leitor 4 – Quando eu dei ouvidos a colegas maus e fiz coisas erradas,

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Leitor 5 – Quando eu estive em perigo, mesmo sem saber,

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Leitor 6 – Quando alguém quis fazer-me mal e tu não deixaste,

Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!

Depois de ouvir esta maravilhosa mensagem vamos meditar em silêncio levando no nosso coração estas palavras que nos enchem de alegria e esperança num mundo melhor (*levar as crianças a fazer uns minutos de silêncio; pode colocar-se uma música de fundo, se isso ajudar a conseguir o seu sossego*). Finalmente, queria só pedir-vos para, ainda durante a próxima semana, relerem as páginas 86, 87 e 88 do vosso catecismo do ano passado e seria boa ideia se cada um o trouxesse para a nossa próxima catequese.

Para guardar na memória e no coração

“Como Deus não gosta que as pessoas sejam oprimidas e magoadas, está sempre pronto para nos ajudar a combater a maldade, a injustiça, a exploração; como Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!”

O DEUS DA COMUNHÃO E DA ALIANÇA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “A montanha” da aliança

Depois de deixarem o Egito, os hebreus internaram-se no deserto. “Na terceira lua-nova depois da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, chegaram ao deserto do Sinai. Partiram de Refidim e chegaram ao deserto do Sinai e acamparam no deserto. Israel acampou lá, diante da montanha” (Ex 19,1-2). Será aí que Moisés vai propor ao Povo uma aliança com Jahwéh e que Israel vai aceitar ser o “Povo de Deus”. Que monte é este onde os autores bíblicos vão situar a aliança entre Jahwéh e Israel?

No texto bíblico não temos indicações geográficas suficientes para identificar o monte da aliança. Em si, o nome “Sinai” designa uma enorme península de forma triangular, com mais ou menos 420 Km de extensão norte/sul, estendendo-se entre o golfo do Suez e o golfo da Áqaba. A norte, junto do mar mediterrânico, o Sinai apresenta uma faixa arenosa de 25 Km de largura; mas, à medida que descemos para sul, o território torna-se mais acidentado, com montanhas que chegam a atingir 2400 m de altitude. A península inteira é um deserto árido; não há, praticamente, vegetação (exceto em alguns pequenos oásis) e as comunicações são difíceis. Nesta enorme extensão desértica, onde situar geograficamente “a montanha” da aliança?

Não sabemos exatamente. Contudo, uma tradição cristã do séc. IV d.C. identifica a “montanha” com o Gebel Musah (“o monte de Moisés”), um monte com 2244 m de altitude, situado a sul da península sinaítica. Embora a identificação da “montanha da aliança” com este lugar levante alguns problemas, o Gebel Musah é, ainda hoje, um lugar de peregrinação para judeus e cristãos.

Contudo, mais importante do que determinar o lugar geográfico exato da montanha da aliança, é fixarmo-nos neste facto extraordinário que o texto bíblico sugere: o Deus libertador e salvador quer estabelecer laços de comunhão, laços de afeto, laços de família com os homens.

No texto hebraico da Bíblia, a relação que Deus quer estabelecer com o seu Povo é definida pela palavra hebraica "berit" (cf. Ex 24,8), palavra que se costuma traduzir por "aliança". Em que âmbito nos situa esta palavra? O que é que ela define?

2. As alianças no mundo antigo

Antes de referir-se às relações dos homens com Deus, a "aliança" ("berit") é da esfera da experiência social e jurídica dos homens. Estes ligam-se entre si por pactos e contratos que implicam direitos e obrigações, muitas vezes recíprocos.

No mundo antigo, era raro o uso de documentos escritos. Em seu lugar, a palavra falada adquiria uma solenidade ritual e estabelecia compromissos que tinham valor de contrato escrito. As partes contraentes vinculavam-se por meio de um acordo ritual que continha terríveis ameaças contra a parte que, porventura, o violasse. Encontrámos contratos deste tipo ao longo de todo o Antigo Testamento: alianças de paz (cf. Gn 26,28; 31,44ss), alianças de irmãos (cf. Am 1,9), pactos de amizade (cf. 1 Sm 23,18) e mesmo casamentos (cf. Mal 2,14).

As partes contraentes não se encontravam necessariamente ao mesmo nível: o mais forte podia impor a sua vontade ao mais fraco, ou o vencedor ao vencido; também podia acontecer que fosse o inferior ou vencido a solicitar uma aliança ao mais forte: nesse caso, o mais poderoso estabelecia as condições.

O ato de selar o pacto seguia um ritual consagrado pelo uso... As partes contraentes comprometiam-se, em primeiro lugar, por um juramento. Depois, matavam-se animais, cortavam-se ao meio e os dois aliados passavam entre os animais mortos pronunciando imprecações contra os eventuais transgressores. Por fim, estabelecia-se um memorial: plantava-se uma árvore ou levantava-se uma pedra. Esse símbolo passava a ser, daí em diante, testemunha do pacto (Gn 21,33; 31,48ss). Vai ser à luz desta experiência que Israel vai representar a sua relação com Deus.

3. A Aliança entre Jahwéh e Israel

Alguns estudiosos notaram uma grande semelhança entre alguns tratados políticos (por exemplo, os tratados de vassalagem, em que um vassalo se

comprometia com um senhor) e a estrutura literária da aliança do Sinai... Isso significa que Jahwéh é visto, pela catequese de Israel, como um "rei" todopoderoso que impõe ao vassalo um contrato jurídico? A relação "soberano/vassalo" expressa, realmente, a natureza da relação entre Deus e o seu Povo?

Não. A semelhança literária entre os tratados políticos utilizados por vários povos do mundo antigo e o texto do Êxodo que apresenta a aliança do Sinai significa, apenas, que Israel usou formulários jurídicos conhecidos no mundo do Crescente Fértil para exprimir literariamente a sua relação com Deus, o seu compromisso com Deus... Embora o Deus da aliança do Sinai seja, verdadeiramente, um "Senhor" infinitamente poderoso e onipotente, Israel não é o vassalo sem direitos e sem voz, a quem o "senhor" impõe obrigações rígidas e indiscutíveis; mas é o Povo que Deus ama, que Deus elegeu entre todos os povos da terra, que Deus acompanhou a par e passo desde o Egito, ao longo do deserto árido e estéril. A aliança do Sinai não é um contrato jurídico entre dois "partners" desiguais, destinada a regular a colaboração obrigatória do vassalo com o seu "senhor"; mas é um "dom", uma graça, um ato gratuito de Deus, que quer vir ao encontro do seu Povo, que quer estabelecer com ele laços fortes, que quer viver com ele em diálogo e comunhão. A "aliança" é a expressão literária de uma história de amor e relação que Deus começou com Abraão e que agora quer prolongar na história com os descendentes dos patriarcas...

As palavras com que Deus propõe a Israel um compromisso – uma aliança – são bem elucidativas... "Vós vistes o que Eu fiz ao Egito, como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe até mim. E agora, se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque é minha a terra inteira. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,4-6). Ao propor ao seu Povo – através de Moisés – uma "aliança", Deus está a dizer que escolheu Israel para ser o Povo eleito, o Povo que vive uma relação especial com Deus, o Povo de Deus... Está a manifestar a sua vontade de estabelecer com Israel uma comunhão de vida, de criar com Israel laços especiais, laços de comunhão, laços de familiaridade, laços de afeto, laços de amor; está a pedir a Israel que aceite tornar-se um Povo especial, um Povo à parte entre todos os outros povos, um Povo dedicado ao serviço de Deus; está a dizer que quer fazer de Israel uma comunidade cultural dedicada ao seu serviço, regida pela sua Lei, depositária das suas promessas; está a pedir a Israel que aceite ser um "povo de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,56), isto

é, um Povo encarregado de dar testemunho da vida e da salvação de Deus diante de todos os outros povos da terra. Esta "eleição", não é um privilégio que Deus dá a Israel; mas é um "serviço" que Deus pede ao seu Povo, um serviço que há de concretizar-se numa função profético-evangelizadora (na missão de ser testemunha da salvação de Deus). Percebemos agora que a libertação do Egito não foi apenas para que o Povo alcançasse a liberdade; mas foi para que este Povo pudesse livremente escolher Deus e dar testemunho de Deus no meio do mundo.

Na resposta ao desafio que Deus lhe põe, Israel aceita ser o Povo de Deus – isto é, aceita comprometer-se com Deus, viver em comunhão com Deus e dar testemunho da salvação de Deus diante dos outros povos: "Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos" (Ex 19,8).

Como é que Israel há de viver para ser o "Povo de Deus", para ser o Povo com quem Deus tem uma relação especial e que Deus escolheu para testemunhar o seu projeto diante de todos os povos da terra?

4. O compromisso de Israel: ser o "Povo de Deus"

Jahwéh apresenta ao seu Povo, por meio de Moisés, um conjunto de indicações práticas que definem o caminho que o Israel deve seguir para ser "Povo de Deus". Como se formulam essas indicações?

O "Livro do Êxodo" apresenta, antes de mais, o "Decálogo", ou as "dez palavras" que contém o cerne da proposta de Deus (cf. Ex 20,2-17); mas depois desenvolve essas "dez palavras" num conjunto mais extenso de indicações práticas que integram o "código da aliança" (Ex 20,22-23,19), ou o "sefer berit" (Ex 24,7).

O "Decálogo" abarca dois vetores fundamentais da existência humana (foi, talvez, por isso que a tradição judaica o dividiu em "duas tábuas"): a relação do homem com Deus e a relação que cada homem estabelece com o seu próximo.

No que diz respeito à relação com Deus, os "mandamentos" apresentados são de uma tremenda originalidade, particularmente os que exigem que Israel não tenha outros deuses e não utilize imagens no culto (o que contrasta com tudo o que sabemos sobre as religiões antigas). Por detrás disto está a consideração de que Israel é um Povo dedicado ao Senhor, cuja vocação é servir o Senhor e ser testemunha de Deus e do seu projeto no mundo... Por isso, Israel não deve prescindir de Deus para ir atrás de outras propostas de vida ou de salvação: tudo o que afastar Israel do seu Deus, constitui uma infidelidade à vocação fundamental que este Povo é chamado a viver.

Os “mandamentos” que dizem respeito às relações comunitárias exigem do Povo de Deus uma conduta moral coerente com a santidade de Deus, da qual o Povo de Deus deve ser testemunha... Procuram inculcar no Povo de Deus o respeito absoluto pelo próximo: a sua vida, a sua intimidade matrimonial, a sua liberdade, os seus direitos na comunidade jurídica, as suas possessões. Temos, aqui, a “magna carta” da liberdade e da justiça, do respeito pela pessoa – ou seja, desses valores que o Deus libertador e salvador exige que o seu Povo testemunhe diante de toda a humanidade.

Os “mandamentos” propostos por Deus não são uma limitação, uma forma de manter Israel “controlado”, um conjunto normativo que mantém o Povo “de rédea curta”, escravo de um caminho que é Deus que define? Não. Os “mandamentos” são normas que impedem que tanto o indivíduo como a comunidade se degradem e voltem a ser escravos, adorando deuses que alienam e escravizam, ou destruindo a vida e a liberdade dos outros homens e mulheres. O Deus que dá ao Povo as suas leis é o Deus libertador, o mesmo que escutou o clamor do seu povo oprimido. As suas normas não pretendem levar o povo a uma nova escravidão; mas nascem do inquestionável amor de Deus por Israel. São o caminho que Deus indica para tornar o seu Povo livre e feliz. E Israel deve, com o seu testemunho, mostrar esta realidade a todos os homens e mulheres, a todas as nações.

O “código da aliança” (cf. Ex 20,22-23,19), que aparece logo a seguir ao Decálogo, é um conjunto de prescrições, de disposições justas, sãs e sólidas que solucionam as dificuldades, explicam alguns princípios e ordenam a conduta dos homens nas situações comuns e variáveis da existência humana. Trata-se de uma aplicação do “Decálogo” à vida concreta, de uma concretização da aliança na vida do dia a dia. Mostra, com exemplos, como pode realizar-se a comunhão com Deus na existência. Sugere que a fé de Israel não é uma realidade abstrata ou fantasmagórica, mas é uma realidade que se deve viver em cada setor da vida prática.

5. Os acontecimentos do Sinai

O que é aconteceu, exatamente, diante dessa “montanha” diante da qual Israel acampou, no deserto do Sinai? É possível reconstituir o acontecimento histórico que deu origem às tradições da aliança do Sinai?

Para os estudiosos das tradições sobre a aliança do Sinai, parece claro que o texto que chegou até nós não pretende descrever acontecimentos históricos. Muito provavelmente, o relato do Êxodo foi construído nos moldes de uma celebração cultural de uma época posterior (talvez de uma festa de renovação

da aliança celebrada no tempo do escritor). O "toque da trombeta" (Ex 19,13.16), a separação do Povo do local sagrado (Ex 19,12-13), os rituais de purificação (Ex 19,10.14), a presença de Deus no "monte" (Ex 19,12.18.20), tudo aponta para os rituais litúrgicos celebrados posteriormente nesse "Monte" onde Israel concentrou, muito mais tarde, o seu culto a Jahwéh: no "monte" onde se situava o Templo de Jerusalém.

Aos elementos característicos de um relato cultural, o narrador bíblico junta alguns elementos típicos dos cenários sobre os quais os autores sagrados gostavam de "pintar" as "manifestação de Deus" ("teofanias"): tempestade (Ex 19,16), terramoto e erupção vulcânica (Ex 19,18), "temor" do Povo face ao divino (Ex 19,16-9 20,18). Neste enquadramento teofânico insere-se também o efeito espantoso da "voz" de Deus (Ex 20,19), que fascina e atrai, mas também enche de medo o povo que escuta.

Não são, evidentemente, elementos que descrevem um quadro histórico; são elementos simbólicos muito ao gosto oriental e muito usados no Antigo Testamento para expressar a grandeza, a transcendência, o imenso poderio de Deus, a infinita diferença entre o humano e o divino. Abismado diante desse Deus poderoso, senhor do mundo e da história, que vem ao encontro de Israel e entra em diálogo com ele, o Povo sente "temor": um misto de respeito, de admiração e de reverência, que se traduzirá na obediência e na aceitação incondicional da vontade divina.

Evidentemente o narrador está interessado, não na história, mas na teologia. Através do relato cultural e dos elementos teofânicos, o autor pretende apresentar o Deus da comunhão e do diálogo que, apesar de infinitamente poderoso e onipotente, quer estabelecer uma relação de proximidade com o homem e caminhar com ele. Para isso escolheu Israel, protegeu-o, cuidou dele e fez desse Povo sua propriedade particular (Ex 19,5), um santuário onde o próprio Jahwéh reside e se apresenta a todos os outros povos da terra (Ex 19,6). Israel, aceitando a aliança, torna-se o Povo de Deus e recebe a missão de testemunhar no mundo as maravilhas de Jahwéh. É esta moldura teológica que o narrador – servindo-se de uma linguagem própria e de certas figuras simbólicas – pretende transmitir.

De qualquer forma, podemos aceitar que, depois da libertação, já na segurança do deserto, esse grupo de escravos hebreus libertados do Egito e liderados por Moisés quis agradecer a Jahwéh – o Deus que Moisés lhes apresentou – essa libertação. Algures no deserto do Sinai, diante de uma montanha imponente, os hebreus agradeceram a libertação e comprometeram-se com esse Jahwéh libertador. O rito foi selado com sangue proveniente dos sacrifícios de animais.

Porquê diante de uma montanha? Porque na antiguidade as montanhas eram, com frequência, objeto de veneração. Graças à sua majestade e inacessibilidade, foram consideradas como deuses ou, ao menos, como o local de habitação de uma divindade. “Ir à montanha”, exprime o “ir ao encontro da divindade” e traduz-se, habitualmente, num ato de louvor, de agradecimento ou de comunhão com Deus. Portanto, diante de uma montanha, o Israel libertado do Egito agradeceu a Jahwéh, aceitou o convite para viver em comunhão com Deus e comprometeu-se numa aliança com esse Deus. Recebeu indicações concretas sobre a forma de caminhar com Deus e de ser, para todos os outros povos, testemunha de Deus e das suas propostas para os homens (mandamentos). Israel tornou-se aqui, verdadeiramente, o Povo de Deus.

OBJETIVOS

- Descobrir que o Deus libertador quis convidar Israel para uma “aliança”, isto é, para viver uma relação especial com Deus, para ser um Povo diferente dos outros, um Povo à parte, um Povo comprometido com Deus, dedicado a Deus e capaz de dar testemunho da salvação de Deus no meio do mundo.
- Perceber que aceitar este desafio é exigente e “obriga” a seguir um caminho claro: viver para Deus, na escuta das propostas de Deus, mostrando em gestos concretos a santidade, a bondade, a misericórdia, o amor de Deus.
- Compreender que os “mandamentos” propostos por Deus ao seu Povo não são uma forma de Deus nos escravizar ou controlar, mas são as indicações de Deus para que possamos viver sempre livres e felizes.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Ao longo da sessão, o catequista deve procurar, sempre que possível, dialogar com as crianças recorrendo aos conhecimentos e experiências que elas têm, quer na Experiência Humana, quer na Palavra. As crianças já conhecem parte da história da libertação do Egito, pois esta foi tratada no catecismo 4, embora numa perspetiva ligeiramente diferente da que se pretende abordar agora: no catecismo 4 introduziu-se a questão da Aliança na perspetiva da «articulação» entre os dois Testamentos da Bíblia, e por isso se refere (veja-se a página 86 do catecismo 4) na introdução ao 2º Bloco deste catecismo, «Terminam esta descoberta com uma visão de conjunto de toda a Bíblia, na sua dimensão de Testamentos ou da Aliança que Deus estabelece com os homens e as mulheres do seu povo.» É importante que o catequista reveja a introdução a esta catequese 20 para poder prever as participações das crianças.

2. Por outro lado, é a Expressão de Fé que introduz a maior novidade nesta catequese quando se quer ajudar as crianças a perceber o que significam, hoje, os “mandamentos” que Deus deu ao seu Povo, sendo que, no final da Palavra, se lhes referiu – e deve ser cabalmente sublinhado – que é o seu testemunho de vida, como membro do “povo de sacerdotes” que, hoje, agora, na nossa vida, se mostra aos outros o rosto de Deus, se mostra, pela forma como amamos, como Deus ama. Nesse sentido, e para ajudar as crianças a evoluir na sua vida na fé que se propõe a atividade inicial da Expressão de Fé, para a qual se deixará o tempo necessário e se prepararão os materiais com o devido empenho. Muitas vezes as crianças e, sobretudo, os adolescentes, afastam-se da mensagem que lhes é dada na catequese porque nesta se confunde uma vida boa e a globalidade da mensagem libertadora de Cristo com o cumprimento de umas regras, mais ou menos mal explicadas. Procuraremos aproveitar esta oportunidade para demonstrar que o cumprimento dos mandamentos é uma experiência de liberdade e de amor, de ativo envolvimento na construção do bem e de uma sociedade à medida do amor de Deus pelos seus filhos.

MATERIAIS

- Bíblia;
- Catecismo 4 das crianças;
- Poster com fotografia de casamento: troca das alianças;
- Alianças de casamento (não sendo possível deve ter-se uma fotografia de alianças, podendo usar-se o poster que está na Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 4);
- Dísticos “Aliança”, “Deus” e “Povo”;
- Imagem da aliança no Sinai (no catecismo ou em poster);
- 2 Cartolinas;
- Dísticos: “Mandamentos”, “Relação com Deus”; “Relação com os outros”;
- Posters dos Mandamentos, Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 4, catequese 25 e 26.

MÚSICA

- “Tens palavras de vida eterna”.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de recordar o essencial da sessão anterior, o catequista coloca no centro do grupo o poster com a fotografia do casamento de modo a que todos possam ver. Todos serão capazes de reconhecer que se trata de um casamento. Inicia o diálogo com as crianças:*

Já foram a um casamento? Claro que sim. Quando as pessoas decidem casar-se é porque se amam um ao outro, não é? (o catequista deve estar atento aos comentários das crianças, ouvindo-as e encaminhando os seus contributos para a ideia fundamental:) se duas pessoas se escolhem uma à outra, e quiseram viver uma com a outra uma história de amor, depois chegam à conclusão de que esse amor vale mesmo a pena, é muito importante para a sua vida e a sua felicidade devendo, pois, ser protegido. É assim que os noivos assumem um com o outro um... .. um "compromisso" – o compromisso de partilhar a sua vida e o seu amor, para que esse amor possa crescer e tornar-se cada vez mais forte.

Se essa mulher e esse homem são cristãos, provavelmente até quiseram assumir esse compromisso de se amarem e de se darem um ao outro – por toda a vida – diante de Deus e da comunidade cristã. E assim, convidaram os seus familiares e amigos para serem testemunhas desse momento tão bonito e tão solene, foram à Igreja, fizeram o seu compromisso de amor diante de Deus e da comunidade cristã, e receberam a bênção de Deus. Mas, ao decidir assumir este compromisso na sua comunidade de fé, os noivos aceitam também, querem que o seu amor seja sempre, no meio do mundo, um sinal da vida de Deus. Cada um deles disse que se comprometia a amar e respeitar o outro, a partilhar a sua vida e o seu amor com o outro, a ser fiel ao outro, a acolher os filhos e a educá-los na fé cristã... Os casais que fizeram diante de Deus e da comunidade cristã esse compromisso, **receberam o sacramento do matrimónio**, o sacramento que une os casais cristãos.

2. *Neste momento o catequista mostra as alianças, ou a foto destas, de modo que fiquem visíveis a todos.*

Essas pessoas que se comprometeram uma com a outra – que se casaram – passaram a usar no dedo uma "aliança", um pequeno anel. Já sabeis desde o ano passado que esse pequeno anel é o sinal externo de uma "aliança"

(o catequista mostra a página 87 do catecismo 4). O que é que essa palavra significa? (deixar as crianças pronunciarem-se) Muito bem, no vosso catecismo 4, na página 87, diz que (o catequista lê ou pede às crianças para lerem:) «Aliança significa que duas pessoas que se amam prometem ficar juntas e ser amigas uma da outra. As alianças – anéis – que usam um homem e uma mulher casados, mostram que prometem amar-se para sempre. Obrigaram-se assim a serem fiéis um ao outro.»

Agora, como estão mais crescidos, vou explicar-vos que aliança também significa “contrato” ou “compromisso”, ou “acordo”. Como os noivos, que fizeram um “acordo”, um “contrato” um com o outro, comprometendo-se a amarem-se, a partilharem a vida, a ajudarem-se mutuamente, a darem-se um ao outro, a serem fiéis um ao outro em todos os momentos e para toda a vida. A “aliança” que eles passaram a usar no dedo é um sinal visível de algo que é interior, não é? Sim, um grande amor que une duas pessoas e que as leva a comprometer-se uma com a outra, e para sempre, a sua vida.

3. O catequista coloca o dístico “Aliança” no centro da sala ou no placar. À medida que o diálogo prossegue, coloca as palavras “Deus” e “Povo”.

Hoje vamos falar de uma “aliança” – de um acordo, de um compromisso, de um pacto – que não foi feita entre um homem e uma mulher, mas entre Deus e o seu Povo (aquele Povo que Deus libertou da escravidão do Egito e que fez passar o Mar, em direção à liberdade, como vimos no nosso encontro de catequese anterior). Podemos voltar à página 87 do vosso catecismo 4 (o catequista pede a uma das crianças para ler o penúltimo parágrafo): «A primeira Aliança entre Deus e o seu povo é contada no Livro do Êxodo (Ex 19, 1-8), que teve lugar no Monte Sinai onde Moisés se tinha encontrado com Deus na Sarça Ardente.»

(O catequista coloca o dístico “Deus” do lado esquerdo e o dístico “Povo” do lado direito do dístico “Aliança” e prossegue:) Trata-se de uma coisa “estranha” mas, ao mesmo tempo, muito bonita: **Deus quer fazer com o seu Povo uma “aliança”;** **Deus quer viver com o seu Povo uma história de amor;** Deus quer convidar o seu Povo para viver com Ele em comunhão, em partilha de vida... É como se disséssemos que Deus ama muito o seu Povo e que, por isso, quer comprometer-se com ele e caminhar juntamente com ele, quer “casar” com ele.

II. PALAVRA

1. *Como as crianças já conhecem parte da história da libertação do Egito – embora numa perspetiva ligeiramente diferente da que se pretende abordar agora – o catequista deve procurar explorar as memórias das crianças neste diálogo:* Depois de sair do Egito, de atravessar o Mar e de ter fugido ao exército egípcio, o Povo de Deus caminhou algum tempo pelo deserto (o chamado “deserto do Sinai”) e, um dia, acampou diante de uma montanha muito alta.

Foi nesse lugar, diante dessa montanha, que Deus propôs ao Povo, por intermédio de Moisés, a celebração de uma “aliança”. Já sabeis que uma “aliança” é um compromisso, um acordo, pelo qual duas pessoas (ou duas entidades) se ligam e se comprometem uma com a outra.

2. *O catequista apresenta o poster com o quadro que está na página 58 do catecismo 5, «Moisés», ou pede às crianças para abrirem o catecismo nessa página, e prossegue:*

Quando olhamos para este quadro apercebemo-nos de um Deus grandioso e poderoso que quer fazer uma “aliança” com um Povo pequeno, pobre, sem importância, que ainda há pouco tempo estava derrotado diante do poder do faraó do Egito e parecia condenado a desaparecer, ficamos muito surpreendidos... O que é que terá levado Deus a querer fazer uma “aliança” com Israel? Qual o interesse de Deus em ligar-se num compromisso com um Povo que parece não ter nada de especial para oferecer a Deus?

O catequista incentiva as crianças a querer responder às duas questões.

Para estas questões parece só haver uma resposta: **Deus quis fazer uma aliança com este Povo porque o amava...** Por isso, Deus veio ao encontro de Israel, salvou-o da escravidão, ajudou-o a fugir, a recuperar a liberdade e, depois, convidou-o para ser o seu Povo especial: ora vejam lá, de novo, o que diz o vosso catecismo 4 na página 87: «Deus queria formar uma família com o povo, a que chama “Nação Santa”, isto é, que pertence a Deus». Como num casamento, em que se escolhe aquela pessoa que se ama para viver com ela, para fazer dela a nossa “pessoa especial”, Deus queria viver com este Povo uma história de amor e de comunhão, Deus queria caminhar de mãos dadas com este Povo. Deus queria que este Povo vivesse para Ele, o amasse só a Ele, o escutasse só a Ele... Deus queria que Israel aceitasse ser o Povo de Deus.

3. Nós agora vamos recordar o texto do Êxodo que já conhecemos um bocadinho... Vamos ler aquelas frases em que a Bíblia descreve o convite que Deus faz ao seu Povo para entrar nessa "aliança" (Ex 19,3-6). Vou-vos ler e vocês vão seguir na vossa Bíblia, Ex 19, 3-6:

Da montanha, o Senhor chamou Moisés e disse-lhe:

«Assim dirás à casa de Jacob e declararás aos filhos de Israel:

'Vós vistes o que Eu fiz ao Egito,

como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe até mim.

E agora, se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque é minha a terra inteira.

Vós sereis para mim um povo de sacerdotes e uma nação santa'.

Estas são as palavras que dirás aos filhos de Israel».

Percebeis o que Deus quer?

O catequista aproveita os contributos das crianças e explora as ideias principais de forma organizada:

Deus ama Israel e por isso tirou-o da escravidão do Egito e trouxe-o "sobre asas de águia" – quer dizer, através de um caminho sem muitas dificuldades, onde Israel encontrou comida e água em abundância, até àquela montanha, no deserto do Sinai; Deus quer que Israel seja o seu Povo, um Povo especial entre todos os outros povos que existem no mundo inteiro: "um povo de sacerdotes e uma nação santa".

Em primeiro lugar, - e no ano passado, aprendemos porquê, ora vejam lá no último parágrafo da página 87 do catecismo 4: «"nação santa", isto é, que pertence a Deus». - Deus quer que Israel seja uma nação que vive para Deus, que está ao serviço de Deus, que caminha com Deus, que escuta Deus e as suas propostas ("uma nação santa").

Em segundo lugar, «"reino de sacerdotes" porque tem a missão de levar a Palavra de Deus a todas as pessoas da terra.» Deus quer que Israel seja um sinal do amor e da salvação de Deus no mundo ("um reino de sacerdotes").

4. Sabeis qual foi a resposta dos israelitas a esta proposta de Deus?

Verificar se as crianças conseguem intuir a resposta e depois concluir com a citação:

Foi a seguinte (Ex 19,8), está aqui escrito na página 86, versículo 8: "Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos".

Assim, **Israel aceitou comprometer-se com Deus**, aceitou “casar” com Deus, aceitou viver em comunhão de vida com Deus... Israel aceitou a “aliança” com Deus, aceitou ser o Povo de Deus – isto é, um Povo que se dedica ao serviço de Deus e que está disposto a viver de tal forma que a bondade e o amor de Deus se tornem presentes no meio do mundo.

Como é que este Povo – que “se casou” com Deus e passou a ser o Povo de Deus – deve “responder” a este Deus que o ama tanto? Como é que Israel deve viver para ser o Povo de Deus, para ser um sinal de Deus no mundo?

O catequista estimula a intervenção das crianças e verifica se alguma delas quer responder à pergunta. Elogiando as intervenções mais aproximadas do essencial, o catequista continua.

5. Reparai no que Deus pede ao seu Povo (Ex 20,1-17):

Este é o ponto alto desta sessão. Por isso deve dar-se relevo à Bíblia. O catequista deve preparar um ambiente adequado à proclamação da palavra:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do livro do Êxodo.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor:

**Eu sou o Senhor, teu Deus,
que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão.
Não haverá para ti outros deuses na minha presença.
Não farás para ti imagem esculpida,
nem representação alguma do que está em cima, nos céus,
do que está em baixo, na terra,
e do que está debaixo da terra, nas águas.
Não te prostrarás diante dessas coisas e não as servirás,
porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso,
que castiga o pecado dos pais nos filhos**

até à terceira e quarta geração,
para aqueles que me odeiam,
mas que trato com bondade até à milésima geração
aqueles que amam e guardam os meus mandamentos.
Não usarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão,
porque o Senhor não deixa impune aquele
que usa o seu nome em vão.
Recorda-te do dia de sábado, para o santificar.
Trabalharás durante seis dias e farás todo o teu trabalho.
Mas o sétimo dia é o sábado consagrado ao Senhor, teu Deus.
Não farás trabalho algum, tu, o teu filho e a tua filha,
o teu servo e a tua serva,
os teus animais, o estrangeiro que está dentro das tuas portas.
Porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra,
o mar e tudo o que está neles, mas descansou no sétimo dia.
Por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e santificou-o.
Honra teu pai e tua mãe,
para que se prolonguem os teus dias sobre a terra que o Senhor,
teu Deus, te dá.
Não matarás.
Não cometerás adultério.
Não roubarás.
Não responderás contra o teu próximo como testemunha mentirosa.
Não desejarás a casa do teu próximo.
Não desejarás a mulher do teu próximo, o seu servo, a sua serva,
o seu boi, o seu burro e tudo o que é do teu próximo.

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

6. Após um breve momento de silêncio, o catequista verifica se as crianças conseguem identificar o conteúdo desta leitura e continua, colocando, na cartolina já posicionada no placard, o **dístico** "Mandamentos" para a construção de um cartaz.

Foram estas as principais recomendações que Deus fez ao seu Povo.
Como é que nós chamamos a estas recomendações de Deus? (deixar as

crianças pronunciarem-se) "Mandamentos". Os "mandamentos" são as indicações de Deus para que Israel possa viver como Povo de Deus...

Alguns destes mandamentos dizem a Israel como é que ele deve relacionar-se com Deus e tratar Deus... *(O catequista coloca sob o dístico "Mandamentos", mas sobre o lado esquerdo, o dístico "Relação com Deus")*. Nós já conhecíamos os mandamentos, mas na formulação de S. Lucas, como a lemos no ano passado. Vamos lembrar... *(conforme vai revendo os mandamentos, sem necessidade de muito aprofundamento porque as crianças já conhecem o seu conteúdo, o catequista vai colocando os posters respetivos)*:

O primeiro mandamento pede a Israel que não tenha outros deuses e não obedeça a outros deuses... **Porquê?** Porque se Israel tiver outros deuses, se Israel obedecer a outros senhores, fará o que esses deuses mandarem, deixará de seguir as indicações de Deus e deixará de ser o Povo de Deus

Também pede a Israel que não construa imagens de Deus... **Sabeis o que é que isto significa?** Significa que ninguém conhece Deus, ninguém consegue representá-lo numa imagem, pois Deus é muito maior do que qualquer imagem que o homem possa criar. Qualquer imagem que o homem "inventar" de Deus, está errada e não mostra a realidade de Deus, não mostra como Deus realmente é. *(Coloca o poster "Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas")*: hoje, e na história, muitos artistas têm procurado representar Deus, mas aprendemos que somos temos um Deus e que o amamos mais do que a qualquer coisa na nossa vida...

O segundo pede a Israel que não use Deus ou, como os israelitas gostavam de dizer, o "nome de Deus", para coisas que não têm nada a ver com Deus, para fins egoístas ou para negócios que os homens inventam *(Coloca o poster: "Não invocar o nome de Deus em vão")*.

O terceiro pede a Israel que reserve um tempo – um dia da semana, o sábado – para louvar o Senhor e para lhe agradecer a sua bondade e o seu amor *(Coloca o poster: "Santificar os domingos e as festas de guarda")*. São pedidos também para nós: se Israel, se o seu Povo, os levar a sério estará a mostrar que ama Deus, que está em comunhão com Deus.

O catequista anuncia o outro conjunto de mandamentos e coloca o dístico "Relação com os outros" (ou o poster "Amar o próximo") sobre o lado direito do cartaz. À medida que os mandamentos forem apresentados coloca-se o respetivo poster no cartaz.

Mas há, ainda, um **outro conjunto de "mandamentos"** que dizem **como é que o Povo de Deus deve lidar com todos os homens e mulheres** que fazem parte do nosso mundo... Esses "mandamentos" do "Amor ao próximo", pedem aos membros do Povo de Deus que respeitem as outras pessoas, as amem. Particularmente os pais, (*Coloca o poster "honrar pai e , mãe e os outros legítimos superiores"*); que respeitem a vida, dada por Deus (*Coloca o poster: "Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo"*); que não roubem (*Coloca o poster: "Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo"*); que não mintam nem enganem (*Coloca o poster "Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo"*); que respeitem sempre as outras pessoas (*Colocar os posters "Guardar castidade nas palavras e nas obras" e "Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos" ...*)

Depois de apresentar todos os mandamentos, o catequista conclui: Como podem observar na página 59 do vosso catecismo, o **Povo de Deus**, se quer fazer parte da família de um Deus que ama a justiça e a retidão, **tem de respeitar as outras pessoas, tem de defender a justiça, tem de rejeitar a violência, tem de afastar de si a maldade.**

É desta forma – respeitando e vivendo estes "mandamentos" ou indicações de Deus – que o Povo de Deus pode mostrar a todos os homens e mulheres como é que Deus é: que Deus tem um coração bondoso, que Deus respeita os direitos e a dignidade das pessoas, que Deus não quer a injustiça, a violência ou a maldade, que Deus quer um mundo de paz, de amor, de verdade. Quem olha para o Povo de Deus e vê gestos de bondade, gestos de amor, gestos de perdão, gestos de paz, descobre a bondade e o amor de Deus, descobre Deus. O Povo de Deus, povo sacerdotal, é, pela sua vida, testemunha de Deus e da sua bondade, do seu amor.

O catequista prossegue, procurando explorar os sentimentos das crianças sobre a importância dos mandamentos, como formas viver no caminho de Deus:

Achais que estes "mandamentos" nos fazem mal e nos tornam infelizes? Acham que estes mandamentos representam dificuldades para a nossa vida? Achas que estes mandamentos foram inventados por Deus para nos atrapalhar e para nos estragar a vida? Achas que estes mandamentos nos impedem de sermos livres?

Depois de um breve diálogo com as crianças, é muito importante reforçar a importância dos mandamentos. O catequista deve fazer esta síntese de forma muito clara, respondendo às perguntas:

Claro que não. Estes mandamentos não são para nos fazer mal, ou para nos “controlar”, mas:

- são os sinais através dos quais Deus nos indica como é que nós podemos ser felizes;
- são as indicações que Deus nos dá para nos dizer como é que nós podemos construir um mundo novo, um mundo onde haja menos sofrimento, menos dor, menos miséria, menos maldade;
- são as propostas de Deus para afastarmos da nossa vida tudo o que nos torna prisioneiros e nos estraga a vida – o egoísmo, a injustiça, a exploração, o sofrimento, as divisões, os ódios.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1.** *Para ajudar as crianças a perceber o que significam, hoje, os “mandamentos” que Deus deu ao seu Povo, vai-se construir o quadro indicado no Documento 1 – tendo a coluna da esquerda sido previamente preparada pelo catequista – para que as crianças façam uma atualização dos mandamentos, segundo as experiências da sua vida.*

Se houver condições, podem organizar-se pequenos grupos (3 elementos) distribuindo uma tarefa – mandamento – por cada um dos grupos. O quadro é preenchido no fim, com o contributo de cada grupo.

Em alternativa, o catequista pode pedir a cada criança para preencher a coluna da direita do quadro e, depois, interrogando cada uma, pergunta a pergunta, o catequista, ou uma criança, vai anotando as respostas. Colocar o resultado do trabalho ao lado do cartaz construído anteriormente, segundo esquema mostrado no Documento 1 desta catequese e analisar as respostas encontradas pelas crianças de modo a chegar-se às conclusões propostas na coluna da direita do documento 1.

2. Renovação dos votos da Aliança:

O catequista prepara o ambiente para a oração:

Deve ensinar, previamente, as crianças a ler de forma muito calma, explicando o que são Salmos, orações muito antigas, escritas pelo povo de Deus. Distribui as leituras pelas crianças, e desafia-as a fazerem como fez o povo de Deus.

Com o grupo virado para os cartazes montados durante a catequese, refere: Vamos, nós próprios, renovar esta "aliança" com Deus... Como o Povo de Israel fez diante daquela montanha, no Sinai, vamos dizer a Deus que queremos caminhar com Ele, que queremos acolher as suas palavras, que queremos viver de acordo com os mandamentos que Ele nos propõe. Digamos a Deus que aceitamos os seus mandamentos, porque eles nos ajudam a termos mais vida e a sermos mais felizes.

Propõe-se que esta renovação se faça cantando o *cântico* "**Tens palavras de vida eterna**", alternando com a leitura do Salmo 119, tal como se indica:

Cântico: Tens palavras de vida eterna,
Senhor, eu creio em ti.
Teus caminhos de justiça,
Senhor, eu seguirei.

Leitor 1 – *Felizes os que seguem o caminho da retidão e vivem segundo a lei do Senhor.*

Felizes os que cumprem os seus preceitos e o procuram de todo o coração (Sl 119,1-2).

Cântico.

Leitor 2 – *Promulgaste os teus preceitos para se cumprirem fielmente.*

Oxalá os meus passos sejam firmes no cumprimento dos teus decretos (Sl 119,4-5).

Cântico.

Leitor 3 – *Meditarei os teus preceitos e prestarei atenção aos teus caminhos.*

Hei de alegrar-me com as tuas leis; não esquecerei as tuas palavras (Sl 119,15-16).

Cântico.

Leitor 4 – *Dá-me entendimento para cumprir a tua lei; hei de obedecer-lhe de todo o coração.*

Conduz-me pelo caminho dos teus mandamentos, porque neles estão as minhas delícias (Sl 119,34-35).

Cântico.

Leitor 5 – *Quanto amo, Senhor, a tua lei!*

Nela medito todos os dias.

*Fizeste-me mais sábio do que os meus inimigos,
porque os teus mandamentos estão sempre comigo
(Sl 119,97-98).*

Cântico: Tens palavras de vida eterna,

Senhor, eu creio em ti.

Teus caminhos de justiça,

Senhor, eu seguirei.

3. Compromisso:

Hoje vou propor-vos que, depois de termos renovado os Votos da Aliança com o Senhor e de termos rezado tão bem com as palavras lindas do Salmo 119, que cada um de nós pense, já hoje, em dois mandamentos que deseja colocar em prática na próxima semana. Pensam e tomam nota na vossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 13. Depois, cada dia, escolhendo um desenho ou uma palavra, tomam nota, antes de se deitarem, conforme fizeram ou não. Antes de dormir podem cantar um bocadinho do cântico “Tens palavras de vida eterna”. Um mandamento pode ser sobre a vossa relação com Deus, sobre uma forma de O amar melhor, e outro sobre o amor ao próximo. Terminamos cantando, com o coração cheio de alegria o cântico:

“Tens palavras de vida eterna”.

Para guardar na memória e no coração

É cumprindo os mandamentos que testemunhamos aos outros que Deus tem um coração bondoso, que Deus respeita os direitos e a dignidade das pessoas, que Deus não quer a injustiça, a violência ou a maldade, que Deus quer um mundo de paz, de amor, de verdade. Assim, somos uma “nação santa” e um “povo sacerdotal”

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1 – Esquema, em cartolina, preparado para a Expressão de Fé

Os Mandamentos

<i>Antes</i>	Hoje
O que é hoje “não ter outros deuses” além do Senhor?	Colocar “coisas” no lugar de Deus: jogos; praia; passeio. . . ; dar muita importância aos bens materiais;
O que é hoje “não construir imagens de Deus” que deem uma ideia falsa de Deus?	<i>Inventar Deus à medida da sua vontade: o Deus “bonzinho” que me deixou fazer maldades; o Deus que só gosta dos que vão à Igreja. . .</i>
O que é hoje “guardar tempo para a escuta de Deus e o louvor de Deus”?	Compromisso com a eucaristia dominical, tempo para a oração e leitura e estudo da sua palavra.
O que é hoje “não matar”?	<i>Matar não é só tirar a vida com uma arma. Pode-se matar dizendo coisas que não são verdadeiras; recusando amizade; não ajudando; maldizendo.</i>
O que é hoje “não roubar”?	Impedir que alguém tenha acesso a tudo o que tem direito para ter uma vida digna, que passe fome ou frio; recusar-se a ajudar alguém que tem fome ou frio.
O que é hoje “não faltar à verdade”?	<i>Quando se mente; quando se esconde a verdade; quando se tem falta de coragem para assumir os seus erros.</i>

A preparar
previamente

Levar as crianças a construir
com as suas experiências,
procurando que cheguem a
estas conclusões ou outras,
semelhantes no conteúdo.

DEUS CONDUZ O SEU POVO PELO DESERTO

II - INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O percurso geográfico do Povo de Deus

Os livros do Êxodo e dos Números conservaram diversas tradições sobre a caminhada do Povo de Deus pelo deserto, desde o Egito até às portas da Terra Prometida. Essas tradições, contudo, não estão tanto interessadas em descrever-nos o itinerário geográfico – de um ponto a outro no mapa – percorrido por Israel, quanto em mostrar o percurso espiritual que a comunidade do Povo de Deus vai fazendo à medida que atravessa o deserto.

Se considerarmos as indicações dos livros do Êxodo e dos Números, é praticamente impossível reconstituir com segurança o percurso geográfico feito pelos hebreus que saíram do Egito. Em primeiro lugar, porque são referenciados lugares geográficos que hoje não conseguimos identificar (e que talvez estejam sepultados nas areias do deserto); em segundo lugar, porque os textos apresentam referências contraditórias: enquanto uns textos parecem sugerir um itinerário pelo norte da península do Sinai (pelo chamado “caminho dos filisteus”, um caminho paralelo ao Mar Mediterrâneo, que conduzia diretamente do Egito à faixa costeira da terra de Canaan, onde no séc. XII a. C. se estabeleceram os filisteus), outros textos parecem sugerir um itinerário que desce para o sul da península do Sinai e que contorna toda a península. É possível que estejamos diante de duas ou mais tradições diferentes, que dizem respeito a caminhos seguidos por grupos diferentes: o “itinerário norte” corresponderia ao percurso seguido por um grupo de nómadas que deixou o Egito no séc. XVI a.C. (“êxodo-expulsão”), na altura em que os Hicsos foram derrotados e expulsos do Egito; e o “itinerário sul” corresponderia ao percurso

seguido pelo grupo de Moisés, fugido do Egito em meados do séc. XIII a.C. ("êxodo-fuga"). A fusão das duas tradições (numa fase em que os dois grupos formavam um único povo...), teria dado origem a um itinerário único que, naturalmente, apresenta referências contraditórias.

Admitindo, no entanto, que o grupo de Moisés seguiu para sul da península do Sinai (evitando assim as fortalezas egípcias situadas a Norte e destinadas a defender o Egito das invasões, pacíficas ou violentas, de povos asiáticos), ficaríamos com um percurso geográfico que é mais ou menos possível balizar. O grupo de Moisés partiu de Ramsés (Tanis), em direção a Sucot e dirigiu-se para Etam (cf. Ex 13,20), ao sul do Lago Timsah. Continuou a descer para sul, em direção aos Lagos Amargos. Caminhando através do deserto de Sur (cf. Ex 15,22), o grupo chegou a Mara (cf. Ex 15,23). Depois desceu ainda mais para sul, passou em Elim (cf. Ex 15,27) e chegou a Refidim (cf. Ex 17,1), chamado mais tarde Massá e Meribá (cf. Ex 17,7). Saindo de Refidim, encontraram uma montanha diante da qual acamparam algum tempo (cf. Ex 19,2). Foi aí que celebraram uma "aliança" com Jahwéh.

Depois de celebrarem a aliança com Jahwéh, os hebreus caminharam através do deserto de Pharan e chegaram a Tabera (cf. Nm 11,3). Depois, continuaram em direção a Haserot (cf. Nm 11,35). Deixando Haserot, o grupo dirigiu-se para o norte, acampando algum tempo no oásis de Kadesh (cf. Nm 13,26), de onde enviaram exploradores à terra de Canaan (cf. Nm 13).

A dificuldade em penetrar na terra de Canaan pelo sul (devido à cadeia de fortificações que impedia a passagem dos nómadas), levou os hebreus a seguir em direção a Etzion-Geber, a este, e a subir pelo caminho a oriente do Mar Morto, em direção à terra de Moab. Passaram por Obot, Iyye-Abarim, atravessaram a torrente de Zared e, em seguida, o rio Arnon (cf. Nm 21,10-13). Esse caminho fê-los entrar em rota de colisão com Sehon, rei dos amorreus e Og, rei de Basan (cf. Nm 21,21-35), que foram vencidos. Estabeleceram-se finalmente em Sittim, nas planícies de Moab, preparando a entrada na "Terra Prometida".

2. A presença de Deus no meio do seu Povo

A catequese de Israel ensina que, ao longo desse caminho geográfico percorrido, Israel contou sempre com a presença solícita e amorosa de Deus. Para expressar a presença de Deus, os catequistas bíblicos falam de três elementos: a "nuvem", a tenda da reunião e a arca do testemunho.

De acordo com os livros do Êxodo (Ex 13,21-22; 14,19-24; 24,15b-18; 40,34-38) e dos Números (cf. Nm 9,15-23), havia uma "nuvem" que acompanhava a

marcha dos hebreus em fuga pelo deserto. Nessa "nuvem" estava esse Deus que caminhava com o Povo e o guiava através do deserto.

Porque é que a "nuvem" se torna um elemento simbólico para manifestar a presença de Deus? Porque, pairando a meio caminho entre o céu e a terra, é um símbolo privilegiado para exprimir o Deus poderoso e onipotente, que está acima dos homens mas que, ao mesmo tempo, não desiste de relacionar-se com eles, de caminhar com eles, de estabelecer com eles uma história de diálogo e de comunhão. A "nuvem", simultaneamente, esconde e manifesta: demonstra o mistério do Deus escondido e presente, cujo rosto o Povo não pode ver, mas cuja presença adivinha nas aventuras e desventuras da caminhada. Céu e terra, presença e ausência, sombra e luz, divino e humano, são elementos sugeridos por este símbolo da "nuvem": neste jogo de contrastes, manifesta-se o Deus da aliança, grandioso e onipotente, mas que não desiste de guiar o seu Povo e fazer caminho com a humanidade peregrina.

Um outro elemento de que a catequese de Israel se serve para expressar a presença de Deus no caminho do seu Povo, é a "tenda da reunião" ou "tenda do encontro". Trata-se de uma tenda que, na teologia do "Livro dos Números" corresponderia ao lugar da habitação de Deus. Nas tradições mais antigas, era uma tenda montada fora do acampamento (porque o Deus santo devia estar separado do Povo, num lugar à parte e reservado); na tradição mais recente, a "tenda" estava no centro do acampamento, significando assim o lugar central que Jahwéh ocupava na vida e na história do Povo de Deus: era um Povo organizado e estruturado à volta de Jahwéh, uma comunidade de vida e de fé cujo centro era Jahwéh.

O terceiro elemento que expressava a presença de Deus era a "arca da aliança" ou do "testemunho": a "arca" era um cofre retangular de madeira de acácia, revestido de ouro puro. Nessa "arca", guardavam-se as duas tábuas da Lei (onde estavam escritos os mandamentos do Sinai), um pote com maná e a vara do sacerdote Aarão. Chamava-se "do testemunho" porque continha os sinais ("testemunho") da aliança estabelecida entre Jahwéh e o seu Povo. Era um sinal visível e eterno do Deus libertador e salvador e de tudo o que esse Deus tinha realizado em favor de Israel.

Os três símbolos serviam, portanto, para expressar uma realidade teológica que Israel experimentou com nitidez: Jahwéh esteve presente na caminhada do Povo e foi, em cada passo dessa marcha através do deserto, uma garantia de vida e de liberdade. A "nuvem", a "tenda" e a "arca" lembravam ao Israel

de todas as épocas que Jahwéh é o Deus que está sempre presente e atuante na história humana, caminhando lado a lado com a seu Povo peregrino.

3. Momentos marcantes da caminhada do Povo de Deus

Alguns momentos e acontecimentos marcaram, especialmente, a caminhada do Povo pelo deserto.

Logo no início, após três dias de marcha, os hebreus chegaram a Mara (cf. Ex 15,22-27). Aí, teriam encontrado uma fonte de água amarga, fenómeno muito frequente no deserto sinaítico. Moisés, de acordo com Ex 15,25, atirou à água um pedaço de madeira que tornou a água potável... O pedaço de madeira podia, de facto, ser o "crespino", arbusto de bagas consideradas desinfetantes.

Pouco depois, houve o episódio das codornizes (Ex 16,6-13). Segundo o texto, os hebreus experimentaram os horrores da fome e sentiram saudades do Egito onde se sentavam "diante de panelas de carne" (Ex 16,3). Deus enviou-lhes, então, bandos de codornizes que se espalharam por todo o acampamento... A chegada de bandos de codornizes tem por base um fenómeno que se observa, por vezes, na península do Sinai: a migração em massa de codornizes vindas de África, que chegam ao Sinai muito cansadas pela longa viagem e que se deixam apanhar com facilidade.

Um outro "acontecimento" que ficou na memória do Povo de Deus foi o dom do maná (Ex 16,13b-36). O relato do Êxodo descreve como Deus alimentou o povo com pão que enviou do céu... Ao ver o alimento que, durante a noite, Deus fez cair, o povo perguntou: "o que é isto?" (em aramaico: "man hu?"). De facto, existe no deserto do Sinai uma pequena árvore ("tamarix mannifera") que, após ser picada por um inseto, segrega uma substância resinosa e espessa que logo se coagula. Os beduínos do Sinai recolhem ainda hoje essa substância (que chamam "man"), derretem-na ao calor do sol e passam-na sobre o pão. É, provavelmente, na secreção deste arbusto que tem origem a história do "maná".

Temos, ainda, o episódio da fonte que brotou do rochedo (Ex 17,1-7). O texto bíblico descreve como, diante da revolta dos hebreus sequiosos, Moisés bateu com uma vara num rochedo e dele saiu água em abundância que saciou o povo. É possível que a história aluda à existência no deserto do Sinai de rochas porosas que, quebradas em certo lugar, permitiam o aproveitamento da água que armazenavam dentro de si. Os beduínos conhecem, ainda hoje, esses truques de sobrevivência no deserto.

As peripécias narradas correspondem a episódios que um ou vários grupos de hebreus saídos do Egito recordavam da sua difícil travessia do deserto do Sinai. Esses episódios banais de luta pela sobrevivência (procura de água e comida num ambiente hostil, aproveitamento máximo dos recursos naturais que o deserto podia oferecer) serviram, mais tarde, para elaborar uma catequese (ou várias catequese) sobre o Deus libertador e salvador. Com estes relatos, os teólogos de Israel quiseram expressar a sua fé no Deus que sempre cuidou do seu Povo e que sempre o acompanhou no longo caminho da história. Jahwéh, em todos os momentos, esteve lá; com as suas "maravilhas", proveu o Povo do necessário para sobreviver, deu-lhe vida, levou-o ao colo pelos caminhos, ajudou-o a enfrentar as crises do "deserto". Estes episódios serviram para "dizer" a fé de Israel em Jahwéh, o rochedo seguro em quem o Povo de Deus pode sempre colocar a sua confiança e a sua esperança.

4. O itinerário espiritual

Ainda mais importante que o itinerário geográfico e as peripécias do caminho, vai ser a caminhada espiritual que o Povo de Deus faz.

Depois da euforia inicial, resultado da maravilhosa libertação do Egito, o Povo começa a confrontar-se com os primeiros desafios da liberdade... E esses desafios fazem vir ao de cima as limitações e as deficiências de um grupo humano ainda demasiado "verde" e sem maturidade, agarrado à mesquinhez, ao egoísmo e ao comodismo, que prefere a escravidão onde há "panelas de carne e pão com fartura" (Ex 16,3), à liberdade que se constrói na luta e no risco... A cada passo, diante de cada dificuldade que o caminho apresenta, o Povo mostra-se desanimado e desiludido, deixa que o cansaço o vença, perde a esperança e "deixa cair os braços"... É um Povo que ainda não superou a sua condição de escravo, que ainda não está preparado para enfrentar o desafio de ser livre. As dificuldades do caminho levam-no, por diversas vezes, a revoltar-se contra Deus e contra Moisés (cf. Ex 17,1-7; Nm 20,1-13; Nm 12,1-16; Nm 16), e a desejar "voltar atrás", à terra da escravatura, pois tem medo de olhar em frente e de enfrentar o risco de construir o seu próprio futuro livre.

Contudo, à medida que o tempo passa e que os obstáculos do caminho vão sendo superados, o Povo de Deus vai-se transformando: cresce, amadurece, transforma-se, purifica-se, torna-se mais consciente da presença e dos valores de Deus. A ação de Deus é, em grande parte, responsável por esta transformação do Povo: se, por um lado, Deus vai mostrando ao Povo a sua bondade, a sua solicitude e o seu amor, por outro lado vai enviando "castigos"

pedagógicos que obrigam o Povo a perceber o sem sentido de algumas das suas atitudes e opções. Esses "castigos" são sempre apresentados pelos catequistas de Israel que escreveram a história desta caminhada como fruto do amor de Deus, o resultado do amor de um pai que castiga o seu filho para o ajudar a crescer e a descobrir o verdadeiro sentido das coisas. Assim, graças à atitude pedagógica de Deus, Israel vai tornar-se um Povo responsável e adulto, capaz de construir a sua própria história, capaz de guiar a sua vida por valores e regras que conduzem à vida e à felicidade. Por outro lado, convivendo diariamente com Deus, sendo testemunha dos "gestos" de Deus, aprendendo a identificar o que Deus aprova e não aprova e, sobretudo, aprendendo a viver em comunhão com Jahwéh, Israel percorre um "itinerário de fé" e torna-se, verdadeiramente, o Povo de Deus. O Povo que alcança a "Terra Prometida", no final da caminhada, é, sem dúvida, um Povo renovado – qualitativamente diferente daquele grupo informe que deixou a "terra da escravidão".

5. O deserto, lugar de crescimento e de conversão

O "deserto" é o cenário que, pelas suas características próprias, tem as condições ideais para que o Povo possa fazer este caminho de conversão, de renovação, de transformação, que lhe permitirá ir em direção a uma vida nova, a uma nova atitude, a uma nova "terra".

A catequese de Israel vai, posteriormente, falar do "deserto" numa dupla perspetiva... Por um lado, o deserto é um lugar desolado, uma terra que Deus não abençoou, onde o homem vê a sua vida constantemente em risco e faz uma experiência radical da sua pequenez, da sua dependência, das suas limitações; as provações aí experimentadas fazem com que, em certos momentos, venham ao de cima a decepção, a desilusão, o pessimismo, o medo, e que tudo isso se transforme em revolta contra Deus, em abandono de Deus, em infidelidade a Deus... Mas, por outro lado, sendo o deserto o lugar onde cada passo é um milagre, onde cada gota de água é um prodígio, onde cada refeição é um dom de Deus, onde o homem descobre a sua pequenez e constata a falência da sua autossuficiência, o deserto pode ser (e foi-o, muitas vezes, para o Povo de Deus) o lugar da descoberta de Deus, do encontro com as "maravilhas" de Deus, da experiência da bondade e da misericórdia de Deus.

No deserto, Israel encontrou o Deus da aliança, que quer viver na comunhão e no diálogo com o seu Povo; no deserto, Israel "topou", em cada passo do caminho, com o Deus da bondade e do amor, que faz "maravilhas" em favor

do seu Povo, que cuida dos seus filhos e que lhes dá vida; no deserto, Israel viu em ação o Deus onipotente, que milagrosamente proporcionava ao seu Povo a água e a comida necessárias para caminhar e para vencer as forças da morte; no deserto, Israel descobriu o Deus exigente, mas sempre disposto a perdoar as infidelidades do seu Povo e a recomeçar com ele um novo caminho; no deserto, Israel aprendeu a confiar em Deus, a entregar-se nas suas mãos, a não duvidar do seu amor e fidelidade; no deserto, ao fazer a experiência da sua pequenez, da sua finitude, da sua debilidade, dos seus limites, Israel descobriu que Deus – e só Deus – é a rocha segura em quem se pode confiar nas crises e dramas da vida... No deserto, Israel viu em ação continuada esse Deus que é pai, que não desiste de educar, de cuidar, de proteger, de amar os seus filhos.

O deserto foi, assim, o lugar e o espaço onde o Povo de Deus pôde crescer, pôde amadurecer, pôde alargar os horizontes, pôde consolidar a sua fé e a sua confiança em Deus... O deserto foi, portanto, a oportunidade para o Povo de Deus se converter e transformar, tornando-se um Povo mais responsável, mais consciente, mais adulto e mais santo.

6. A caminhada pelo deserto como “tipo” da caminhada histórica do Povo de Deus

Na caminhada do Povo de Deus através do deserto do Sinai, podemos encontrar um “tipo” do caminho que o Povo de Deus percorre na vida e na história... O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa época – percorre todos os dias um caminho semelhante, feito de obstáculos, de reveses, de desilusões, mas também de alegrias, de esperanças, de sonhos, de vitórias... Ao longo do caminho, o Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – também desanima, também tem a tentação de se acomodar, também prefere muitas vezes a escravidão que se conhece à liberdade que traz desafios e riscos... À medida que avança em direção à Terra Prometida, o Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – também se revolta, também tem a tentação de prescindir de Deus e da sua graça, também escolhe caminhos errados e escuta deuses errados, também se afasta de Deus e das suas indicações... Mas, em cada passo deste caminho, o Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – também tem a possibilidade de encontrar o Deus da comunhão e da aliança que faz maravilhas em favor do seu Povo, que anima e dá esperança ao seu Povo, que nos pega ao colo quando estamos demasiados cansados para dar mais um passo, que nos abraça sempre que decidimos voltar à sua casa depois de cada fracasso e de

cada infidelidade, que derrama continuamente sobre nós a sua ternura e o seu amor e que nunca desiste de nos ensinar os caminhos que conduzem à vida e à felicidade.

O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – precisa, de vez em quando, de voltar ao deserto para aí fazer a experiência da sua debilidade, da sua dependência, do sem sentido das escolhas egoístas e autossuficientes...

O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – necessita de voltar ao deserto para fazer uma experiência de despojamento, de humildade, de disponibilidade para prescindir das certezas e seguranças que, tantas vezes, impedem que se encontre Deus e que se escute as propostas e desafios de Deus...

O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – precisa, de vez em quando, voltar ao deserto para se reencontrar com Deus, com a sua bondade, com o seu amor de pai e de mãe, com a sua misericórdia...

Todos os anos, na Quaresma – esse tempo privilegiado de conversão, de mudança, de renascimento para a vida nova – é proposto ao Povo de Deus que “volte” ao deserto e que reequacione a sua caminhada, a sua perspectiva das coisas; é proposto ao Povo de Deus que volte a fazer uma experiência forte de reencontro com Deus, de escuta da sua Palavra, de transformação do coração e da mentalidade, a fim de que Deus possa voltar a ser a referência fundamental do caminho que se percorre pela vida e pela história.

OBJETIVOS

- Descobrir que o Povo de Deus que caminha pela história é um Povo peregrino, sempre a caminho, e que, ao longo desse caminho, nunca está sozinho nem entregue a si próprio: Deus acompanha sempre o seu Povo, oferecendo-lhe, a cada momento e a cada passo, a vida e a salvação;
- Perceber que, ao longo desse caminho, temos de crescer – isto é, temos de aprender a deixar o egoísmo, a acomodação, a imaturidade, o medo de avançar, para aprendermos a confiar em Deus, a preocupar-nos com os que caminham ao nosso lado, a sentirmo-nos comprometidos com a construção de um mundo novo;
- Descobrir que a Igreja nos proporciona, em certas alturas da caminhada que fazemos ao longo do ano litúrgico, um “tempo favorável” para repensarmos a nossa vida, para recentrarmos os nossos objetivos, para redefinirmos as nossas metas, para renovarmos a nossa existência, de modo que tenhamos a possibilidade de dar sentido à nossa vida e à nossa caminhada.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** Esta catequese parte de uma experiência humana muito rica de simbolismo e que concretiza na realidade do nosso país a experiência do Povo de Deus, pois são muitos os grupos de peregrinos que todos os anos se dirigem para Fátima, ou outros santuários locais. O catequista pode aproveitar para solicitar a colaboração de membros de grupos da paróquia que realizem peregrinações a Fátima ou outros locais, de modo a partilharem com as crianças a sua experiência.
- 2.** A imagem do deserto como lugar inóspito é facilmente percebida pelas crianças, devendo ser usada de forma expressiva para retratar as dificuldades da vida: a imagem do deserto é o cenário da mensagem central da catequese, em processo de apreensão por parte das crianças: por muito inóspita, “seca” ou dura que seja a nossa vida, Deus nunca nos deixa desamparados nem sós.
- 3.** A Quaresma, como tempo de conversão, deve ser apreendida pelas crianças como o tempo favorável à mudança de vida e o objetivo pedagógico que o catequista deve considerar é o de levar as crianças a identificar atitudes pessoais, traduzidas em ações concretas que, no seu dia a dia, precisa de mudar. O catequista velará para que as atitudes e comportamentos a alterar sejam identificados com realismo, pois cada criança deve determinar para si mesma metas de mudança que possa, realmente, atingir. Só assim cada criança cresce e amadurece, descobrindo a beleza de caminhar com Deus a seu lado.
- 4.** Para proporcionar uma visão mais completa da travessia do deserto, vão ser lidos vários textos pelo que, tentando evitar um prolongamento excessivo da catequese (se for planeada nos moldes e tempos habituais, como se prevê para a 2ª e 3ª alternativas da Experiência Humana) ou a distração das crianças (no caso da 1ª alternativa) se sugere, excecionalmente, que cada um dos textos seja lido apenas por uma pessoa: uma criança do grupo, um convidado, um peregrino...
- 5.** Para proporcionar a maior beleza ao momento final de compromisso para a Quaresma, em que se pede aos presentes que procurem mudar de vida, que se esforcem por crescer em bondade e responsabilidade, o cântico proposto deve ser ensaiado no início da catequese.

MATERIAIS

- Fotografias de peregrinos caminhando, descansando, rezando enquanto caminham;
- Fotografias de celebrações em Fátima (Posters da catequese 27, Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo¹, que inclui vistas do santuário, capelinha das Aparições e uma foto dos Pastorinhos);
- Bíblia;
- Poster com o texto: Deus está sempre ao lado dos seus filhos e filhas que caminham pelos caminhos do mundo e dá-lhes o que eles necessitam para terem vida e para serem felizes;
- Dísticos "misericórdia", "perdão", "confiança";
- Poster com o texto: (em letras vermelhas) Ser menos egoísta, orgulhoso, menos comodista. (em letras verdes) Ser mais responsável, mais atento aos outros, mais atento a Deus;
- Folhas com a oração final, de acordo com os leitores necessários.

MÚSICA

- "O Povo de Deus".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *A escolha da dinâmica pedagógica mais interessante para a catequese é, sempre, poder-se proporcionar às crianças uma experiência relevante e forte, vivida na primeira pessoa e que, depois, é examinada, discutida, interiorizada de acordo com os objetivos definidos.*

Assim, para esta catequese propõe-se que, sempre que seja possível, as crianças possam efetivamente participar numa peregrinação, acompanhadas pelas suas famílias, ou não, ou, eventualmente integradas num grupo mais alargado de paroquianos. Convém que esta peregrinação seja feita ao longo de um dia ou, pelo menos, uma manhã/tarde, e que as crianças possam

passar pelas várias fases de experiência que a peregrinação comporta, desde o seu planeamento, preparação espiritual e avaliação e que tenham a oportunidade de fazer uma bela caminhada nos últimos quilómetros do percurso. Para a sua organização, o catequista poderá solicitar a colaboração de paroquianos com experiência na condução de peregrinações, assim como convidar o pároco ou outro sacerdote para acompanhar o grupo (ou grupos) de catequese do catccismo 5.

Toda a catequese pode ser feita durante a própria peregrinação, bastando, para isso, que o catequista adapte os materiais às circunstâncias, o que não será difícil pois os que se indicam para esta catequese são, de qualquer forma, transportáveis e simples. Sugere-se que a Palavra seja lida e meditada após o descanso proporcionado à chegada ao local de peregrinação e que a Experiência de Fé anteceda um período de recreio anterior à viagem de regresso, por exemplo, algum tempo depois do almoço ou do lanche.

Se as famílias participarem nesta peregrinação devem ser integradas na própria catequese: é sempre importante que todos possamos ser convidados a viver com profundidade a quaresma e, por isso, aquilo que é pedido às crianças, pode perfeitamente ser pedido aos irmãos mais novos ou mais velhos, aos pais, aos avós, e as próprias atividades podem ser realizadas no pequeno grupo que é cada família.

O local da peregrinação deve ser escolhido de acordo com os interesses, tradições e meios humanos e materiais disponíveis para cada paróquia, e considerando também a questão da distância em função da idade dos participantes, do seu número e do tempo disponível.

2^o

Alternativa

- 1.** *No caso de, de todo, não ser possível organizar uma peregrinação com as crianças, o catequista convidará alguns membros da paróquia que tenham feito, recentemente, essa experiência, instando-os a partilhá-la com o grupo, referindo as suas motivações, os episódios ou reflexões mais marcantes, os sentimentos vividos e o contributo da mesma para a sua vida quotidiana e a sua experiência de fé.*

Para uma formação mais completa das crianças e porque estas precisam de modelos, convém que a partilha da experiência seja feita por um pequeno grupo de peregrinos que integre jovens, adultos da idade dos pais e adultos mais velhos, pois em cada faixa etária variam as motivações e a apreciação da experiência, cuja partilha diferenciada reverte a favor do processo pedagógico pretendido, uma vez que se encontram, também, em fases diferentes do seu peregrinar pela vida.

É absolutamente indispensável que o catequista se reúna com os convidados antes da realização da catequese de modo a previamente conversar com estes sobre os objetivos da catequese e as dimensões do testemunho que devem ser invocados: motivação para a peregrinação, preparação material e espiritual, importância da integração num grupo, relevância para a sua vida, sentimentos experimentados, descobertas realizadas, tanto de natureza espiritual como humana, possibilidade de aprofundamento da fé e de conversão, percepção da presença de Deus na peregrinação e na sua vida ... A história indicada para a 3ª alternativa pode fornecer indicações suplementares ao catequista.

Para que a transmissão da experiência seja mais realista e emocionante, convém que, sendo possível, sejam mostradas fotografias ou, até, filmes, que registem a peregrinação, se os houver. Também podem ser apresentados alguns dos equipamentos ou materiais usados, pelo seu testemunho silencioso e valor simbólico, como o calçado escolhido por cada um, os chapéus, os cantis, o estandarte do grupo, o terço com o qual se rezou, o cancionero dos cânticos cantados...

Convém que as crianças preparem, com o catequista e/ou as suas famílias, uma lembrança para oferecer aos convidados deste encontro. Sugere-se que arranjem e decorem um bastão/cajado, semelhante ao que foi usado nas catequese em que se invocou a figura de Moisés, não só para manter a continuidade simbólica mas, também, pela sua utilidade em futuras peregrinações.

3ª

Alternativa

- 1.** *Sendo impossível recorrer a uma das alternativas anteriores, o catequista invocará uma experiência-modelo, vivida por um personagem representativo e adaptando o texto aos interesses e costumes da paróquia e localidade (0*

que supõe, sendo relevante, escolher outro local de peregrinação para integrar na história), tal como se segue:

Cá estamos de novo e depois de mais uma semana o que temos a partilhar?
Como foi esta nossa semana?

Por vezes a nossa vida parece monótona, mas há outros dias em que temos grandes novidades. Assim aconteceu com o Filipe, um jovem um pouco mais velho do que vocês, pois tem quinze anos, que viveu uma experiência inesquecível.

Todos os anos, na sua paróquia, o pároco (o Pe. Manuel) junta um grupo de pessoas que, no mês de maio, faz uma caminhada a pé até Fátima, para participar nas cerimónias que comemoram a aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos, no dia 13 de maio. Há já alguns anos que os pais do Filipe participam nessa caminhada, deixando-o com os avós... Contudo, no passado mês de maio, os pais do Filipe deixaram-no, também, fazer essa viagem. Para o Filipe, foi uma experiência muito bonita e que lhe ensinou muitas coisas (*o catequista pode mostrar algumas fotos do santuário de Fátima e dos Pastorinhos, garantindo que todas as crianças reconhecem o local e as crianças - Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 1 ou na página 61 e 63 do catecismo 5*).

O grupo em que ia o Filipe partiu no dia 05 de maio, para chegar a Fátima no dia 12. Os dois primeiros dias foram os mais difíceis, pois algumas pessoas não estavam habituadas a andar e queixavam-se frequentemente de bolhas nos pés e de dores nos músculos; outras diziam que sentiam saudades da sua casa, do seu sofá, da sua televisão (alguns, dos mais novos, sentiam sobretudo saudades dos jogos de computador); outras, ainda, achavam que a comida não era muito abundante nem muito boa (quando se vai a pé não se pode transportar muita coisa) ou lamentavam-se porque nem sempre encontravam água para matar a sede; havia, também, quem estava constantemente com medo dos atropelamentos (em certos lugares, as bermas das estradas eram muito estreitas e as pessoas tinham que caminhar quase na faixa reservada aos automóveis). Alguns ainda pensaram em desistir e em voltar para trás... Mas o Pe. Manuel ia-os animando e eles lá iam avançando. Depois, à medida que os quilómetros iam passando, as pessoas “apanhavam o ritmo” e as coisas iam melhorando. Aqueles que mais se queixavam, no início da viagem, deixaram de olhar tanto para os seus problemas e dificuldades e passaram a

encarar de forma mais positiva o esforço, o compromisso, a renúncia, o sacrifício... Passaram, até, a falar mais com os outros, a preocupar-se com os outros, a ajudar os outros.

Todas as noites, antes de descansarem, o Pe. Manuel (que durante o dia ia sempre à frente do grupo, a indicar o caminho, mas por vezes esperava pelos mais atrasados para os animar e ajudar) fazia uma oração. **Todos agradeciam a Deus pela ajuda que lhes tinha dado no caminho e pediam-lhe, também, que os protegesse e cuidasse deles ao longo da caminhada do dia seguinte...** Era engraçado, mas quanto mais rezavam mais lhes parecia que Deus estava com eles e os ajudava nas dificuldades... E, assim, o caminho parecia muito mais fácil e muito mais seguro.

Quando chegaram a Fátima, todos ficaram muito felizes. Claro que estavam muito cansados; mas sentiam, também, que tinham "crescido" no caminho: tinham-se tornado mais resistentes, mais responsáveis, mais atentos aos outros, menos egoístas... E tinham, também, aprendido a confiar mais em Deus – nesse Deus que os acompanhou e que deles cuidou ao longo do caminho.

O catequista mostra às crianças fotografias de peregrinos a caminho, descansando no meio da caminhada e já em Fátima, numa celebração.

Estão a ver estas fotografias? Não são do Filipe, nem do seu grupo, mas de outros peregrinos, porque são muitos os grupos que vivem e fazem experiências semelhantes.

2. Para as três alternativas:

Que vos parece esta experiência que o N... (ou) estamos a fazer/fez na sua/nossa caminhada para Fátima (ou outro santuários escolhido)?

Conhecem alguém que já tenha feito alguma peregrinação a pé a (Fátima, outro santuário)? O que vos contam?

E a vós, o que seria que mais vos custaria/ o que é que mais vos custou? *(Deixar as crianças exprimirem-se).*

E o que é/foi mais bonito? O que é que nunca esquecerão? *(Deixar as crianças exprimirem-se).*

Sabem que esta é uma experiência muito parecida com a caminhada que o Povo de Deus fez, na sua caminhada pelo deserto, depois de sair do Egito? Querem saber o que aconteceu, ao longo dessa caminhada?

II. PALAVRA

1. Já sabeis que o Povo de Deus, libertado do Egito, pôs-se a caminho da Terra que Deus prometera dar aos seus antepassados – a Abraão e aos seus descendentes. Mas, entre o Egito e a Terra Prometida, havia o deserto – um território desolado e perigoso, onde a comida e a água eram escassas, e onde era difícil sobreviver. Aí aconteceu aquilo que acontece sempre quando há um grupo grande de pessoas a caminhar: alguns arrependeram-se de ter começado aquela aventura e queriam voltar para trás; outros queixavam-se pela falta de comida e de água; outros criticavam a falta de segurança do caminho e tinham medo por causa dos perigos da viagem...

Criticavam Deus e criticavam Moisés por os terem trazido para ali. Parece que já não se lembravam de tudo o que Deus tinha feito por eles para os libertar da escravidão do Egito...

Não se portavam como adultos, mas como meninos mimados que não queriam fazer esforços nem estavam dispostos a fazer alguns sacrifícios para alcançar a terra onde seriam livres. Às vezes as pessoas são preguiçosas e comodistas e preferem não fazer esforços, mesmo sabendo que esses esforços as podem ajudar a ser mais livres e mais felizes (*solicitar das crianças alguns exemplos retirados das suas vidas, evitando que falem de terceiros*).

Ainda não tinham percebido que, muitas vezes, temos de caminhar, temos de trabalhar, temos de avançar, temos de nos esforçar para conquistarmos coisas boas, coisas que nos tornam mais felizes e mais livres.

2. Hoje, vamos ler algumas partes da Bíblia que nos relatam estes acontecimentos. Vamos começar por ler o que aconteceu certa vez, num lugar chamado Mara (cf. **Ex 15,22-27**):

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do livro do Êxodo.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

Leitor 1:

**Moisés fez partir Israel do Mar dos Juncos,
e saíram para o deserto de Chur.**

**Caminharam três dias no deserto e não encontraram água.
Chegaram a Mara, mas não puderam beber a água de Mara,
porque era amarga. Por isso se chamou àquele lugar Mara.
O povo murmurou contra Moisés, dizendo:**

«Que beberemos?»

**E ele clamou ao Senhor,
e o Senhor indicou-lhe um tronco que ele lançou à água;
e a água tornou-se doce.**

**Foi lá que o Senhor deu ao povo um preceito e uma norma;
foi lá que o pôs à prova.**

E disse:

**«Se escutares com atenção a voz do Senhor, teu Deus,
e se fizeres o que é reto aos seus olhos,
se deres ouvidos aos seus mandamentos
e se guardares todos os seus preceitos,
não farei vir sobre ti nenhum dos flagelos que infligi ao Egito,
porque Eu sou o Senhor que te cura.»**

**Chegaram a Elim, onde estão doze nascentes de água e setenta
palmeiras, e acamparam ali à beira da água.**

O catequista vai introduzindo as explicações necessárias: Ouviram bem? Quando os hebreus chegaram a Mara, encontraram uma fonte com água que não era muito saborosa (sabes que no deserto é sempre muito difícil encontrar água, e ainda mais água boa para beber); toda a gente ficou desanimada e protestou. Moisés, com a ajuda de Deus, lá conseguiu resolver o problema... Mas, nesse momento, o Povo mostrou que não estava disposto a fazer grandes sacrifícios para chegar à terra da liberdade.

3. Num outra episódio é-nos contado que começaram a protestar porque queriam comer carne e no deserto não encontravam animais para comer (cf. **Ex 16,6-13**). Vamos ouvir o que se passou dessa vez.

Leitor 2:

Moisés e Aarão disseram a todos os filhos de Israel:

«Ao cair da tarde reconhecereis que foi o Senhor que vos fez sair da terra do Egito, e pela manhã vereis a glória do Senhor, porque Ele terá ouvido as vossas murmurações contra o Senhor. Nós, porém, o que somos para que murmureis contra nós?»

Disse Moisés:

«Quando o Senhor vos der esta noite carne para comer, e pela manhã pão com fartura, então o Senhor terá ouvido as murmurações que vós proferistes contra Ele.

Nós, porém, o que somos?

Não são contra nós as vossas murmurações, mas contra o Senhor.»

Moisés disse a Aarão:

«Diz a toda a comunidade dos filhos de Israel: 'Aproximai-vos do Senhor, porque Ele ouviu as vossas murmurações.'»

Enquanto Aarão falava a toda a comunidade dos filhos de Israel, eles voltaram-se para o deserto, e eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem.

O Senhor falou a Moisés, dizendo:

«Ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Fala-lhes, dizendo: 'Ao crepúsculo comereis carne, e pela manhã saciar-vos-eis de pão, e conhecereis que Eu sou o Senhor, vosso Deus.'»

À tardinha caíram tantas codornizes que cobriram o acampamento.

*O catequista vai introduzindo as explicações necessárias: **Já repararam como o Povo de Deus se lamentou?** Protestaram e chegaram a dizer que tinham saudades do tempo em que eram escravos no Egito, porque aí, pelo menos, podiam comer carne... **Que é que será preferível: ser escravo, ser maltratado, sofrer maldades e injustiças e ter a barriga cheia de carne, ou comer outras coisas menos saborosas e ser livre?** Estes protestos eram sinal de que o Povo de Deus ainda não tinha "crescido", ainda não*

percebia bem o que era mais importante... No entanto, Deus deu-lhes carne com fartura: pousaram à volta do acampamento bandos de codornizes e eles puderam apanhar esses animais, cozinhá-los e comê-los.

4. Mas o Povo em caminhada também criticava Deus e Moisés porque não encontrava pão para comer (cf. **Ex 16,13b-36**). Vamos ouvir mais este relato.

Leitor 3:

Pela manhã havia uma camada de orvalho ao redor do acampamento.

A camada de orvalho levantou, e eis que à superfície do deserto havia uma substância fina e granulosa, fina como geada sobre a terra.

Os filhos de Israel viram e disseram uns aos outros:

«Que é isto?», pois não sabiam o que era aquilo.

Disse-lhes Moisés:

«Isto é o pão que o Senhor vos deu para comer.

Foi isto que o Senhor ordenou:

'Recolhei cada um conforme o que comer, um gômer por cabeça, segundo o número das vossas pessoas, recolhei cada um conforme os que estejam na sua tenda.'»

O catequista vai introduzindo as explicações necessárias: Deus fez aparecer uma substância a que chamaram "maná", com o qual podiam fazer pão...

5. Numa outra ocasião, o Povo revoltou-se porque tinha sede e não havia água (cf. **Ex 17,1-7**). Protestaram duramente contra Deus e contra Moisés, e chegaram mesmo a perguntar se Deus estava mesmo com eles ou se não queria saber deles para nada... Vamos ouvir.

Leitor 4:

Toda a comunidade dos filhos de Israel partiu do deserto de Sin para as suas etapas, segundo a palavra do Senhor.

Eles acamparam em Refidim, mas não havia água para o povo beber.

O povo litigou com Moisés, e disse:

«Dá-nos água para beber.»

Disse-lhes Moisés: «Porque litigais comigo?»

Porque pondes o Senhor à prova?»

Ali o povo teve sede de água, e murmurou contra Moisés, dizendo:
«Porque nos fizeste subir do Egito para nos fazer morrer à sede,
a nós, aos nossos filhos e ao nosso gado?»

Moisés clamou ao Senhor, dizendo:

«Que farei a este povo? Mais um pouco e vão apedrejar-me.»

O Senhor disse a Moisés:

«Passa diante do povo e toma contigo alguns anciãos de Israel;
e leva na tua mão a vara com que feriste o rio, e vai.

Eis que estarei diante de ti, lá, sobre a rocha no Horeb.

Tu ferirás a rocha e dela sairá água, e o povo beberá.»

Assim fez Moisés diante dos anciãos de Israel.

Ele deu àquele lugar o nome de Massá e Meribá,

por causa do litígio dos filhos de Israel,

e por terem posto o Senhor à prova, dizendo:

«Está o Senhor no meio de nós ou não?»

Catequista:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

O catequista comenta: Vejam lá a ingratidão desta gente: depois de tudo o que Deus tinha feito por eles, ainda duvidavam de Deus e da sua vontade em ajuda-los... É como se alguém nos ajudasse em muitas coisas, nos desse muitas coisas boas e nós lhe virássemos as costas, dizendo que essa pessoa não queria saber de nós...

6. *À medida que se avança na catequese, o catequista deve procurar sintetizar com as crianças as ideias fundamentais, de acordo com o objetivo 2 desta catequese:*

No entanto, à medida que iam caminhando, o Povo também ia aprendendo coisas... Nessa terra – no deserto – onde não há nada e onde é difícil sobreviver, eles encontraram sempre tudo o que era preciso para sobreviver e continuar a caminhar...

De onde vinha tudo isso de que o Povo precisava para viver? Claro, de Deus. Foi aí, no deserto, nesse lugar onde faltava tudo - comida, água - que eles aprenderam essa grande lição: *(o catequista mostra o poster com o*

seguinte texto e lê-o:) **Deus está sempre ao lado dos seus filhos e filhas que caminham pelos caminhos do mundo e dá-lhes o que eles necessitam para terem vida e para serem felizes.**

Muitas vezes, como já dissemos antes, eles revoltaram-se contra Deus e disseram que Deus lhes tinha virado as costas e não queria saber deles... Deus podia ter ficado zangado, diante desta ingratidão, e tê-los abandonado, mas **como respondeu Deus?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e, caso se aplique, depois destas, também os adultos:*)

Deus continuou a ajudá-los e a caminhar com eles... E assim eles aprenderam outra grande lição: Deus nunca abandona os seus filhos e filhas, mesmo quando eles se portam mal e dizem disparates... Deus tem um coração grande, um coração bondoso, cheio de misericórdia e de perdão (*o catequista junta ao poster anterior os dísticos "misericórdia" e "perdão"*).

Diante de tudo isto, o Povo de Deus foi aprendendo, aos poucos (ao longo daquele caminho que percorreu pelo deserto), a confiar completamente em Deus, foi aprendendo como era importante ouvir o que Deus dizia e seguir as suas indicações, foi aprendendo que não podemos confiar nas nossas opiniões ou nas nossas ideias (que muitas vezes estão erradas, pois há muita coisa que nós não percebemos), mas que podemos confiar em Deus. Tudo pode falhar, na nossa vida; mas Deus está sempre ao nosso lado e nós podemos confiar n'Ele em todos os momentos (o catequista mostra e coloca sob os dísticos anteriores o **dístico "confiança"**).

Esta viagem pelo deserto acabou, assim, por ser uma viagem durante a qual o Povo "cresceu", aprendeu a ver melhor as coisas; foi uma viagem durante a qual o Povo ficou a conhecer melhor Deus, aprendeu a confiar em Deus, aprendeu a escutar Deus.

7. Vocês já fizeram alguma viagem destas? Não estamos, todos os dias, a fazer esta viagem? (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Todos os dias andamos por aí, como se estivéssemos a atravessar o deserto... Passamos dificuldades, sentimo-nos cansados e fartos de tudo, corremos perigos, temos medo de muitas coisas, por vezes não conseguimos ter as coisas que gostaríamos (a roupa que queríamos, os jogos de computador, os brinquedos...), ficamos sem vontade de fazer as coisas que nos pedem e que, tantas vezes, nos custam... Protestamos, zangamo-nos, apetece-nos desistir de tudo. **Mas será que estamos sozinhos e perdidos nessa caminhada?**

(Deixar as crianças exprimirem-se).

Claro que não. Deus vai connosco, mesmo se não o vemos a nosso lado... Ele cuida de nós, Ele indica-nos caminhos, Ele faz tudo para que nós possamos crescer, encontrar Vida e sermos felizes. O que é preciso é que nós estejamos dispostos a escutar e aceitar as indicações de Deus... E será bonito se, todos os dias, lhe soubermos dizer "obrigado" por tudo o que Ele nos dá.

8. Nós – como o Povo de Deus – à medida que caminhamos pela vida também vamos crescendo, ouvindo esse Deus que nos acompanha e que nos diz como é que devemos caminhar. Aprendemos a ver as coisas de outra forma: tornamo-nos menos egoístas, menos preguiçosos, aprendemos a ir ao encontro dos outros para os ajudar, aprendemos a trabalhar para construir um mundo mais bonito e mais feliz, aprendemos a fazer gestos de bondade, de amor e de paz. Só vale a pena continuar a caminhar se não ficarmos para trás, se aprendermos alguma coisa ao longo desse caminho.

Para nos ajudar nesta caminhada há uma altura do ano em que nós somos, especialmente, convidados a mudar a nossa vida (ou seja, a dar passos em frente no caminho da nossa vida) para sermos pessoas mais bondosas e melhores. **Sabem como se chama esse tempo? Chamamos a esse tempo "Quaresma".** É o tempo em que nos preparamos para a Páscoa, em que procuramos "nascer para uma vida nova"; é o tempo em que somos desafiados a sermos pessoas novas: menos egoístas, menos orgulhosas, menos comodistas, mais responsáveis, mais atentas aos outros, mais atentas a Deus. *(Deixar as crianças exprimirem-se).* Na Quaresma, é como se andássemos através do deserto com o Povo de Deus, e ao longo desse caminho nos fosse dada a oportunidade de "crescer" – isto é, de nos renovarmos, de passarmos a perceber melhor as coisas, de levarmos a vida mais a sério, de confiarmos mais em Deus, de aprendermos a ajudar os outros. **Na Quaresma deste ano todos nós vamos fazer um esforço e percorrer um caminho assim!**

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Para estarmos preparados para demonstrar como queremos mudar a nossa vida e, tal como o Povo de Deus, que queremos "crescer", cada um de nós vai fazer um momento de silêncio e pensar em tudo o que hoje vivemos e escutámos na catequese. *(Após alguns minutos de silêncio e sem pressa*

para o interromper desde que as crianças não comecem a agitar-se, o catequista propõe, mostrando o dístico "mudar a minha vida":)

E, silêncio, cada um, vai pensar num aspeto da sua vida que queira mudar, algo que mostre que é capaz de crescer, de ser mais crescido, de agir como Deus lhe pede (*o catequista mostra o poster com o texto "Ser menos egoísta, orgulhoso, menos comodista; ser mais responsável, mais atento aos outros, mais atento a Deus." e prossegue:*) O que aqui está escrito a vermelho indica-nos o que devemos esforçar-nos por retirar da nossa vida... somos sempre um bocadinho egoístas, orgulhosos, comodistas! Queremos lá ter trabalho, que maçada ajudar... cumprir o nosso dever! E a verde está o que nunca somos suficientemente, o que devemos ser mais: responsáveis, atentos aos outros e a Deus; podemos sempre ser mais amigos, mais generosos...

Agora, cada um pega na sua **Barra Cronológica**, que tem servido para testemunhar e registar o nosso caminho deste ano, a nossa travessia do deserto, e, no espaço da catequese 14, vai escrever algo de bom e de generoso que quer fazer durante TODA A QUARESMA. Mas vai escrevê-lo de uma maneira muito concreta: (*é necessário dar tempo às crianças, questioná-las uma a uma e, em caso de necessidade, o catequista pode dar alguns exemplos, sabendo que algumas crianças os podem adotar sem verdadeiramente refletirem e, portanto, sem se comprometerem, mas tudo depende da maturidade das crianças e da habilidade do catequista*) eu vou ajudar a minha mãe a ... vou passar mais tempo com... vou estudar todos os dias... vou fazer sempre o trabalho de casa...

O catequista ajuda as crianças a registarem este objetivo, por exemplo: estudar com mais atenção; ajudar em casa arrumando o quarto; levantar de manhã sem resmungar...Depois de todos terem registado o seu compromisso, prossegue:

2. Agora, para termos muita força de vontade e coragem para levar para diante este COMPROMISSO de QUARESMA, tão importante, vamos rezar para pedir ao Senhor, Pai de misericórdia, que nos acompanhe e, sobretudo, que nos ajude a perceber que Ele está sempre connosco. Começaremos e terminaremos cantando. Vamos, então, pôr-nos de pé e cantar o **cântico**:

"O Povo de Deus".

Depois, prosseguem com a oração:

Leitor 1 – Senhor Deus, nós percorremos todos os dias um caminho cheio de dificuldades e de problemas, que por vezes nos deixam tristes e nos fazem sofrer. Mas nós sabemos que tu caminhas ao nosso lado e nunca nos deixas só. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

Leitor 2 – Senhor Deus, muitas vezes nós fazemos coisas erradas, magoamos-te a ti e às pessoas que caminham connosco – os nossos pais, os nossos irmãos, os nossos amigos, os nossos professores... Mas tu nunca nos viras as costas; perdoas os nossos disparates e continuas, com toda a paciência, a mostrar-nos os melhores caminho. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

Leitor 3 – Senhor Deus, ao longo do caminho da nossa vida, tu dás-nos muitas coisas... És tu que nos dás a vida, a saúde, a comida que comemos todos os dias, o amor da nossa família e a amizade dos nossos amigos, a possibilidade de estudar e de nos prepararmos para o futuro... Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

Leitor 4 – Senhor Deus, quando caminhamos contigo, quando ouvimos as tuas palavras, quando vivemos de acordo com os teus mandamentos, tornámo-nos pessoas melhores, mais bondosas, com mais amor e respeito pelos outros. E, todos os dias, tu continuas a dizer-nos, com as tuas palavras, como é que podemos ser felizes. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

Leitor 5 – Senhor Deus, todos os anos tu ofereces-nos um tempo – o tempo da Quaresma – durante o qual nos convidas a mudar as coisas que estão erradas na nossa vida e a tornarmo-nos pessoas novas e melhores. Nesse tempo, a tua Palavra diz-nos para sermos menos egoístas e amarmos mais os outros, para sermos menos preguiçosos e cumprirmos melhor aquilo que tu nos pedes. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

Para concluir a oração, canta-se de novo o cântico:

"O Povo de Deus"

3. Compromisso:

Nós hoje já preparámos o nosso compromisso, mas quero recordar-vos que este deve acompanhar-vos durante toda a Quaresma. Faltam (*indicar o número exato*) dias para a Páscoa e, em sinal de cada dia em que cumpriram este compromisso que cada um escolheu, vão pintar uma bolinha de cor na vossa **Barra Cronológica**, junto do texto do compromisso: é o sinal do vosso maná!

Para guardar na memória e no coração

«Se escutares com atenção a voz do Senhor, teu Deus, e se fizeres o que é reto aos seus olhos, se deres ouvidos aos seus mandamentos e se guardares todos os seus preceitos, não farei vir sobre ti nenhum dos flagelos que infligi ao Egito, porque Eu sou o Senhor que te cura.»

De Ex 15,22-27

Povo leis justas e boas; é Jahwéh que conduz o seu Povo na luta contra a opressão e a injustiça; é Jahwéh que dá ao seu Povo as instituições que suportam toda a estrutura social e vela para que elas funcionem adequadamente e cumpram a sua missão; é Jahwéh que garante a estabilidade moral, material, social e política do seu Povo... Numa palavra, Jahwéh é o "rei" de Israel. Israel não sentiu, inicialmente, necessidade de ter outro "rei", outra referência, outro guia, outro pastor. Dessa forma, acentuava a sua dimensão de Povo diferente dos outros, de Povo à parte, que vivia para Deus e de Deus, que tinha como missão testemunhar no meio do mundo o rosto e o projeto de Deus.

Mais tarde, o Povo de Deus entrou na Terra Prometida e instalou-se aí, lado a lado com outros povos. O contacto com outras realidades políticas e culturais fez com que Israel se sentisse tentado a questionar as opções até aí feitas. Sobretudo em épocas onde se fazia especialmente notar a pressão militar de outros povos e sempre que essa pressão se tornava opressão e injustiça, o Povo de Deus começou a reclamar a instituição da realeza, à imagem daquilo que acontecia com outros povos (cf. 1 Sam 8,19-20). Não esperavam já um chefe inspirado por Deus e que aparecia em condições especiais (como os "juizes"); queriam um verdadeiro rei que organizasse as tribos e que chefiasse na guerra de libertação.

A exigência de ter um poder central forte e concentrado tornou-se mais premente quando os filisteus – um povo aguerrido, instalado na faixa costeira palestina – começou a fazer pressão sobre os territórios ocupados pelas tribos que constituíam o Povo de Deus.

2. Primeira tentativa de instaurar a monarquia: Saul

Inicialmente, a ideia de instaurar a monarquia não foi consensual. Alguns dos anciãos de Israel – e, entre eles, o profeta Samuel – continuavam a pensar que a escolha de um rei não estava de acordo com os princípios teológicos que deviam reger o Povo eleito, cujo único rei é Deus. No entanto, a pressão popular e as necessidades políticas e militares impuseram essa solução.

O escolhido para essa primeira experiência monárquica foi Saul, um homem da tribo de Benjamim, que se distinguiu pela sua heroicidade e capacidade de liderança, na guerra contra os amonitas (cf. 1 Sam 11). Vencido o combate, as tribos reuniram-se em Guilgal e proclamaram Saul rei de todo o Israel. "Israel", naquelas circunstâncias, era a tribo de Benjamim, as gentes de Galaad e, seguramente, a tribo de Efraim.

Uma tradição um pouco diferente sobre a escolha de Saúl para rei, conservada em 1 Sam 9-10, apresenta-o, preferencialmente, como o homem que Deus elegeu para a realeza: é o profeta Samuel que, mandatado por Deus, consagra e unge Saul como rei de Israel. É uma "tradição" de carácter teológico que apresenta o rei como o "ungido de Jahwéh"... É o rei Deus que escolhe um rei, que o designa e que o unge para o representar junto do Povo e para agir em nome de Deus.

A obra de Saul era muito frágil. Ao seu reino faltavam bases e uma administração organizada. O seu exército, mesmo tendo algum êxito na defesa das colinas, não podia enfrentar-se com os carros de guerra filisteus na planície. Saul e seu filho Jónatas acabaram por morrer em combate contra os filisteus, na batalha de Gelboé, por volta do ano 1010 (cf. 1 Sam 31).

A morte de Saul em Gelboé põe fim a esta primeira tentativa de instaurar a realeza. Saul, no entanto, lançou os fundamentos de um estado e deve ter contribuído para uma ideia que só vai vingiar alguns anos depois: a ideia da unidade das diversas tribos.

3. A realeza consolida-se: David

David nasce por volta de 1040 em Belém de Judá. Um dia, aparece na corte de Saul. Como é que lá foi parar? O "Livro de Samuel" apresenta três tradições sobre a entrada de David em cena.

A explicação mais simples apresenta David como um admirável guerreiro, cuja valentia chamou a atenção de Saul. Sobre este tema escreveu-se a história do combate de David com Golias, um gigante filisteu (cf. 1 Sam 17); provavelmente, esta versão não tem fundamento histórico, já que outra tradição fala do combate singular entre Golias e um herói chamado El-Hanan (cf. 2 Sam 21,19). Este relato deve, pois, ter aparecido mais tarde, quando David se tornou rei: para engrandecer a David, atribuem-se-lhe as proezas de outros heróis.

A segunda tradição apresenta o rei Saul como uma pessoa doente, com frequentes ataques que só o poeta David, com os seus cânticos e a sua harpa conseguem acalmar. O jovem poeta David passou, então, a residir na corte de Saul, onde facilmente conquistou amizades, incluindo Jónatas, o filho de Saul.

Finalmente, a terceira tradição – a menos verificável historicamente, mas a de maior importância teológica – apresenta a realeza de David como uma escolha de Jahwéh: Deus envia Samuel a ungir David como rei em lugar de Saul (cf. 1 Sam 16, 1-13). Desta forma David é apresentado – como já tinha

acontecido com Saul – como o rei escolhido por Deus para o seu Povo. Este dado traduz a forma como o Povo de Deus encarava a realeza: o rei era Deus; mas Deus podia confiar a um homem por Ele escolhido a tarefa de conduzir, em nome de Deus, os destinos do seu Povo.

Seja como for, a verdade é que David teve que deixar a corte por causa da inveja e do ciúme do rei. Perseguido por Saul, David porta-se sempre como um homem de coração magnânimo, que se recusa a atentar contra a vida do rei por fidelidade a Deus (cf. 1 Sm 19-26). Mais tarde torna-se um mercenário, ao serviço dos filisteus (cf. 1 Sm 27).

Por volta de 1012 a.C., David faz-se proclamar rei de Judá (uma tribo do sul) em Hebron e começa a pensar numa aliança entre as tribos do norte e do sul. Pouco depois, Saul e seu filho Jônatas morrem, em combate contra os filisteus (cf. 1 Sm 31), e David é convidado, pelos anciãos do norte, a reinar sobre as tribos do norte, que até aqui integravam o reino de Saul. Passa, então, a reinar sobre Israel e sobre Judá, conseguindo pela primeira vez a união das tribos do norte e do sul.

As qualidades guerreiras de David levam-no a vitórias sucessivas e importantes sobre os filisteus, fazendo-os recuar para a planície e ampliando, assim, as fronteiras dos territórios do seu reino.

Para consolidar a unidade do novo reino (agora constituído por 12 tribos que, até há pouco, não formavam uma unidade política), David propôs-se encontrar uma cidade que fosse aceite, pelas tribos do norte e pelas tribos do sul, como a capital do reino unificado. Escolheu Jerusalém, uma cidade cananea independente e bem fortificada, situada praticamente na divisão entre os territórios do norte e os do sul. A cidade foi conquistada com o esforço de todas as tribos e tornou-se a capital do novo reino (cf. 2 Sm 5, 6-12). Pouco depois, para reforçar essa unidade política, David procurou também a unidade religiosa e fez transportar para Jerusalém a Arca da aliança, com grande pompa (cf. 2 Sm 6).

Depois de ter construído para si, em Jerusalém, um palácio sumptuoso, David pensou em construir um templo para Deus (cf. 2 Sm 7, 1-3); mas o profeta Nathan, inspirado por Jahwéh opôs-se. Encontrámos aqui o eco de uma disputa que dividirá durante muito tempo os israelitas... Para alguns ambientes proféticos, o templo seria uma ofensa a Deus, uma tentativa de encerrá-lo dentro de um espaço fechado, em vez de deixar-se guiar por Ele. Jahwéh é um Deus “nómada”, que acompanha o seu Povo pelos caminhos da vida e da história e que não tem um lugar fixo para se encontrar com os homens. Encerrá-lo num lugar, é negar os atributos de Jahwéh. O Templo não foi,

nesta circunstância, construído... Contudo, para encerrar a discussão, os teólogos de Israel dizem: não é a David que compete construir uma casa para Deus; mas é Deus que construirá para David uma casa (leia-se: “uma descendência”) que reinará para sempre (cf. 2 Sm 7,4-17).

David foi um homem notável. Poeta e músico, são-lhe atribuídos numerosos salmos (orações-poemas do Povo de Deus); grande guerreiro venceu os filisteus, conquistou Jerusalém, e incorporou no seu império territórios de Moab, de Edom e de Amon, povos que tantas vezes inquietaram as tribos do Povo de Deus. Procurou, ainda, dotar o reino de uma administração centralizada, criando um aparelho administrativo que viria, depois, a ser aperfeiçoado pelo seu sucessor, Salomão. Também foi um homem fraco e pecador, que mandou matar Urias para lhe ficar com a mulher (cf. 2 Sam 11-12); mas reconheceu as suas falhas, soube humilhar-se e pedir o perdão de Deus (cf. 2 Sam 12,12-14). David ficou na memória coletiva como um homem que tinha graves falhas, mas que, apesar de tudo, escutava Deus e procurava cumprir as indicações de Deus. Ele não foi perfeito; mas procurou ser um instrumento de Deus, conduzindo o Povo de Deus pela história.

O reinado de David foi uma época de esplendor, que será recordado no futuro como o tempo ideal da monarquia. Daí que os apelos à esperança no futuro façam continuamente referência ao reinado de David e ao rei, descendente de David, que há de vir restaurar o trono de seu pai e devolver a Israel essa época de paz e de prosperidade.

4. A promessa messiânica

Na sequência da vontade expressa por David de construir um Templo – uma “casa” – para Deus, os catequistas do Povo de Deus apresentam uma afirmação que irá fazer história: jogando com o termo hebraico “bait” (“casa” e “descendência”), eles põem Deus a comprometer-se a dar uma “casa” – isto é, uma descendência – a David; para esse rei que vai nascer de David, Deus será “um pai” e ele será para Deus “um filho”; a graça de Deus repousará sobre ele; Deus protegê-lo-á e ele reinará para sempre (“a tua casa e o teu reino permanecerão para sempre diante de mim, e o teu trono estará firme para sempre” (2 Sam 7,16).

A promessa de Deus aqui expressa (2 Sam 7) acabará, nos séculos seguintes, por ultrapassar a referência a Salomão, o filho e sucessor de David, adquirindo um alcance e uma dimensão futura... Deixa entrever a aparição de um descendente ideal que dará cumprimento a todas as esperanças e aspirações que o Povo depositava na dinastia davídica.

Este compromisso fundamentará a esperança do Povo de Deus nos séculos posteriores, sobretudo em épocas dramáticas de crise e de angústia nacional. Sempre que as crises e as circunstâncias da história lançavam o Povo de Deus na frustração e na angústia, esta promessa era recordada e aparecia como “uma luz ao fundo do túnel”. Acendia a confiança em Deus e fundamentava a esperança no futuro. Dizia ao Povo que Deus não tinha abandonado nem esquecido o seu Povo; garantia ao Povo que o projeto de salvação de Deus é eterno e que, por decisão irrevogável de Deus, esse projeto de salvação estará sempre a desenrolar-se na história dos homens. Para os cristãos, esta promessa encontrará a sua plena realização em Jesus, o “Filho de Deus” que veio instaurar entre os homens o Reino de justiça, de amor e de paz pelo qual todos ansiavam.

OBJETIVOS

- Conhecer David, o homem a quem Deus confiou a missão de unir e de conduzir o seu Povo;
- Aprender, através da figura de David, algumas “qualidades” humanas: a aceitação dos desafios que Deus apresenta, a magnanimidade, o perdão aos inimigos, a humildade diante de Deus, o reconhecimento dos próprios erros e falhas;
- Recordar algo que já foi descoberto em encontros anteriores: Deus salva o seu Povo e age na vida do seu Povo através das pessoas que Ele chama e a quem Ele confia determinada missão;
- Aprender a ver o poder, não como um privilégio, mas como um serviço que, por mandato de Deus, se presta à comunidade.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese, o catequista deve ter a preocupação de transmitir de forma clara que é Deus quem está sempre presente no meio do Seu povo. Ele é quem guia, quem protege, o primeiro sempre a tomar a iniciativa de ir ao encontro do seu povo. Deus escolhe, na história de vida do Seu povo, pessoas a quem confia uma missão. É nesta dimensão do projeto de Deus que surge David. David, escolhido por Deus para ser Rei do seu povo, está, através do seu “sim”, e através das suas qualidades, ao serviço de Deus, que é quem reina sobre o seu povo.
2. As crianças, nesta faixa etária, são sensíveis a figuras mítico-históricas, como reis, rainhas, guerreiros, chefes, etc., assim como a noções de poder,

reinos, conquistas, etc. No seu natural percurso escolar, as crianças destas idades adquiriram já conhecimentos de história, o que facilita a aceitação destas questões como, por exemplo: a necessidade de haver quem governe, a comparação entre diferentes tipos de governação, a importância de determinadas qualidades da pessoa que governa, a identificação do que é uma boa governação por comparação com uma má e as suas inevitáveis consequências, etc. O catequista, deverá valorizar, sempre que possível, nesta catequese, os conhecimentos das suas crianças, de forma que o essencial seja assimilado: a ação de Deus junto de todos nós, desde toda a eternidade, apesar das nossas qualidades e fragilidades. Mas, terá em atenção que as crianças não possuem uma competência analítica particularmente apurada e que tendem a fazer uma leitura literal e concreta do que se lhes conta, pelo que os relatos, emocionados, também devem ser simples e claros, sóbrios e contidos, como se propõe na pequena dramatização da história, que deve ser levada a cabo pela vantagem que supõe envolver as crianças na "experiência de ser povo de Deus".

3. Face ao mundo em que vivemos, cuja cultura dominante tanto valoriza a posse do poder, a aparência física jovem e "saudável", a facilidade de se ter sucesso sem esforço e sem respeito pelo outro, a conquista rápida e superficial de objetivos muito centralizados no "eu", ao catequista é dada, nesta catequese, a grande oportunidade para desenvolver com as crianças um sentido adequado e profundo do valor da vida humana, da atenção ao outro, do poder como serviço aos outros, do esforço e dos sacrifícios que todos temos de despender para conseguirmos chegar a metas que, realmente, valorizem a vida humana e a sua dignidade. Também é fundamental ajudar as crianças a refletir sobre a sua vida, e a vida de cada um de nós, como dom de Deus, para o Seu serviço, oferecendo as qualidades e procurando educar e ultrapassar as fragilidades que tocam a natureza humana.

MATERIAIS

1. Para a Experiência Humana:

- Cartolina (de cor à escolha), com o desenho da tabela como exemplificado no Documento 1;
- Um marcador (de cor à escolha), dependendo da cor escolhida para a cartolina, para não prejudicar a leitura do que for escrito;

2. Para a Palavra:

- Bíblia;
- Vela;
- Fósforos;
- Lençol ou pano branco ou, ainda, um pano artesanal típico da região de Israel.
- Quatro baús pequenos ou quatro caixas (preferencialmente dando a ideia de antigo, tesouro);
- Dísticos: "DEUS", "QUERIAM UM REI, COMO OS OUTROS POVOS", "SAUL", "DAVID", "BELÉM", "É Deus que escolhe o rei", "Deus escolhe as pessoas pelo seu coração", "arrepender-se e pedir perdão a Deus", "esperança";
- Quatro Rolos, como exemplificado no Documento 2. Cada rolo deverá ter o texto referente a cada baú/caixa que está destacado na Palavra;
- Flores ou um vaso com uma planta;
- Taça com óleo;
- Cópia do cântico "Cantarei ao Senhor".

MÚSICA

- "Cantarei ao Senhor" (Taizé).

III - DESENVOLVIMENTO DA PALAVRA E DO CANTO

Preparação da sala:

A sala deverá contemplar três espaços distintos:

- a) Espaço 1: uma mesa ao centro com as cadeiras à volta, onde se deverá colocar em cima a cartolina (Cf. Documento 1) e um marcador. No caso de a sala ser pequena ou de não existir uma mesa, a cartolina poderá ser colocada no chão, com as crianças sentadas à sua volta;
- b) Espaço 2: distribuir os três baús/caixas, espaçados uns dos outros, o mais que se puder. Não é necessário serem postos, todos, a um canto da sala;
- c) Espaço 3: escolher o lugar mais bonito da sala e colocar uma pequena mesa, ou caixa ou algo que eleve um pouco os materiais: Bíblia, rolo, vela, flores ou planta, os dísticos "DAVID", "BELÉM", uma taça de óleo, vela e fósforos. A mesa deverá estar coberta com um pano branco ou um tecido de linho ou algodão fiado de modo artesanal.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1. Em Portugal, o Chefe do Estado é o Presidente da República. Sabem qual é o seu nome?** *(deixar as crianças dizerem o nome do atual Presidente da República).*

O catequista deverá escrever o nome do Presidente da República no espaço da cartolina reservado para o efeito ou pedir a uma criança que o faça. (Cf. Documento 1).

- 2. Pois é, de acordo com a "Constituição" (o documento fundamental que regula os direitos e garantias dos cidadãos e a organização política de um Estado) de Portugal, é o Presidente da República que representa o nosso país, que garante a independência nacional e o funcionamento das instituições democráticas, que preside às Forças Armadas. Por outras palavras, mais simples, é ele que as pessoas deste país escolheram, em eleições livres, para estar à frente dos destinos do nosso país, para ser responsável pela defesa do nosso país e para fazer com que os órgãos responsáveis pela condução da comunidade portuguesa (governo, tribunais, etc.) funcionem bem, no respeito pelas leis portuguesas.**

- 3. E como funciona nos outros países? Vamos pensar em conjunto. Será que todos os países têm um Presidente da República como nós ou funcionam de forma diferente?** *(deixar as crianças expressarem algumas das suas ideias, preenchendo os restantes espaços previamente preparados na cartolina (Cf. Documento 1)).*

Podemos, então, concluir que noutros países e noutros povos, esta função não é desempenhada por um Presidente, eleito de tanto em tanto tempo, mas por um "rei". Ele poderá desempenhar funções semelhantes às do Presidente (com mais ou menos poderes, de acordo com as leis de cada país), mas não é, normalmente, escolhido pelo povo em eleições periódicas. Em qualquer caso, é a pessoa que preside aos destinos desse Estado, do qual ele é rei... É isso que acontece atualmente na Espanha ou na Inglaterra, por exemplo, tal como vimos há pouco, quando preenchemos a cartolina.

- 4. E na antiguidade? Os povos de então também sentiam a necessidade de ter um rei?** *(deixar as crianças expressarem os seus conhecimentos, podendo o catequista pedir alguns dos nomes dessas figuras antigas,*

importantes na história de Portugal ou de outros reinos antigos, sem outra preocupação que não a de fazer as crianças pensar a monarquia como uma solução antiga de governo legítimo dos povos). De facto, na antiguidade, quase todos os povos tinham o seu rei... Ele era, para o seu povo, uma figura de referência, que governava esse povo, que o defendia, que cobrava os impostos, que tomava as decisões e, muitas vezes, que fazia as leis e que julgava e castigava quem as não cumpria. O rei era aquele que presidia aos destinos do seu povo.

Era isso, também, que acontecia com o Povo de Deus, esse Povo que começou com Abraão, que foi libertado por Deus da escravidão do Egito, que fez uma aliança com Deus, que recebeu de Deus os "mandamentos" e que caminhou com Deus pelos caminhos do deserto, como vimos nos nossos encontros anteriores. Vamos conhecer como é que isso se passou, como é que o Povo de Deus escolheu ter um rei e o que é que ele representava para o seu Povo.

II. PALAVRA

1. O catequista propõe às crianças:

Vamos, agora, juntos, caminhar à volta da nossa sala. Façamos como o Povo de Deus, que cresceu na sua fé, enquanto caminhava em conjunto, ouvindo e refletindo na Palavra de Deus e dos seus Profetas. Vamos procurar, desta forma, conhecer e entender melhor mais um pouco da história do Povo de Deus, em especial sobre a forma como o Povo de Deus lidou com esta necessidade de se sentir guiado e protegido por alguém.

a) O catequista guia as crianças, então, até ao baú/caixa 1, reunindo-as à volta dele (de pé ou sentadas, como preferir) e pede a uma criança para retirar o rolo que está lá dentro. A criança retira, então, o rolo e entrega-o ao catequista, que o lê ou dá a uma criança para que esta o leia:

Texto do Rolo 1

Nos primeiros tempos da sua história, o Povo de Deus não tinha um "rei" humano a governá-lo... Nesses tempos em que o povo de Deus caminhou pelo deserto, – quem conduzia o Povo, quem o protegia contra os inimigos, quem lutava para o libertar, quem lhe dava leis justas e boas ("mandamentos"), quem lhe proporcionava o pão e a água de que o Povo precisava

para sobreviver? Claro, era Deus. Deus é que era o "rei" de Israel. E era um rei muito bom e justo, que fazia tudo pelo seu Povo, que cuidava bem do seu Povo e o salvava em todos os momentos de dificuldade.

b) O catequista, em seguida, pede a outra criança para retirar o dístico "DEUS". O catequista coloca o rolo dentro do baú/caixa, fechando-o. Depois, pede à criança que tem o dístico "DEUS" para o colocar em cima da caixa, de forma bem visível.

c) Terminada esta primeira etapa, o catequista prossegue:

Sigamos, de novo, em conjunto, para o passo seguinte desta história do Povo de Deus. Vamos prestar atenção à forma como o Povo de Deus foi vivendo a sua experiência.

O catequista reúne o grupo de crianças à volta do segundo baú/caixa, à semelhança do que fizcram na primeira etapa. O catequista pede a outra criança para retirar o rolo que está lá dentro. A criança retira, então, o rolo e entrega-o ao catequista que o lê ou dá a ler a uma criança:

Texto do Rolo 2

Entretanto, os anos foram passando. O Povo de Deus chegou à Terra Prometida e instalou-se aí. Começou a olhar para outros povos que habitavam à sua volta e começou a ver que eles tinham reis a governá-los... Esses reis nem sempre eram bons, nem sempre eram justos, nem sempre respeitavam os direitos das pessoas... Mas o Povo de Deus começou a achar que devia ser igual aos outros povos e que também podia ter um rei, um rei que os chefiasse na guerra e que os governasse na paz.

d) O catequista, em seguida, pede a outra criança para retirar o dístico "QUERIAM UM REI, COMO OS OUTROS POVOS". O catequista coloca o rolo dentro do baú/caixa, fechando-o. Depois, pede à criança que tem o dístico para a colocar em cima do baú/caixa, de forma bem visível.

e) O catequista propõe de novo:

A história continua e o povo vai fazendo o seu caminho como sociedade. Mas o que terá acontecido? Que rumo tomou este anseio do povo? Vamos seguir para o terceiro baú/caixa, nele encontraremos a resposta.

Reunidos todos à volta do terceiro baú/caixa, o catequista pede a uma outra criança para retirar o rolo que se encontra dentro do baú/caixa e comenta:

Agora vamos voltar a ouvir falar do profeta Samuel. Espero que se lembrem dele – no vosso catecismo do ano passado até está representado um quadro muito bonito de Samuel em criança... porque Deus o chamou ao seu serviço quando ele ainda era um rapaz! Deus confiou-lhe a missão de servir de "juiz", isto é, tal como os juizes de hoje, que trabalham para resolver os conflitos que as pessoas têm, Samuel, nessa altura, trabalhou para resolver os que surgiam entre algumas tribos do Povo de Deus.

O catequista lê o texto do rolo 3 ou dá-o a uma criança para que o leia:

Texto do Rolo 3

Nessa altura (há cerca de 3.030 anos), os chefes das principais famílias do Povo de Deus foram ter com Samuel e pediram-lhe que arranjasse um rei para os governar, um rei como os dos outros povos. Samuel não gostou muito da ideia, pois achava que o único rei, para o Povo de Deus, devia ser o próprio Deus... Mas depois, por indicação de Deus, foi ter com um homem chamado Saul e, em nome de Deus, sagrou-o rei. Saul tornou-se rei porque Deus o escolheu para essa missão. Samuel, mandado por Deus, derramou óleo sobre a cabeça de Saul, o que significava que Saul tinha sido escolhido por Deus para essa tarefa.

a) O catequista, em seguida, pede a outra criança para retirar o dístico "SAUL" do baú. O catequista coloca o rolo dentro do baú/caixa, fechando-o. Depois, pede à criança que tem o dístico "SAUL" para a colocar em cima do baú/caixa, de forma bem visível.

b) O catequista convida o grupo a dirigir-se para o lugar mais importante da sala, nesta sessão: a pequena mesa, com o pano branco, com a Bíblia aberta em 1 Sam 16,1.4-13, o rolo, a vela e com as palavras: "Belém", David", taça com óleo, flores ou planta, dizendo:

A história deste povo, não termina em Saul. Outros acontecimentos tiveram lugar naquele tempo e dão sentido à nossa história de Povo de Deus.

h) O catequista pega no rolo 4 e lê-o ou dá-o a uma criança para que o leia:

Contudo, Saul não foi um bom rei pois nem sempre cumpriu a vontade de Deus, nem sempre respeitou as indicações daquele que era o verdadeiro rei do Povo. Cometeu muitos erros e, em certo momento, estava mais interessado em proteger o seu poder do que em fazer aquilo que Deus lhe indicava...Assim, Deus escolheu outra pessoa para ser rei do seu Povo... Deus escolheu um jovem chamado David.

2. Nós todos, estamos ligados, pela fé e pela humanidade, a esta história. Para a compreendermos bem e a sentirmos como algo nosso, vamos ouvir, agora, um relato que dá testemunho da eterna presença do Bom Deus na vida do Seu Povo. Para marcar bem a importância deste acontecimento, estamos aqui, juntos, como exemplo vivo do Povo de Deus, num lugar especial que preparámos na nossa sala. Deixemos entrar no nosso coração, estas palavras que vamos ouvir:

Reunido o grupo à volta deste pequeno altar, o catequista dirige-se às crianças, mostrando a Bíblia e referindo: Vamos, então, ver como é que a Bíblia descreve a escolha de David por Deus (1 Sam 16,1.4-13), um rei que vai ter uma importância enorme na história do Povo de Deus. Depois de organizar uma leitura dialogada do texto – que pode ser feita, também, apenas pelo catequista e uma criança que leia as falas de Samuel - o catequista acende a vela e diz:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro Primeiro Livro de Samuel:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista/narrador:

O Senhor disse a Samuel:

Leitor 1:

«Até quando chorarás Saul,

tendo-o eu rejeitado para que não reine em Israel?»

**Enche o teu chifre de óleo e vai.
Quero enviar-te a Jessé de Belém,
pois escolhi um rei entre os seus filhos».**

Catequista/narrador:

**Ao chegar a Belém, os anciãos da cidade saíram-lhe ao encontro,
inquietos,
e disseram:**

Leitor 2 e 3:

«É de paz, a tua vinda?»

Catequista/narrador:

Ele respondeu:

Leitor 4/Samuel:

**«Sim. Venho oferecer um sacrifício ao Senhor;
purificai-vos e acompanhai-me para o sacrifício».**

Catequista/narrador:

**Ele mesmo purificou Jessé e os filhos e convidou-os para o sacrifício.
Logo que entraram, Samuel viu Eliab e pensou consigo:
«Certamente é este o ungido do Senhor».
Mas o Senhor disse a Samuel:**

Leitor 1:

**«Que te não impressione o seu belo aspeto, nem a sua alta estatura,
pois Eu rejeitei-o.
O que o homem vê não importa; o homem vê as aparências,
mas o Senhor olha o coração».**

Catequista/narrador:

Jessé chamou Abinadab e apresentou-o a Samuel, que disse:

Leitor 4/Samuel:

«Não é este o que o Senhor escolheu».

Catequista/narrador:

Jessé trouxe-lhe, também, Chamá. E Samuel disse:

Leitor 4/Samuel:

«Ainda não é este o que o Senhor escolheu».

Catequista/narrador:

Jessé apresentou-lhe, assim, os seus sete filhos, mas Samuel disse:

Leitor 4/Samuel:

«O Senhor não escolheu nenhum deles».

Catequista/narrador:

E acrescentou:

Leitor 4/Samuel:

«Estão aqui todos os teus filhos?»

Catequista/narrador:

Jessé respondeu:

Leitor 5:

«Resta ainda o mais novo, que anda a pascentar as ovelhas».

Catequista/narrador:

Samuel ordenou a Jessé:

Leitor 4/Samuel:

**«Manda buscá-lo,
pois não nos sentaremos à mesa antes de ele ter chegado».**

Catequista/narrador:

**Jessé mandou, então, buscá-lo. David era louro,
de belos olhos e de aparência formosa.**

O Senhor disse:

Leitor 1:

«Ei-lo, unge-o; é esse».

Catequista/narrador:

**Samuel tomou o chifre de óleo e ungiu-o na presença dos seus irmãos.
E, a partir daquele dia, o Espírito do Senhor apoderou-se de David.
E Samuel voltou para Ramá”.**

Palavra da Salvação

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

3. *Terminada a leitura, o catequista pede às crianças para se sentarem e indica:* Esta história é muito bonita. Para vos ajudar a terem uma ideia da sua beleza, podem ver, na página 66 do vosso catecismo um quadro que representa este episódio: Samuel unge David, o texto que lemos assinala algumas coisas muito importantes, que devemos ter em conta, agora, na nossa vida... e queria que fossem capazes de o escutar com o vosso coração...

3.1. Em primeiro lugar, diz-nos que é Deus quem escolhe esse jovem chamado David para ser o rei do Povo de Deus... *(o catequista mostra o **dístico "É Deus que escolhe o rei"** e prossegue)* a ele e não a outro qualquer; é Deus que envia Samuel com o chifre cheio de óleo (o chifre era como um frasco: servia para transportar líquidos) e manda derramar esse óleo sobre a cabeça de David: desde o terceiro catecismo que sabeis o que é a unção, não é? *(deixar as crianças pronunciarem-se e orientar as respostas para a conclusão correta:)* é o gesto através do qual se mostrava que essa pessoa era escolhida para uma missão e tinha um mandato de Deus para desempenhar essa missão. Como ouvimos, é Deus que mostra a Samuel qual dos filhos de Jessé ele devia sagrar rei... Deus, o verdadeiro rei de Israel, é que tudo decide, David é, apenas, o instrumento escolhido por Deus, a pessoa que Deus encarregou de conduzir, em nome do próprio Deus, os destinos do seu Povo.

Procurando dar ênfase às suas palavras, o catequista refere: Quando se diz, no texto, que o Espírito do Senhor se apoderou de David, está-se a dizer que ele recebeu a força de Deus para poder cumprir a missão que Deus lhe queria confiar. Tu já sabes que, muitas vezes, Deus atua no mundo – e na vida do seu Povo – através de pessoas que Ele escolhe, que Ele chama e que Ele envia a cumprir determinada missão *(o catequista mostra, na página 3 da catequese 15 o texto que resume estas ideias).*

3.2. Em segundo lugar, o texto diz-nos, também, que Deus escolheu para rei precisamente um jovem que Jessé e o próprio Samuel não esperavam... Não escolheu os mais velhos e mais fortes, mas escolheu o mais novo, aquele que parecia menos preparado para essa missão... Deus é assim: Ele não vê as aparências, Ele não escolhe as pessoas pelo seu aspeto ou pela

sua força, como nós tantas vezes fazemos... (o catequista mostra o **dístico "Deus escolhe as pessoas pelo seu coração"**) Deus escolhe as pessoas pelo seu... coração! E, muitas vezes, até aqueles que, na aparência, naquilo que nós vemos com os olhos, são frágeis, pequenos, que não valem nada, que Deus escolhe para fazerem coisas muito importantes no mundo. A história mostra que, muitas vezes, determinadas pessoas sem grandes qualificações, mais modestas do que outras, mais caladas ou tímidas, por quem os outros "não dão nada", realizam tarefas muito importantes. Isso só é possível porque Deus, através dessa pessoa, atua na história e realiza essas coisas boas e bonitas (o catequista mostra, na página 3 da catequese 15 o texto que resume estas ideias).

3.3. em terceiro lugar, David – este jovem que Deus escolheu – realmente fez coisas muito bonitas... Ainda antes de ser rei, ele lutou com um gigante chamado Goliás e venceu-o (cf. 1 Sam 17,1-58). David era, inicialmente, um pastor e não um guerreiro; apesar disso, venceu um gigante mau, que estava bem armado e habituado à guerra... Isso mostra como Deus o ajudava e estava com ele.

Noutra vez, David andava a fugir do rei Saul, que o queria matar. Ora, Saul entrou numa caverna onde David estava escondido com os seus soldados, e David teve oportunidade de o matar. Contudo, David não quis matar Saul, porque ele também tinha sido escolhido por Deus para rei, e David achava que não devia fazer mal àquele outro, que era um escolhido de Deus (cf. 1 Sam 24). Este episódio mostra, não apenas que David era capaz de perdoar aos inimigos, mas também que David se preocupava em respeitar a vontade de Deus.

Numa outra ocasião, David (que nessa altura já era rei do Povo de Deus) traiu um dos seus soldados, chamado Urias, e deixou que ele fosse morto... Quando o profeta Natã o acusou desse pecado, David reconheceu a sua falta, pediu a Deus perdão e aceitou o castigo que Deus lhe deu (cf. 2 Sam 11-12). Isto mostra que se David também fazia coisas muito erradas, ele também era capaz de perceber o mal que tinha feito, (o catequista mostra o **dístico "arrepender-se e pedir perdão a Deus"**) de se arrepender e de pedir o perdão de Deus. Esta mensagem é diretamente para nós! Devemos ser reis e rainhas na nossa capacidade de nos arrependermos dos nossos pecados e de pedirmos perdão!

3.4. Em quarto lugar, pouco depois de se ter tornado rei de todas as tribos do Povo de Deus, David conquistou uma grande cidade – Jerusalém – para fazer dela a capital do seu reino (cf. 2 Sam 5,6-12). Depois, mandou levar para essa cidade a “arca da aliança”, aquela arca que os hebreus transportaram desde aquela montanha onde fizeram a aliança com Deus e que tinha dentro as tábuas com os mandamentos, dados por Deus ao seu Povo. A arca era o símbolo da presença de Deus no meio do seu Povo e, por isso, David organizou uma grande festa, com cânticos e danças, nas quais ele mesmo participou (cf. 2 Sam 6), para honrar esse sinal. Isto mostra, também, como David estava preocupado em que Deus estivesse sempre perto do seu Povo e que o Povo recordasse sempre a aliança que tinha feito com Deus.

Depois David quis fazer um Templo, uma grande construção, para aí colocar a arca da aliança. Deus, porém, não quis que David fizesse essa “casa sagrada”. Deus disse a David que não queria que ele construísse uma casa para Deus; mas, agradecido pela boa-vontade de David, Deus prometeu que Ele próprio ia construir uma “casa” para David... Deus não falava de uma casa de pedra e cimento (em hebraico, para dizer “casa” e “família” usa-se a mesma palavra), mas da “família” de David... Deus disse-lhe: “Tu vais construir uma casa para mim? Não. Eu é que vou construir uma casa para ti... Eu vou abençoar a tua família e, no futuro, haverá sempre alguém dessa família a governar o Povo de Deus... A tua família e o teu reino nunca acabarão e o teu trono estará firme para sempre” (cf. 2 Sam 7). Isto não quer apenas dizer que Deus abençoa a família de David, mas que Deus estará sempre com o seu Povo e não deixará que ele desapareça, que ele seja destruído.

Esta promessa de Deus deu muita (*o catequista mostra o **dístico** “esperança” e prossegue:*) esperança às pessoas. Quando as coisas corriam mal, quando os inimigos ameaçavam o Povo de Deus, as pessoas nunca perdiam a esperança e a confiança no futuro, pois sabiam que Deus ia salvar o seu Povo, conforme tinha prometido a David. Nos momentos de crise, as pessoas sonhavam com o aparecimento de um rei da descendência de David, conforme a promessa de Deus.

4. Conheceis alguém, da descendência de David, que nasceu muitos séculos depois mas que veio restaurar o reino de paz e de justiça que David tinha começado? Sim, foi Jesus. Jesus veio para começar no mundo o “Reino de Deus”. Voltaremos, mais tarde, a este tema.

David foi um grande rei, que fez com que o Povo de Deus vivesse muitos anos em paz e em abundância. Também foi um homem bom... Não era perfeito e fez alguns disparates... Mas era um homem que escutava Deus e que procurava fazer o que Deus lhe pedia; era um homem justo, que não queria que no seu reino houvesse injustiça e maldade; era um homem que era capaz de perdoar os seus inimigos, mesmo quando eles lhe tinham feito muito mal; era um homem que reconhecia, com humildade as suas faltas e que pedia perdão a Deus; era um homem que procurava ajudar o seu Povo a viver a aliança que tinha com Deus; era um homem que rezava, que louvava a Deus pelos seus dons, que lhe pedia perdão quando tinha feito coisas erradas...

David foi um homem a quem Deus colocou num cargo de poder, de grande responsabilidade. No entanto, ele não se agarrou ao poder (como fazem, algumas vezes, aqueles homens que desempenham cargos de importância e responsabilidade), não se serviu desse poder que Deus lhe deu para enriquecer; mas procurou servir o seu Povo o melhor que podia. Teve algumas falhas; mas a sua principal preocupação era cumprir o papel que Deus lhe tinha confiado no sentido de guiar o Povo de Deus.

Assim, podemos dizer que David, embora sendo apenas um homem, foi um bom instrumento de Deus; ele, ao aceitar a missão que Deus lhe confiou, ajudou Deus a governar o seu Povo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Oração

Permanecendo no mesmo lugar, o catequista diz ao grupo:

Sabem que o Rei David era, também, um grande poeta, que escrevia canções e poemas para louvar a Deus.

Diz-se que, certa vez, ele escreveu uma oração na qual reconhecia que Deus fazia tudo para ajudar os seus filhos e filhas; e, ao mesmo tempo, David agradecia a Deus, a sua bondade, o seu amor, o seu perdão... Vamos rezar com uma parte dessa oração (**SI 103,1-13**).

O catequista pede a uma das crianças para ler, enquanto o catequista e as outras seguem pela página 68 do seu catecismo:

**“Bendiz, ó minha alma, o Senhor,
e todo o meu ser louve o seu nome santo.**

**Bendiz, ó minha alma, o Senhor,
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.
É Ele que perdoa as tuas culpas
e cura todas as tuas enfermidades.
É Ele que resgata a tua vida do túmulo
e te enche de graça e de ternura.
É Ele quem cumula de bens a tua existência
e te rejuvenesce como a água.**

**O Senhor defende, com justiça,
o direito de todos os oprimidos.
Revelou os seus caminhos a Moisés
e as suas maravilhas aos filhos de Israel.
O Senhor é misericordioso e compassivo,
é paciente e cheio de amor.
Não está sempre a repreender-nos,
nem a sua ira dura para sempre.
Não nos tratou segundo os nossos pecados,
nem nos castigou segundo as nossas culpas.
Como é grande a distância do céu à terra,
assim são grandes os seus favores para os que o temem.
Como o Oriente está afastado do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados.
Como um pai se compadece dos filhos,
assim o Senhor se compadece dos que o temem”.**

*Em seguida, o catequista convida as crianças a agradecer a Deus pela sua bondade e pelos seus dons, como fazia o grande rei David e, para isso, todos juntos cantam o **cântico**:*

“Cantarei ao Senhor”.

2. Compromisso:

Como estão lembrados, durante esta Quaresma nós temos um compromisso para cumprir todos os dias, sem falhar! (*Se achar conveniente, o catequista pode pedir às crianças para mostrarem a sua avaliação da semana precedente ou, pelo menos, chama a atenção para a responsabilidade de cada um e para o interesse em proceder à avaliação e observar o seu crescimento pessoal!*) Mas, a partir de hoje, o rei David vai dar-nos a sua ajuda. Para isso, proponho-vos que rezem todos os dias esta oração, que

estivemos a rezar juntos e que está na página 68 do nosso catecismo. Na nossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 15, também nos é recordado tudo o que, hoje, aprendemos com David e ainda podemos registar lá todas as vezes em que rezámos com ele.

Para guardar na memória e no coração

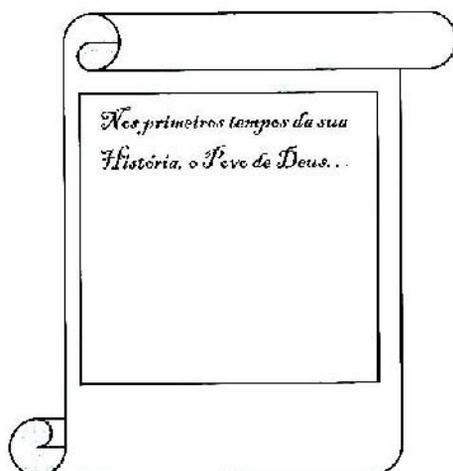
É Deus que perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Deus que resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e de ternura. É Deus quem cumula de bens a tua existência e te rejuvenesce como a águia. O Senhor é misericordioso e compassivo, É paciente e cheio de amor.

Cf. Sl 103

DOCUMENTO 1**Modelo da Cartolina, para a parte: Experiência Humana.**

PAÍS	FIGURA DE GOVERNAÇÃO	NOME
Portugal	Presidente da República	

Os espaços em branco são para serem preenchidos com base nas indicações das crianças. Deverão dizer o País, se existe Presidente da República ou Rei e o nome. Ex: Inglaterra - Rei - Nome

DOCUMENTO 2**Modelo dos Rolos, para a parte: Palavra de Deus**

DEUS FALA AO SEU POVO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os profetas

"Muitas vezes e de muitos modos falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas" (Heb 1,1) – diz-nos o autor da Carta aos Hebreus, no início da sua meditação. Quem são estes "profetas" a quem Deus falou "muitas vezes e de muitos modos" nos tempos antigos? O vocábulo grego "profetes" designava, na cultura grega, a pessoa que interpretava, no santuário de Delfos, as palavras estranhas da sacerdotisa de Apolo... De acordo com as crenças gregas, aquilo que Zeus faz saber a Apolo e este transmite à sua sacerdotisa, esta expressa-o de forma não perceptível, em palavras desconexas; é preciso, então, um interprete (o "profetes"), que articula de forma lógica e coerente a revelação do deus. Assim, o "profetes" é o que comunica ou proclama a mensagem da divindade. No entanto, como esta mensagem se referia, muitas vezes, ao futuro, "profetes" acabou por significar "aquele que fala do futuro".

Este vocábulo grego "profetes" foi utilizado, na versão grega do Antigo Testamento (a chamada "Setenta"), para traduzir diversos vocábulos hebraicos ("ro'eh" – "o vidente"; "hozeh" – "o visionário"; "ish 'elohim" – "o homem de Deus"; "nabi" – "o chamado", ou "aquele que anuncia") que definem o homem e a mulher que Deus chama e envia ao mundo para realizar uma missão. A função desse homem ou dessa mulher é "ver" ou "ler" as indicações de Deus para o mundo e para os homens e ser a "voz" de Deus que ecoa no meio do mundo. Particularmente importante, neste universo, é o termo hebraico "nabi", uma palavra que aparece 315 vezes em todo o Antigo Testamento (é o termo mais frequente e mais clássico para referir-se aos profetas). Poderia significar "aquele que é chamado" (pela divindade); mas poderia, também, traduzir-se

como “aquele que anuncia e proclama”. Estão aqui presentes, nesta palavra, os dois aspetos mais importantes da definição do profeta: a questão da vocação (o “profeta” é a pessoa que é chamada por Deus) e a questão da missão (o profeta é aquele que é enviado por Deus a anunciar e a proclamar

2. A vocação profética

O profeta não surge por geração espontânea, nem cai repentinamente do céu para assombrar o nosso mundo; mas é uma pessoa “normal” – com um nome, com uma família, com defeitos e qualidades – a quem Deus chama para lhe confiar uma missão no mundo.

Como é que um profeta se torna profeta? Não é possível particularizar demasiado, pois cada profeta tem a sua “história de vocação”, o seu caminho particular. Chegaram-nos, através dos escritos proféticos, diversos relatos de vocação; e todos eles apresentam as suas características próprias e as suas notas pessoais. Isaías conta que tomou consciência de que Deus o chamava enquanto estava no Templo, num cenário onde se lhe manifestou o Deus grandioso e onnipotente, cheio de majestade, e cuja soberania se estende à terra inteira (cf. Is 6,1-13); Jeremias, por sua vez, não fala do momento e do lugar onde tomou consciência do seu chamamento (como se considerasse que esses “pormenores” não eram essenciais), mas limita-se a dizer que recebeu “a Palavra do Senhor” e que foi essa Palavra que o levou a tomar consciência da sua vocação e missão (cf. Jer 1,4-10); Ezequiel descreve longamente a visão que teve, quando se encontrava entre os judeus exilados na Babilónia, e durante a qual tomou consciência de que Deus o chamava e o enviava em missão (cf. Ez 1-3).

Apesar de cada história de vocação ser uma história pessoal e única, há traços que estão sempre presentes. Esses traços definem aquilo que é essencial nessa experiência tão pessoal e, ao mesmo tempo, tão universal, que é a vocação.

Antes de mais, todos os “relatos de vocação” sugerem que a iniciativa é de Deus: é Deus que escolhe o profeta, é Deus que vem ao encontro do Profeta, é Deus que chama o profeta e que lhe confia uma missão. Nenhum profeta se torna profeta por sua própria iniciativa ou pela sua própria opção; nenhum homem assume a missão profética por herança familiar ou por razões de sangue; nenhum profeta se torna profeta por aclamação popular ou por nomeação oficial... Por detrás de um profeta está sempre Deus, está sempre a iniciativa livre e gratuita de Deus que, sem explicações e, às vezes, contra todas as lógicas humanas, escolhe aquela pessoa para determinada missão.

Um outro elemento que aparece, com muita frequência, nos relatos de vocação é a “objeção” do homem. Isaías, antes mesmo de Deus definir a missão que lhe vai confiar, traz à baila a sua indignidade e lembra que é “um homem de lábios impuros, que habita no meio de um povo de lábios impuros” (Is 6,5); Jeremias, confrontado com o desafio que Deus lhe faz, responde que não sabe falar, pois é ainda muito jovem (cf. Jer 1,6)... É a atitude clássica de quem, sem se atrever a recusar abertamente a proposta de Deus, tenta fugir às responsabilidades que lhe são pedidas (ou porque se sente pequeno e incapaz, ou porque não se quer comprometer). Deus não cede diante destes argumentos, pois eles não são verdadeiramente decisivos: sejam quais forem as debilidades ou indignidades do homem, a graça de Deus é suficiente para tudo ultrapassar; e, muitas vezes, Deus escolhe propositadamente a debilidade, pois é na pequenez do homem que sobressai a grandeza de Deus.

Depois da objeção, vem sempre a definição da missão... Isaías recebe a missão de ser “mensageiro” de Deus e é convidado a ir e a dizer ao Povo palavras de Deus (cf. Is 6,8-9); Jeremias recebe na sua própria boca as palavras de Deus e é-lhe dado poder “sobre os povos e sobre os reinos” para arrancar e demolir, para arruinar e destruir, para edificar e plantar (Jer 1,9-10); Ezequiel é enviado a dizer “aos filhos de Israel, aos rebeldes, aos que se insurgiram” contra Deus as palavras e as indicações de Deus... Repare-se como a missão profética tem sempre a ver com dizer aos homens e mulheres palavras, e palavras que vêm de Deus... O profeta é, assim, o porta-voz de Deus, o mensageiro de Deus, aquele que faz ouvir as palavras e propostas de Deus no mundo dos homens, em linguagem dos homens.

Muitas vezes os relatos de vocação dos profetas apresentam, também, palavras de encorajamento e de alento. “Não tenhas medo”; “Eu estarei contigo” – são expressões que garantem ao profeta o acompanhamento e a ajuda de Deus. Ser profeta é um caminho difícil e doloroso, marcado, muitas vezes, por incompreensões e perseguições; e o profeta só terá forças para o percorrer e para ser fiel à sua missão se souber que Deus o acompanha em cada passo do caminho.

3. Os profetas, homens de Deus atentos ao mundo

O profeta tem sempre Deus como referência: ele é um homem de Deus. Mas é, também, um homem do seu tempo, perfeitamente enquadrado com o mundo que o rodeia. O que é que significa dizer que o profeta é um “homem de Deus”?

Significa, em *primeiro lugar*, que Deus está – como vimos atrás – na origem de toda a experiência profética. É Deus que escolhe o profeta, que o desafia, que o seduz, que se apossa do coração do profeta como se fosse um fogo devorador, e que o envia em missão; é também Deus que acompanha a caminhada do profeta, que o protege e que lhe dá a força de testemunhar. Deus está presente em todo o caminho do profeta – no início, no meio e no fim.

Dizer que o “profeta” é um “homem de Deus” significa, em *segundo lugar*, que o profeta tem de viver uma relação muito próxima, muito íntima com Deus, pois só quem vive em comunhão e em diálogo contínuo com Deus é capaz de escutar as propostas e de acolher os projetos de Deus. O profeta tem de ser uma pessoa que descobriu Deus, que se apaixonou por Deus, que interiorizou essa relação, que aceitou essa proximidade e que fez da sua vida um diálogo com Deus. Enamorado de Deus, o profeta vive em comunhão profunda, permanente, com Deus. Esta “comunhão de vida” com Deus faz com que o profeta se aperceba dos planos de Deus para o mundo e para os homens. Ele sabe o que Deus quer e sente-se inquieto quando os homens conduzem o mundo de uma forma diferente. Assim, o profeta sente-se impelido a dar testemunho diante dos homens, a ser Palavra viva de Deus no mundo.

Contudo profeta não é apenas alguém que olha para o céu, mas é também alguém com os pés bem assentes na terra. É alguém que procura conhecer as questões, que está atento à forma como o mundo se constrói, que se deixa interpelar por tudo o que se passa à sua volta e que tem uma atitude consciente e crítica diante do mundo. Diante dos acontecimentos que marcam a história do seu tempo, o profeta intervém para criticar, para aplaudir, para corrigir, para animar. Ele intervém a propósito e a despropósito, como se fosse a consciência crítica dos homens, sempre que os projetos de Deus são violados.

O profeta é uma pessoa comprometida – com Deus e com a construção do mundo. Não pode ser alguém que “não está para se chatear” com as questões que preocupam os seus irmãos; nem pode ser alguém que vive fechado no seu pequeno mundo, ocupado com os seus hobbies, com os seus programas de computador, com os seus livros, com as suas especulações intelectuais; nem pode ser alguém para quem os sofrimentos e angústias dos homens não contam nada... O profeta não se deixa dominar pelo comodismo ou pela preguiça, sente-se desafiado e inquieto com os sofrimentos, com as injustiças, com a violência, com a guerra, com a fome, com o pecado que vê à sua volta e sente, em nome de Deus, a necessidade de intervir.

Conhecendo os projetos de Deus e vendo a forma como os homens edificam o mundo, o "profeta" sente que não pode ficar de braços cruzados. Em nome de Deus, ele vai denunciar as injustiças, as opressões, os egoísmos que desfeziam esse mundo que Deus quis diferente.

O que é que desperta a consciência de um "profeta"? Um sonho? Uma palavra? Uma leitura? Um apelo? Uma necessidade sentida nas contradições da vida? Uma notícia lida no jornal?

Deus "chama" de muitas formas e cada pessoa pode descrever de forma única e pessoal a forma como se sentiu interpelada por Deus. Às vezes descobre-se o apelo de Deus no rosto de um pobre, de um escravizado, ou nos olhos sofredores de uma criança sem pão e sem esperança; outras vezes, nas páginas dos jornais; outras, nas necessidades da Igreja e da sociedade; outras, nos acontecimentos turbulentos do presente; outras, mais simplesmente, nas palavras de um amigo ou de um mestre... Cada profeta terá um momento que considera fundamental na sua experiência vocacional – isto é, na sua consciência de que Deus o chama e de que o envia ao mundo e aos homens com uma missão.

4. Dados sobre alguns Profetas

Vejamos, sucintamente, alguns profetas bíblicos que, em nome de Deus, falaram aos homens e mulheres do seu tempo...

Amós, o profeta da justiça social, exerceu o seu ministério profético por volta de 762 a.C.. Era natural de Técuá, uma pequena aldeia situada nas franjas do deserto de Judá, perto da cidade de Belém. Antes de ser chamado por Deus, era pastor de rebanhos e cultivava sicómoros (cf. Am 7,14). Quando descobriu que Deus o chamava, deixou o seu trabalho e partiu para o norte do país (o "Reino de Israel"), onde exerceu o seu ministério durante cerca de dois anos. Vivia-se, então, uma época de relativa prosperidade e riqueza, resultante das conquistas do rei Jeroboão II; no entanto, essa riqueza beneficiava apenas a classe dirigente e não a grande massa do Povo, perdida numa miséria sem esperança. Amós, chocado com um quadro de injustiças gritantes, de violências sobre os mais pobres, de abusos e arbitrariedades cometidos pelos poderosos, anuncia aos injustos, aos opressores, aos corruptos, que Deus está farto das maldades que eles cometem e vai tomar uma posição dura contra quem não respeita os direitos dos seus irmãos.

Oseias, o profeta do amor de Deus, exerce o seu ministério no século VIII a. C., no Reino de Israel (ele aparece alguns anos depois de Amós). A sua época é marcada por uma grande instabilidade política: os governantes sucedem-se

uns aos outros e vão sendo sucessivamente depostos e assassinados (juntamente com os seus seguidores...). Há caos, anarquia e violência institucionalizada... Daí as palavras duras de Oseias contra a corrupção (Os 4,1-2), a injustiça, a desordem (Os 7,1-7). Em termos religiosos, a época de Oseias é marcada por graves infidelidades do Povo aos compromissos da aliança... Seduzido pelos deuses cananeus, Israel esqueceu Jahwéh e já não se comporta como o Povo de Deus. Recorrendo à sua experiência familiar (Oseias foi abandonado pela mulher que amava), o profeta vai dizer que esse Povo que esqueceu o seu Deus e foi atrás de outros deuses é como uma esposa infiel, que abandonou o seu marido; Deus, por sua vez, é o marido sempre fiel, que tem pela esposa um amor indestrutível e nunca desmentido. **Isaías** desempenhou o seu ministério profético no sul do país (reino de Judá), em Jerusalém, na segunda metade do séc. VIII e primeiros anos do séc. VII a.C. (entre 740 e 690, aproximadamente, durante os reinados de Jotam, Acáz e Ezequias). De origem nobre, é um homem culto, polido, que frequenta os ambientes da corte e é escutado e consultado pelos reis. A sua pregação tem várias fases... Na primeira, o seu discurso tem uma forte acentuação social (cf. Is 1-5). Isaías denuncia, nessa fase, as injustiças, as arbitrariedades, a exploração dos fracos e dos pobres, o não respeito pelos direitos das viúvas, dos órfãos, dos pobres e dos débeis. Numa segunda fase da sua missão (reinados de Acáz e de Ezequias), Isaías fala insistentemente contra o abandono de Deus por parte de Judá... Desagradado com as alianças feitas pelos reis de Judá com potências estrangeiras, Isaías insiste, sobretudo, na necessidade de o Povo voltar a confiar em Deus, pondo nele a sua segurança e esperança... O futuro e a salvação do Povo de Deus não estão nas alianças políticas com outras nações, mas estão em Jahwéh. Segundo as lendas judaicas, Isaías teria sido torturado e morto durante o reinado do ímpio Manassés (que reinou de 687 a 642 a.C.).

Jeremias, o profeta apaixonado pela Palavra de Deus, vive na segunda metade do séc. VII e nos primeiros anos do séc. VI a. C., em Jerusalém. O seu ministério profético começa no reinado do grande rei Josias (642-609 a.C.), e continua na difícil época em que Judá, atacado pelos babilónios, perde a sua independência. Jeremias testemunhou a destruição de Jerusalém pelos babilónios (em 586 a.C.) e a ida dos judeus para o Exílio. Sendo um homem tímido, sensível e bom, Jeremias sente muito a dificuldade de ser profeta, de dizer palavras que as pessoas não gostam de escutar... Magoam-no o abandono a que é votado pela família e pelos amigos, a oposição das autoridades, o desprezo do Povo, pois ninguém gosta do que ele anuncia... No entanto,

Jeremias sente-se completamente “apanhado” pela Palavra de Deus e continua, até ao fim, a cumprir a sua missão e a dizer aos homens palavras de Deus...

Ezequiel, o profeta da esperança, desenvolve o seu ministério profético no Exílio da Babilónia, na primeira metade do séc. VI a.C. (entre 593 e 570 a.C., aproximadamente). A sua missão é ajudar o Povo a perceber a catástrofe que se tinha abatido sobre a nação judaica (derrota frente aos babilónios, destruição de Jerusalém e Exílio na Babilónia). Ezequiel convida os seus concidadãos a perceber que foram as escolhas erradas do Povo e dos líderes nacionais – o abandono de Deus, as jogadas políticas e as alianças com potências estrangeiras, a destruição da coesão social com injustiças e arbitrariedades sem fim – que conduziram à catástrofe nacional. Ao mesmo tempo, o profeta procura restaurar a esperança em Deus e fala de um tempo novo que vai fazer surgir, um tempo em que o passado de glória vai ser restaurado e em que Jahwéh vai voltar, de novo, a residir no meio do seu Povo.

OBJETIVOS

- Descobrir que, ao longo da história da salvação, Deus falou muitas vezes ao seu Povo através de pessoas – os Profetas. Entender que Deus, para comunicar com a humanidade, escolhe pessoas, chama-as, e envia-as a dizer aos homens, com palavras humanas, aquilo que Ele quer comunicar-nos e propor-nos.
- Conhecer alguns profetas de Israel;
- Sentir vontade de ser profeta – isto é, de ser, no mundo, voz de Deus e sinal vivo da vida e da salvação de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese pretende levar as crianças a descobrir que todos somos chamados por Deus a desempenhar uma dada missão, como o demonstra a história do povo Deus, na qual Ele foi sempre comunicando através dos escolhidos do seu povo.
2. É importante que as crianças compreendam que os escolhidos foram sempre os mais puros de coração, humildes, simples, generosos... e que essas são atitudes e imitar e a viver com sabedoria e amor.
3. Para que as crianças se apercebam do significado e da importância dos INTERPETES DE DEUS – profetas – o catequista procure falar um pouco, dos profetas mais conhecidos, referidos nesta catequese, e cujo conhecimento o catequista aprofundou através do estudo da Introdução do Tema, para que

as crianças se possam identificar com a sua missão, tal como se pede no objetivo 3 desta catequese, instando, também, as crianças a explorarem a página 71 do seu catecismo.

4. Mas, a conclusão mais importante da catequese, a que maior relevo pedagógico deve ser dado, é a que se relaciona com o 3º objetivo: a vocação cristã de todo o batizado – incluindo cada uma das crianças, naturalmente – chamamos a ser, também profetas, intérpretes da vontade de Deus no quotidiano da nossa vida.

MATERIAIS

- Bíblia e suporte para a mesma;
- Dípticos com os nomes dos profetas e respetivos posters com as obras de arte que os representam (tal como se encontram no catecismo, nas páginas relativas a esta catequese), destacando o profeta Jeremias, cuja história se aprofundará;
- Uma gravação, e respetivo leitor, de uma comunicação feita numa língua estrangeira (por exemplo, recorrendo às edições bíblicas on-line que fornecem os textos – e, por vezes, documentos áudio – numa língua estrangeira, e gravar diretamente ou gravar a sua leitura); pode usar-se uma língua familiar às crianças – como o inglês, que estudam e usam na escola – ou, para aumentar o efeito, preparar e apresentar primeiro uma gravação numa língua menos familiar e depois o inglês; se for possível, usar um excerto do texto da Palavra que vai ser lido nesta catequese;
- Fotos de pessoas a trabalharem como intérpretes, tal como ilustrado na página 69 e 71 do catecismo;
- Dípticos: “Eis que ponho as minhas palavras na tua boca”, “Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade”;
- Foto do Sacramento do Batismo, Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 3;
- Barras Cronológicas, espaço da catequese 16, com a oração final.

MÚSICA

- “O Profeta”.

Preparação da sala:

Colocar a Bíblia em destaque, na mesa, usando, por exemplo, um dos baús/caixa, da catequese anterior.

No placar:

Colocar os dísticos com os nomes dos profetas, e os posters com as respectivas ilustrações (tal como se encontram no catecismo, nas páginas relativas a esta catequese): Amós, Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel.

Ter preparados os dísticos "Eis que ponho as minhas palavras na tua boca", "Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade" para poderem ser facilmente utilizados, assim como o leitor da gravação e a gravação e as fotografias indicadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista começa por chamar a atenção para a importância da comunicação entre as pessoas : Hoje, vamos começar com uma "pergunta"... e espero que me deis, em troca, isto é... em "resposta", uma verdadeira «chuva de ideias». Ora, vamos lá: O que é que para vós comunicar? ... pois, é isso que nós estamos a fazer... a transmitir ideias uns aos outros, usando, neste caso, "palavras" faladas... a que chamamos discurso oral, não é? Ali no placar também nos são comunicadas ideias por palavras escritas e... por imagens! Muito bem! O fundamentais é... fazer passar as ideias que temos!*

Após as respostas das crianças, o catequista conduz o seu raciocínio:

Nós aqui estamos a conversar. Muito bem. Mas, às vezes, torna-se mais complicado! *(o catequista faz as crianças escutar a(s) gravação(ões) preparadas e assinala:)* Bom, eu posso dizer-vos que texto é *(o catequista indica o texto, sendo ou não um excerto da Palavra desta catequese)* mas será que nós conseguimos entendê-lo? Na versão em inglês reconheceis algumas palavras, não é? Mas, se quiséssemos entendê-lo na totalidade, de quem é que nós precisávamos? *(Levar as crianças a descobrir/identificar a profissão de intérprete, mostrando, também, a foto do intérprete).* Precisávamos de um intérprete! Muito bem! E, para compreendermos aquilo que ele/ela faz, embora sem usarmos línguas estrangeiras, vamos fazer o seguinte: sem sair do lugar, cada um vai-se juntar com o menino ou menina que está à sua direita; muito bem. Agora, cada um vai contar ao outro, muito

baixinho, o que é que tomou, hoje, ao pequeno-almoço. ... E, agora, N... vais-nos dizer o que é que o teu amigo tomou... e agora tu N... (*dependendo do número de crianças, convida algumas ou todas a, rapidamente, darem conta da informação que o seu/ a sua colega*). Ora bem, o N... foi um "interprete" de N... «traduziu-nos» nas suas palavras aquilo que ele/ela não pôde dizer!

Então, o que é que faz um interprete? A sua função é fazer com que duas pessoas, ou entidades, comuniquem entre si, mesmo que não usem o mesmo código, ou a mesma linguagem.

Os intérpretes resolvem problemas de comunicação: arranjam maneira de fazer passar as ideias, as palavras, de umas pessoas para outras, em situações importantes em que é fundamental as pessoas poderem entender-se.

Se calhar alguns de vós também conheceis – da televisão ou da escola – a situação que esta foto mostra (*o catequista mostra a foto do interprete de língua gestual*)... Sabeis de que se trata? ... Muito bem, quando as pessoas têm dificuldade ou impossibilidade de escutar sons e, portanto, a linguagem falada, aprendem a comunicar, a transmitir informação, através de um código diferente das pessoas normo-ouvintes, isto é, das pessoas que ouvem bem. Para comunicar com essas pessoas, se nós não conhecemos a língua gestual, precisamos de um intérprete, do mesmo modo que quem não ouve bem pode seguir o que é dito na televisão, por exemplo, nas notícias, através do intérprete. Mas, tal como aconteceu convosco, ainda à pouco, o interprete não transmite as suas ideias: nenhum de vós contou qual tinha sido o seu pequeno-almoço, fê-lo por outra pessoa! Aquilo que o interprete faz é favorecer, possibilitar a comunicação, entre duas outras entidades: quem fala na televisão e quem está lá em casa, por exemplo. Assim, garante que há comunicação entre as duas partes e, no final, as ideias são trocadas entre todos: permite-se a comunicação mesmo que os comunicadores usem línguas diferentes. É excelente!

2. Ora, como já aprendemos na catequese, ao longo da história, Deus, que quer estar presente na nossa vida, comunica com os homens e as mulheres de cada tempo e, para nós podermos escutá-lo bem e compreendermos o que nos quer comunicar, também escolheu vários "intérpretes".

Hoje, vamos falar um pouco mais das pessoas que foram importantes na história do Povo de Deus porque foram **os "intérpretes" de Deus** – das palavras e das propostas que Deus queria fazer chegar à humanidade.

Já sabem, porque temos visto isso ao longo deste ano de catequese, que Deus sempre quis falar aos seus filhos e filhas, sempre quis comunicar connosco, sempre procurou dizer-nos quais eram os melhores caminhos para encontrarmos a vida e a felicidade (ou, se quiseres, para sermos “salvos”) ...

Para isso, Deus precisava de falar connosco, de comunicar connosco numa linguagem que nós escutássemos e percebêssemos... E Deus achou que uma das formas de comunicar connosco passava por escolher pessoas que escutassem as suas propostas e que depois soubessem traduzi-las na linguagem que a humanidade entendia.

Essas pessoas que Deus escolheu para serem, junto da humanidade, os “intérpretes” das suas palavras e propostas, chamaram-se “Profetas”.

II. PALAVRA

1. Quem é, então, um Profeta?

(As crianças já devem saber explicar bem e até já indicarem o nome de alguns e o catequista recorre ao placar para as ajudar a responder.)

O que é que faz, exatamente, um profeta?

Para percebermos melhor o que é um Profeta, vamos ler um texto da Bíblia. Foi escrito por um Profeta chamado Jeremias – que viveu há cerca de 2.600 anos – e que nos conta, ele próprio, como é que se apercebeu de que Deus o chamava a ser Profeta (**Jer 1,4-10**). Vamos ouvir com muita atenção e respeito porque o que aqui se conta é extraordinário!

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Leitura do Livro de Jeremias.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Um único leitor:

A Palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos:

«Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia;

Antes que saíesses do seio da tua mãe,

Eu te consagrei e te constituí profeta das nações».

E eu respondi:

«Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem».

Mas o Senhor replicou-me:

«Não digas: 'Sou um jovem'.

Pois irás onde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar.

Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar»

– oráculo do Senhor.

Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão,

tocou-me nos lábios e disse-me:

«Eis que ponho as minhas palavras na tua boca;

a partir de hoje, dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos,

para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres,

para edificares e plantares».

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

2. Este texto é muito belo, escrito numa linguagem muito forte... que nós também precisamos de explorar, de interpretar!

Então, o que é que Jeremias nos diz sobre a tarefa do profeta? (*deixar as crianças pronunciarem-se e, depois, encaminhá-las para:*)

Reparem no texto... Quem é que já "conhecia" **Jeremias** ainda antes de ele nascer, e já o tinha escolhido para ser Profeta?

(*Depois das crianças responderem o catequista continua:*)

Deus, claro está!

Foi Deus que dirigiu a Jeremias a sua Palavra, que falou a Jeremias) para lhe dizer esta frase lindíssima, tão cheia de amor:

"Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio da tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações".

Quando Deus diz que já conhecia Jeremias, não quer apenas dizer que já sabia, antes de ele nascer, qual ia ser a sua altura, a cor dos seus olhos ou dos seus cabelos, pois não? Mas quer, sobretudo, dizer que Deus já gostava de Jeremias, já o amava...

Quando Deus diz que já tinha consagrado Jeremias, isso significa que já o tinha reservado para o seu serviço, já o tinha escolhido, já tinha planos para ele, já contava com Jeremias para uma missão que Ihe queria confiar: a missão, importantíssima, de ser Profeta entre as pessoas do seu tempo e, as que viveriam depois, como nós, que estamos, hoje, aqui, a receber as suas palavras e a aprender com elas.

Já perceberam, então, que **o Profeta** é uma pessoa que está muito próxima de Deus, é uma pessoa que Deus **"conhece"** – isto é, de quem Deus gosta muito e que, por isso, Deus escolheu para ser seu amigo e para Ihe confiar uma grande responsabilidade.

É, também, uma pessoa que Deus **"consagrou"**, isto é, que Deus **"reservou"** para o seu serviço, para trabalhar para Deus, para fazer o que Deus Ihe pede.

Quando falamos num Profeta estamos, portanto, a falar de uma pessoa que é amiga de Deus e que está perto de Deus; estamos a falar de uma pessoa que Deus "chamou" para o seu serviço e a quem Deus escolheu para Ihe confiar uma missão.

3. Qual é a tarefa que Deus confia ao Profeta?

No nosso texto, Deus diz a **Jeremias**:

"Irás onde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar".

Descobrimos, assim, que o Profeta é uma pessoa que está ao serviço de Deus; ele vai aonde Deus Ihe pede que vá (muitas vezes para longe da sua terra, da sua família, dos seus amigos) e apresenta às pessoas que o escutam uma mensagem que vem de Deus.

No texto que lemos, Deus ainda diz a **Jeremias** (*o catequista afixa no placar o dístico "Eis que ponho as minhas palavras na tua boca"*):

"Eis que ponho as minhas palavras na tua boca".

E nós percebemos, desta forma, que o Profeta é a pessoa que, quando fala, diz palavras de Deus, transmite aos homens e às mulheres que o escutam aquilo que Deus lhes quer dizer. As pessoas não veem a Deus e, por isso, têm dificuldade em ouvir o que Deus lhes quer dizer; mas veem o Profeta, que lhes diz em palavras que todos entendem aquilo que Deus quer propor-nos (*o catequista afixa no placar o dístico "Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade" e lê:*)

"Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade".

É através da sua boca e da sua pessoa que nós ouvimos – numa linguagem que nós entendemos bem – aquilo que Deus nos quer comunicar.

Quando ouvimos um Profeta, sabemos que não estamos a ouvir uma pessoa apresentar as suas ideias; mas sabemos que, através dele, é Deus que nos está a falar.

Há, ainda, mais uma coisa que é importante aprendermos com o texto do Profeta Jeremias... Coloco-vos esta questão – foi com uma questão que nós começámos hoje e, agora, quase que terminamos com outra questão – Terá sido fácil para Jeremias aceitar aquela tarefa que Deus quis dar-lhe? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:*)

Não, não foi.

Jeremias era ainda muito novo e não tinha experiência de falar em público; tinha medo do que os outros diriam e não sabia se as pessoas iam acolher bem as palavras que ele ia dizer; tinha medo que as autoridades o prendessem e castigassem quando o ouvissem dizer coisas com as quais não concordavam...

Para **Jeremias**, tinha sido muito mais fácil não aceitar aquela tarefa; teria sido mais fácil levar uma vida despreocupada e sem trabalhos, uma vida normal, ter uma família normal e um trabalho normal, como qualquer outro rapaz da sua idade... Por isso, quando Deus lhe deu aquela tarefa, ele assustou-se e tentou arranjar desculpas para não fazer o que Deus lhe pedia.

Mas Deus disse-lhe para não ter medo... **Porquê?**

Porque o próprio Deus estaria sempre ao seu lado para o ajudar, para lhe dar força, para lhe permitir cumprir aquela missão. E, assim, nós percebemos que Deus, quando entrega a alguém uma determinada tarefa, fica ao lado dessa pessoa, ajuda-a, cuida dela, dá-lhe força e coragem para ela fazer aquilo que é chamada a fazer (mesmo que seja uma coisa difícil, uma coisa que as outras pessoas não entendem bem).

4. E, se Deus está ao lado do Profeta a ajudá-lo, o Profeta não precisa de ter medo de nada, nem de ninguém, não é verdade? A **Bíblia** – o livro que nos mostra o “caminho” percorrido pelo Povo de Deus – diz-nos que foram muitos os homens que Deus chamou para serem **seus Profetas**...

(O catequista convida o grupo a consultar a Bíblia, durante a semana, para ficar a conhecer um pouco mais daquelas pessoas que Deus chamou, seguindo as indicações de texto inseridas na página 71 do seu catecismo).

*Tendo tempo disponível, e desde que não perturbe o desenrolar da Expressão de Fé, que se seguirá, o catequista, fazendo as crianças acompanhar a explicação com a leitura do resumo indicado no catecismo (página 71 do catecismo) vai apresentando os profetas indicados: **Amós, Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel.***

Já ouvistes falar num homem chamado **Amós**?

Foi um homem que, por volta de 760 a.C. foi chamado por Deus para ser Profeta. Ele tinha rebanhos e cultivava árvores que davam fruto numa aldeia chamada Técoa, no sul da Palestina; mas Deus chamou-o e pediu-lhe que fosse para o norte do país apresentar aos homens e mulheres dessa terra as palavras de Deus... Era numa época em que os ricos e poderosos faziam muitas maldades contra os mais fracos e mais pobres... E Amós, mandado por Deus, foi dizendo que Deus não aceitava as injustiças, as violências e as maldades que se cometiam.

Um outro Profeta de quem podes ter já ouvido falar, chamava-se **Oseias**. Por volta de 745 a.C., Deus chamou-o e encarregou-o de pedir ao Povo (do norte do país, uma terra que, nessa altura, se chamava Israel) que não se esquecesse de Deus, nem dos compromissos que tinha assumido com Deus. Era numa época em que o Povo de Deus estava entusiasmado com os deuses dos outros povos e esquecia-se do seu Deus. O Profeta Oseias recebeu a missão de dizer às pessoas que isso era uma traição contra esse Deus tão bom, que os amava tanto (como um marido ama a sua mulher ou como um pai ama o seu filho), e que dessa forma eles não podiam ser felizes.

De um outro Profeta a quem Deus chamou, já nós falámos, este e noutros anos, várias vezes. Conhecemo-lo bem porque Deus lhe confiou uma missão muito importante: chamava-se **Isaías**. Deus enviou-o a falar ao seu Povo, a pedir ao seu Povo que não cometesse maldades nem injustiças... Numa altura difícil, numa época de crise, **Isaías**, em nome de Deus, pedia às pessoas que continuassem a confiar em Deus (e não nos políticos ou nas alianças com as nações estrangeiras), pois só Deus podia ajudar e salvar o seu Povo. Por volta de 740 a.C., Deus disse-lhe que contava com ele para ser Profeta, **Isaías** respondeu, simplesmente:

“Está bem, Senhor. Eu aceito. Podeis enviar-me”.

Muitos anos depois de Isaias, nasceu aquele Profeta que escutamos hoje, **Jeremias**. Por volta de 630 a.C., Deus chamou-o a dizer aos habitantes de Jerusalém que precisavam de se voltar para Deus (eles também tinham esquecido Deus e tinham-se voltado para outros deuses). E quando, alguns anos mais tarde, o Povo de Deus foi vencido pelos soldados da Babilônia e a cidade de Jerusalém foi destruída, Jeremias lá esteve, ao lado do seu Povo, sempre a falar-lhe de Deus e a indicar-lhe os caminhos que Deus queria que percorressem.

Por fim, o **Profeta Ezequiel**.

Ele foi chamado por Deus por volta do ano 590 a.C., numa altura em que o Povo de Deus, vencido pelos Babilônios, tinha sido levado prisioneiro para uma terra estrangeira. Ezequiel, mandado por Deus, procurou mostrar a esse Povo que ele devia voltar-se de novo para Deus, abandonar os caminhos errados que tinha seguido e confiar em Deus. Numa altura em que as pessoas estavam tristes e desiludidas (porque estavam prisioneiras numa terra estrangeira), Ezequiel procurou, também, animar as pessoas, dar-lhes esperança, dizer-lhes que Deus não as tinha abandonado e que ia fazê-las regressar à sua terra para viverem um futuro feliz e em paz.

5. *(Quer o catequista tenha referido as informações registadas no ponto 4, ou não, em qualquer caso retoma o diálogo com as crianças aqui:)* Ao longo da história do Povo de Deus, muitos **outros Profetas** – pessoas que Deus chamou, que Deus enviou e que disseram palavras de Deus – nasceram, cresceram e trabalharam com o seu povo.

Esses Profetas, com a sua ação, com as palavras que disseram, tornaram Deus presente no mundo e na vida dos homens e das mulheres.

Foi através desses Profetas que Deus veio ao nosso encontro e nos apresentou as suas propostas; foi através deles que Deus nos indicou caminhos e nos disse como é que nós devíamos viver para sermos felizes e livres.

Todas estas experiências terão alguma coisa a ver connosco? Será que Deus poderia chamar-nos, a cada um, para sermos, também, Profetas?

(O catequista dá oportunidade e algum tempo para as crianças se pronunciarem e, de seguida, com o maior relevo, chama-lhes a atenção para a importante missão de profeta que cabe a cada cristão, jovem ou velho, mostrando, primeiro, uma foto relativa ao Sacramento do Batismo:)

Quando fostes batizados – quando passastes a integrar o Povo de Deus – foste ungido na cabeça com um óleo (o chamado “óleo do crisma”). Esse gesto serviu para dizer que Deus vos tinha escolhido, a cada um, pessoalmente, com o vosso nome próprio, para uma missão muito importante: a missão de seres Profeta.

Portanto, cada um de nós é, por vocação, Profeta. Todos os membros do Povo de Deus – deste Povo reunido à volta de Deus, que escuta as Palavras e as indicações de Deus e do qual tu também fazes parte – são Profetas, pois foram escolhidos por Deus para uma missão no mundo.

Essa missão é sermos “**sinais de Deus**”... Isso quer dizer que temos de ser pessoas através de quem Deus fala, pessoas através de quem Deus faz gestos de amor, de bondade, de perdão e de paz... Através de nós – das nossas palavras boas, dos nossos gestos bons – é Deus que faz coisas boas e bonitas neste mundo, coisas que ajudam as pessoas e as tornam mais livres e felizes. Nas últimas catequeses, em que vivemos a Quaresma, a preparar a Páscoa, numa atitude de compromisso, temos usado muito a palavra “Testemunha”: é essa a maneira cristã de viver a nossa fé, de ser profeta, testemunhando, na nossa vida, como Deus, agindo sobre ela, é Amor, é Esperança, é Justiça, é Liberdade.

Às vezes ser Profeta – ser um sinal da vida de Deus no mundo – é muito difícil e também nos pode trazer algumas complicações (quando somos pessoas boas, que fazem coisas boas, por vezes não somos entendidos, ou até somos “gozados” e maltratados pelos outros); mas nós sabemos que Deus está ao nosso lado para nos ajudar e para nos dar força...

Mesmo que nem sempre seja fácil, é muito bonito ser Profeta.

Não vos sentis bem ao saber que Deus vos escolheu, ainda antes de teres nascido, para seres seu amigo e para seres um sinal de Deus neste mundo? Aquelas palavras de Jeremias são as palavras de Deus a respeito de cada um de nós! Que felicidade!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *(Após um intervalo de silêncio que permita às crianças interiorizar o que se lhes acabou de dizer, o catequista prossegue:)* Hoje fizemos uma descoberta linda sobre a nossa vida e a nossa vocação de cristãos: nós já sabíamos

muitas destas coisas, mas Jeremias traduziu-as, interpretou-as, de um modo muito belo. Assim, e antes de terminar este nosso encontro de catequese, vamos dizer a Deus que queremos escutar as suas palavras, que estamos interessados em ouvir aquilo que Ele nos quer dizer, que aceitamos o desafio que Ele nos coloca.

(Fazem-se uns instantes de silêncio e o catequista, depois, prossegue, lendo a oração «Pela boca dos teus profetas»:)

**“Senhor Deus,
muito obrigado porque tu nunca desistes de vir ao nosso encontro
e, pela boca dos teus profetas, nos dizes o que queres de nós.
Senhor Deus,
nós sabemos que tu gostas muito de nós;
é por isso que estás sempre a ajudar-nos a descobrir a melhor forma
de viver
para sermos felizes e livres, para sermos salvos.
Muito obrigado.
Senhor Deus,
faz com que nós escutemos sempre as palavras que tu nos dizes
e conduzamos as nossas vidas de acordo com as tuas propostas,
com alegria e com coragem”.**

(Depois de mais uns instantes de silêncio, o catequista propõe:)

Vamos, também, dizer a Deus que, se Ele nos chamar, nós aceitamos ser seus profetas, seus mensageiros no meio dos outros homens e mulheres que vivem ao nosso lado (os pais, os irmãos, os amigos, os colegas da escola...). E, para isso, começamos por cantar o **cântico**:

“O Profeta”
(duas estrofes)

O catequista escolhe três crianças para fazerem a leitura, seguindo as marcas; todos seguem a leitura pelo texto inscrito na Barra Cronológica, Catequese 16, concentrados e atentos:

Leitor 1 – Senhor Deus, se tu me chamas, eu aceito ser teu Profeta e ser um sinal de ti junto das outras pessoas.

Leitor 2 – Senhor Deus, eu estou disponível para dizer a todos as palavras que tu me ensinares.

Leitor 3 – Senhor Deus, quando quiseres, eu aceito a missão de levar, para o mundo, o teu amor, a tua paz, o teu perdão.

Terminam cantando o **cântico**:

“O Profeta”
(duas estrofes).

2. Compromisso:

Durante a próxima semana vamos continuar a cumprir com o nosso compromisso de Quaresma. Mas, há uma coisa que vos queria pedir: nós já refletimos no nosso compromisso como um testemunho... como, através de nós, as pessoas podem ver o Senhor... Agora, queria que pensásseis no compromisso como uma «missão profética». O que é que cada um de nós foi encarregue, por Deus, de dizer àqueles com quem vivemos, em seu nome? O que é que nós estamos a interpretar? Assim, pedia-vos que pensásseis nisso durante a semana e, rezando ao Senhor, para vos ajudar – e podeis rezar a Oração que acabámos de rezar, usando a vossa Barra Cronológica – o descobristeis e registásteis na vossa **Barra Cronológica** para, mais uma vez, ela guardar o vosso caminho de quem está a crescer como pessoa e como cristão. E não se esqueçam de cumprir e registar o vosso compromisso de Quaresma!

Para guardar na memória e no coração

Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; Antes que saíesses do seio da tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações. Pois irás onde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar. Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar. Eis que ponho as minhas palavras na tua boca; a partir de hoje, dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos.

Cf. Jer 1, 4-5.7